UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

CARLA RAFAELA MONTEIRO

**Entre o Tejo e os Jerônimos: a Exposição Histórica do Brasil nas
Comemorações dos Centenários de Portugal em 1940**

São Paulo
2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**Entre o Tejo e os Jerônimos: a Exposição Histórica do Brasil nas
Comemorações dos Centenários de Portugal em 1940**

Carla Rafaela Monteiro
carlarafaela_monteiro@yahoo.com.br

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História Social do
Departamento de História da Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo, para a
obtenção do título de Mestre em História

Orientador: Profa. Dra. Cecilia Helena de Salles Oliveira

São Paulo
2011

A meus pais

AGRADECIMENTOS

A Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela bolsa concedida entre agosto de 2008 e agosto de 2010.

A minha orientadora, a Profa. Dra. Cecília Helena de Salles Oliveira, pela orientação, ajuda, apoio, carinho e amizade.

Aos professores do Departamento de História e do Museu Paulista da USP e aos muitos colegas dessas casas, pelos imprescindíveis comentários para o andamento e conclusão da pesquisa.

Aos funcionários de todas as instituições visitadas durante o decorrer da pesquisa em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Por fim, agradeço aos meus pais e a minha tia Laia, pelo carinho, incentivo e apoio incondicional.

A todos, obrigada!

Quando, em dezembro de 1940, indo para os Estados Unidos, atravesssei Portugal, Lisboa me pareceu uma espécie de paraíso claro e triste. Nesta ocasião, falava-se muito de uma invasão iminente, e Portugal agarrava-se à ilusão de sua felicidade. Lisboa, que havia construído a mais estupenda exposição que já houve no mundo, sorria um sorriso um pouco pálido, como o daquelas mães que, sem notícias de um filho na guerra, procuram salvá-lo com sua confiança: “Meu filho está vivo, desde que eu sorria...” “Olhem – Lisboa dizia assim, - como sou feliz, pacífica e bem iluminada...” O continente inteiro pesava contra Portugal como uma montanha selvagem, carregada de tribos famintas; Lisboa em festa desafiava a Europa: “Pode alguém tomar-me como alvo, quando tenho tanto cuidado em não me esconder? Quando sou tão vulnerável?...”

Antoine de Saint-Exupéry. *Cartas do Pequeno Príncipe*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1969. p. 13.

RESUMO

O foco dessa dissertação é a Exposição Histórica do Brasil organizada no interior da Exposição do Mundo Português, em Lisboa, no ano de 1940, quando Oliveira Salazar decidiu comemorar os centenários da fundação de Portugal (1139) e o da Restauração (1640). A Exposição brasileira foi orientada e executada sob a direção de Gustavo Barroso, enviado a Portugal como um dos delegados do Brasil à Exposição do Mundo Português e como Diretor do Museu Histórico Nacional. Ao propor a Exposição Histórica do Brasil como tema, pretendeu-se compreendê-la como expressão de uma forma específica de reconstituir o passado do Brasil, tentando inseri-la no contexto cultural e político do período, contribuindo para o entendimento do modo pelo qual se configurou, na época, uma escrita da História do Brasil, simultaneamente, incrustada no Museu Histórico Nacional e no espaço dos eventos ocorridos em Portugal.

Palavras-chave: Comemorações Centenárias de Portugal; Exposição do Mundo Português; Exposição Histórica do Brasil; Museu Histórico Nacional; e Gustavo Barroso.

ABSTRACT

The focus of this essay is the Historical Exposition of Brazil organized inside the Exhibition of the Portuguese World, in Lisbon, in 1940, when Oliveira Salazar decided to celebrate the centenary of Portugal foundation (1139) and of the Restoration (1640). The Brazilian Exposition was guided and carried out by the lead of Gustavo Barroso, who was sent to Portugal as one of the Brazilian representatives in the Exhibition of the Portuguese World and as the Curator of the National Historical Museum. In proposing the Historical Exposition of Brazil as a theme, the intention was to understand it as an expression of a specific way of reconstituting the past of Brazil, trying to insert it in the political and cultural context of the time, contributing to the understanding of how it configured, at the time, a writing of the History of Brazil, simultaneously, incrustated in the National Historical Museum and in the area where the events took place in Portugal.

Keywords: Centenary Celebration of Portugal; Exhibition of the Portuguese World; Historical Exposition of Brazil; National Historical Museum; Gustavo Barroso.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Primeira reunião dos membros da Comissão Nacional dos Centenários com Oliveira Salazar, no Secretariado da Propaganda Nacional.....	26
Figura 2 – <i>Revista dos Centenários</i> : primeiro exemplar da Comissão Nacional e o primeiro da Comissão Executiva.....	32
Figura 3 – Cenas do Cortejo do Mundo Português.....	39
Figura 4 – Chegada a Lisboa da Embaixada Especial do Brasil às Comemorações Centenárias.....	60
Figura 5 – Convidados na Inauguração da Exposição do Mundo Português.....	64
Figura 6 – Obras da Exposição do Mundo Português: Pavilhão de Honra e de Lisboa..	69
Imagem 7 – Obras da Exposição do Mundo Português: Pátio dos Pavilhões de Etnografia.....	72
Figura 8 – Primeiro Projeto Geral de Cottinelli Telmo da Exposição do Mundo Português.....	82
Figura 9 – Seção de Etnografia Colonial integrante do Primeiro Projeto Geral de Cottinelli Telmo da Exposição do Mundo Português.....	83
Figura 10 – Maquete da Exposição do Mundo Português: em primeiro plano, Pavilhões de Etnografia Metropolitana. Em segundo plano, as Aldeias Portuguesas e a fonte da Praça do Império. Ao fundo, os Jerônimos e o Parque de Atrações.....	87
Figura 11 – Maquete da Exposição do Mundo Português: à esquerda, a torre do Pavilhão de Honra e de Lisboa; mais ao fundo, a Esfera dos Descobrimentos; a Nau Portugal e o Padrão dos Descobrimentos.....	88
Figura 12 – Maquete da Exposição do Mundo Português: em primeiro plano, os Pavilhões da Seção Histórica.....	89
Figura 13 – Planta Geral da Seção Colonial da Exposição do Mundo Português.....	96
Figura 14 - Planta Geral da Exposição Histórica do Mundo Português.....	97
Figura 15 – Pavilhão da Fundação de Portugal.....	99
Figura 16 – Estátua de D. Afonso Henriques na Sala que levava o seu nome.....	100
Figura 17 – Porta da Fundação.....	101
Figura 18 – Pavilhão da Formação e Conquista e arcos ogivais.....	102
Figura 19 – Representação da aliança luso-britânica.....	104
Figura 20 – Pavilhão da Independência.....	106
Figura 21 – Detalhe da fachada do Pavilhão dos Descobrimentos.....	111

Figura 22 – Estátua de D. João II, “O Príncipe Perfeito”	112
Figura 23 - “D. Manuel entre Vasco da Gama e Cabral”	113
Figura 24 – Esfera dos Descobrimentos.....	114
Figura 25 – Nau Portugal.....	114
Figura 26 – Pavilhão do Brasil.....	126
Figura 27 – Vestíbulo do Pavilhão do Brasil.....	127
Figura 28 – Salão de Arte no Pavilhão do Brasil.....	130
Figura 29 – Detalhe do Salão de Arte: à esquerda, o <i>Café</i> de Cândido Portinari.....	133
Figura 30 – Pavilhão da Colonização.....	134
Figura 31 – Os baixos-relevos o <i>Império</i> e a <i>Fé</i> de Barata Feio.....	135
Figura 32 – A Praça do Império e sua fonte luminosa. Ao fundo o Pavilhão dos Portugueses no Mundo.....	137
Figura 33 – Pavilhão de Honra e de Lisboa.....	138
Figura 34 – Corvos e caravelas pintados no teto do Pavilhão de Lisboa.....	139
Figura 35 – Casa de Santo Antônio.....	140
Figura 36 – O Pavilhão do Portugueses no Mundo visto do alto do Mosteiro dos Jerônimos.....	142
Figura 37 – A estátua da <i>Soberania</i> de Leopoldo de Almeida.....	143
Figura 38 – Sala da Índia no Pavilhão do Mundo Português.....	145
Figura 39 – O <i>Padrão dos Descobrimentos</i>	146
Figura 40 – Exposição Portugal 1940.....	147
Figura 41 – <i>Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro</i> – Oscar Pereira da Silva.....	157
Figura 42 – <i>Nau Capitania de Cabral, Índios a Bordo da Capitania de Cabral</i> – Oscar Pereira da Silva.....	162
Figura 43 – <i>Ponte Coberta de Cubatão, 1850</i> – Oscar Pereira da Silva.....	162
Figura 44 – <i>Combate de Botocudos em Mogi das Cruzes</i> – Oscar Pereira da Silva....	163
Figura 45 – <i>Bandeirantes à Caminho das Minas</i> – Oscar Pereira da Silva.....	163
Figura 46 – <i>Carga de Canoas</i> – Oscar Pereira da Silva.....	163
Figura 47 – <i>Partida de Porto Feliz</i> – Oscar Pereira Silva.....	164
Figura 48 – <i>Apertando o Lombrilho</i> – Almeida Júnior.....	164
Figura 49 – <i>Fuga para o Egito (estudo)</i> – Almeida Júnior.....	164
Figura 50 – <i>Domingos Jorge Velho e o Loco-Tenente Antônio F. de Abreu</i> – Benedito Calixto de Jesus.....	165

Figura 51 – <i>Retrato do Padre José de Anchieta</i> – Benedito Calixto de Jesus.....	165
Figura 52 – <i>Rua do Rosário</i> – José Wasth Rodrigues.....	166
Figura 53 – <i>Pateo e Igreja da Sé e São Pedro</i> – José Wasth Rodrigues.....	166
Figura 54 – <i>Pateo do Colégio em 1858</i> – José Wasth Rodrigues.....	166
Figura 55 – <i>Paço Municipal em 1658</i> – José Wasth Rodrigues.....	167
Figura 56 – <i>Benção dos Canoões</i> – Aurélio Zimmermann.....	167
Figura 57 – <i>Pouso no Sertão 1826</i> – Aurélio Zimmermann.....	167
Figura 58 – <i>Fazenda da Barra – Campinas, 1840</i> – Alfredo Norfini.....	168
Figura 59 – <i>Pouso de Tropeiros – Cubatão, 1826</i> – Franta Richter.....	168
Figura 60 – <i>Grande Fazenda de Café 1830</i> – Benedito Calixto de Jesus.....	168
Figura 61 – Fachada e porta de entrada da <i>Exposição Histórica do Brasil</i> no Pavilhão dos Portugueses no Mundo.....	171
Figura 62 – Vestíbulo da Exposição Histórica do Brasil: no centro o grupo em bronze <i>Anchieta evangelizando o indígena</i> , de Eduardo de Sá. Nas paredes os brasões heráldicos do Reino, do Império e da República do Brasil.....	173
Figura 63 – No vestíbulo: os grupos em bronze de Eduardo de Sá. À esquerda, <i>Caramuru</i> e à direita, <i>I-Juca Pirama</i>	174
Figura 64 – Sala Portugal-Brasil: na rotunda a grande Árvore Simbólica que ligava a História de Portugal à do Brasil; nas laterais os nomes dos Governadores Gerais do Brasil.....	175
Figura 65 – Sala dos Canhões Históricos.....	176
Figura 66 – Sala dos Canhões Históricos.....	177
Figura 67 – Sala das Milícias.....	178
Figura 68 – Sala do Século XVII.....	179
Figura 69 – Sala do Século XVIII.....	180
Figura 70 – Sala das Moedas.....	181
Figura 71 – Sala Portugal-Brasil.....	182
Figura 72 – Sala do Brasil Independente.....	183
Figura 73 – Sala do Brasil Independente.....	184
Figura 74 – Sala do Brasil Independente.....	185
Figura 75 – Gabinete da Administração.....	186
Figura 76 – Iluminação artificial por meio de sancas da Exposição Colonial do Brasil.....	190
Figura 77 – Museu Histórico Nacional: Seção de Numismática.....	192

Figuras 78 – À esquerda: Vitrina usada na sala dedicada a Maria Teresa no Museu de Arte e História de Viena; à direita: vitrina usada na Exposição Colonial do Brasil em Lisboa.....	192
Figura 79 – Museu Histórico Nacional: Sala D. João VI.....	194
Figura 80 – Museu Histórico Nacional: Coleção Miguel Calmon.....	195
Figura 81 – Oliveira Salazar e o General Francisco José Pinto. Ao fundo, à esquerda, Gustavo Barroso.....	198

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Membros da Comissão Nacional dos Centenários.....	26
Quadro 2 – Competências da Comissão Nacional, da Comissão Executiva e do Comissariado da Exposição do Mundo Português, de acordo com o Decreto-Lei N° 29087.....	28
Quadro 3 – Membros da Comissão Executiva dos Centenários.....	30
Quadro 4 – Membros da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal.....	46
Quadro 5 – Membros da Embaixada Especial do Brasil às Comemorações Centenárias de Portugal.....	58
Quadro 6 – Membros do Comissariado da Exposição do Mundo Português.....	76
Quadro 7 – Arquitetos e Artistas da Exposição do Mundo Português.....	84
Quadro 8 – Datas de inauguração dos Pavilhões da Exposição do Mundo Português....	91
Quadro 9 – Valores dos Ingressos da Exposição do Mundo Português.....	92
Quadro 10 – Membros da Comissão do Ministério das Relações Exteriores.....	121
Quadro 11 – Grupos de objetos do Museu Histórico Nacional levados a Portugal em 1940.....	152
Quadro 12 – Telas relacionadas por Taunay em 14 de março de 1940.....	155

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. Ajudando a fazer as “honras da casa”: o Brasil e as Comemorações Centenárias de Portugal em 1940	20
1.1. As Comemorações do Duplo Centenário: idéia de “um português ausente de Portugal”.....	20
1.2. O Brasil na “grande festa de família”.....	41
2. A Exposição do Mundo Português: “Cidade Histórica de Portugal”	64
2.1. “Ignorando o apetite do monstro”: uma Exposição em plena Guerra.....	64
2.2. “À Sombra dos Jerônimos” ergue-se a Exposição do Mundo Português.....	76
2.3. “Como se deve ver a Exposição”: um <i>tour</i> pela Seção Histórica da Exposição do Mundo Português.....	93
3. Gustavo Barroso e a Exposição Histórica do Brasil na Exposição do Mundo Português	149
3.1 Precedentes da Exposição Histórica do Brasil.....	149
3.2 Gustavo Barroso e a arrumação da Exposição Histórica do Brasil.....	170
CONSIDERAÇÕES FINAIS	200
DOCUMENTAÇÃO	204
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	215
ANEXO - Relação dos objetos do Museu Histórico Nacional levados a Portugal por Gustavo Barroso	220

INTRODUÇÃO

O tema dessa dissertação diz respeito à Exposição Histórica do Brasil organizada no interior da Exposição do Mundo Português, em Lisboa, no ano de 1940, quando Oliveira Salazar decidiu comemorar os centenários da fundação de Portugal (1139) e o da Restauração (1640).

Um conjunto imenso de eventos fez parte das Comemorações Centenárias de Portugal, em 1940. Contudo, os festejos foram marcados por três grandes acontecimentos: o Cortejo do Mundo Português, o Congresso do Mundo Português e a Exposição Histórica do Mundo Português. Desta última, tida como a “celebração magna do Estado Novo salazarista”¹, o Brasil foi o único Estado estrangeiro convidado a participar.

Este trabalho, além de traçar os caminhos da proposta de comemoração dos Centenários Portugueses de 1940, seus objetivos, a formação das comissões organizadoras, seus membros e as condições de sua concretização, visou problematizar as finalidades dos festejos: o que os governos desejavam realizar, como desejavam realizar e os investimentos e pessoas mobilizados. É fundamental deixar explícito que a Exposição foco deste trabalho é parte integrante da contribuição do governo e de intelectuais brasileiros às comemorações em Portugal.

Pretendeu-se trazer para o centro da discussão a montagem da Exposição, privilegiando-se a figura de Gustavo Barroso como curador da mostra e os vetores visuais e espaciais da projeção de uma História do Brasil que transita de sua gênese (a colonização portuguesa) até o Estado Novo varguista. Para isso, buscou-se analisar a Exposição como linguagem singular que não pode ser confundida com linguagens textuais, mas que agrega e projeta imagens e representações de amplo espectro cultural e social. Nesse sentido, a figura de Gustavo Barroso foi interpretada como a de historiador colocado na posição de quem seleciona, recorta e articula os modos pelos quais os acervos foram expostos a partir de objetivos e de intenções, autorais e culturais ao mesmo tempo.

¹ Rui Afonso Santos. A Exposição do Mundo Português. Celebração Magna do Estado Novo Salazarista. In: MÁRIO NOVAIS. EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS 1940. Lisboa: Arquivo de Arte do Serviço de Belas Artes; Fundação Calouste Gulbenkian, 1998. Catálogo de exposição. p. 57.

A bibliografia sobre as Comemorações Centenárias Portuguesas de 1940 tem aumentado nos últimos anos, tanto no Brasil, quanto em Portugal. Embora ainda esteja para ser feito um estudo sistemático sobre estes festejos e a maioria dos trabalhos sobre eles sejam pontuais, posto que constituídos de artigos de periódicos e capítulos de livros. Além disso, a grande parte desses estudos aborda apenas a Exposição do Mundo Português.

Ao longo do levantamento bibliográfico realizado é relevante destacar a importância que o acervo da biblioteca da Casa de Portugal teve para este trabalho, haja vista que foi, principalmente, através dele que se teve conhecimento e acesso a estudos publicados apenas em solo português.

Durante o desenvolvimento da pesquisa foi possível perceber que em Portugal existem dois momentos distintos nos quais surgiram trabalhos referentes a esta temática: o ano de 1980, quando se comemoravam os 40 anos das Comemorações Centenárias de 1940; e o ano de 1998, quando se realizou em Lisboa a *Expo 98*, em comemoração aos Descobrimentos Portugueses.

Em junho de 1980 foi publicado no periódico *Colóquio Artes* um artigo de José-Augusto França sobre a Exposição do Mundo Português². Neste mesmo ano, a Exposição também foi o tema principal de um capítulo do livro *Pintura e Escultura em Portugal – 1940/1980*, de Rui Mário Gonçalves³.

Estes trabalhos, juntamente com alguns outros⁴, foram extremamente relevantes pelo fato de terem possibilitado, através do estudo dos diferentes grupos de artistas modernistas que disputaram entre si a elaboração dos projetos ligados à Exposição, o rastreamento de artistas e intelectuais que estiveram a serviço do governo salazarista, ou próximo a ele.

Porém, até o início da década de 1990, esta foi, praticamente, a única forma pela qual a Exposição foi estudada, ou seja, sob o viés das Artes Plásticas e/ou da Arquitetura, pois além de evidenciarem os agentes envolvidos na organização das festividades portuguesas, os autores se prenderam muito a questões sobre as formas e os estilos arquitetônicos aplicados nos pavilhões da Exposição.

² José-Augusto França. 1940: Exposição do Mundo Português. *Colóquio Artes*, Lisboa, v.22, 2ª série, n. 45, p. 35-47, jun. 1980.

³ Rui Mário Gonçalves. *Pintura e Escultura em Portugal -1940/1980*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Ministério da Educação, 1980. (Biblioteca Breve/ Volume 44).

⁴ Por exemplo: José-Augusto França. *A Arte e a Sociedade Portuguesa no Século XX*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972. e, Artur Portela. *Salazarismo e Artes Plásticas*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Ministério da Educação, 1982. (Biblioteca Breve/ Volume 68).

A partir deste momento os trabalhos passaram a apresentar um cunho mais histórico ou até mesmo sociológico, como a obra de Luís Reis Torgal⁵ e o artigo de Inês Felgueiras⁶ publicado na revista *Oceanos* em 1991. O foco, agora, se voltava sobre os idealizadores das Comemorações Centenárias e sobre as suas intenções ao realizarem tamanha Exposição em plena Segunda Guerra Mundial.

Estas inquietações, compartilhadas por este estudo, estão presentes, desde então, em quase todos os trabalhos sobre as festas de 1940.

Em 1998, Lisboa sediou a *Expo 98* e, embora muitos nutrissem a esperança que esta feira pudesse superar a Exposição de 1940⁷, isso não aconteceu. A Exposição do Mundo Português é até os dias de hoje considerada a de maior vulto já realizada em território português.

Com a *Expo 98*, foram resgatadas as memórias de todas as feiras ou exposições, nacionais, coloniais, internacionais, universais, ocorridas em Portugal ou das quais este país participou. Por conta deste evento, publicações importantes sobre as exposições internacionais foram traduzidas para o português, como o trabalho de Marcel Galopin⁸; foram produzidos artigos sobre Portugal e as exposições internacionais⁹; teses foram escritas, nas quais a Exposição do Mundo Português e a *Expo 98* dividiam o mesmo espaço¹⁰.

A Fundação Calouste Gulbenkian, em conjunto com o Arquivo de Arte do Serviço de Belas Artes, realizou, em 1998, uma exposição sobre o fotógrafo Mário Novais e a Exposição do Mundo Português. Em 1940, Novais fotografou esta Exposição por encomenda do Secretariado da Propaganda Nacional. A exposição de fotografias rendeu um catálogo que além de muitas imagens possui alguns textos sobre a Exposição de 1940¹¹.

⁵ Luís Reis Torgal. *História e ideologia*. Coimbra: Livraria Minerva, 1989.

⁶ Inês Felgueiras. 1940 a Exposição do Mundo Português. *Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, nº 6 (abril), p. 38-44, 1991.

⁷ Nas palavras de Inês Felgueiras: "... cenário dirigista duma ditadura e manipulação da história". *Ibidem*, p. 44.

⁸ Marcel Galopin. *As Exposições Internacionais do Século XX e o BIE*. Trad. Ana Maria Chaves. Lisboa: Parque Expo 98, 1997.

⁹ José Amado Mendes. As Exposições como "Festas da Civilização": Portugal nas Exposições Internacionais (Sécs. XIX-XX). *Gestão e Desenvolvimento*, Viseu: Universidade Católica Portuguesa, n. 7, p. 249-271, 1998.

¹⁰ Aquilino de Oliveira Ribeiro Machado. *Os Espaços Públicos da Exposição do Mundo Português e da Expo '98*. Lisboa, 2006. Dissertação (Geografia Humana) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

¹¹ MÁRIO NOVAIS. EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS 1940. Lisboa: Arquivo de Arte do Serviço de Belas Artes; Fundação Calouste Gulbenkian, 1998. Catálogo de exposição. Nesta obra há, por exemplo, o texto de Rui Afonso Santos: A Exposição do Mundo Português. Celebração Magna do Estado Novo Salazarista.

A presença brasileira nos festejos portugueses é mencionada *en passant* nas obras de Fernando Catroga, de Luís Reis Torgal e de Maria Isabel João¹². É preciso destacar o trabalho de Antonio da Silva Rego¹³, encontrado na biblioteca do IHGB, sobre as relações luso-brasileiras entre os anos de 1922 e 1953. Nele, há um capítulo destinado às Comemorações de 1940, no qual a participação do Brasil nestas festas foi enfatizada.

Entretanto, parte destes trabalhos, até mesmo os mais recentes¹⁴, é de natureza descritiva, servindo mais como fonte de informações do que como referência teórica. E pelo fato de seus autores se utilizarem quase sempre das mesmas fontes, principalmente da *Revista dos Centenários*, além de descritivos, tornam-se também repetitivos.

No Brasil, o interesse pelos Centenários Portugueses tem crescido nos últimos anos, sobretudo ao que se refere à participação brasileira nestes festejos. Os estudos mais relevantes são os de Lucia Guimarães¹⁵, sobre o Congresso Luso-Brasileiro de História, muito importante para este trabalho; o de Celine Gomes da Silva Blotta¹⁶, cujo foco foi a Embaixada Especial enviada a Portugal por Getúlio Vargas, em 1940; o de Luciene Lehmkuhl¹⁷, que se voltou às obras de arte expostas no Pavilhão do Brasil; e o de Rosana Andrade Dias do Nascimento¹⁸, o único que se tem conhecimento cujo foco também é a Exposição Histórica do Brasil em Portugal.

Existe ainda o trabalho de Omar Ribeiro Thomaz, *Ecos do Atlântico Sul*, no qual um capítulo foi dedicado à Exposição Colonial do Porto (1934) e à Exposição de 1940. Sobre esta última, o foco esteve voltado para a imagem do Brasil divulgada nesta Exposição. Para o autor, o Brasil foi representado como obra de Portugal e como

¹² Fernando Catroga; Luís R. Torgal; José Amado Mendes. *História da História em Portugal. Séculos XIX – XX*. Da Historiografia à Memória Histórica. Lisboa: Temas e Debates, 1998, vol. II. p. 270-271. Luís Reis Torgal. *Op. cit.*, 1989, p. 189. Maria Isabel João. *Memória e Império. Comemorações em Portugal (1880-1960)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2002.

¹³ Antonio S. Rego. *Relações luso-brasileiras (1822-1953)*. Lisboa: Edições Panorama, 1965.

¹⁴ Como o texto de Raquel Varela. A grande Exposição do Mundo Português. In: PAÇO, António (Org.). *Os Anos de Salazar*. Lisboa: Editora Planeta de Agostini, 2008. (Volume 5, 1940-1942).

¹⁵ Cf., Lucia Maria Paschoal Guimarães, *op. cit.*, 2006. E, *Idem*. À Sombra das Chancelarias: A Preparação do Congresso Luso-Brasileiro de História (Lisboa, 1940). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: IHGB, a. 168, n.437, p. 49-66, out./dez. 2007.

¹⁶ Cf. Celine Gomes da Silva Blotta. *A presença brasileira nas Comemorações Centenárias de Portugal*. Rio de Janeiro, 2009. Dissertação (História Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

¹⁷ Luciene Lehmkuhl. A Modernidade Anunciada nas Obras dos Pintores “Pré-Modernistas”. Disponível em: <www.anpuh.uepg.br/xxiii-simposio/anais/textos/LUCIENELEHMKUHL.pdf>. E, *Idem*. *O Café de Portinari na Exposição do Mundo Português: modernidade e tradição na imagem do Estado Novo brasileiro*. Uberlândia: EDUFU, 2011.

¹⁸ Rosana Andrade Dias do Nascimento. *O “Brasil Colonial” e a Exposição do Mundo Português de 1940*. Salvador, 2008. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal da Bahia.

exemplo de país independente e civilizado de raiz luza para as colônias do Império Português, principalmente para as africanas, já que as Comemorações Centenárias de 1940 ocorreram, segundo Omar Thomaz, durante o “período áureo da idéia de império em Portugal”.¹⁹

Ao contrário do que ocorre com a bibliografia, o volume documental sobre os Centenários Portugueses de 1940 e sobre a participação do Brasil nesses festejos se mostrou imenso e encontra-se disponível em diferentes instituições.

Por se tratar de um evento relativamente recente, o estado de conservação das fontes é muito bom e elas se encontram arroladas no final deste trabalho.

Uma primeira questão a ser mencionada é quanto à natureza das fontes. Além de documentos institucionais produzidos em ambientes como o Museu Paulista, o Museu Histórico Nacional, o IHGB, a Academia Brasileira de Letras e o Ministério das Relações Exteriores, a grande maioria da documentação selecionada corresponde a publicações de caráter oficiais e não-oficiais elaboradas por conta dos festejos portugueses.

Um evento como o que ocorreu em Portugal em 1940, cujo expoente máximo foi uma exposição nos moldes das internacionais, gerou uma infinidade de publicações neste país e no Brasil. E, nem sempre a definição de seu caráter oficial ou não, é tarefa clara. Até porque muitas das publicações não-oficiais de alguma forma se relacionam diretamente com os organizadores dos festejos.

Desta forma, há as publicações oficiais, como os catálogos e os programas, mas há também um grande volume de obras, aparentemente não-oficiais, que quando observadas mais de perto apresentam indícios de serem de autoria de alguma individualidade envolvida nos eventos; ou então se tratam de memórias de diretores, ou de emissários das Comemorações; ou da reprodução de retratos e de textos de autoridades e personalidades, fatos que conferem a muitas obras um caráter oficioso.

Outra questão importante é justamente a que se refere à reprodução incessante dos mesmos textos através das publicações. Estes, geralmente, são documentos oficiais, discursos ou trechos de discursos de autoridades ou intelectuais ligados aos governos português e brasileiro, textos de estudiosos e de governantes.

Este aspecto demonstra a existência de uma fonte comum, ou seja, de um controle por parte das autoridades quanto à divulgação das Comemorações Centenárias.

¹⁹ Omar Ribeiro Thomaz. *Ecos do Atlântico Sul*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Fapesp, 2002. p. 21.

Com o desenvolvimento da pesquisa percebeu-se que, até para as publicações brasileiras, a fonte comum para aqueles que escreveram sobre as festividades portuguesas foi a *Revista dos Centenários*, órgão do Secretariado da Propaganda Nacional.

Salazar, através de António Ferro, Diretor do Secretariado da Propaganda Nacional, controlava a difusão das informações sobre os Centenários e, com isso, sobre qual imagem de Portugal transmitir para o resto do mundo. Daí, a sensação de, aparentemente, se tratar de um discurso monolítico no qual Portugal, possuidor de um passado glorioso e de um futuro promissor, surge como um império virtuoso, moderno e pacífico.

Frente à documentação tão imensa e matizada, não foi intenção deste trabalho esgotar suas possibilidades tampouco esquadrihar todos os aspectos, questões e temáticas que propõe. Este estudo é, antes de tudo, mais uma contribuição para o entendimento de eventos e espaços expositivos que projetaram, material e simbolicamente, uma escrita sobre a História do Brasil nos de anos de 1940.

1. Ajudando a fazer as “honras da casa”: o Brasil e as Comemorações Centenárias de Portugal em 1940

1.1. As comemorações do duplo centenário em 1940: idéia de “um português ausente de Portugal”

Segundo Fernando Catroga, uma das mais marcantes expressões da utilidade social da história consistiu no recurso a “... formas ritualistas de evocar o passado, tendo em vista criar representações simbólicas que pudessem funcionar como lições vivas de memorização.”²⁰ E, dentre estas, as mais “significativas e espetaculares” seriam as comemorações.

Herdeiras das festas cívicas inauguradas pela Revolução Francesa, as comemorações contemporâneas remontam ao processo de separação entre a Igreja e o Estado e de laicização das sociedades. Assim como o fizeram os revolucionários franceses e os novos Estados-Nação, a fim de afirmarem o seu poder, era preciso criar um novo calendário em substituição do ritualismo religioso, que recordasse os momentos fundadores da comunidade, os grandes acontecimentos da trajetória comum e os grandes homens, representantes de um passado que se tornou instrumento essencial - bem como a historiografia, os museus e os monumentos - para a (re)produção de uma nova memória nacional.

Este foi o caso das comemorações centenárias que começaram a adquirir maior expressão e significado a partir da segunda metade do século XVIII, fato que estaria diretamente relacionado, de acordo com Maria Isabel João, com a invenção do conceito de século.²¹ Mas, seria apenas em meados do século XIX que os centenários, em especial os dos grandes homens e os dos grandes acontecimentos, se tornariam mais frequentes e mobilizariam um público maior, tornando-se “verdadeira moda” nas últimas décadas do século XIX.

Neste período três grandes centenários tiveram uma importância decisiva para o prestígio que este tipo de celebração passou a ter no Ocidente: o centenário da declaração de independência dos Estados Unidos (1876); o centenário da Revolução

²⁰ Fernando Catroga. Ritualizações da História. In: CATROGA, Fernando; TORGAL, Luís R.; MENDES, José Amado. *História da História em Portugal. Séculos XIX – XX*. Da Historiografia à Memória Histórica. Lisboa: Temas e Debates, 1998, v. II. p. 221.

²¹ Maria Isabel João. *Memória e Império. Comemorações em Portugal (1880-1960)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2002. p. 16.

Francesa (1889); e o centenário do próprio século (1900)²². Foi também neste momento que em Portugal se realizou a primeira grande comemoração centenária: os três séculos da morte de Luís de Camões em 1880.

Foi justamente a partir do centenário estadunidense de 1876 que as grandes exposições se associaram às comemorações significativas da história dos respectivos países organizadores, tornando-se uma das práticas mais comuns de festejos centenários²³. Em 1876, houve a Exposição Universal de Filadélfia; em 1889, a Exposição Universal de Paris, fato que se repetiu em 1900; em 1893, em comemoração ao centenário da chegada de Colombo à América, foi organizada a Exposição Universal de Chicago. Em Portugal, em 1880, por conta das comemorações camonianas foram realizadas várias exposições nacionais.

Igualmente às comemorações contemporâneas, data do final do século XVIII o surgimento da nacionalidade e do nacionalismo, como “produtos culturais específicos”²⁴. A nação, nas palavras de Pierre Nora: unidade poderosa do espaço de memória²⁵, nasce, então, no momento em que se dá a laicização do Estado e com ela a necessidade de criação do que Nora chamou de lugares da memória: museus, arquivos, bibliotecas, comemorações, dicionários, monumentos, festas, a historiografia, os manuais didáticos, etc.

Os lugares de memória, de acordo com Nora:

... nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a

²² Cf. *Ibidem*. p. 18.

²³ A este respeito veja os trabalhos de José Amado Mendes. As Exposições como “Festas da Civilização”: Portugal nas Exposições Internacionais (Sécs. XIX-XX). *Gestão e Desenvolvimento*, Viseu: Universidade Católica Portuguesa, n. 7, 1998, p. 255; e de Maria Isabel João. *Op. cit.* p. 358.

²⁴ Cf. Benedict Anderson. *Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 30. Eric Hobsbawm também localiza o surgimento das nações no século XVIII, de acordo com o autor “o sentido moderno da palavra [nação] não é mais velho que o século XVIII considerando-se ou não o variável período que o precedeu.” Cf. Eric J. Hobsbawm. *Nações e Nacionalismos desde 1780. Programa, mito e realidade*. Trad. Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 13.

²⁵ Pierre Nora. Entre Memória e História. A problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP, v. 10, dez. 1993. p. 11.

história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tronariam lugares de memória.²⁶

A nação por ser uma comunidade imaginada e imposta por uma minoria, a serviço do Estado, a todos os outros membros que a compõem, divide com os lugares de memória a sua intenção de procurar gerar consensos. Contudo, tanto a nação quanto um lugar de memória como as comemorações não conseguiram ficar imunes às tensões decorrentes da luta pela hegemonização dos poderes simbólicos, condição essencial para a consolidação de todo o poder.

De acordo com Fernando Catroga, “... essa estratégia unanimista, geralmente animada pela pretensão de fomentar o patriotismo e a unidade nacional, surge quase sempre ferida pelos conflitos de interesses que atravessam as sociedades”.²⁷

Desta maneira, fica evidente um dos problemas da memória²⁸, que é também da história, que consiste no fato dela estar sujeita a todo o tipo de manipulações. Não existe memória sem esquecimento e a forma como as sociedades têm construído e reconstruído as suas memórias reflete dinâmicas culturais, clivagens e lutas pelo domínio das “representações simbólicas”. A apropriação do passado pelos diversos grupos sociais que é feita através das comemorações não escapa a este processo.

Em Portugal, as comemorações de 1940 foram o ápice do processo de estabilização do regime salazarista e de afirmação dos seus princípios ideológicos. Oliveira Salazar e o seu Secretariado da Propaganda Nacional tiveram a oportunidade de pôr à prova a sua capacidade organizadora e a eficácia da sua atuação dentro e fora do país. Nas palavras de Maria Isabel João, “... o duplo centenário foi um teste e uma forma de mostrar que se tinha conseguido realizar a prometida regeneração ou renascimento de Portugal.”²⁹

A idéia de se comemorar em 1940 os centenários da Fundação (1139) e da Restauração (1640) de Portugal surgiu pela primeira vez em 1929 através de uma carta assinada por “Um Português Ausente de Portugal” (na realidade, tratava-se do embaixador português em Bruxelas, Alberto de Oliveira), transcrita pelo escritor

²⁶ *Ibidem.* p. 13.

²⁷ Fernando Catroga. *Op. cit.* p. 222.

²⁸ De acordo com Pierre Nora a memória é “... a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações.” Pierre Nora. *Op. cit.* p. 9.

²⁹ Maria Isabel João. *Op. cit.* p. 102.

Agostinho de Campos no jornal *Diário de Notícias*, em 20 de fevereiro³⁰. O seu conteúdo, logo no início, era o seguinte:

... Não seria conveniente escolher entre as várias datas contidas no período de formação da nacionalidade portuguesa uma qualquer que servisse para comemorarmos com grande solenidade *e a suficiente preparação*, o oitavo centenário da fundação de Portugal?

A de 1140 tinha a meu ver a vantagem de coincidir centenariamente com a de 1640, data da independência restaurada; e, assim, poderíamos celebrar a grande comemoração em 1940, isto é, daqui por onze anos, com muito tempo, portanto, para nos prepararmos devidamente.³¹

Porém, a proposta de Alberto de Oliveira, que seria mais tarde nomeado presidente da Comissão Nacional dos Centenários, levaria nove anos para se tornar objeto de interesse das autoridades portuguesas.

Apenas em 27 de março de 1938, por meio de uma longa “Nota Oficiosa” de Antonio de Oliveira Salazar³², o governo português anunciava a realização das Comemorações do Duplo Centenário e noticiava o conjunto de eventos que teria cabo nos dois anos subseqüentes.

Através dela eram convocados a participar “da grande festa nacional” “todos os portugueses do Mundo”. “Como grande festa de família”, as Comemorações não deveriam interessar apenas a Portugal e seus domínios, mais também a todos os núcleos de portugueses espalhados por outros territórios.

Ao Brasil havia uma referência especial expressando o desejo de sua participação, “como da família”, nas Comemorações. “Ao Brasil é devida referência especial, pois, seja qual for a parte que nas comemorações centenárias queiram amavelmente tomar os outros Estados, não podemos dispensar na gloriosa festa, a participação, o concurso permanente e ativo do Brasil.”³³

Com os festejos Oliveira Salazar, Presidente do Conselho de Ministros, objetivava dois pontos:

... primeiro, dar ao povo português um tônico de alegria e confiança em si próprio, através da evocação de oito séculos da sua História, que foram

³⁰ O título do artigo de Agostinho de Campos no qual a carta fora reproduzida era “1140 – 1640 – 1940”. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Nacional dos Centenários, n. 1, jan. 1939. p. 9.

³¹ Alberto de Oliveira. “Um Português Ausente de Portugal”. *Idem*. p. 9.

³² Antonio de Oliveira Salazar. “Independência de Portugal – Nota Oficiosa da Presidência do Conselho”. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Nacional dos Centenários, n. 1, jan. 1939. p. 2-7.

³³ *Ibidem*. p. 3.

simultaneamente oito séculos da História do Mundo, e através da solidez e eternidade da sua independência.

Em segundo lugar, conseguir-se-ia pela pressão do tempo e pelo entusiasmo criador, levar os serviços públicos e particulares a acelerar o ritmo da sua atividade, com o intuito de afirmar a capacidade realizadora de Portugal, os seus serviços à civilização, e o contraste entre os nossos recursos sempre diminutos e os resultados obtidos tantas vezes admiráveis.³⁴

Assim, como aponta o segundo objetivo, o governo português investiria na modernização da infra-estrutura do país, pois, Portugal deveria estar preparado para receber eventuais visitantes que se deslocariam até lá em função das Comemorações. Conforme a Nota de Salazar, a maior parte da verba destinada aos gastos com as festividades “... deve ficar como obra útil e ajudará por si mesma a perpetuar as festas.”³⁵

Com isso, estavam previstos:

... o melhoramento das estações ferroviárias fronteiriças; a construção de uma estação marítima, pelo menos, no porto de Lisboa; o aeródromo da Portela de Sacavém; algumas, se não todas, as estradas de acesso imediato à capital; o aperto de certas malhas na rede de estradas, com o qual se completariam ou arredondariam passeios de grande comodidade e beleza; a melhoria de instalações e o aperfeiçoamento dos serviços dos hotéis de Lisboa e da província; estabelecimento de certo número de pousadas em recantos provincianos, onde a iniciativa privada não cuidou até hoje das necessidades de quem viaja ou passeia; maior vigilância na repressão da mendicidade; mais cuidado na limpeza das casas e das ruas, e muitas outras coisas que comissões especiais podem facilmente estudar e promover, desde que estejam compenetradas desta primeira necessidade de estarmos em condições de receber as pessoas que nos visitem.³⁶

Havia também a preocupação de honrar as duas figuras centrais dos dois centenários: D. Afonso Henriques e D. João IV. Para isso previa-se a restauração e a construção de monumentos ligados a estes monarcas. Porém, o tempo era curto e os trabalhos seriam intensos.

Então, com o intuito de afirmar o “poder realizador” dos portugueses, Salazar afirmava que muitas obras já começadas deveriam ser concluídas e outras em projeto ou “simplesmente desejadas” deveriam ser iniciadas e terminadas até o início das festividades. De acordo com o texto, estas obras seriam tanto as de infra-estrutura,

³⁴ *Ibidem*. p. 2-3.

³⁵ *Ibidem*, p. 7.

³⁶ *Ibidem*. p. 4.

quanto as referentes aos monumentos históricos. Uma e outra apareciam juntas no programa divulgado através da Nota.

Na Nota, Salazar esboçou o programa dos eventos que seriam realizados em 1939 e 1940 para a Comemoração do Duplo Centenário. Nele, já estavam descritos, entre outros, os três grandes acontecimentos dos festejos: a Exposição Histórica do Mundo Português; o Congresso do Mundo Português; e o Cortejo do Mundo Português. Este programa, delineado em 1938, com poucas modificações serviria como base para o Programa Oficial elaborado em maio de 1939.

Deste modo, entre outras exposições nacionais previstas no programa, destacava-se a seguinte:

Impõe-se naturalmente, dada a índole das comemorações, e em primeiro lugar, a *Grande Exposição Histórica do Mundo Português*. O local poderia ser os terrenos vagos da Junqueira até Belém, já nessa altura certamente do Estado e da Câmara Municipal; os fins da Exposição apresentar uma síntese da nossa ação civilizadora, da nossa ação na História do Mundo, mostrar, por assim dizer, todas as pegadas e vestígios de Portugal no globo.³⁷

Definia-se, portanto, até o local no qual se realizaria a Exposição.

De acordo com Salazar, ocorreriam eventos complementares a algumas exposições: os congressos científicos.

Simultaneamente e até como complemento de algumas das exposições indicadas há a oportunidade de promover alguns congressos, estes de caráter internacional. De entre os possíveis destaco apenas um *Congresso do Mundo Português*, ao qual é de esperar concorram eminentes vultos de ciência estrangeiros com os seus materiais e trabalhos de investigação relacionados com a nossa História.³⁸

Quanto aos cortejos, Salazar destacava o do Mundo Português: “em Lisboa, um cortejo do Mundo Português, por assim dizer apoteose da Exposição e do Congresso do mesmo nome.”³⁹

Por fim, o Presidente do Conselho de Ministros menciona a necessidade da nomeação de uma comissão responsável pela execução do programa proposto.

Com isso, em 11 de abril de 1938, duas semanas após a publicação da “Nota Oficiosa”, uma Portaria da Presidência do Conselho de Ministros nomeou a Comissão

³⁷ *Ibidem*, p. 5.

³⁸ *Ibidem*, p. 6.

³⁹ *Ibidem*, p. 6.

Nacional encarregada de promover as comemorações do Duplo Centenário da Fundação e Restauração de Portugal em 1939 e 1940. E seus membros foram encarregados da elaboração “nas suas grandes linhas” do programa das Comemorações Centenárias.⁴⁰

Figura 1 – Primeira reunião dos membros da Comissão Nacional dos Centenários com Oliveira Salazar, no Secretariado da Propaganda Nacional⁴¹

Integravam a Comissão, além de representantes das Academias Portuguesa de História, das Ciências de Lisboa e Nacional de Belas Artes, diretores de museus, os presidentes das Câmaras Municipais de Lisboa e do Porto e diversas outras individualidades, como pode ser observado no quadro abaixo:

Quadro 1 – Membros da Comissão Nacional dos Centenários

Comissão Nacional dos Centenários ⁴²			
Membros	Atividade na Data da Nomeação	Nomeação	Posse
Adriano de Sousa Lopes	Diretor do Museu de Arte Contemporânea		
Afonso de Ornelas	Secretário da Academia Portuguesa de História		
Alberto de Oliveira	Embaixador		
António Augusto Mendes Correia	Professor e Presidente da Câmara Municipal do Porto		
António Ferro	Diretor do Secretariado da Propaganda Nacional		

⁴⁰ Esta Comissão tomou posse no próprio dia 11 de abril de 1938, no Secretariado da Propaganda Nacional. Cf. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Nacional dos Centenários, n. 1, jan. 1939. p. 33.

⁴¹ *Ibidem*. p. 21.

⁴² Cf. *Ibidem*. p. 25.

António Garcia Ribeiro de Vasconcelos	Presidente da Academia Portuguesa de História	11/04/1938	11/04/1938 No Secretariado da Propaganda Nacional
José Capêlo Franco Frazão (Conde de Penha Garcia)	Diretor da Escola Superior Colonial e Presidente da Direção da Sociedade de Geografia de Lisboa		
Duarte Pacheco ⁴³	Professor e Presidente da Câmara Municipal de Lisboa		
Francisco Nobre Guedes	Diretor Geral do Ensino Técnico		
Gustavo de Matos Sequeira	Escritor		
Henrique Galvão	Diretor da Emissora Nacional		
Henrique Gomes da Silva	Diretor Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais		
Henrique Linhares de Lima	Presidente da Direção da Sociedade Histórica da Independência de Portugal		
Henrique Quirino da Fonseca	Investigador de Arqueologia Naval		
João do Couto	Diretor dos Museus Nacionais de Arte Antiga		
João Providência e Costa	Professor da Faculdade de Letras de Coimbra		
José Cotinelli Telmo	Arquiteto		
Júlio Cayola	Agente Geral Interino das Colônias		
Júlio Dantas	Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa		
Luiz Pastor de Macedo	Secretário Geral do Grupo “Amigos de Lisboa”		
Manuel Múrias	Diretor do Arquivo Colonial		
Manuel Silveira e Castro	Presidente da Junta Autônoma das Estradas e do Conselho Nacional do Turismo		
Paulino Montez	Arquiteto		
Porfírio Pardal Monteiro	Presidente da Direção do Sindicato Nacional dos Arquitetos		
Raúl Lino	Arquiteto e Secretário da Academia Nacional de Belas Artes		
Reinaldo dos Santos	Professor e Presidente da Academia Nacional de Belas Artes		
Presidente	Embaixador Alberto de Oliveira ⁴⁴		
Vice-Presidente	José Capelo Franco Frazão (Conde de Penha Garcia) - Diretor da Escola Superior Colonial e presidente da Direção da Sociedade de Geografia de Lisboa		
Secretário	António Ferro - Diretor do Secretariado da Propaganda Nacional		

Contudo, por meio do Decreto-Lei N° 29087, de 28 de outubro de 1938, foi criada outra comissão, a Comissão Executiva dos Centenários.

De acordo com este Decreto:

⁴³ Através da Portaria da Presidência do Conselho de 2 de junho de 1938 Duarte Pacheco deixou de ser membro desta Comissão por ter sido nomeado Ministro das Obras Públicas e Comunicações. Em seu lugar foi nomeado o Engenheiro Eduardo Rodrigues de Carvalho, presidente substituto da Câmara Municipal de Lisboa. *Ibidem*. p. 25.

⁴⁴ Alberto de oliveira faleceria durante os trabalhos preparatórios das Comemorações Centenárias, em 23 de abril de 1940.

a grande comissão nacional [...] desempenhou-se cabalmente da delicada e complexa missão que lhe foi incumbida, de elaborar nas suas grandes linhas o programa das comemorações do Duplo Centenário da Fundação e da Restauração de Portugal. É chegado, porém, o momento de se entrar na fase das realizações, e, para tanto, é necessário provê-la de estrutura adequada, simplificar as formalidades legais normalmente exigíveis e criar órgãos de execução, com certa autonomia e apetrechados de forma a dar realidade concreta ao pensamento do Governo, que aquela comissão interpretou.⁴⁵

Através dele, a Presidência do Conselho de Ministros manteve a Comissão Nacional “... como órgão permanente de consulta e direção superior...”, cuja principal função, a partir deste momento, seria “fixar o programa definitivo das comemorações, sob proposta da comissão executiva.”⁴⁶ Foi determinado que a Comissão Executiva seria constituída apenas por alguns membros da Comissão Nacional e para os trabalhos relativos à Exposição do Mundo Português, foi criado um comissariado próprio.

No Decreto foram instituídas as competências da Comissão Nacional, da Comissão Executiva, do Comissariado da Exposição do Mundo Português, das Exposições de Arte, bem como algumas disposições gerais, que podem ser acompanhadas no quadro abaixo:

Quadro 2 – Competências da Comissão Nacional, da Comissão Executiva e do Comissariado da Exposição do Mundo Português, de acordo com o Decreto-Lei N° 29087

Comissão Nacional dos Centenários	Comissão Executiva dos Centenários	Comissariado da Exposição do Mundo Português
Nomeada pelas Portarias da Presidência do Conselho de 11 de abril e 2 de junho de 1938.	Criada através do Decreto-Lei n° 29087 de 28 de outubro de 1938.	Criado através do Decreto-Lei n° 29087 de 28 de outubro de 1938.
Funções: Fixar o programa definitivo das Comemorações, sob proposta da Comissão Executiva; • Dar parecer acerca dos assuntos propostos pela Comissão Executiva; • Colaborar, em conjunto ou por intermédio dos seus membros, com a Comissão Executiva.	Função: Executar o programa das Comemorações aprovado pela Comissão Nacional.	Função: Trabalhar de acordo com a Comissão Executiva, utilizando os elementos de trabalho já realizados pela Comissão Nacional.
Organização: Dividida pelas seguintes seções, cujos diretores serão membros da Comissão Nacional designados pelo respectivo presidente: • Exposição do Mundo Português;	Organização: Constituída pelos diretores das seções da Comissão Nacional e pelo Comissário Geral da Exposição do Mundo Português. Estes escolheriam entre si o vice-	Organização: Constituído pelo Comissário geral, pelo Comissário Adjunto e pelo Arquiteto Chefe da Exposição, nomeados pela Presidência do Conselho de Ministros, e os dois

⁴⁵ Presidência do Conselho de Ministros de Portugal. “Decreto-Lei N° 29087”. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Nacional dos Centenários, n. 1, jan. 1939. p. 26.

⁴⁶ *Ibidem*. p. 26.

<ul style="list-style-type: none"> • Exposição de arte; • Congressos; • Festas e espetáculos; • Manifestações cívicas, históricas e religiosas; • Turismo; • Propaganda e recepção. 	<p>presidente, sendo o presidente nomeado pelo governo e o cargo de secretário geral será exercido pelo Diretor do Secretariado da Propaganda Nacional.</p>	<p>últimos sob proposta da Comissão Executiva.</p>
<p>Competências do Presidente da Comissão Nacional:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Assegurar a unidade do pensamento cultural e político das Comemorações; • Representar a Comissão em todos os atos e solenidades oficiais; • Propor a nomeação dos diretores das seções que compõem a Comissão Nacional. 	<p>Competências da Comissão Executiva: (Goza de autonomia administrativa e financeira)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Administrar a aplicação e transferência das verbas para a realização do programa; • Administrar os planos e orçamentos, sem prejuízo do que é destinado ao Comissariado da Exposição do Mundo Português; • Estabelecer as cláusulas dos contratos de fornecimentos e outros; • Admitir o pessoal necessário à execução dos serviços, estabelecer as condições dos respectivos contratos e os salários; • Fiscalizar todos os serviços. 	<p>Competências do Comissário Geral da Exposição:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Deliberar sobre os planos e orçamentos das obras; • Estabelecer as condições dos contratos de obras e adjudicações; • Abrir concursos para quaisquer fornecimentos e deliberar sobre eles com o acordo da Comissão Executiva; • Zelar para que todos os trabalhos e serviços sejam feitos com a maior economia; • Propor o pessoal técnico a nomear para os diferentes serviços dependentes do Comissariado.
<p>Dissolvida através do Decreto-Lei nº 29.597, de 15 de maio de 1939.</p>		<p>Competências do Comissário Adjunto:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Auxiliar o comissário geral; • Exercer as funções que a ele forem delegadas pelo comissário geral e substituí-lo na sua ausência ou impedimento; • A direção das obras; • A ordenação e fiscalização dos trabalhos de construção e decoração.
		<p>Competências do Arquiteto Chefe:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A coordenação e harmonização dos planos elaborados pelas seções das exposições, por forma a dar-lhes unidade de conjunto; • A superintendência de todos os assuntos ligados à estética exterior e distribuição no terreno dos edifícios e pavilhões a construir.

Como disposto no quadro, caberia à Comissão Executiva “... levar a efeito o programa das comemorações do Duplo Centenário aprovado pela Comissão Nacional.”⁴⁷ E, ficava estabelecido que seus membros seriam os diretores das Seções da

⁴⁷ *Ibidem.* p. 27.

Comissão Nacional mais o comissário geral da Exposição do Mundo Português, competindo a eles a escolha do vice-presidente da comissão, já que o presidente seria nomeado pelo governo e o secretário geral seria o diretor do Secretariado da Propaganda Nacional. No quadro a seguir estão dispostos os membros da Comissão Executiva:

Quadro 3 – Membros da Comissão Executiva dos Centenários

Comissão Executiva das Comemorações do Duplo Centenário da Fundação e da Restauração de Portugal			
Membros		Nomeação	Posse
Diretores das Seções da Comissão Nacional	1. Reinaldo dos Santos (Diretor da Seção de Exposição de Arte) 2. Júlio Dantas (Diretor da Seção de Congressos e da Seção de Festas e Espetáculos) 3. Cel. Henrique Linhares de Lima (Diretor da Seção de Manifestações Cívicas, Históricas e Religiosas) 4. Brig. Manuel da Silveira e Castro (Diretor da Seção de Turismo) 5. António Ferro (Diretor da Seção de Propaganda e Recepção)	05/11/1938 ⁴⁸	
Comissário da Exposição do Mundo Português	6. Augusto de Castro	26/12/1938 ⁴⁹	28/12/1938 ⁵⁰
Presidente	Júlio Dantas	05/11/1938 ⁵¹	
Vice-Presidente	Cel. Henrique Linhares de Lima		
Secretário Geral	António Ferro	28/10/1938	

É importante observar que, Júlio Dantas, Presidente da Comissão Executiva, acumulava os cargos de diretor das Seções de Congressos e Festas e Espetáculos da Comissão Nacional; o Coronel Henrique Linhares de Lima, Vice-Presidente da Comissão Executiva, também era o diretor da Seção de Manifestações Cívicas, Históricas e Religiosas; e António Ferro, Diretor do Secretariado da Propaganda

⁴⁸ Cf. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Nacional dos Centenários, n. 2/ 3, fev./ mar. 1939. p. 24.

⁴⁹ Cf. *Ibidem*. p. 24.

⁵⁰ Cf. *Ibidem*. p. 5.

⁵¹ Nomeado em 5 de Novembro de 1938, pela Presidência do Conselho de Ministros. Cf. *Ibidem*. p. 24.

Nacional e Secretário Geral da Comissão Executiva, era ainda diretor da Seção de Propaganda e Recepção.

As duas Comissões, Nacional e Executiva, coexistiram até 15 de maio de 1939, quando o artigo primeiro do Decreto-Lei N° 29.597⁵² dissolveu a Comissão Nacional dos Centenários de Portugal.

Então, quando o primeiro número da *Revista dos Centenários* foi publicado, em 31 de janeiro de 1939, as duas comissões ainda estavam ativas. O que explica o fato de até abril de 1939 a revista trazer em sua capa a seguinte informação: “Edição da Comissão Nacional dos Centenários. Secção de Propaganda e Recepção – Sede no Secretariado da Propaganda Nacional – Rua S. Pedro de Alcântara, 75 – Lisboa”. Informação esta que a partir do fascículo de 31 de maio de 1939 foi alterada para: “Comissão Executiva dos Centenários. Secção de Propaganda e Recepção – Redação: Secretariado da Propaganda Nacional - Rua S. Pedro de Alcântara, 75 – Lisboa”.

É preciso mencionar que Salazar em sua “Nota Oficiosa”, de março de 1938, previa o surgimento de publicações por conta das celebrações centenárias:

... o Governo julga que muitas publicações aparecerão em que particulares e corporações ou institutos científicos de ensino hão de mostrar, sob os mais diversos aspectos e nos mais diversos domínios, a ação de Portugal e dos portugueses nos oito séculos de existência.⁵³

Assim, surgiu a *Revista dos Centenários*, principal instrumento de difusão e de mobilização do governo português em torno das festividades. Ela constituiu um órgão da Comissão Executiva dos Centenários de Portugal – presidida por Júlio Dantas – e integrou o quadro de serviços da Seção de Propaganda e Recepção (dirigida por António Ferro), que como estabeleceu o Decreto-Lei N° 29087, funcionaria no Secretariado da Propaganda Nacional em colaboração com a Agência Geral das Colônias e com a Emissora Nacional de Radiodifusão.

⁵² Cf. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, n. 5, maio 1939. p. 25.

⁵³ Antonio de Oliveira Salazar. “Independência de Portugal – Nota Oficiosa da Presidência do Conselho”. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Nacional dos Centenários, n. 1, jan. 1939. p. 6.

Figura 2 – Revista dos Centenários: primeiro exemplar da Comissão Nacional e o primeiro da Comissão Executiva

Foram 22 fascículos, divididos em 24 números e publicados de janeiro de 1939 a dezembro de 1940.

Em seu primeiro número, de 31 de janeiro de 1939, Júlio Dantas ao apresentar a Revista escreveu que esta “... será o instrumento de informação de que nos serviremos para dar a conhecer ao País o estado dos nossos trabalhos, a marcha das nossas iniciativas e a contribuição do nosso esforço para a realização do alto pensamento de Sua Ex.^a o Presidente do Conselho”. Segundo Dantas, “para que a Nação sinta essa obra é preciso que, desde a primeira hora, a acompanhe”.⁵⁴

Além desta “função informadora”, a *Revista dos Centenários* exerceria também a “função de arquivo”:

Nela se publicarão os projetos, estudos, plantas, pareceres, relatórios, investigações, pesquisas, e outros trabalhos relevantes que, pelos seus organismos, a Comissão for produzindo; nela terão o seu lugar próprio, em reprodução, súmula ou simples referência, as espécies mais valiosas que a vasta mobilização documental a que procedemos nos revelar, mormente no que respeita aos monumentos históricos e peças de arte portuguesas, ou de interesse para Portugal, existentes em Bibliotecas, Arquivos e Museus de países estrangeiros; nas suas páginas, enfim, hão-de recolher-se e registrar-se todos os elementos que documentarão amanhã a ação da Comissão Executiva no desempenho da honrosa missão de traduzir, senão de criar, o estado de vibração da consciência de um povo que celebra os seus oito séculos de história.⁵⁵

⁵⁴ Júlio Dantas. “A Revista dos Centenários”. *Ibidem*. p. 1.

⁵⁵ *Ibidem*. p. 1.

Desta maneira, a Revista procuraria, de acordo com Dantas, realizar a necessária “... ação coordenadora de todos os esforços, iniciativas e atividades que se inspirem no propósito patriótico de comemorar a fundação e a restauração da nacionalidade”.⁵⁶

Por último, afirma Dantas, caberia à *Revista dos Centenários* realizar a “propaganda externa e interna das festas” chamando para elas a atenção de portugueses e estrangeiros. “Será um cartaz de larga expansão e de considerável mobilidade. Esforçar-nos-emos por torná-lo sugestivo e atraente.”⁵⁷

A Revista, impressa em Lisboa, era vendida em Portugal, para as colônias e para outros países. Havia a possibilidade de assiná-la por um ou dois anos, sendo uma das condições de assinatura o pagamento adiantado. O valor da assinatura variava de acordo com o período e com a localização do assinante. Números avulsos custavam 2 escudos e 50 centavos.⁵⁸ A Oficina Gráfica – Limitada, a responsável por sua impressão, oferecia o serviço de encadernação dos fascículos que eram encadernados por ano: I Ano, referente aos fascículos de 1939; II Ano, referente aos fascículos de 1940.

A Comissão Executiva dos Centenários realmente manteve, ao longo dos 24 números, as principais funções da Revista anunciadas por Júlio Dantas quando da publicação de seu primeiro fascículo: a função informativa e a função de arquivo.

Nela não foram registrados apenas os preparativos e os eventos ocorridos em 1940. Na Revista foram arquivados os documentos referentes às primeiras idéias sobre os festejos e a legislação que os tornou viáveis, como a carta “Um português ausente de Portugal”, a “Nota Oficiosa da Presidência do Conselho”, a Portaria que nomeou a Comissão Nacional e os Decretos-Lei mencionados anteriormente. Além disso, estão reproduzidos em suas páginas muitos documentos relativos à Fundação e à Restauração de Portugal.⁵⁹

A Revista contou com diversos colaboradores que escreveram, principalmente, sobre os festejos, sobre a História Portuguesa e sobre as relações entre o Brasil e Portugal. Estes textos, geralmente, eram publicados ao longo de seus fascículos, fora de suas seções permanentes, já que a Revista possuiu seções, muito específicas, que estiveram presentes em todos ou quase todos os seus números.

⁵⁶ *Ibidem.* p. 1.

⁵⁷ *Ibidem.* p. 2.

⁵⁸ Este também foi o valor cobrado pelos ingressos, em dias normais, da Exposição Histórica do Mundo Português.

⁵⁹ Por este fato a *Revista dos Centenários* foi usada, por exemplo, por estudiosos da Restauração de Portugal, como Eduardo D'Oliveira França em seu estudo *Portugal na época da Restauração*. Cf. Eduardo D'Oliveira França. *Portugal na época da Restauração*. São Paulo: USP, 1951.

Dessa forma, chama-se a atenção, entre outras, para as seguintes seções: “Legislação”; “Revista da Imprensa” que apresentava um subitem “Imprensa Brasileira”; “Notas Várias”; “Portugal é uma Nação” texto de A. Marques Guedes publicado por partes do número 13 ao número 20; “Castelos de Portugal” (a partir do número 5 e até o número 24) trazia a história de castelos portugueses, dentre os quais alguns foram restaurados por conta das celebrações.

Em suas páginas encontra-se, além da seção voltada para a imprensa brasileira, também a colaboração de intelectuais brasileiros. Logo no primeiro fascículo há um texto de Afrânio Peixoto intitulado “Nossa foi a Restauração”⁶⁰ e Gustavo Barroso teve três textos reproduzidos no periódico⁶¹. Affonso Taunay foi convidado em novembro de 1939, por António Ferro, a publicar um texto na Revista, entretanto, ele não figura entre os autores editados por ela.

Localizada e consultada na Biblioteca da FFLCH da Universidade de São Paulo, a *Revista dos Centenários* constitui documento primordial para o pesquisador que se debruça sobre a temática dos Centenários Portugueses de 1940. Dos poucos autores que estudam ou já estudaram este tema, todos fizeram uso dela.

Contudo, é preciso ter em mente que se tratou de uma publicação oficial da Comissão Executiva dos Centenários e que a sede de sua Redação era o Secretariado da Propaganda Nacional, órgãos presididos respectivamente por Júlio Dantas e António Ferro, homens de confiança de Oliveira Salazar e sujeitos determinantes para o resgate de uma memória de Portugal e para a preservação da memória dos festejos de 1940.

Em maio de 1939 foi divulgada, através da *Revista dos Centenários*, a primeira versão oficial do Programa das Comemorações Centenários de 1940.⁶²

Grosso modo, os responsáveis por sua elaboração⁶³ apenas desdobraram as diretrizes anunciadas por Salazar em sua “Nota Oficiosa” de março de 1938.

Além da publicação do calendário na Revista, a Comissão Executiva, através da Seção de Propaganda e Recepção, preparou livretos para a divulgação do programa das

⁶⁰ Cf. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Nacional dos Centenários, n. 1, jan. 1939. p. 13.

⁶¹ Cf. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, n. 6, jun. 1939. p. 1; n. 12, dez. 1939. p. 7; n. 23, nov. 1940. p. 7.

⁶² Cf. “Programa Calendário das Festas Nacionais de 1940”. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, n. 5, maio 1939. p. 9-20.

⁶³ É preciso lembrar que, de acordo com o Decreto-Lei N° 29087 de 28 de outubro de 1938, seria função da Comissão Nacional dos Centenários: “Fixar o programa definitivo das comemorações, sob proposta da comissão executiva”. E que em 15 de maio de 1939 a Comissão Nacional foi extinta, ou seja, dez dias após a elaboração do “Programa Calendário das Festas Nacionais de 1940”. Cf. *Revista dos Centenários*, Lisboa: Comissão Nacional dos Centenários/ Comissão Executiva dos Centenários, n. 1, jan. 1939, p. 26 e n. 5, maio 1939. p. 25.

Festas Nacionais. Um deles, *Portugal. Oito Séculos de História*,⁶⁴ foi encontrado no Arquivo do IHGB.

Ao longo dos anos de 1939 e 1940, por conta de atrasos no andamento das obras, o calendário das Comemorações sofreu uma série de alterações e a sua versão definitiva seria publicada apenas nos últimos meses de 1940, em formato de álbum e com o título: *Comemorações Centenárias. Programa Oficial 1940*⁶⁵.

Com uma tiragem de cinco mil exemplares, da mesma forma que a *Revista dos Centenários*, o *Programa Oficial 1940* foi idealizado pela Comissão Executiva dos Centenários, sendo editado pela Seção de Propaganda e Recepção e impresso, em 1940, pela Oficina Gráfica – Limitada.

Em suas primeiras páginas Júlio Dantas o apresentava da seguinte forma:

Resolveu a Comissão Executiva, a que tenho a honra de presidir, que se publicasse, além da edição de vulgarização que corre impressa em várias línguas, uma edição especial do programa das Comemorações, destinada a perpetuar, nas bibliotecas, arquivos, museus e outras instituições congêneres de Portugal e dos países estrangeiros, a memória do nosso jubileu nacional, e a tornar conhecida, na sua expressão sinóptica, a forma porque os portugueses de 1940 conceberam e levaram a efeito a celebração dos oito séculos de existência histórica da Nação.⁶⁶

Dessa maneira, este programa é importante, pois, por ter sido elaborado nos últimos meses de 1940, sintetizou, como nenhum outro documento, os eventos ocorridos durante os festejos portugueses. Além disso, através de uma análise comparativa entre ele e os outros calendários emitidos ao longo dos anos de 1939 e 1940, possibilitou uma maior compreensão sobre a forma pela qual os eventos foram sendo delineados, bem como, quando e onde ocorreram.

A maior parte de seu conteúdo foi dedicada ao cronograma bilíngüe, português-francês, das Comemorações. E em seu interior ainda havia, além da apresentação de Júlio Dantas, um panorama da História de Portugal; os discursos proferidos por Carmona, pelo Cardeal Cerejeira e por Salazar, durante a inauguração dos festejos; a Planta Geral da Exposição do Mundo Português; um texto intitulado “Breve Roteiro da Exposição Histórica do Mundo Português”, ao que tudo indica, de autoria de Augusto de Castro, Comissário Geral da Exposição; e fotografias deste certame.

⁶⁴ Cf. *Portugal: Oito Séculos de História*. Lisboa: Secção de Propaganda e Recepção da Comissão Executiva dos Centenários/ Sociedade Industrial de Tipografia Ltda, 1940.

⁶⁵ *Comemorações Centenárias. Programa Oficial 1940*. Lisboa: Secção de Propaganda e Recepção, 1940.

⁶⁶ *Ibidem*. s.p.

Como em 1940 seriam comemorados, segundo Dantas, “três fatos dominantes”: a Fundação da nacionalidade (1140); o “fastígio do Império” (1540); e a restauração da independência (1640)⁶⁷, o calendário dos festejos foi dividido em três Épocas, correspondentes a estes períodos da História de Portugal: Época Medieval; Época Imperial; e a Época Bragantina.

A primeira Época, a Medieval, compreenderia os eventos ocorridos entre 2 e 15 de junho de 1940. E, de acordo com Júlio Dantas, esta representaria a “marcha da própria Nação, do século XII ao século XV”, do berço da monarquia em Guimarães ao berço do Império em Sagres. Durante este período, seriam representadas as figuras, as instituições e os lugares mais notáveis “do período da fundação e da conquista”⁶⁸. Assim, as comemorações nacionais tiveram início na manhã de 2 de junho de 1940, com louvores pelas Sés e pelas igrejas matrizes de Portugal e de suas colônias.

No dia seguinte, 3 de junho, em um trem especial constituído por seis vagões, partiu de Lisboa rumo ao Porto uma comitiva formada por governantes e personalidades, cujo destino final era Guimarães onde foi comemorada a Fundação de Portugal em 4 de junho. Depois, a comitiva seguiu para Braga, para o Porto, para Coimbra e para muitas outras localidades portuguesas, nas quais foram visitados os túmulos dos monarcas fundadores, inauguradas exposições, realizadas festas provinciais e homenageados os santos e a língua portuguesa. Na comitiva figuraram alguns brasileiros, como Gustavo Barroso e os membros da Embaixada Especial do Brasil às Comemorações Centenárias de Portugal, figuras que serão mencionadas mais à frente neste trabalho.

Segundo Francisco José Pinto, presidente, respectivamente, da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal e da Embaixada Especial do Brasil às Comemorações Centenárias: “os festejos da Fundação em Guimarães foram os mais grandiosos, imponentes e impressionantes de quantos se realizaram no país”⁶⁹.

Após as festividades em Guimarães, em decorrência da Guerra que se desenrolava pela Europa, o General Carmona e Oliveira Salazar decidiram regressar imediatamente para Lisboa, deixando de comparecer a quaisquer outros eventos fora da capital.

⁶⁷ Cf. *Ibidem*, s.p.

⁶⁸ *Ibidem*, s.p.

⁶⁹ Francisco José Pinto. *Relatório*. Rio de Janeiro: Embaixada do Brasil às Comemorações Centenárias de Portugal, out. 1940. Arquivo Histórico do Itamaraty. p. 7-8.

Na segunda Época do calendário das Comemorações, a Época Imperial, que se estenderia de 23 de junho a 14 de julho, seria celebrado, nas palavras de Júlio Dantas, “o esforço de Portugal no Mundo”. A “nação” já constituída se projetaria no “plano universal”. Três peças centrais dominaram este período: o Congresso, a Exposição e o Cortejo do Mundo Português. Ou seja, segundo Dantas:

... a história da Nação, quer no seu texto augusto (Congresso do Mundo Português); quer em ilustrações suntuosas (Exposição do Mundo Português); quer em imagens que marcham (Cortejo do Mundo Português), síntese expressiva e deslumbrante de oito séculos de existência nacional.⁷⁰

Nesta Época, além dos três grandes eventos dos Centenários, estavam previstos: a inauguração, em Lisboa, do monumento a Pedro Álvares Cabral, oferecido a Portugal pelo governo brasileiro; a realização de marchas populares pelos velhos bairros de Lisboa; o Cortejo do Trabalho na cidade do Porto; e a celebração da festa dos *Lusíadas* na Exposição do Mundo Português.

Entretanto, o monumento a Pedro Álvares Cabral, previsto para ser inaugurado em 25 de junho de 1940, teria a sua inauguração apenas em 30 de novembro. Na ocasião, a solenidade contou com a participação de personalidades e autoridades dos dois países e Gustavo Barroso foi o responsável pelo discurso brasileiro no ato da entrega. Tratava-se de uma cópia idêntica da escultura de Cabral, elaborada por Rodolfo Bernardelli, já existente na cidade do Rio de Janeiro, no bairro da Glória. A escultura fora instalada no bairro carioca em 1900, em decorrência do 4º Centenário do Descobrimento do Brasil, e figura no mesmo lugar até hoje.

Em seguida, após a Época Imperial, teve início um período intercalar correspondente às férias. Este durou de 10 de agosto a 30 de outubro de 1940 e foi destinado à realização dos eventos que não se enquadravam em nenhuma das outras três Épocas. Neste momento, foi comemorado o dia de Nuno Álvares; houve atos comemorativos nos arquipélagos da Madeira e dos Açores; e foi aberta a semana olímpica com a inauguração do Estádio Nacional.

Na Época Bragantina, que duraria de 10 de novembro a 2 de dezembro de 1940, teria lugar especial a Restauração e o Brasil. De acordo com Dantas, “na hora em que a Nação portuguesa readquiria as suas liberdades políticas, o Brasil colonial – obra

⁷⁰ *Comemorações Centenárias. Programa Oficial 1940. Op. cit. s.p.*

máxima do nosso esforço criador do Império – eliminava os últimos vestígios do domínio holandês e reconstituía-se na sua admirável unidade.”⁷¹

Aqui se destacaram o Congresso Luso-Brasileiro de História, a sétima jornada do Congresso do Mundo Português; as homenagens prestadas a Pedro Álvares Cabral, ao Padre António Vieira e a D. João IV; a doação do Palácio dos Condes de Almada (ligado à história da Restauração) ao Estado português, pela colônia portuguesa do Brasil⁷²; e o encerramento das festas nacionais em 2 de dezembro de 1940, pelo chefe de Estado, o General Carmona, na Câmara Municipal de Lisboa, após seis meses de celebrações.

Então, as Comemorações Centenárias se estenderam de 2 de junho a 2 de dezembro de 1940. Elas se desdobraram por todo Portugal, pelas colônias e pelo Brasil. E o ápice dos eventos foi a Exposição Histórica do Mundo Português, seguida por seus complementos: o Congresso do Mundo Português e o Cortejo do Mundo Português.

A Exposição foi inaugurada com toda a pompa e circunstância na presença das mais altas personalidades, em 23 de junho de 1940. O local escolhido foi Belém, entre o Mosteiro dos Jerônimos e o rio Tejo. Nesta data alguns dos pavilhões encontravam-se ainda em fase de acabamento.

Tratava-se, segundo Raquel Varela, “... de consagrar um regime colonialista, racista, nacionalista, sempre de mãos dadas com a Igreja Católica”,⁷³ em um momento no qual a situação mundial era muito delicada: estava-se em plena Segunda Guerra Mundial.

O Cortejo do Mundo Português, concebido por Henrique Galvão, ocorreu no dia 30 de junho de 1940 na principal avenida que cortava a Exposição do Mundo Português. E se tratou de um grande desfile através do qual, pessoas (3000 figurantes), animais e carros alegóricos ajudaram a contar a História de Portugal através de seus oito séculos.

⁷¹ *Ibidem*, s.p..

⁷² Cf. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, n. 7, jul. 1939. p. 24-25.

⁷³ Raquel Varela. A grande Exposição do Mundo Português. In: PAÇO, António (Org.). *Os Anos de Salazar*. Lisboa: Editora Planeta de Agostini, 2008. (Volume 5, 1940-1942). s.p.

Figura 3 – Cenas do Cortejo do Mundo Português⁷⁴

Sobre o Cortejo, Francisco José Pinto deixou registrado o seguinte:

No domingo [...] realizou-se à tarde o grande Cortejo do Mundo Português, o qual atravessou o recinto da Exposição, tendo sido presenciado das sacadas do Convento dos Jerônimos pelo Presidente da República e demais altas autoridades portuguesas e por todas as missões diplomáticas estrangeiras.

O Cortejo compôs-se de três partes: a parte histórica, referente ao passado; o Portugal de hoje; e o Portugal do futuro, representado por um carro alegórico da Mocidade Portuguesa. A parte histórica dividiu-se em sete épocas: fundação, consolidação, paz, expansão, império, colonização e esplendor. Personagens das diferentes épocas foram desfilando, a pé, a cavalo, de carro, em frente aos espectadores. O Portugal de hoje foi constituído por grupos de homens e mulheres com trajes típicos de todas as províncias de Portugal e colônias, dançando e cantando à moda das suas terras.⁷⁵

Simultaneamente às solenidades em Portugal e em suas colônias, no Brasil uma série de atos foi realizada de acordo com o calendário dos Centenários. Assim, em 2 de junho de 1940 foi publicada no *Jornal do Brasil* uma nota do Presidente Getúlio Vargas sobre o início das festividades em Portugal. A seguir, a Federação das Associações

⁷⁴ *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, n. 19/ 20, jul./ ago. 1940. p. 41-42.

⁷⁵ Francisco José Pinto. *Relatório*. Rio de Janeiro: Embaixada do Brasil às Comemorações Centenárias de Portugal, out. 1940. Arquivo Histórico do Itamaraty. p. 20-21.

Portuguesas do Brasil mandou celebrar uma missa campal realizada no Rio de Janeiro pelo Cardeal do Brasil D. Sebastião Leme.⁷⁶

Em 4 de junho, com a presença do embaixador português no Brasil, Martinho Nobre de Melo, foi hasteada a bandeira da fundação de Portugal na Embaixada Portuguesa. Aos 10 de junho, dia da colônia portuguesa e dia de Camões, houve uma grande celebração no Gabinete Português de Leitura, na qual o ministro Oswaldo Aranha discursou. As comemorações em solo brasileiro se estenderam, até onde se sabe, a Niterói, a São Paulo, e a Curitiba.⁷⁷

Segundo Antonio Silva Rego, com a finalidade de agradecer a ativa participação brasileira nas Comemorações Centenárias Portuguesas, em meados de 1941, o governo português enviou ao Brasil uma embaixada especial, que ficou conhecida como a “Embaixada da Gratidão”.

Presidida por Júlio Dantas, antigo presidente da Comissão Executiva dos Centenários, entre seus membros encontravam-se: Augusto de Castro, antigo Comissário Geral da Exposição do Mundo Português; Reinaldo dos Santos, professor da Faculdade de Medicina de Lisboa e presidente da Academia de Belas Artes; Marcelo Caetano, professor da Faculdade de Direito de Lisboa e Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa; entre outros nomes ligados ao governo português.⁷⁸

De acordo com Silva Rego, a ela foram prestadas significativas homenagens, tanto por parte das autoridades e “do povo do Brasil”, quanto pela colônia portuguesa.⁷⁹

Recepcionados com as honras protocolares pelo Ministro Oswaldo Aranha, no Itamaraty, além de um banquete no Palácio das Relações Exteriores e de um almoço no Jockey Club do Rio de Janeiro, os membros da Embaixada foram todos condecorados com a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul; se encontraram com o Presidente Getúlio Vargas em sua residência oficial, o Palácio da Guanabara; e foi realizada, em homenagem a eles, uma parada com oito mil escolares na Avenida Rio Branco, na qual, de acordo com Cavalcante e Silva, a população carioca compareceu em peso.⁸⁰

Por esta mesma altura, se encontravam no Brasil António Ferro, diretor do Secretariado da Propaganda Nacional e Júlio Cayolla, Agente Geral das Colônias. Estes

⁷⁶ Estas informações foram extraídas de: Cavalcante e Silva. *Portugal Através de Oito Séculos*. Rio de Janeiro: Tipografia Glória Pinho e Manes Ltda, 1942.

⁷⁷ A este respeito cf.: *Ibidem*. E, também: Academia Paranaense de Letras. *Comemorações Centenárias de Portugal*: 1139-1640. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1940.

⁷⁸ Cf. Antonio S. Rego. *Relações luso-brasileiras (1822-1953)*. Lisboa: Edições Panorama, 1965. p. 59.

⁷⁹ *Ibidem*. p. 60-61.

⁸⁰ Sobre os eventos nos quais participaram os membros dessa embaixada, cf.: Cavalcante e Silva. *Op.cit.* p. 381-416.

estavam em missão especial para a assinatura de um Acordo Cultural entre o Brasil e Portugal.

Em 4 de setembro de 1941, foi firmado o Acordo Cultural Luso-Brasileiro por Lourival Fontes, diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), e por António Ferro, no Palácio do Catete, perante o presidente Getúlio Vargas.

Com ele os dois governos buscavam:

... promover uma íntima colaboração cultural entre o Brasil e Portugal por intermédio dos organismos oficiais a quem incumbe nos dois países a orientação dos serviços de propaganda, o Diretor do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) e o Diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda, do Brasil, (DIP).⁸¹

Para Antonio Silva Rego, a assinatura deste Acordo Cultural coroava todos os esforços de “compreensão e estima mútuas”, que os governos brasileiros e portugueses buscavam desde 1922, por meio da diplomacia cultural.

A “Embaixada da Gratidão” e o Acordo Cultural Luso-Brasileiro de 1941 constituem temas muito pouco estudados pela historiografia dos dois países. Haja vista que a temática da política de aproximação entre os governos Vargas e Salazar necessita ainda de muito aprofundamento. Todavia, segundo Lucia Guimarães, é possível afirmar que alguns laços institucionais firmados a partir das primeiras décadas do século XX, se fortaleceram de fato com a ascensão de Vargas ao poder em 1930.⁸²

1.2. O Brasil na “grande festa de família”

Eis algumas razões por que havemos de pedir ao Brasil que venha a Portugal no momento em que festejamos os nossos 800 anos de idade, ajudar-nos a fazer as honras da casa; que erga o seu padrão de História ao lado do nosso; que não seja apenas nosso hóspede de honra, mas, como da família, a par de nós acolha as homenagens que o Mundo nos deve e nos trará nessa ocasião; que nos mande, no maior número, os mais egrégios dos seus filhos, em romagem patriótica e cívica.⁸³

⁸¹ Antonio Silva Rego. *Op. cit.* p. 123. O maior fruto deste Acordo seria a revista *Atlântico* que contava com a colaboração de autores portugueses e brasileiros.

⁸² Cf. Lucia Maria Paschoal Guimarães. Relações culturais luso-brasileiras: encontros e desencontros. In: *XII Encontro Regional de História – Usos do passado*. ANPUH-RJ, 2006.

⁸³ Antonio de Oliveira Salazar. “Independência de Portugal – Nota Oficiosa da Presidência do Conselho”. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Nacional dos Centenários, n. 1, jan. 1939. p. 3.

Foi assim, através de sua “Nota Oficiosa” de 27 de março de 1938, que Antonio de Oliveira Salazar expressou o seu desejo pela participação do Brasil nas Comemorações Centenárias Portuguesas que seriam levadas a cabo nos dois anos seguintes.

Como bem notou Luciene Lehmkuhl, a “Nota” vinculava a História do Brasil e de Portugal “de maneira fraternal e familiar”, deixando desaparecer todos os vestígios de desentendimentos e conflitos, “... transformando as relações luso-brasileiras em relações de extrema cordialidade...”.⁸⁴

O documento foi bastante difundido através da imprensa em Portugal e no Brasil, o que, em um primeiro momento, sugeriu que o convite português teria sido aceito com bastante entusiasmo tanto pelo governo brasileiro, quanto pela imprensa.

Na *Revista dos Centenários* é possível acompanhar, parcialmente, através dos seus fascículos a repercussão do convite feito ao Brasil, desde a divulgação da “Nota Oficiosa”. Parcialmente, pois, como já referido, a Revista foi um órgão oficial do governo português, cuja função principal era a de divulgar as comemorações do duplo centenário. Ou seja, em suas páginas não havia lugar para críticas às intenções de Salazar.

Contudo, em Portugal muitas foram às críticas feitas aos festejos, como a do jornal comunista *Avante!*, que, impresso ilegalmente, em abril de 1938 trazia em uma de suas primeiras páginas um artigo em resposta à Nota de Salazar: “Salazar, o traidor quer festejar o duplo centenário da fundação e da independência de Portugal”.⁸⁵

Dessa forma, no primeiro número da *Revista dos Centenários* foi publicado o seguinte:

A Nota Oficiosa do Sr. Presidente do Conselho sobre as Comemorações Centenárias teve na Imprensa brasileira um acolhimento mais do que carinhoso, entusiástico.

Grande maioria dos principais diários do país irmão publicaram essa Nota Oficiosa na íntegra, em lugar de destaque, salientando em especial as palavras do Sr. Dr. Oliveira Salazar que se referem à colaboração do Brasil nas Comemorações.⁸⁶

⁸⁴ Luciene Lehmkuhl. *O Café de Portinari na Exposição do Mundo Português: modernidade e tradição na imagem do Estado Novo brasileiro*. Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 73.

⁸⁵ *Avante!*. Série II, nº 78 (2ª semana de abril, 1938).

⁸⁶ *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Nacional dos Centenários, n. 1, jan. 1939. p. 31.

Ao longo dos números da Revista há menção a inúmeros periódicos brasileiros que, através de seus correspondentes em Lisboa, traziam crônicas, referências, comentários, notícias e entrevistas sobre os trabalhos em curso para as Comemorações. Neles também foram reproduzidos alguns textos de periódicos brasileiros, destacando-se o artigo do jornalista A. Alves Barbosa, intitulado “As Comemorações Centenárias de Portugal. O valor de uma Nação”, publicado no *Diário de Pernambuco*, em 14 de março de 1939; e o texto de Gustavo Barroso, “À glória de Portugal”, publicado no semanário *Fon-Fon* de 15 de julho de 1939.⁸⁷

E sabe-se que, além destes artigos extraídos da imprensa brasileira, alguns intelectuais brasileiros foram convidados a publicar textos na *Revista dos Centenários*.

Entretanto, a leitura da documentação mostrou que os acontecimentos em torno da divulgação da “Nota Oficiosa”, não se desencadearam dessa maneira.

A resposta oficial do Presidente do Brasil, Getúlio Vargas, ao convite de Salazar se daria apenas em 17 de junho de 1939, ou seja, quinze meses após a publicação da “Nota Oficiosa”. Na ocasião, Getúlio Vargas proferiu um discurso no Real Gabinete Português de Leitura, em uma sessão solene celebrativa da Ação dos Portugueses do Brasil nas Comemorações Centenárias.

Durante o discurso, Vargas respondeu ao pedido português no mesmo tom que este lhe fora feito: “O Brasil, carinhosamente convidado, comparecerá, e timbra em fazer não como visitante, mas, como membro da família que, embora politicamente separado, permanece fiel ao seu espírito e leal à sua amizade”.⁸⁸

Alguns meses após a publicação da “Nota Oficiosa” de Salazar, em junho de 1938, o Presidente da República Portuguesa, o General Oscar Carmona, convidava, através de um ofício, Getúlio Vargas a visitar oficialmente Portugal durante as Comemorações de 1940⁸⁹. Seria o primeiro Chefe de Estado do Brasil a visitar Portugal e, com certeza, este seria um dos pontos altos dos festejos.

⁸⁷ Cf. Respectivamente: *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Nacional dos Centenários/ Comissão Executiva dos Centenários, n. 4, abr. 1939, p. 24-25; e n. 9, set. 1939, p. 25-26.

⁸⁸ Getúlio Vargas. Discurso pronunciado em 17 de junho de 1939, no Real Gabinete Português de Leitura. *Apud* Lucia Maria Paschoal Guimarães. *À Sombra das Chancelarias: A Preparação do Congresso Luso-Brasileiro de História* (Lisboa, 1940). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: IHGB, a. 168, n.437, p. 49-66, out./dez. 2007. p. 50. É interessante mencionar que estas palavras de Vargas foram gravadas sobre a entrada principal do Pavilhão do Brasil na Exposição do Mundo Português.

⁸⁹ Cf. Oscar Carmona. Ofício de 22 de junho de 1938 a Getúlio Vargas. Arquivo Histórico do Itamaraty. Comemorações e Celebrações: Portugal, Tomo I, Festas Centenárias, 641.7 (88); maço 9884.

Vargas nunca se pronunciaria a este respeito e, em seu lugar, enviou a Portugal, em 1940, uma Embaixada Especial para representar o Brasil nas festividades. O Presidente dessa Embaixada foi o Chefe da Casa Militar, o General Francisco José Pinto.

Mas, quais teriam sido os motivos que levaram Getúlio Vargas há demorar tanto tempo para se pronunciar oficialmente sobre o convite português?

No fundo, com as Comemorações Centenárias Portuguesas, o que estava em jogo era a reaproximação entre os dois países. No caso brasileiro, aceitar o convite, e fazer o Brasil se representar em Portugal em 1940 nos moldes propostos pela “Nota Oficiosa”, significava o restabelecimento de tradições comuns; significava, no Brasil, a necessidade de “despertar o orgulho pela origem lusitana”.⁹⁰

E será que estes aspectos faziam parte dos planos das autoridades brasileiras com relação a Portugal, em 1938?

Em um primeiro momento, a resposta para essa pergunta é não. Haja vista que as relações internacionais entre o Brasil e Portugal passariam por algumas tensões entre agosto de 1938 e abril de 1939.

O motivo seria a política imigratória adotada por Getúlio Vargas através do Decreto-Lei nº 3010, de 20 de agosto de 1938,⁹¹ no qual foram estabelecidas cotas de entrada e permanência de estrangeiros no Brasil, inclusive de portugueses. Sabe-se que neste período o Brasil era o principal destino daqueles que saíam de Portugal e o Decreto fora assinado apenas alguns meses após a publicação da “Nota” de Salazar.

Não obstante, em novembro do mesmo ano, Getúlio Vargas voltaria atrás em sua decisão e excluiria apenas os portugueses de seu decreto antiemigratório. Assim, na sessão de 7 de novembro de 1938 do Conselho de Imigração e Colonização, foram apresentadas sugestões com a finalidade de facilitar e fomentar a imigração portuguesa para o Brasil, “... tomando por base as declarações pouco antes feitas pelo Chefe da Nação ao receber os ministros do Conselho.”⁹²

De acordo com este documento, Getúlio Vargas redefinira as diretrizes a serem aplicadas à nova política brasileira de imigração, dizendo que:

⁹⁰ Cf. Luciene Lehmkuhl. *Op. cit.*, p. 54.

⁹¹ Este Decreto-Lei encontra-se publicado em: *Revista de Imigração e Colonização*. Rio de Janeiro: Conselho de Imigração e Colonização, ano I, n. 1, jan. 1940.

⁹² *Ibidem*. p. 14.

... esta visava concorrer para a solução do problema do aumento da nossa densidade demográfica, tão necessária à economia nacional, mas salientando que tal política deveria ter em vista o sentido da formação histórica da nacionalidade, que é a luso-brasileira.

Justificando as medidas que alvitrava, fez ver o Presidente do Conselho, que, por um lado, Portugal lutava com dificuldade para resolver o problema do excesso de população, e, por outro lado, a imigração portuguesa convinha perfeitamente ao ambiente brasileiro e à progressiva nacionalização do país, visto que ela servia para preservar a sua constituição étnica e seus interesses econômicos.⁹³

Essa questão chegaria ao fim com a adoção da Resolução nº 34, de 22 de abril de 1939, que, aprovada por Vargas, isentava os portugueses de qualquer restrição numérica quanto à sua entrada no Brasil.

Eulália Lobo ao estudar a imigração portuguesa no Brasil, atribuiu essa mudança de posição de Vargas quanto ao caso português a uma possível “... necessidade de reforçar a etnia luso-brasileira em face de estrangeiros de outras nacionalidades, ou por afinidade entre os dois Estados Novos.”⁹⁴

Acredito que neste caso, o convite e a expectativa por parte do governo português quanto à participação do Brasil em seus Centenários tenham sido mais determinantes sobre a mudança de posição adotada por Vargas em sua política imigratória, do que os fatores apontados por Eulália Lobo.

Outro aspecto a ser observado quanto à demora brasileira em aceitar o convite e se organizar para os festejos portugueses reside no fato de que durante as primeiras décadas do século XX, muitos intelectuais brasileiros buscaram construir identidades regionais e/ ou nacionais colocadas em pauta pelas mudanças no panorama internacional e nacional.

Pelo mundo afora, os traumas da Primeira Guerra Mundial desaceleraram o espírito otimista e progressista da *Belle Époque*. Neste mesmo momento, historiadores como Lucien Febvre e Marc Bloch iniciaram o seu combate por uma História disposta a quebrar barreiras disciplinares e a diversificar suportes e temas de pesquisa.

No Brasil, com o advento da República era necessário reescrever a História Nacional desvinculando-a, em um primeiro momento, da tradição imperial e da presença portuguesa durante a Colônia. Além de se tratar de um período de transição quanto aos fundamentos da disciplina histórica e à profissionalização dos que a ela se dedicavam, posto que, a pesquisa e a difusão do conhecimento histórico no Brasil, a

⁹³ *Ibidem.* p. 14.

⁹⁴ Eulália M. L. Lobo. *Imigração portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 175.

partir dos anos 1930, se dará também através dos cursos superiores de História e não mais apenas por meio dos Institutos Históricos, Museus e Academias.⁹⁵

De acordo com Luciene Lehmkuhl, no Brasil, nos anos 1930, o que se buscava era:

... o reordenamento da nação, baseado na construção de uma identidade desvinculada de qualquer outra nação. Assim é que as políticas culturais estadonovistas passaram muito mais pela diluição das nacionalidades que compunham o povo brasileiro, pelo caldeamento das raças e, ainda, pela exaltação de um tipo brasileiro exemplar, advindo da miscigenação e das trocas culturais ocorridas em território brasileiro.⁹⁶

Um projeto completamente diferente do que propunha o caráter historicista das Comemorações Portuguesas, que vinculava o presente a um passado glorioso, no qual o Brasil aparecia apenas como “coadjuvante”⁹⁷, ao lado dos grandes feitos e conquistas de Portugal.

No entanto, Lehmkuhl conclui que: “... a diversidade de pensamento que compunham os projetos de constituição do Estado Novo permitia que se pudesse aceitar e encampar projetos que muitas vezes estavam em desacordo com um pensamento dominante”.⁹⁸

Foi através do álbum de imagens *Pavilhão do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português 1940* que se chegou, pela primeira vez, aos nomes dos membros da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal. Presidida pelo General Francisco José Pinto, a Comissão contou com os seguintes membros⁹⁹:

Quadro 4 – Membros da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal

Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal	
Membro	Função
General Francisco José Pinto	Presidente

⁹⁵ Nos anos 1930 foram criados os primeiros cursos superiores de História, em 1934 na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e na Universidade do Distrito Federal no Rio de Janeiro, em 1935. Sobre este aspecto, cf. Cecília Helena de Salles Oliveira. Como escrever a História? *Estudos Avançados*. São Paulo: v. 21, n. 61, set./ dez, 2007. p. 309-312.

⁹⁶ Luciene Lehmkuhl. *Op. cit.* p. 75.

⁹⁷ *Ibidem.* p. 75.

⁹⁸ *Ibidem.* p. 75.

⁹⁹ *Pavilhão do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português 1940*. Lisboa: Oficinas de Neogravura Limitada, 1941. s.p. De acordo com este álbum, seriam auxiliares da Comissão Brasileira: Luis Marques Poliano, Guy de Holanda, Anibal Marinho de Azevedo, António Aguiar, Arlindo Augusto Teixeira, Eugénia Alves da Silva, Nair de Moraes Carvalho, João Ferreira dos Santos, Joaquim José Monteiro.

Gustavo Barroso	Representação Histórica
Osvaldo Orico	Representação Cultural
Ernesto Jorge Street	Representação dos “Stands”
Armando Navarro da Costa	Representação Artística
Geysa Boscoli	Representação do Departamento Nacional do Cinema
João Maria de Almeida	Secretário Geral e Tesoureiro

Não se sabe quando Getúlio Vargas nomeou a Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal. Contudo, o primeiro contato entre Gustavo Barroso e o General Francisco José Pinto foi em setembro de 1939, o que sugere que a nomeação dos membros da Comissão possa ter acontecido, aproximadamente, nesse período. Segundo Lucia Guimarães, a Comissão Brasileira foi instalada por Vargas, “sob as suas vistas”, no Palácio do Catete¹⁰⁰.

Em junho de 1938, Alberto de Oliveira, presidente da Comissão Nacional dos Centenários de Portugal, comunicava aos membros da Academia Brasileira de Letras, da qual ele era membro correspondente, sobre a realização das comemorações dos centenários da Fundação e da Restauração de Portugal, em 1940.¹⁰¹

Já em outubro do mesmo ano, o presidente da Academia, Antonio Austregésilo Rodrigues Lima, confirmava a participação dos membros dessa instituição no Congresso Luso-Brasileiro de História, designando uma comissão “para indicar o melhor modo de participar a Academia dos trabalhos do referido Congresso de História...”¹⁰². Essa comissão fora composta por Afrânio Peixoto, Pedro Calmon, Rodolfo Garcia e Gustavo Barroso.

Ao mesmo tempo, em 19 de setembro de 1938, Júlio Dantas, Presidente da Comissão de Congressos da Comissão Nacional dos Centenários, encaminhou um ofício ao presidente do IHGB, Manoel Cícero Peregrino da Silva, cujo conteúdo era o seguinte:

¹⁰⁰ Lucia Maria Paschoal Guimarães. À Sombra das Chancelarias: A Preparação do Congresso Luso-Brasileiro de História (Lisboa, 1940). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: IHGB, a. 168, n.437, p. 49-66, out./dez. 2007. p. 57.

¹⁰¹ De acordo com a Ata da 29ª Sessão da Academia Brasileira de Letras, de 28 de junho de 1938. Arquivo dos Acadêmicos.

¹⁰² Ata da 39ª Sessão da Academia Brasileira de Letras, de 6 de outubro de 1938. Arquivo dos Acadêmicos.

... A Comissão dos Congressos e outras solenidades culturais, a que presido, previu a realização em Lisboa, [...] de um Congresso do Mundo Português, em que se fará a síntese histórica das atividades nacionais desde a Fundação até aos nossos dias, e de um Congresso luso-brasileiro de História, no qual serão estudados, [...] , os mais importantes problemas que interessam à história de Portugal e do Brasil durante os três séculos que vivemos em comum.

Seria extremamente agradável à Comissão conhecer a douta opinião de V^a. Ex^a. e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, [...] , acerca da oportunidade e vantagens de semelhante Congresso, e, ao mesmo tempo, assegurar-se da preciosa colaboração dessa coletividade, por tantos títulos ilustres, na organização do Congresso Luso-Brasileiro de História, e na elaboração do respectivo programa, [...].

Dirigiu-se também esta Comissão à Academia Brasileira de Letras acerca da matéria proposta. [...].

Os encargos do Congresso Luso-Brasileiro de História serão exclusivamente suportados pelo Governo Português, que dotou a respectiva Comissão com as verbas necessárias para todas as despesas, incluindo viagens de congressistas, que por nós forem convidados e que serão nossos hóspedes, pagamento de trabalhos aos relatores, etc.¹⁰³

Sobre o interesse português a respeito da participação de intelectuais brasileiros nesta jornada científica, Lúcia Guimarães concluiu que o Estado salazarista desejava intensificar ainda mais a sua política de relações culturais com o Brasil, “... tomando como base a existência de um patrimônio comum, em que a história representava um dos principais esteios, ao lado do idioma e da literatura”.¹⁰⁴

A partir desse momento iniciou-se uma intensa troca de correspondências entre as presidências das Comissões Portuguesas dos Centenários (a Nacional e mais tarde a Executiva), da Academia Brasileira de Letras e do IHGB.

De acordo com esta documentação, durante os últimos meses de 1938, foi instituída uma comissão formada por membros do IHGB e da Academia, à qual ficava encarregada do “... encargo de estudar a cooperação brasileira no futuro Congresso”.¹⁰⁵

E, em ofício de 21 de dezembro desse ano, Júlio Dantas comunicava ao presidente do IHGB a instalação, na sede da Comissão Nacional em Lisboa, de uma comissão, nomeada por ele, destinada a “... se entender com os organismos brasileiros de alta cultura...”, especificamente o IHGB e a Academia, sobre os “trabalhos de estudo” e a organização do Congresso Luso-Brasileiro de História.¹⁰⁶

¹⁰³ Júlio Dantas. Ofício de 19 de setembro de 1938 a Manoel Cícero Peregrino da Silva, Presidente do IHGB. Arquivo do IHGB, Coleção do Instituto Histórico, lata 569; pasta 34.

¹⁰⁴ Lúcia Maria Paschoal Guimarães. *Op. cit.*, 2007. p. 53.

¹⁰⁵ Júlio Dantas. Ofício de 9 de novembro de 1938 a Manoel Cícero Peregrino da Silva, Presidente do IHGB. Arquivo do IHGB, Coleção do Instituto Histórico, lata 569; pasta 34.

¹⁰⁶ Júlio Dantas. Ofício de 21 de dezembro de 1938 a Manoel Cícero Peregrino da Silva, Presidente do IHGB. Arquivo do IHGB, Coleção do Instituto Histórico, lata 569; pasta 34.

A primeira versão oficial do Programa das Comemorações Centenárias foi publicada em maio de 1939 na *Revista dos Centenários*, periódico lançado por Júlio Dantas em janeiro deste ano. Segundo o Programa, a inauguração do Congresso Luso-Brasileiro de História se daria no dia 28 de outubro de 1940. Toda via, sabe-se que a abertura desse Congresso aconteceria apenas em 18 de novembro desse ano.

Em julho de 1939 a Comissão Executiva dos Centenários lançou a programação do Congresso do Mundo Português. De acordo com ela, o Congresso seria realizado nas três cidades universitárias – Coimbra, Porto e Lisboa – e a sua inauguração aconteceria na Assembléia Nacional, no dia 1 de julho de 1940. O Congresso Luso-Brasileiro de História seria a sétima jornada do Congresso do Mundo Português¹⁰⁷ e a sua sessão inaugural se daria na Academia das Ciências de Lisboa, no dia 28 de outubro de 1940, como já informava o programa divulgado em maio.

Os conteúdos programáticos de cada um dos congressos vinham acompanhados por uma pequena introdução de Júlio Dantas, na qual eram descritos os objetivos e os temas a serem abordados em cada jornada. No caso do Congresso Luso-Brasileiro, o recorte temporal estabelecido foi o de 1500 a 1822 e este congresso deveria concentrar “... todos os estudos que digam respeito ao descobrimento, colonização e organização da Nação brasileira...”¹⁰⁸.

Com isso, duas seções estavam previstas para a jornada luso-brasileira:

1ª Secção – Do descobrimento à ocupação da costa

- 1- Descobrimento. As primeiras notícias e a exploração da costa. Necessidades de defesa.
- 2- O plano de D. João III: ensaios e desilusões. A lição da experiência: o Governo Geral.
- 3- A cultura da cana e o recurso à mão-de-obra escrava.
- 4- Fatores econômicos da penetração: as “descidas”; a exploração pecuária; a mineração. Primeiras “bandeiras”.
- 5- Os Jesuítas e a conversão dos índios. Política indígena do Estado e a reação dos colonos.
- 6- Saída dos franceses e dos holandeses. Ocupação de toda a costa.
- 7- Bibliografia.

2ª Secção – O ciclo do Ouro e dos Diamantes

¹⁰⁷ Além do Congresso Luso-Brasileiro de História, o Congresso do Mundo Português contaria com as seguintes jornadas: Congresso da Pré e Proto-História de Portugal; Congresso de Portugal Medieval; Congresso dos Descobrimentos e Colonização; Congresso da Monarquia Dualista e Restauração; Congresso da Restauração ao Constitucionalismo; Congresso do Constitucionalismo à Grande Guerra; Congresso da História da Atividade Científica Portuguesa; e Congresso Colonial. Cf. *Plano Geral. Programas de estudos do Congresso do Mundo Português*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, 1940.

¹⁰⁸ *Ibidem*, p. 10.

- 1- As grandes “bandeiras” e os seus objetivos. A intervenção do Estado e dos governos locais na organização das “bandeiras”.
- 2- A descoberta das minas de ouro. Providências régias sobre exploração mineira; consequências mediatas e imediatas.
- 3- A política externa de Portugal para a defesa da integridade do Brasil. Colônia do Sacramento; tratado de 1750; tratado de Santo Ildefonso.
- 4- A expulsão dos jesuítas e a nova política indígena. As Companhias pombalinas e a economia brasileira.
- 5- A corte no Rio de Janeiro. Reino Unido de Portugal e Brasil. Separação do Brasil.
- 6- Bibliografia.¹⁰⁹

Além dos conteúdos programáticos de cada congresso, a programação trazia ainda as regras para as inscrições dos congressistas e as normas para o envio das comunicações. No caso dos participantes do congresso luso-brasileiro o prazo máximo para a entrega de seus estudos era 31 de dezembro de 1939¹¹⁰.

A este respeito, as mais de 1500 páginas dos três volumes publicados pela Comissão Executiva dos Centenários em 1940, intitulados *Memórias e comunicações apresentadas ao Congresso Luso-Brasileiro de História*¹¹¹, são mais do que suficientes para mostrar que muitos intelectuais brasileiros enviaram a Portugal os seus trabalhos. Entre eles figuravam, Affonso Taunay, Guy de Hollanda, Gustavo Barroso, Basílio de Magalhães, etc.

Contudo, Lúcia Guimarães mostrou que os planos de Júlio Dantas, assim como os dos membros do IHGB e da Academia Brasileira de Letras, referentes ao Congresso Luso-Brasileiro de História, não obtiveram êxito. O Congresso inaugurado em 18 de novembro de 1940 foi um fracasso e dele participaram apenas, segundo a autora, quatro congressistas.

De acordo com a autora, a partir de meados de 1939 as altas esferas do poder no Rio de Janeiro deram sinais de mudança. Após nomear a Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal e instalá-la no Palácio do Catete, Getúlio Vargas baixou o Decreto-lei nº 1565, de 5 de setembro de 1939, no qual era regulamentada “... a

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 16-17.

¹¹⁰ De acordo com uma circular de Júlio Dantas enviado ao IHGB em janeiro de 1940, este prazo foi prorrogado para 30 de abril de 1940. Júlio Dantas. Circular de janeiro de 1940 ao Embaixador José Carlos de Macedo Soares, Presidente do IHGB. Arquivo do IHGB, Coleção do Instituto Histórico, lata 569; pasta 34.

¹¹¹ CONGRESSO DO MUNDO PORTUGUÊS, VII Congresso, 1940, Lisboa. *Memórias e comunicações apresentadas ao Congresso Luso-Brasileiro de história*. Tomos 1, 2 e 3. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários. Secção de Congressos/ Bertrand, 1940. Volumes IX, X e XI.

nomeação de delegados do Brasil a congressos, conferências e reuniões internacionais...”¹¹².

Lucia Guimarães afirmou que estas medidas:

... cerceavam a autonomia das corporações acadêmicas. Melhor dizendo, afastavam-nas do centro decisório, transformando-as em meras coadjuvantes do Itamaraty e da Comissão Brasileira dos Centenários Portugueses, que daí em diante passariam a incumbir-se, oficialmente, de todos os assuntos que se referissem ao conjunto das efemérides portuguesas.

No caso específico do *Congresso*, as deliberações indicavam a intenção do governo brasileiro de opinar na organização do evento. A ingerência, em princípio, afetava a escolha dos congressistas, inclusive os convidados para cumprir funções de destaque.¹¹³

Daí o fato de além da pouca correspondência e de alguns livretos, o IHGB não possuir mais nada que o ligue aos Centenários, e do Presidente da Academia Brasileira de Letras, Celso Vieira, não ter aceitado o convite, feito a ele por Júlio Dantas, de presidir uma das seções do Congresso Luso-Brasileiro, alegando como desculpas as circunstâncias internacionais, ou seja, a guerra que se expandia pela Europa.¹¹⁴

Aliás, parece ter sido esta a desculpa oficial adotada pelo governo brasileiro. Lúcia Guimarães ao relatar que o Itamaraty, tentando “corrigir o *imbróglio*” da participação brasileira no Congresso Luso-Brasileiro de História, cogitou uma possível participação do Ministro Oswaldo Aranha na seção inaugural do Congresso, fato que teria levado os dirigentes portugueses a protelarem o início do evento, alegou que o ministro não saiu do Brasil por conta da “anormalidade da situação internacional”.¹¹⁵

Esta também é a justificativa encontrada nas obras de Pizarro Loureiro e Antonio da Silva Rego, quanto ao não comparecimento por parte de Getúlio Vargas nos festejos lusitanos. Pizarro Loureiro afirmou que “a guerra, porem, tornou impraticável a viagem e impossível a visita do Presidente Getulio Vargas”¹¹⁶. E Silva Rego escreveu que “a guerra, a II Grande Guerra que em 10 de maio de 1940 alastrou

¹¹² Lucia Maria Paschoal Guimarães. *Op. cit.*, 2007. p. 57.

¹¹³ *Ibidem*, p. 58.

¹¹⁴ De acordo com a Ata da Academia Brasileira de Letras de 17 de outubro de 1940. Arquivo dos Acadêmicos.

¹¹⁵ Lucia Maria Paschoal Guimarães. *Op. cit.*, 2007. p. 65.

¹¹⁶ Pizarro Loureiro. *Op. cit.* p. 149. É preciso notar que esta obra foi impressa em 1941, ou seja, logo após os festejos portugueses e no mesmo ano em que Salazar enviou uma embaixada especial ao Brasil. Trata-se de uma ode ao presidente Getúlio Vargas.

devastadoramente pela Europa fora, impediu a materialização desta brilhante esperança”¹¹⁷.

Segundo Lucia Guimarães o mais importante para o governo brasileiro seria a participação na Exposição do Mundo Português, daí o descaso para com o Congresso Luso-Brasileiro de História. A autora aponta que em 23 de outubro, na véspera do Congresso que até então aconteceria em 11 de novembro, foram nomeados, a pedido do General Francisco José Pinto, os representantes dessa jornada científica que embarcariam para Portugal juntamente com o ministro Oswaldo Aranha. Como se sabe isso não chegou a acontecer.

É consenso entre os autores que se debruçaram sobre os eventos de 1940 o fato da Exposição Histórica do Mundo Português ser reconhecida como o “... expoente máximo das Comemorações do Duplo Centenário...”¹¹⁸ e como a “... celebração magna do Estado Novo salazarista...”¹¹⁹. Com ares das grandes feiras internacionais ela é, até os dias de hoje, considerada a de maior vulto já realizada em território português.

O Brasil foi o único Estado estrangeiro a possuir um pavilhão próprio na Exposição. Este se localizou na Seção Histórica que compunha o corpo central da Exposição e comportava, além do Pavilhão do Brasil, o da Fundação; os da Formação e Conquista; o da Independência; o dos Descobrimentos; o de Lisboa; e o dos Portugueses no Mundo. A Seção Histórica era a maior e mais importante da Exposição de 1940, que ainda contava com a Seção de Etnografia Metropolitana; a Seção de Etnografia Colonial; e a Seção formada por pavilhões de informação, restaurantes, jardins, parque de diversões, etc.¹²⁰

Ao Brasil não coube apenas o espaço do pavilhão que levava seu nome. Em uma ala do Pavilhão dos Portugueses no Mundo foi organizada a Exposição do Brasil Colonial, a grande responsável pela convocação de Gustavo Barroso para as festividades. E objeto principal deste trabalho.

Foi em 19 de setembro de 1939 o primeiro contato, através de um ofício, entre o General Francisco José Pinto e Gustavo Barroso, no qual o então diretor do Museu Histórico Nacional era designado, pelo presidente da Comissão Brasileira dos

¹¹⁷ Antonio Silva Rego. *Op. cit.* p. 59.

¹¹⁸ Inês Felgueiras. 1940 a Exposição do Mundo Português. *Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, nº 6 (abril), p. 38-44, 1991. p. 38

¹¹⁹ Rui Afonso Santos. A Exposição do Mundo Português. *Celebração Magna do Estado Novo Salazarista*. In: MÁRIO NOVAIS. EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS 1940. Lisboa: Arquivo de Arte do Serviço de Belas Artes; Fundação Calouste Gulbenkian, 1998. Catálogo de exposição. p. 57.

¹²⁰ Inês Felgueiras. *Op. cit.*, p. 39.

Centenários de Portugal, “... para o fim de ficardes encarregado da parte do programa relativa à nossa história”¹²¹. Função que Gustavo Barroso aceitou prontamente.

O programa ao qual José Pinto se refere neste ofício foi aprovado por Getúlio Vargas e publicado em julho de 1939 pela *Revista dos Centenários*. Sendo que, outra versão dele, um pouco mais detalhada e assinada por José Pinto, seria impressa neste periódico em novembro do mesmo ano.¹²²

Ele foi elaborado de acordo com as “Bases de um programa de participação do Brasil nas Comemorações Centenárias Portuguesas de 1940”¹²³. Estas, apresentadas por Heitor Lyra ao Ministério das Relações Exteriores em abril de 1939, além de privilegiarem a participação do Brasil na Exposição do Mundo Português, previam, entre outras coisas, a construção de um pavilhão brasileiro nesta Exposição; a organização de uma exposição na qual o foco estaria voltado para a História e a Geografia comum aos dois países; a elaboração de livros memórias e estudos sobre a colaboração brasileira na História comum aos dois países; e o envio de uma delegação para Portugal.

Dessa maneira, no programa, quase todo voltado para a participação do Brasil na Exposição do Mundo Português, fora estabelecido que nesta Exposição à colaboração brasileira compreenderia duas seções, uma no Pavilhão dos Portugueses no Mundo dedicada ao “Brasil Colonial”; e a outra, no Pavilhão do Brasil, voltada para o “Brasil Independente”.

Com temas bastante próximos aos do conteúdo programático do Congresso Luso-Brasileiro de História, no programa estavam previstos:

1. – A representação do Brasil compreenderá duas seções:

I – Pavilhão Brasileiro na Exposição do Mundo Português.

II – Pavilhão do Brasil Independente.

I – PAVILHÃO DO MUNDO PORTUGUÊS:

a) – Exposição etnográfica, relativa ao índio. Juntamente deverá ser apresentada a obra de catequese nos tempos contemporâneos, com uma exibição missionária e dos trabalhos da Comissão Rondon.

¹²¹ Francisco José Pinto. Ofício de 19 de setembro de 1939 a Gustavo Barroso. Arquivo Institucional do MHN.

¹²² Cf., respectivamente: *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, n. 7, jul. 1939, p. 30; n. 11, nov. 1939, p. 29-30.

¹²³ *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, n. 6, jun. 1939, p. 29.

- b) – Exposição de uma coleção de armas usadas no Brasil, pelo colono, desde as primitivas; mapa das primeiras fortificações, alguns canhões históricos, etc. Coleção de moedas do Brasil colônia.
- c) – O bandeirismo paulista e o recuo do Meridiano.
- d) - Vistas de cidades e monumentos coloniais, bem como de peças de mobiliário antigo. Fachadas e retábulos de igrejas. Obras do Aleijadinho e de outros artistas coloniais.
- e) - Retratos das figuras mais ilustres do período colonial e painéis decorativos dos principais fatos militares da colônia (Guerras holandesas, Invasões francesas, etc.).
- f) - Exposição do Museu Histórico, do Museu do Ipiranga e do Instituto Histórico, sobre assuntos coloniais.

II – PAVILHÃO DO BRASIL INDEPENDENTE:

- a) - Inconfidência mineira - Retratos e episódios.
- b) - D. João VI e os estadistas da sua época - Iconografia. Grande tela com o retrato do Visconde de Cairú.
- c) - D. Pedro I e a Independência.
- d) - O reinado de Pedro II - Guerra do Paraguai e Campanha do Prata - Iconografia.
- e) - A Abolição e a República - Iconografia.

Período Contemporâneo

- a) – Saneamento e Saúde Pública – Exposição retrospectiva – Mapas, fotografias, gráficos e maquetes.
- b) – Instrução Pública – Mapas, fotografias, gráficos e maquetes.
- c) – Resumo histórico e Estatísticas – Ensino e atividades – Exposição de pintura e escultura – Exposição do Livro Brasileiro.

Transportes e comunicações

- a) – Gráficos, fotografias e maquetes – Mapas das Estradas de Ferro e de rodagem e linhas aéreas. Obras contra as secas. Portos e Navegação.
- b) – Exposição dos Correios e Telégrafos – Mapas e demonstrativos. T. S. F.

Agricultura e Produção Mineral

- a) – Fotografias de regiões colonizáveis. Os currais gaúchos. Os cafezais de S. Paulo. Algodoeiros e culturas principais. Casas de colonos, etc. Cana de açúcar. Lavouras e Engenhos. O Trigo no Brasil. A laranja. A borracha. O Cacau e as sementes oleaginosas.
- b) – Riquezas minerais do Brasil. Mostruários e Estatísticas.
- c) – O petróleo e o carvão de pedra. O ferro. O manganês. O níquel. O ouro.
- d) – O comércio interior e exterior.
- e) – A organização do trabalho e a assistência social. Gráficos, mapas e fotografias.

2. – Além da exibição dos filmes preparados pelo D. N. P., deverão os Estados, para o mesmo fim, remeter seus próprios filmes demonstrativos da ação civilizadora e da organização do trabalho, bem como serão distribuídas publicações elucidativas da expansão e progresso do Brasil nos últimos dez anos.

3. – O Brasil oferecerá a Portugal a cópia da estátua de Pedro Álvares Cabral, do artista Bernardelli, que se acha colocada na praça da Glória, no Rio de Janeiro.
4. – Pelos Ministérios Militares serão oferecidas às instituições militares de Portugal bustos e painéis em bronze, representando vultos e episódios da História do Brasil.
5. – Uma divisão de navios de guerra irá a Lisboa em época oportuna.
6. – O Ministério das relações Exteriores enviará representações especiais aos congressos históricos e científicos e, eventualmente, a comitiva que deverá acompanhar S. Ex.^a o Sr. Presidente da República, caso S. Ex.^a decida comparecer pessoalmente às cerimônias de 1940, em data que for prefixada.¹²⁴

Como no caso do Congresso Luso-Brasileiro, aqui o maior destaque também fora dado à exposição que abordaria a História Colonial do Brasil. Até porque, como já visto, nas “Bases do Programa da Participação Brasileira nas Comemorações Centenárias” o enfoque era para a História comum aos dois países, ou seja, a História Colonial do Brasil.

O restante do conteúdo deste programa, como pode ser observado, destinou-se ao Pavilhão do Brasil que, nas palavras de Omar Ribeiro Thomaz, “*grosso modo*, enfatizava a modernidade e o dinamismo da jovem nação”.¹²⁵ O Pavilhão do Brasil será abordado no Capítulo 2 deste trabalho.

Apenas em seu último item foi mencionado o envio a Portugal de representantes para os congressos históricos e científicos, por parte do Ministério das Relações Exteriores. Fato que confirma a afirmação de Lucia Guimarães sobre a maior atenção destinada pelas autoridades brasileiras à Exposição do Mundo Português.

No programa há ainda a menção de exposições de três instituições: Museu Histórico [Nacional], Museu do Ipiranga e Instituto Histórico. De onde se é possível inferir que a Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal contava com os acervos destas instituições para a representação do Brasil na Exposição do Mundo Português. Porém, na correspondência trocada entre o General Francisco José Pinto e Gustavo Barroso, nota-se uma relutância por parte de Barroso no que se refere ao uso dos acervos destes outros institutos.

Barroso, ao responder a um ofício de José Pinto, dizia o seguinte:

Tendo V. Ex. me designado para organizar elementos para a Exposição Histórica do Brasil nos Pavilhões dos Centenários de Portugal em 1940, passo as mãos de V. Ex. a lista dos quadros, armas, desenhos, aquarelas e demais

¹²⁴ *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, n. 11, nov. 1939. p. 29-30.

¹²⁵ Omar Ribeiro Thomaz. *Ecos do Atlântico Sul*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Fapesp, 2002. p. 260.

objetos que devem figurar na mesma e que o Museu Histórico pode fornecer. A referida lista está organizada de acordo com os itens do programa da Comissão que em boa hora V. Ex. superintende. Ela formará a base do Catálogo descritivo e comentado, que já estou preparando e, segundo creio, será um volume interessante sobre nosso passado.

Como V. Ex. verá por essa lista, pouco adiantará à referida Exposição o material do Instituto Histórico e do Museu do Ipiranga. Em todo caso, oportunamente me entenderei com a direção dessas duas notáveis Instituições Nacionais para completarem a coleção a expor, a primeira com mapas de antigas fortificações e a segunda com algumas relíquias do Bandeirantismo.¹²⁶

Ao longo da pesquisa, através da documentação levantada, pode-se averiguar que Gustavo Barroso não entrou em contato com o Museu Paulista (do Ipiranga) e tão pouco foi encontrado algum contato dele ou da Comissão Brasileira dos Centenários com o IHGB sobre o empréstimo de alguma unidade do acervo do Instituto que figuraria na Exposição Histórica do Brasil em Portugal.

Porém, descobriu-se que o Museu Paulista enviou parte significativa de seu acervo a Lisboa, em 1940. Em novembro de 1939, o General Francisco José Pinto enviou ao Museu um delegado, Armando Navarro da Costa, com a finalidade de selecionar pinturas históricas que ajudariam a compor a Exposição Colonial do Brasil no Pavilhão dos Portugueses no Mundo.

A princípio, por conta dessa documentação encontrada no Museu Paulista, acreditou-se que Taunay seria um dos delegados enviados por Vargas a Portugal em 1940. Havia indícios de que ele estaria envolvido, de alguma maneira, na organização da Exposição Colonial do Brasil, que fora concebida para a participação brasileira na Exposição do Mundo Português.

Porém, a partir de trabalhos como o de Lúcia Guimarães e com base na documentação, se concluiu que Affonso Taunay não teve participação efetiva nas Comemorações Centenárias Portuguesas. A sua contribuição teria se restringido ao fato de, como diretor do Museu Paulista, permitir o empréstimo à Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal de telas do Museu que figuraram na Exposição Colonial do Brasil em Lisboa; e, como membro do IHGB e da Academia Brasileira de Letras, ao envio de um texto para o Congresso Luso-Brasileiro de História.

As telas do Museu Paulista foram selecionadas e em conjunto com peças do acervo do Museu Histórico Nacional, de onde proveio a grande maioria do material

¹²⁶ Gustavo Barroso. Ofício de 1939 ao General Francisco José Pinto. Arquivo Institucional do MHN. Os grifos são nossos.

exposto em Lisboa, compuseram o ambiente destinado à História do Brasil na Exposição do Mundo Português.

Gustavo Barroso em nenhum momento mencionou o fato de outra instituição, além do Museu Histórico Nacional, ter contribuído com a Exposição preparada por ele em Portugal. O Diretor do Museu Histórico Nacional não fez alusão ao acervo emprestado por Affonso Taunay nem no catálogo¹²⁷ que organizou especialmente para a Exposição, no qual listou minuciosamente os objetos que seriam expostos em Lisboa.

Foi através do álbum de imagens *Pavilhão do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português 1940*¹²⁸ (acredita-se que este álbum também tenha sido organizado por Gustavo Barroso), que se pôde ter uma visão do farto material exposto na Exposição do Brasil Colonial, posto que, nele foram publicadas fotografias dos interiores do Pavilhão do Brasil e da Exposição do Brasil Colonial no Pavilhão dos Portugueses no Mundo.

Assim, pôde-se verificar realmente a presença das telas do Museu Paulista em Portugal. E a importância delas para a Exposição, já que compuseram a grande maioria das pinturas expostas. Neste álbum também não há menção ao acervo paulista e só foi possível identificá-lo pelo conhecimento que obtenho sobre ele, haja vista que desde 2005 desenvolvo atividades de pesquisa junto a este Museu.

Como visto, foi em novembro de 1939 que Gustavo Barroso recebeu a incumbência de organizar o material histórico que seria exposto em Lisboa, em 1940. Para isso, ele contou com uma verba de cinquenta contos de réis, que lhe fora fornecida pelo governo brasileiro em duas parcelas de vinte cinco contos.¹²⁹

De acordo com o próprio Barroso, essa quantia foi usada para emoldurar desenhos e aquarelas do Museu Histórico Nacional, no restauro de quadros, na compra de manequins, pedestais e vitrinas que comporiam a Exposição em Portugal.

O material selecionado estava pronto para o embarque em janeiro de 1940. Durante o processo de seleção, classificação, catalogação e acondicionamento dos

¹²⁷ Gustavo Barroso (Org.). *Pavilhão do Mundo Português e Pavilhão do Brasil Independente. Exposição do Museu Histórico Nacional: catálogo descritivo e comentado*. Rio de Janeiro: Comissão Brasileira dos Centenários, 1940.

¹²⁸ *Pavilhão do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português 1940. Op. cit. s.p.*

¹²⁹ Esta quantia foi fornecida a Gustavo Barroso, de acordo com o Decreto-Lei nº 1410, de 11 de julho de 1939, no qual a presidência do Brasil, através do Ministério das Relações Exteriores, abriu um crédito especial de três mil contos de réis “... para despesas com a representação do Brasil nas comemorações centenárias de Portugal”. Brasil. Decreto-lei nº 1410, de 11 de julho de 1939. *Coleção das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil* de 1939, volume VI, julho-setembro de 1940. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/internet/InfDoc/novoconteudo/legislacao/república/Leis1939vVI.550p/pdf01.pdf>>. Acesso em 15 de dezembro de 2008.

objetos, Gustavo Barroso contou com a ajuda constante de Nair de Moraes Carvalho, conservadora do Museu e seu braço direito ao longo dos anos em que esteve à frente dessa instituição.

Barroso, após a seleção do material e enquanto ainda se encontrava no Brasil, organizou um catálogo descritivo e comentado no qual estavam listados todos os objetos, do Museu Histórico Nacional, que seriam levados a Lisboa. Impresso no Brasil, “dele foram distribuídos ao público e a instituições literárias, artísticas e científicas [do Brasil e de Portugal] cinco mil exemplares”¹³⁰.

Em abril de 1940, Barroso foi nomeado delegado adjunto do Brasil às Comemorações dos Centenários de Portugal e como seus auxiliares técnicos para esta jornada foram indicados Luiz Marques Poliano e Nair de Moraes Carvalho, ambos conservadores do Museu Histórico Nacional.

Gustavo Barroso, juntamente com seus auxiliares e com o material reunido por ele para a Exposição Histórica do Brasil, partiu rumo a Lisboa em 1º de maio de 1940, chegando a esta capital em 24 do mesmo mês, com uma semana de atraso, pois, o pacote brasileiro no qual viajavam ficou detido pelos franceses no porto de Casa Blanca.

Os outros representantes brasileiros enviados a Lisboa seriam os membros da Embaixada Especial do Brasil às Comemorações Centenárias de Portugal, que tiveram a missão de representar o Presidente Getúlio Vargas nas festividades de 1940. Nomeados por decretos de 4 e 6 de abril de 1940, os membros dessa Embaixada foram:

Quadro 5 – Membros da Embaixada Especial do Brasil às Comemorações Centenárias de Portugal

Membros da Embaixada Especial do Brasil às Comemorações Centenárias de Portugal	
Membro	Cargo na Embaixada
General de Divisão Francisco José Pinto	Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário (Presidente da Embaixada)
Edmundo da Luz Pinto	Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário

¹³⁰ *Relatório do MHN referente ao ano de 1941. Apresentado ao Sr. Ministro da Educação e Saúde pelo diretor do MHN Dr. Gustavo Barroso. Arquivo Institucional do MHN.*

Olegário Mariano	Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário
Caio de Mello Franco	Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário
Capitão de Mar e Guerra Rodolpho Fróes da Fonseca	Representante da Marinha
Tenente-Coronel Tristão de Alencar Araripe	Representante do Exército
Major Francisco Affonso de Carvalho	Representante do Exército
Capitão de Corveta Augusto do Amaral Peixoto Júnior	Representante da Marinha
J. E. de Sousa Freitas	Secretário
José Júlio Galliez	Secretário
Capitão Euclides Fleury	Assistente militar
Hugo de Macedo	Adido

Com exceção do Capitão de Corveta Augusto do Amaral Peixoto, genro de Getúlio Vargas que se encontrava em missão oficial na Itália, de onde se juntaria, com sua esposa Alzira Vargas do Amaral Peixoto, aos demais membros em Lisboa, a Embaixada Especial partiu do Rio de Janeiro em 9 de maio de 1940, a bordo do vapor italiano *Oceania*. Segundo o General Francisco José Pinto, no dia seguinte ao embarque dos representantes brasileiros, “... recebia-se a bordo a notícia surpreendente e consternante da invasão da Holanda e da Bélgica pela Alemanha. Esse acontecimento e os que se lhe seguiram determinaram um certo estado de desassossego durante toda a viagem”.¹³¹

A Embaixada chegou a Lisboa em 20 de maio e foi recebida “com brilho excepcional”:

No cais estava formada uma guarda de honra composta de uma companhia de Marinha e um “castelo” da “Mocidade portuguesa”. Fizeram-se representar no desembarque o Presidente da República e todas as altas autoridades. Estavam presentes o pessoal da Embaixada e do Consulado geral do Brasil e muitas

¹³¹ Francisco José Pinto. *Relatório*. Rio de Janeiro: Embaixada do Brasil às Comemorações Centenárias de Portugal, out. 1940. Arquivo Histórico do Itamaraty. p. 2.

peças de destaque portuguesas e brasileiras. Grande multidão ocorreu a dar à Embaixada Especial uma acolhida entusiástica e carinhosa.¹³²

Figura 4 – Chegada a Lisboa da Embaixada Especial do Brasil às Comemorações Centenárias¹³³

É importante deixar claro que Gustavo Barroso não foi a Portugal apenas como delegado adjunto do Brasil às Comemorações Portuguesas. Mais sim, também, como membro da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal.

A maior parte dos membros da Embaixada Especial enviada por Vargas permaneceria em Portugal por cerca de dois meses: em 21 de julho, uma primeira leva da Embaixada embarcaria rumo ao Brasil; e o General Francisco José Pinto partiria de Lisboa em meados de agosto. Osvaldo Orico e Gustavo Barroso permaneceriam em solo europeu por mais tempo: Orico, pelo menos, até o encerramento das festividades em 2 de dezembro de 1940; e Barroso desembarcaria no Brasil apenas em 21 de fevereiro de 1941.

Estes dois estiveram presentes em quase todas as solenidades dos festejos portugueses de 1940, do seu início em 2 de junho ao seu fim em 2 de dezembro. Viajaram por todo o país, foram apresentados a autoridades como o General Carmona e a Oliveira Salazar, estiveram na seção de abertura do Congresso Luso-Brasileiro de História, entre muitos outros acontecimentos.

¹³² *Ibidem.* p. 2-3. É preciso mencionar que a participação da Embaixada Especial do Brasil nos Centenários Portugueses de 1940, foi tema de um estudo recente de Celine Gomes da Silva Blotta. *A presença brasileira nas Comemorações Centenárias de Portugal*. Rio de Janeiro, 2009. Dissertação (História Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

¹³³ *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, n. 18, jun. 1940. p. 13.

Os resultados de suas experiências em Portugal foram publicados em dois livros: de Osvaldo Orico, *À Sombra dos Jerônimos: Diário de Uma Viagem ao Portugal de Oito Séculos*, impresso em Lisboa em 1940; e de Gustavo Barroso, *Portugal Semente de Impérios*, impresso no Rio de Janeiro apenas em 1943¹³⁴. Obras fundamentais para o estudo da participação do Brasil nas festas Centenárias Portuguesas de 1940. Curiosamente, em momento algum nestas obras um autor mencionou o outro.

A Exposição do Mundo Português foi inaugurada com toda a pompa e circunstância na presença das mais altas personalidades, às margens do Tejo, em Belém, a 23 de junho de 1940. Nesta data alguns pavilhões encontravam-se ainda em fase de acabamento, como o do Brasil que seria inaugurado em 20 de julho e a própria exposição organizada por Barroso no Pavilhão dos Portugueses no Mundo, inaugurada, segundo Barroso, em 27 de julho.

Embora o Pavilhão do Brasil não seja o foco deste trabalho, a ele ficaram reservados os seguintes estandes nos quais foram expostos produtos, serviços e estatísticas: do Livro; da Imprensa; da Educação; da Viação e Geografia; da Saúde e Assistência; e da Aviação. Nele ainda havia uma sala de leitura e respectiva biblioteca, uma cafeteria, um diorama da cidade do Rio de Janeiro, galerias com quadros e obras de arte e uma sala de projeções na qual eram exibidos documentários e filmes sobre o Brasil.¹³⁵

Ao contrário do que fora estabelecido no Programa da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal, a exposição dedicada à História do Brasil Independente não aconteceria neste Pavilhão. Esta se daria no Pavilhão dos Portugueses no Mundo, juntamente com a Exposição do Brasil Colonial. Foi difícil perceber este fato, já que a documentação é confusa e ele não foi notado pela maioria dos autores que estudaram a participação brasileira nos Centenários Portugueses.

Chegou-se a esta conclusão após leitura e comparação incessantes das fontes, principalmente do álbum *Pavilhão do Brasil* e dos textos escritos por Gustavo Barroso. Assim, se reproduz aqui o único fragmento de texto no qual está claro que as duas exposições, do Brasil Colonial e a dedicada ao Brasil Independente, ocuparam o mesmo espaço. Trata-se de um relatório escrito por Gustavo Barroso no início de 1942. Nele, o autor ao descrever a Exposição do Brasil Colonial, menciona o seguinte:

¹³⁴ Osvaldo Orico. *À Sombra dos Jerônimos: Diário de Uma Viagem ao Portugal de Oito Séculos*. Lisboa: Imprensa Portugal-Brasil, 1940. Gustavo Barroso. *Portugal Semente de Impérios*. Rio de Janeiro: Getulio Costa, 1943.

¹³⁵ Cf. *Pavilhão do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português 1940*. Op. cit. s.p.

Para a exposição desses objetos, o Comissariado da Exposição do Mundo Português pôs à disposição do nosso país uma ala do Pavilhão dos Portugueses no Mundo composta de um vestíbulo, uma sala e um grande salão, fora as dependências de serviço. Fez-se nesse grande espaço notável obra de adaptação. Decorou-se o vestíbulo, arrumou-se na sala a exposição do Brasil Independente, abarcando os dois Reinados e a República, e reservou-se o grande salão para a época colonial. Na sua rotunda central ergueu-se uma árvore simbólica e decorativa representando a formação estrutural do Brasil saindo da formação de Portugal, verdadeira árvore genealógica da raça.¹³⁶

Através deste trecho é possível perceber, também, o maior destaque dado à ala que abordava a História Colonial do Brasil, já que o “grande salão” fora reservado a ela. Enquanto a exposição do Brasil Independente ficou restrita a uma sala, o “grande salão” foi dividido em 6 salas:

... Por meio de paredes de pequena altura com sancas iluminadas, dividiu-se aquele espaço [...] em 6 salas: Sala dos Canhões, Sala dos Uniformes, Sala do Século XVII, Sala do Século XVIII, Sala Militar, Sala da Árvore Portugal – Brasil, nelas se dispoñdo convenientemente o material levado do Brasil. No alto das paredes colocaram-se brasões heráldicos, iluminados, dos Vice-Reis e os nomes dos Governadores Gerais. Verdadeira síntese de nossa história colonial.¹³⁷

A Exposição do Brasil Colonial foi inaugurada em 27 de julho de 1940 com a presença de altas autoridades portuguesas, sendo encerrada em 2 de dezembro deste ano, juntamente com as festas centenárias. Uma semana após o seu encerramento tiveram início os trabalhos de “desarrumação e encaixotamento”¹³⁸ do material exposto, nos quais Barroso contou com a dedicação de seus dois auxiliares, Luiz Marques Poliano e Nair de Moraes Carvalho.

Gustavo Barroso regressaria de Portugal em fevereiro de 1941¹³⁹, trazendo consigo os seus auxiliares e o material que lhe fora confiado.

De acordo com Barroso, o material do Museu Histórico Nacional:

... foi transportado para Lisboa, exposto e reconduzido ao Rio de Janeiro com tal cuidado que se não extraviou uma peça nem se danificou coisa alguma. Todo o serviço de organização e embalagem, aqui e em Portugal, bem como a

¹³⁶ *Relatório do MHN referente ao ano de 1941. Op. cit. p. 4.* Os grifos são nossos.

¹³⁷ *Ibidem.* p. 4. Grifo nosso.

¹³⁸ *Ibidem.* p. 5.

¹³⁹ Edgar de Araujo Romero, conservador do Museu Histórico Nacional e chefe de sua Seção de Numismática, substituiu Gustavo Barroso na direção do Museu durante o período que Barroso esteve na Europa.

arrumação e desmonte, se fez de acordo com os preceitos técnicos. E as coleções voltaram acrescidas de dádivas preciosas feitas pelos portugueses, bem impressionados pelo conjunto e particularidades da Exposição Brasileira, entre as quais releva notar o grande quadro “Batalha dos Guararapes”, tela do século XVIII, doada pelo benemérito Sr. Albino de Souza Cruz, e os magníficos retratos a óleo do barão e da baronesa de Taquari, doados pelos seus descendentes.¹⁴⁰

Sobre os objetos expostos em Portugal, em relatório de janeiro de 1942, Gustavo Barroso ainda não mencionava as telas emprestadas pelo Museu Paulista.¹⁴¹

Neste ano seria publicado o primeiro volume dos *Anais do Museu Histórico Nacional* no qual há um texto de Barroso sobre a sua participação nos Centenários Portugueses de 1940¹⁴². A publicação deste periódico estava prevista desde 1922, quando da fundação do Museu, no entanto, ela só aconteceria em 1942 por meio de financiamento do governo federal.

As atividades de Gustavo Barroso em Portugal durante 1940 lhe renderiam dois livros, *Portugal Semente de Impérios* e *Salazar o Chefe Cristão*, que ele encontraria muita dificuldade para publicar.

Talvez a dificuldade encontrada por ele possa ser compreendida através do que apontou Maria Luiza Tucci Carneiro sobre o fato de após 1938 as obras de autores integralistas passarem a fazer parte da lista dos livros proibidos e visados pelo DEOPS. Em uma lista de livros proibidos, constam duas obras de Gustavo Barroso e um livro intitulado *Oliveira Salazar, o Homem e o Ditador* de Armando D’Aguiar, estas obras foram proibidas em Bauru (SP), em 1938.¹⁴³

Dessa maneira, *Portugal Semente de Impérios*, um livro cheio de elogios a Oliveira Salazar, seria impresso por Getúlio Costa, antigo sócio de Gustavo Barroso na Editora Civilização Brasileira, apenas em 1943¹⁴⁴, após ter sido recusado pelo diretor da Imprensa Nacional, Rubens Costa, em 1942. E *Salazar o Chefe Cristão* nunca chegaria a ser publicado.

¹⁴⁰ Gustavo Barroso. A Exposição Histórica do Brasil em Portugal e seu Catálogo. *Anais do Museu Histórico Nacional*. (vol. 1, 1940). Rio de Janeiro: MHN; Imprensa Nacional, 1942. p. 235-246, 1942. p. 235.

¹⁴¹ Relatório do MHN referente ao ano de 1941. *Op. cit.*

¹⁴² Gustavo Barroso. *Op. cit.* 1942.

¹⁴³ Cf., Maria Luiza Tucci Carneiro (Org.). *Livros proibidos, idéias malditas: o DEOPS e as minorias silenciadas*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. p. 101.

¹⁴⁴ De acordo com Laurence Hallewell, a Editora Civilização Brasileira foi fundada por Getúlio Costa, Ribeiro Couto e Gustavo Barroso, 1929. Em 1932, esta editora foi adquirida por Octalles Marcondes Ferreira, sócio de Monteiro Lobato, e passou a ser a filial da Companhia Editora Nacional no Rio de Janeiro. Getúlio Costa retornaria a atividade editorial sozinho em 1939, com a Editora Getúlio Costa. Laurence Hallewell. *O Livro no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2005. p. 355.

2. A Exposição do Mundo Português: “Cidade Histórica de Portugal”

2.1. “Ignorando o apetite do monstro”: uma Exposição em plena Guerra

Na evocativa paisagem de Belém, à sombra dos Jerônimos, junto do Tejo – que foi a grande estrada da nossa civilização -, ergue-se a “Cidade Histórica” de Portugal. Comemorando as datas sagradas da Fundação e da Independência, essa “Cidade” simbólica será, no meio das sombras da tormenta do Mundo atual, o documento da consciência nacional e da fé com que, forte no passado glorioso que celebra, a Pátria afirma a certeza inabalável do Futuro!¹⁴⁵

A Exposição Histórica do Mundo Português foi inaugurada em 23 de junho de 1940, nos terrenos de Belém, em Lisboa, entre o Mosteiro dos Jerônimos e o Rio Tejo – “a epopéia em pedra e o poema de prata dos Descobrimentos”¹⁴⁶, como escreveu Augusto de Castro. Para completar o cenário, delimitavam-na, em largura, a Torre de Belém a poente e a Praça Afonso de Albuquerque a nascente.

Figura 5 – Convidados na Inauguração da Exposição do Mundo Português¹⁴⁷

No dia anterior, a França sucumbia definitivamente aos nazistas com a assinatura do armistício, por Pétain, com a Alemanha.

¹⁴⁵ Augusto de Castro. A exposição do Mundo Português 1940. In: *Colóquio Artes*: “Dossier” dos Anos 40 em Portugal. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Número 48, 2ª Série, 23º Ano, p. 10-13, mar. 1981. p. 13.

¹⁴⁶ Augusto de Castro. In: *Comemorações Centenárias. Programa Oficial 1940*. Lisboa: Secção de Propaganda e Recepção, 1940. s.p..

¹⁴⁷ *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, n. 19/ 20, jul./ ago. 1940. p.13.

Os textos e os discursos oficiais faziam menção a esta situação, como no seguinte trecho do texto do Comissário Geral da Exposição, Augusto de Castro, publicado no *Roteiro da Exposição do Mundo Português*:

Veio a guerra surpreender-nos na realização desta grandiosa manifestação nacional. E ao Governo impôs-se a decisão de continuar ou suspender os trabalhos. Foi adotada a resolução de prosseguir e realizar as festas comemorativas, e entre elas a Exposição, nas datas fixadas, apenas com as modificações impostas, quer moral, quer materialmente, pelas apreensões e pelas restrições que a imensa tragédia europeia implica, mesmo nos países afastados geograficamente e, até certo ponto, politicamente, da conflagração.¹⁴⁸

Aqui, Augusto de Castro apontou o conflito na Europa como o principal responsável pelas alterações das datas fixadas para os festejos de 1940. Fato que ocorreu com a própria Exposição que teve a data de sua inauguração adiada, pelo menos, duas vezes. No início das obras, em 15 de fevereiro de 1939, a previsão para a sua inauguração era maio de 1940. Data que já aparecia alterada para 15 de junho de 1940 na primeira versão do programa oficial de 5 de maio de 1939.

A Guerra também foi aludida no discurso do Ministro de Obras Públicas e Comunicações, o engenheiro Duarte Pacheco, durante a solenidade de inauguração da Exposição e, novamente, ela surgia como um dos fatores agravantes das dificuldades naturais que um empreendimento das proporções da Exposição do Mundo Português poderia apresentar:

A realização representa um esforço gigantesco que só um fortíssimo entusiasmo criador tornou possível erguer em escassos doze meses, com recursos diminutos – agravadas as dificuldades próprias do empreendimento com as que resultaram do conflito europeu e do inverno passado, excepcionalmente rigoroso e prolongado – o quadro que os vossos olhos embevecidos vão, dentro de momentos, contemplar, pode parecer um milagre, e é sem dúvida um êxito fulgurante.¹⁴⁹

De acordo com Raquel Varela, embora os jornais portugueses tentassem dar o maior destaque possível à Exposição de 1940, eles não puderam deixar de noticiar em suas primeiras páginas a ocupação alemã da França. Segundo a autora, o periódico *República* informava sobre a onda de refugiados franceses que chegava a Portugal:

¹⁴⁸ Augusto de Castro. A exposição do Mundo Português 1940. In: *Colóquio Artes*: “Dossier” dos Anos 40 em Portugal. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Número 48, 2ª Série, 23º Ano, mar. 1981. p. 11.

¹⁴⁹ Duarte Pacheco. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, n. 19/ 20, jul./ ago. 1940. p. 15–16.

Devido aos acontecimentos em França, a fronteira dos Pireneus continua a ser atravessada por numerosas individualidades francesas e de outras nacionalidades [...] Por este motivo os comboios internacionais têm chegado ao Rossio com grandes demoras [...] O *Sud-Express*, por exemplo, tem chegado com atraso de 12 horas.¹⁵⁰

O destino da grande maioria destes refugiados não era Portugal, mas, sim, os Estados Unidos. Na década de 1930 a travessia do Atlântico era feita por hidroaviões, fato que tornou Portugal a escala natural para os europeus que viajavam para o continente americano. Conforme Raquel Varela, em 1939, Lisboa foi escolhida como a estação de partida do *Yankee Clipper*, o vôo da Pan American que ligava a Europa aos Estados Unidos.

Uma dessas individualidades francesas que cruzou a fronteira dos Pirineus rumo a Portugal foi Antoine de Saint-Exupéry que se abrigou temporariamente em Lisboa, no Estoril, antes de partir para os Estados Unidos.

O escritor vinha de um longo conflito aéreo contra a Alemanha e ao chegar a Lisboa não conseguia acreditar no que via: Portugal estava em festa, enquanto a “dois passos” dali a sua pátria era mantida refém pelos alemães.

As suas impressões sobre o ambiente lisboeta de 1940 foram registradas em *Carta a um Refém* – entenda-se: carta à França. Texto no qual ele lamentava pelos seus que ficaram na França sob as garras nazistas:

Quando, em dezembro de 1940, indo para os Estados Unidos, atravessasse Portugal, Lisboa me pareceu uma espécie de paraíso claro e triste. Nesta ocasião, falava-se muito de uma invasão iminente, e Portugal agarrava-se à ilusão de sua felicidade. Lisboa, que havia construído a mais estupenda exposição que já houve no mundo, sorria um sorriso um pouco pálido, como o daquelas mães que, sem notícias de um filho na guerra, procuram salvá-lo com sua confiança: “Meu filho está vivo, desde que eu sorria...” “Olhem – Lisboa dizia assim, - como sou feliz, pacífica e bem iluminada...” O continente inteiro pesava contra Portugal como uma montanha selvagem, carregada de tribos famintas; Lisboa em festa desafiava a Europa: “Pode alguém tomar-me como alvo, quando tenho tanto cuidado em não me esconder? Quando sou tão vulnerável?...”¹⁵¹

¹⁵⁰ *O República*. Apud. Raquel Varela. A grande Exposição do Mundo Português. In: PAÇO, António (Org.). *Os Anos de Salazar*. Lisboa: Editora Planeta de Agostini, 2008. (Volume 5, 1940-1942). s.p..

¹⁵¹ Antoine de Saint-Exupéry. *Cartas do Pequeno Príncipe*. Trad. Magda Soares Guimarães. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1969. p. 13.

Tratava-se de dois mundos: num, “a sombria atmosfera da escravidão e a ameaça da fome” (a França ocupada); e noutro, uma “capital radiosa” que abrigava “a mais estupenda exposição que já houve no mundo”¹⁵².

As palavras utilizadas por Saint-Exupéry para demonstrar o que sentia ao caminhar à noite por Lisboa eram: “tristeza”, “mal-estar”, “melancolia” e “angustia”. Sentimentos despertados ao observar como alguns refugiados e propriamente Portugal pareciam ignorar o que acontecia no resto da Europa.

Segundo Saint-Exupéry, o “ar de tristeza de Lisboa era explicado também pela presença de certos refugiados” que todas as noites chegavam em “cadillacs silenciosos” ao Cassino do Estoril para, após um jantar, jogarem roleta ou baccarat. “Jogavam fortunas” e:

... esforçavam-se para acreditar, ligando-se ao passado, [...] na cobertura de seus cheques, na eternidade de suas convenções, como se nada, desde alguns meses, tivesse começado a abalar-se sobre a terra. Era irreal. Parecia um bailado de bonecos. Mas era triste. Com certeza, eles nada sentiam.¹⁵³

O escritor conta que às vezes se juntava aos outros refugiados no Cassino, porém, não conseguia permanecer por muito tempo: “Eu os abandonava. Ia respirar junto ao mar. E aquele mar de Estoril, mar de estação de águas, mar domesticado, parecia-me entrar também no jogo...”¹⁵⁴.

E, para ele, Portugal também se recusava a acreditar nos “maus sinais”:

... Portugal ignorava o apetite do monstro. [...] Não tendo um exército, não tendo canhões, havia erguido contra o ferro do invasor todas as suas sentinelas de pedra: os poetas, os exploradores, os conquistadores. O passado inteiro de Portugal, na falta de um exército e de canhões, barrava o caminho. Ousaria alguém esmagá-lo em sua herança de um passado grandioso?¹⁵⁵

A importância dessas impressões sobre Portugal em 1940 reside no fato delas terem sido produzidas por um observador externo ao Regime de Salazar.

¹⁵² *Ibidem.* p. 13-14.

¹⁵³ *Ibidem.* p. 15.

¹⁵⁴ *Ibidem.* p. 15.

¹⁵⁵ *Ibidem.* p. 13.

Através do relato de Saint-Exupéry torna-se clara a imagem da aparente “atemporalidade”,¹⁵⁶ na expressão de Rui Mário Gonçalves, em que vivia a sociedade portuguesa durante os anos da Guerra.

Portugal vivia um momento no qual não havia a livre circulação de informações, o que não facilitava de maneira nenhuma a plena consciência a respeito dos acontecimentos mundiais, muito pelo contrário, contribuía para o entorpecimento dos portugueses.

De acordo com Rui Mário Gonçalves, “Salazar viria a dizer que os povos felizes são os que não têm História. Entenda-se: os que não intervêm na História atual...”, pois Salazar utilizava o glorioso passado português como uma “barreira” a fim de que o povo, considerado por ele infantil, não se desse conta do “presente e do devir”¹⁵⁷.

Assim, não foi por acaso que o maior acontecimento dos Centenários de Salazar tenha sido uma Exposição dedicada à História de Portugal idealizada por ele e cujos objetivos já estavam delineados em sua Nota Oficiosa de março de 1938: “... os fins da Exposição [são] apresentar uma síntese da nossa ação civilizadora, da nossa ação na História do Mundo, mostrar, por assim dizer, todas as pegadas e vestígios de Portugal no globo.”¹⁵⁸

Augusto de Castro seguiu a “alta visão e decisão” do Presidente do Conselho de Ministros e desde o início salientou o caráter histórico da Exposição, denominada por ele, como já mencionado, de “Cidade Histórica” de Portugal. De acordo com Castro, o caráter histórico do certame seria a marca da sua singularidade perante as grandes exposições realizadas até o momento: “Pela primeira vez se realiza uma grande Exposição de História. Até hoje, só se efetuaram certames internacionais ou nacionais, de caráter industrial, comercial ou colonial”¹⁵⁹.

¹⁵⁶ Rui Mário Gonçalves. *Pintura e Escultura em Portugal -1940/1980*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Ministério da Educação, 1980. (Biblioteca Breve/ Volume 44). p. 11.

¹⁵⁷ *Ibidem*. p. 9.

¹⁵⁸ Antonio de Oliveira Salazar. “Independência de Portugal – Nota Oficiosa da Presidência do Conselho”. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Nacional dos Centenários, n. 1, jan. 1939. p. 5.

¹⁵⁹ Augusto de Castro. A exposição do Mundo Português 1940. In: *Colóquio Artes: “Dossier” dos Anos 40 em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Número 48, 2ª Série, 23º Ano, mar. 1981. p. 10.

Figura 6 – Obras da Exposição do Mundo Português: Pavilhão de Honra e de Lisboa¹⁶⁰

É importante lembrar que uma das marcas características das grandes exposições é a associação destes eventos às celebrações de efemérides nacionais ou internacionais. Como mencionado no início do primeiro capítulo deste trabalho, foi a partir do centenário da declaração de independência dos Estados Unidos, em 1876 na Filadélfia, que as exposições se associaram às comemorações históricas significativas, tornando-se uma das práticas mais comuns de festejos centenários¹⁶¹.

Compreende-se assim, a escolha de Salazar por uma grande exposição ao delinear as bases do programa das Comemorações Centenárias em sua Nota Oficiosa de 1938. Porém, apesar do momento ter sido propício para a realização de um certame internacional, Salazar optou por exposições nacionais dentre as quais se destacaria a “Grande Exposição do Mundo Português”. Sem estes eventos as festas não seriam possíveis e nem estariam completas:

... poucas vezes estaria tão bem fundamentada uma Exposição Internacional como com a celebração do duplo centenário por nós empreendida, renunciaremos a ela; mas não seriam completas nem de certo modo possíveis as nossas comemorações festivas sem que do programa definitivo constassem algumas exposições nacionais: e não se opõe isso a que num ou noutro caso se peça a colaboração de outros países. [...] Impõe-se naturalmente, dada a índole

¹⁶⁰ *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, n. 10, out. 1939. p. 14.

¹⁶¹ A este respeito veja os trabalhos de José Amado Mendes. As Exposições como “Festas da Civilização”: Portugal nas Exposições Internacionais (Sécs. XIX-XX). *Gestão e Desenvolvimento*, Viseu: Universidade Católica Portuguesa, n. 7, 1998.; e de Maria Isabel João. *Memória e Império. Comemorações em Portugal (1880-1960)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2002.

das comemorações, e em primeiro lugar, a *Grande Exposição Histórica do Mundo Português*.¹⁶²

As outras exposições planejadas por Salazar seriam: uma Exposição de Arte Portuguesa, na qual teriam destaque as mais antigas manifestações artísticas portuguesas e que poderia ser realizada no anexo do Museu de Arte Antiga; uma Grande Exposição Etnográfica, na tapada da Ajuda onde, entre outros acontecimentos, seriam reproduzidos a arquitetura, a indumentária, os usos e os costumes característicos dos habitantes das 21 províncias portuguesas, “de aquém e de além mar”; uma Grande Exposição do Estado Novo, para divulgar os feitos do Regime, “... desde a sua estrutura orgânica, até à obra de renovação e de ressurgimento moral e material, o que está realizado e a projeção no futuro”; além de pequenas exposições “acessórias” e locais, como, por exemplo, “uma de ourivesaria em Coimbra, outra de barroco no Porto...”¹⁶³.

Ainda que Salazar desejasse que as Comemorações Centenárias tivessem “repercussão internacional”, estas não deveriam ser orientadas no sentido da “exploração turística”: “não devemos querer que os estrangeiros nos visitem em multidão”¹⁶⁴. De acordo com José-Augusto França, esta seria a primeira observação de um receio oculto de críticas que só com convidados escolhidos se poderia evitar¹⁶⁵. É o que revela a sequência do texto de Salazar na qual é apontada a necessidade da modernização da infra-estrutura do país com destaque para a “maior vigilância na repressão da mendicidade” e “mais cuidado na limpeza das casas e das ruas”¹⁶⁶.

Segundo França, aqui já estaria esboçado o famoso princípio do “orgulhosamente sós”¹⁶⁷ e Oliveira Salazar esperava que os portugueses “dominados por tão alta e bela idéia” (as Comemorações Centenárias) conseguissem expulsar o “espírito da tristeza e do mal”, que após anos de Estado Novo ainda os atormentavam.¹⁶⁸

Embora tenha sido uma exposição nacional, a Exposição do Mundo Português foi arquitetada e erguida com as proporções das grandes exposições internacionais, o

¹⁶² Antonio de Oliveira Salazar. “Independência de Portugal – Nota Oficiosa da Presidência do Conselho”. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Nacional dos Centenários, n. 1, jan. 1939. p. 5.

¹⁶³ *Ibidem*. p. 6.

¹⁶⁴ *Ibidem*. p. 3.

¹⁶⁵ Cf. José-Augusto França. 1940: Exposição do Mundo Português. *Colóquio Artes*, Lisboa, v.22, 2ª série, n. 45, p. 35-47, jun. 1980. p. 36.

¹⁶⁶ Antonio de Oliveira Salazar. “Independência de Portugal – Nota Oficiosa da Presidência do Conselho”. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Nacional dos Centenários, n. 1, jan. 1939. p. 4.

¹⁶⁷ José-Augusto França. 1940: Exposição do Mundo Português. *Op. cit.* p. 36.

¹⁶⁸ Antonio de Oliveira Salazar. “Independência de Portugal – Nota Oficiosa da Presidência do Conselho”. *Op. cit.* p. 6.

que ajudou o regime a lhe imprimir um caráter universal. Haja vista que o que se procurava exaltar era o Mundo Português que, nas palavras de Omar Ribeiro Thomaz, sobrepujava o próprio território colonial no tempo e no espaço.

Não faziam parte do *mundo português* os milhões de emigrantes portugueses que se espalhavam pelo mundo e esperavam ansiosamente os sinais da Emissora Nacional? E os territórios outrora pertencentes a Portugal não seriam também testemunho da obra de Portugal? E, num *mundo português* não atrelado a rígidas fronteiras políticas, não encontraríamos o Brasil?¹⁶⁹

Dessa forma, sobre o caráter universal da Exposição, Augusto de Castro escreveu o seguinte:

A Exposição do Mundo Português [...] será uma exposição de “espírito” – padrão comemorativo da expansão de vinte séculos portugueses. Sendo um certame nacional, em que se faz representar, a nosso lado, o Brasil, como o prolongamento e a projeção do gênio Lusíada, a nossa grande Exposição Histórica de Belém terá um caráter universal.¹⁷⁰

E, mais tarde, em seu discurso inaugural à Exposição, em 23 de junho de 1940, Augusto de Castro reafirmava a universalidade do evento:

Se, no seu pensamento, na sua comemoração aniversária, na sua finalidade, na sua alegoria, na sua realização, confiada exclusivamente ao trabalho português esta Exposição é nacional – na sua projeção, a cidade Histórica aqui erguida, como folhas soltas dum livro incompleto, não poderia deixar a imagem do fato dominante do nosso gênio e da nossa glória: a universalidade.¹⁷¹

Castro compreendia muito bem o uso de uma grande exposição por um regime que, segundo Raquel Varela, “mantinha uma grande proximidade com a Alemanha hitleriana”¹⁷². Tratava-se de uma grande ação de propaganda por parte de um regime que tentava legitimar-se tanto interna quanto externamente. Daí, segundo Inês Felgueiras, a preocupação com todos os detalhes, até mesmo com os menores, pois

¹⁶⁹ Omar Ribeiro Thomaz. *Ecos do Atlântico Sul*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Fapesp, 2002. p. 250.

¹⁷⁰ Augusto de Castro. A exposição do Mundo Português 1940. *Colóquio Artes*: “Dossier” dos Anos 40 em Portugal. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Número 48, 2ª Série, 23º Ano, mar. 1981. p. 10.

¹⁷¹ Augusto de Castro. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, n. 19/ 20, jul./ ago. 1940. p. 12.

¹⁷² Raquel Varela. A grande Exposição do Mundo Português. In: PAÇO, António (Org.). *Os Anos de Salazar*. Lisboa: Editora Planeta de Agostini, 2008. (Volume 5, 1940-1942). s.p.

havia a necessidade de se criar as condições necessárias para que o espetáculo atingisse as massas¹⁷³.

Imagem 7 – Obras da Exposição do Mundo Português: Pátio dos Pavilhões de Etnografia¹⁷⁴

Longe de ser escamoteada, a intenção propagandística do evento foi assumida e referida como uma de suas funções. É o que explicita este trecho escrito por Augusto de Castro, no início de 1939, ao se referir aos altos custos demandados por um evento desta magnitude: “As exposições que são instrumentos de propaganda e representam (essa é uma das suas funções) verdadeiras mobilizações das capacidades e do trabalho do povo vivem dentro dum quadro social e econômico que não convém esquecer”¹⁷⁵.

Para Raquel Varela apenas a proximidade entre o regime instituído em Portugal e a Alemanha nazista já seria justificativa suficiente para a realização de um espetáculo de massas, “digno dos países fascistas da Europa”¹⁷⁶.

Neste cenário, Salazar, em sua “Nota Oficiosa” de 1938, pareceu prever o conflito mundial que se aproximava. Com efeito, como era de seu desejo, a Guerra realmente frustrou uma participação internacional relevante nas Comemorações Centenárias e obviamente na Exposição do Mundo Português, e possibilitou ainda ao

¹⁷³ Inês Felgueiras. 1940 a Exposição do Mundo Português. *Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, nº 6 (abril), p. 38-44, 1991. p. 42.

¹⁷⁴ *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, n. 10, out. 1939. p. 14.

¹⁷⁵ Augusto de Castro. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Nacional dos Centenários, n. 2/ 3, fev./ mar. 1939. p. 12.

¹⁷⁶ Raquel Varela. A grande Exposição do Mundo Português. In: PAÇO, António (Org.). *Os Anos de Salazar*. Lisboa: Editora Planeta de Agostini, 2008. (Volume 5, 1940-1942). s.p.

regime a difusão de uma imagem positiva a seu favor como um “paraíso de neutralidade” em meio às forças beligerantes.

Dessa maneira, a presença da Guerra nos discursos e textos oficiais era importante para a disseminação, tanto interna quanto externamente, da imagem de um Portugal neutro, reconhecido como “nação-imperial e império de paz”, situação que Saint-Exupéry questionou. Isto está claro, por exemplo, em um texto de Augusto de Castro no qual ele aponta a principal razão pela qual o governo português decidiu prosseguir com as Comemorações, após o início da Guerra. Segundo Castro, esta seria:

... a imensa significação nacional, que, como exemplo de confiança, de solidariedade cívica, de forte e impressionante paz interior e consciência histórica, numa época agitada, a celebração da Exposição reveste, interna e externamente. A projecção moral e política das festas, e sobretudo da exposição é, talvez, maior, como lição de optimismo e de fé, no meio das nuvens da hora presente, do que seria num período internacional normal.¹⁷⁷

E nada melhor do que uma exposição com pretensões de “caráter universal” para a difusão da imagem de um governo que pretendia apresentar-se, em 1940, nas palavras de Raquel Varela, como “um oásis de paz em meio das horríveis perturbações da Europa”¹⁷⁸.

De acordo com Heloísa Barbuy, as exposições universais são fenômenos de “visualidade, com grande poder de difusão de imagens”¹⁷⁹. Nestas, sempre se pretendia “veicular algo para alguém e por meio de formas determinadas de representação”.¹⁸⁰

Mesmo que a imagem tenha sido forjada, o importante era a sua apreensão, visual, “... por um observador que obedece à disciplina própria do espetáculo, tendo de seguir regras determinadas de comportamento para poder participar do que lhe é apresentado”¹⁸¹. Esta é uma das características principais destes “símbolos da modernidade” que desde a Grande Exposição de 1851, em Londres, aparecem como um projeto pedagógico burguês para a instrução, através da visão, das massas trabalhadoras.

Curiosamente, Portugal figura entre os primeiros países que, entre o final do século XVIII e primeira metade do século XIX, realizaram exposições em nível

¹⁷⁷ Augusto de Castro. A exposição do Mundo Português 1940. *Colóquio Artes*: “Dossier” dos Anos 40 em Portugal. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Número 48, 2ª Série, 23º Ano, mar. 1981. p. 11.

¹⁷⁸ Raquel Varela. *Op. cit.* s.p.

¹⁷⁹ Heloisa Barbuy. *A Exposição Universal de 1889 em Paris: visão e representação na sociedade industrial*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 49.

¹⁸⁰ *Ibidem.* p. 49.

¹⁸¹ *Ibidem.* p. 50.

nacional. Durante este período, que pode ser denominado como uma primeira fase de realização das exposições, foi organizado em Oeiras um evento deste tipo, entre os anos de 1775 e 1776. Tratava-se, segundo José Amado Mendes, da fase industrial do consulado pombalino e sobre o fato ficou registrado o seguinte: “A vila de Oeiras viu dentro dos seus muros a primeira exposição industrial, que houve neste reino, e também a primeira, julgamos poder afirmá-lo, que se realizou na Europa”.¹⁸²

Em meados do século XIX, com a Grande Exposição de Londres de 1851, entra-se em um novo ciclo, no qual tem início propriamente a história das exposições internacionais. O imenso sucesso deste certame contribuiu seguramente para o período notável que lhe seguiu, até finais do século XIX, classificado como “a idade de ouro”¹⁸³ das exposições.

Neste momento, além dos certames internacionais, tiveram lugar numerosas exposições no interior dos próprios países, de âmbito local, regional ou nacional. No caso português, cidades como Braga, Porto, Coimbra e Lisboa organizaram as suas exposições.

Efetivamente, diversos certames sucederam o de 1851, numa mobilização crescente de recursos, de entusiasmo e de público, havendo até algumas disputas entre cidades ou países candidatos a organizadores. Entre 1851 e 1900 foram realizadas 19 exposições dentre as quais as mais importantes tiveram como palco as seguintes cidades: Londres (1851 e 1862); Paris (1855, 1867, 1878, 1889 e 1900); Porto (1865); Viena (1873); Filadélfia (1876); e Chicago (1893).

Filhas da sociedade industrial e fundadas nos princípios do progresso e da civilização, estas “arenas pacíficas” dissimularam conflitos e uma tradição excludente e hierarquizadora entre as nações.

A Europa e os Estados Unidos surgem como os portadores do progresso, exemplos a serem seguidos por jovens nações ao redor do globo, como as repúblicas sul-americanas, o Império de Pedro II, ou uma nação europeia de segunda grandeza, como era o caso de Portugal. Ao serem convidados a exporem em Londres, Paris, Viena, Filadélfia, os conflitos entre nações rivais eram deixados de lado e todos se elevavam ao patamar da civilização.

¹⁸² *Archivo Pittoresco*, vol. VI, 1863, p. 386. *Apud* José Amado Mendes. As Exposições como “Festas da Civilização”: Portugal nas Exposições Internacionais (Sécs. XIX-XX). *Gestão e Desenvolvimento*, Viseu: Universidade Católica Portuguesa, n. 7, p. 249-271, 1998. p. 252.

¹⁸³ *Ibidem*. p. 254.

Dai a denominação de “arenas pacíficas”, pois, segundo Margarida de Souza Neves, as exposições internacionais “... constituíam, no dizer de seus idealizadores, ‘arenas pacíficas’ onde o engenho e a arte deveriam substituir o poder de fogo das armas no embate moderno pela preeminência mundial”¹⁸⁴. Contudo, segundo Francisco Foot Hardman, a divisão social do trabalho “... mostrava-se precisamente como divisão entre nações”¹⁸⁵, posto que os estandes das exposições não dividiam apenas produtos, mas, sim, também países. Caso de Portugal e do Brasil que participavam das feiras como nações produtoras de matérias-primas ou manufaturas e não como nações industriais de primeira escala.

A ideologia do progresso levava à crença da eterna melhora da humanidade, as exposições retrospectivas serviam como comparação entre o passado e o presente, indicando o quanto se evoluiu desde o tempo das cavernas. O passado era reconstruído panoramicamente, em um processo linear ao qual estavam associados os conceitos de evolução e desenvolvimento.

No século XX as exposições continuaram a acontecer, com exceção de certos períodos turbulentos no início do século, sobretudo, durante as duas grandes Guerras Mundiais. E, sob alguns aspectos, deram continuidade a tendências herdadas do século anterior: houve o aumento dos países participantes e do número de visitantes e, também, a diversificação geográfica dos países organizadores. Ao longo do século as exposições difundiram-se não só por outros países europeus (Bruxelas 1910 e 1958; Sevilha 1929 e 1992; e Barcelona 1929-30) e americanos (Rio de Janeiro 1908 e 1922; Buenos Aires 1960; e Montreal 1967), como pelo Extremo Oriente (Osaka 1970).

Outra característica que persistiu foi a associação da realização de exposições aos grandes eventos de História nacional, dos países organizadores, ou ainda de História universal. Assim, a Exposição de Saint-Louis, em 1904, comemorava o centenário da aquisição da Luisiana; a do Rio de Janeiro, em 1922, evocava o primeiro centenário da Independência do Brasil; a do Mundo Português, em 1940, os centenários da fundação de Portugal (1139) e da restauração (1640); as de Sevilha, em 1992, e Lisboa, em 1998, recordavam, respectivamente, a chegada de Colombo à América (1492) e de Vasco da Gama à Índia (1498).

¹⁸⁴ As “Arenas Pacíficas”. *Gávea: revista de História da Arte e Arquitetura*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, p. 28-41, abr. 1988. p. 29.

¹⁸⁵ Francisco F. Hardman. *Trem fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 60.

Contudo, como aponta José Amado Mendes, as “expos” do século XX e do início do século XXI não constituem, evidentemente, meras cópias de suas predecessoras. Segundo Mendes, um dos principais motivos da sua vitalidade e longevidade está na capacidade de seus organizadores de adaptá-las às novas circunstâncias e aos novos condicionalismos. As inovações mais significativas se referem às temáticas, aos métodos expositivos e de comunicação e aos espaços e urbanismo.¹⁸⁶

Portugal quebrou a regra e fez a sua Grande Exposição em um período no qual festividades e exposições não faziam parte das prioridades de nenhum outro Estado. Para o resto do mundo as arenas deixaram de ser pacíficas, porém, Portugal, como escreveu Antoine de Saint-Exupéry, “ignorava o apetite do monstro”. Embora a Exposição do Mundo Português não tenha sido uma Exposição Internacional e dela tenha participado apenas o Brasil, embaixadas e missões estrangeiras foram a Portugal prestar suas homenagens a Salazar, em 1940, e os próprios portugueses foram inebriados pela atmosfera festiva. Talvez, por conta das circunstâncias internacionais, nenhum outro evento dessa natureza tenha sido uma arena tão pacífica quanto o foi a Exposição do Mundo Português.

2.2. “À Sombra dos Jerônimos” ergue-se a Exposição do Mundo Português

A obra foi dirigida pelo Comissário Geral da Exposição, Augusto de Castro, pelo Comissário Adjunto, o engenheiro Sá e Melo, pelo Arquiteto Chefe, Cottinelli Telmo e, claro, pelo Ministro de Obras Públicas e Comunicações, o engenheiro Duarte Pacheco. No quadro abaixo estão dispostos todos os membros do Comissariado da Exposição do Mundo Português:

Quadro 6 – Membros do Comissariado da Exposição do Mundo Português

Comissariado da Exposição do Mundo Português			
Cargo	Membro	Nomeação	Posse
Comissário Geral	Augusto de Castro	26/12/1938	28/12/1938
Comissário Adjunto	Engenheiro Sá e Melo	04/01/1939	
Arquiteto Chefe	Cottinelli Telmo	04/01/1939	

¹⁸⁶ Cf. José Amado Mendes. *Op. cit.* p. 256.

Coordenação Histórica	Gustavo de Matos Sequeira		
Serviços Externos	Leitão de Barros		
Jardinagem dos Espaços	Gomes de Amorim		

A sua inauguração foi feita pelo Presidente da República, Oscar Carmona, acompanhado do Presidente do Conselho de Ministros, Oliveira Salazar, e do Ministro Duarte Pacheco. Na ocasião, coube a Augusto de Castro “a honra” de falar em nome dos “inspiradores, diretores, autores e colaboradores” da obra que era, segundo ele, o apoteótico coroamento do Período Imperial das Festas Centenárias de 1940. Castro iniciou o seu discurso da seguinte forma:

Dentro de alguns minutos o Senhor Presidente da República, alta encarnação do Civismo, expressão das mais lídimas virtudes pessoais e patrióticas, vai, em representação viva e ilustre da Unidade Nacional de Oito Séculos, inaugurar oficialmente a Exposição do Mundo Português – Cidade Simbólica da História de Portugal.¹⁸⁷

Tratou-se de uma longa e eloquente alocução na qual Castro definiu a natureza do certame que expunha em imagens e símbolos a “Civilização” portuguesa:

A Exposição do Mundo Português não é somente (posso dizê-lo, sem reserva, porque não é a mim que o mérito advém) uma demonstração triunfal, completada num tempo-récord, das qualidades de realização do espírito português, mas também o resultado dum fato moral que se pode resumir neste milagre: a ressurreição da Fé coletiva, num país que a tinha perdido. Como tal, esta Exposição, mais do que criação simbólica de animadores, de artistas e de obreiros, é um fato político.¹⁸⁸

Mais a frente, Augusto de Castro definia os objetivos da Exposição:

Podem dar-se a esta Exposição três objetivos: em primeiro lugar, a projeção sobre o Passado – como uma galeria de imagens heróicas da fundação e da existência nacionais, da função universal, cristã e evangelizadora, da Raça, da glória marítima e colonial, do Império; em segundo lugar, a afirmação das forças morais, políticas e criadoras do Presente; em terceiro lugar, um ato de Fé no Futuro. Esses três objetivos resumem-se num só: testemunho e apoteose da Consciência nacional.¹⁸⁹

¹⁸⁷ Augusto de Castro. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, n. 19/ 20, jul./ ago. 1940. p. 10.

¹⁸⁸ *Ibidem*. p. 10.

¹⁸⁹ *Ibidem*. p. 12-14.

E, em seguida, falava sobre a dimensão da obra:

Em pouco mais de um ano, ao todo dezessete meses, foi concebida, delineada, realizada, decorada dentro duma área de 450 mil metros quadrados, esta pequena Cosmópolis Histórica, dividida em quatro secções: a sua secção histórica – constituída por oito pavilhões, com o seu pitoresco bairro seiscentista; o Centro Regional, cinco pavilhões, e lindo outeiro das aldeias portuguesas que se estenderá, como um lenço de ramagens, à sombra do Palácio dos Portugueses no Mundo; a Secção Colonial, evocação etnográfica e colorida das Colónias, no quadro magnífico do Jardim Tropical; a serie de outros pavilhões, restaurantes, centros de informações, parques, jardins, espelhos de água, etc.

Além destes edifícios e obras, o pavilhão consagrado ao Portugal de hoje, “Portugal 1940”; a Nau Portugal, ressurreição exata dum galeão das Índias, com quatrocentas toneladas, que dentro em dias entrará de novo, triunfalmente, no Tejo e virá pousar, como uma águia dourada, sobre a perspectiva do rio; o Monumento dos Descobrimentos, cujo perfil, dominado pela Cruz e pela Espada – criação arquitetônica soberba de Cottinelli Telmo, com a colaboração do escultor Leopoldo de Almeida – já se ergue, como uma guarda de honra à Torre de Belém – sem falar no recheio de obras e documentos brasileiros que ornaram o excelente Pavilhão do Brasil ...¹⁹⁰

Os números da Exposição impressionam para a época: custou, aproximadamente, 35 000 contos e teve, entre 23 de junho e 2 de dezembro de 1940, mais de 3 milhões de visitantes. Nos dezessete meses em que decorreu a concepção e construção da Exposição, trabalharam nela 5000 operários, 15 engenheiros, 17 arquitetos, 43 pintores-decoradores com 129 auxiliares, mais de 1000 modeladores-estucadores¹⁹¹, sob a direção de 7 chefes¹⁹².

A esta gigantesca obra, Duarte Pacheco servia com eficácia através de uma política de expropriações que libertou os terrenos desejados para a Exposição e tornou o município de Lisboa proprietário de um terço de toda a sua área, acertando as Comemorações Centenárias ao projeto de urbanização de Lisboa (1938 – 1940) e à execução de obras públicas. Lembrando que Duarte Pacheco, além de Ministro de Obras Públicas e Comunicações, era também Presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

De acordo com Augusto de Castro, o terreno escolhido como palco da Exposição necessitava indispensavelmente de algumas demolições, já previstas “mais ou menos”

¹⁹⁰ *Ibidem.* p. 14.

¹⁹¹ O estucador é o oficial que aplica o estuque, isto é, a argamassa de revestimento à base de cal e areia, conhecida popular e genericamente como reboco. Refere-se ao artista que modela os ornatos artísticos aplicados ou integrados nas edificações.

¹⁹² Dados extraídos de: Augusto de Castro. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, n. 19/ 20, jul./ ago. 1940. p. 14.

no projeto de urbanização da zona portuária de Belém. Sobre este assunto ele declarou o seguinte, no início de 1939:

A alta visão e decisão do sr. Presidente do Conselho, a vontade inteligente e inflexível do sr. Ministro das Obras Públicas e o apoio da Câmara Municipal venceram todas as dificuldades. As demolições e remoções vão ser antecipadas. A grande praça em frente dos Jerônimos ficará integrada na Exposição e será o seu grande átrio de honra, como melhor não se poderia sonhar. Os terrenos até o rio serão libertados das horríveis construções que os desfeiam e obstruem. Em 1940 os Jerônimos voltarão a olhar de frente, sem embaraços, o Tejo, seu espelho e seu complemento. Se na data precisa da abertura da Exposição a Torre de Belém não estiver ainda, por absoluta impossibilidade material, completamente liberta das horríveis construções que a escondem e a conspurcam, o sr. Ministro das Obras Públicas prometeu-me que o seria inteiramente durante a Exposição. E de todas as formas a Torre de Belém será aproveitada e constituirá, desembaraçada já numa grande extensão da sua incômoda vizinhança, um dos seus fundos panorâmicos.¹⁹³

Assim, em 2 de fevereiro de 1939, Duarte Pacheco autorizava as Companhias Reunidas Gás e Eletricidade a construírem em uma outra localidade de Lisboa seus novos gasômetros, haja vista que os dois existentes em Belém seriam demolidos por conta da liberação dos terrenos para a construção da Exposição do Mundo Português.

A extensão dos meios disponibilizados suscitou, porém, uma acirrada luta quanto à obtenção da encomenda artística da Exposição. De um lado, os vanguardistas modernistas, apadrinhados por António Ferro¹⁹⁴, do outro, a ala mais acadêmica e conservadora. Em abril de 1939, o presidente da Sociedade Nacional de Belas Artes, o caricaturista, coronel e professor Arnaldo Ressano Garcia, realizou nesta instituição, então o lugar do academismo à velha maneira oitocentista, duas conferências visando os chamados modernistas ou ainda futuristas portugueses – que se supunha serem os contratados para a grande e esperada Exposição.

Ressano atacou os modernistas como “revolucionários sociais sem ideal, sem Deus e sem moral”, dizendo ter sido da Rússia que “partira esta ofensiva”. Elogiava a Alemanha de Hitler, que segundo ele, conseguiu impor a ordem sobre um país vencido e desordenado de modo a só ter “artistas insígnies”, ao contrário da Itália de Mussoline

¹⁹³ Augusto de Castro. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Nacional dos Centenários, n. 2/ 3, fev./ mar. 1939. p. 5–6.

¹⁹⁴ De acordo com José-Augusto França, que os chamou de “os artistas do Secretariado da Propaganda Nacional”, estes seriam: Carlos Botelho, Bernardo Marques, Tom (Tomás) de Melo, Emérico Nunes, José Rocha, Paulo Ferreira e Fred Kradolfer. Cf. José-Augusto França. 1940: Exposição do Mundo Português. *Colóquio Artes*, Lisboa, v.22, 2ª série, n. 45, jun. 1980. p. 37.

que, “sob o ponto de vista artístico, fracassava por completo”¹⁹⁵. A crítica à política cultural do Duce se dirigia diretamente à política de António Ferro, admirador de Mussolini. Ressano falava contra o “intrujismo”, “ismo” moderno que todos os outros englobava e defendia a boa pintura antiga destruída desde os impressionistas.

De acordo com José-Augusto França, as conferências de Ressano Garcia causaram muita polêmica, havendo protestos, discussões e insultos durante suas falas e através de periódicos ou brochuras nos quais intelectuais como António Pedro, Almada Negreiros, Casais Monteiro, Gaspar Simões, José Bacelar, Manuel Mendes, Mário Dionísio, Álvaro Cunhal e Keil Amaral, manifestaram-se indignadamente contra o orador.¹⁹⁶

Porém, as provocações de Ressano não surtiram o efeito desejado. Quase todos os arquitetos, escultores e pintores modernistas colaboraram com as obras da Exposição do Mundo Português, com as exceções maiores de Cassiano Branco, Diogo de Macedo, António Soares, Mário Eloy e António Pedro. Constituíram o elenco dos artistas mais notáveis, num conjunto que incluiu cerca de vinte por cento de acadêmicos, os seguintes nomes: como pintores, Almada Negreiros, Arlindo Vicente, Bernardo Marques, Carlos Botelho, Eduardo Anahory, Emmérico Nunes, Estrela Faria, Frederico George, José Rocha, Jorge Barradas, Fred Kradolfer, Lino António, Luís Dourdil, Manuel Lapa, Maria Keil, Milly Possoz, Paulo Ferreira, Roberto Araújo, Sarah Afonso e Tom (Tomás de Melo); como escultores, António da Costa, António Duarte, Barata Feyo, Canto da Maya, Francisco Franco, João Fragoso, Leopoldo de Almeida, Martins Correia, Hein Semke e, postumamente, Ruy Gameiro.

Entre os chamados acadêmico destacam-se: os escultores Raul Xavier, Anjos Teixeira Fo., Maximiliano Alves e Numídico Bessone; os pintores Frederico Aires, Severo Portela, Martins Barata e Joaquim Rebocho. Um número muito pequeno que certamente não contentou Ressano e a sua Sociedade Nacional de Belas Artes.

Segundo França, na verdade, já era tarde para o ataque de Ressano, embora suas conferências tenham ido ao encontro dos sentimentos dos inimigos de Ferro. Tarde porque o problema já se deslocara da polêmica “academismo”-“modernismo” vigente ao longo da década de 1920. Em 1939, a luta, “mais surda mas real”, se dava entre António Ferro, “o homem da primeira propaganda do regime, a quem Salazar devia

¹⁹⁵ *Ibidem.* p. 37.

¹⁹⁶ *Ibidem.* p. 38.

renome na direita internacional”, e Duarte Pacheco que lhe oferecia, num estágio mais avançado, “uma outra imagem estrutural do seu ‘establishment’”.

No momento solene da magna exposição, o gosto mundano e cosmopolita do jornalista [António Ferro] devia ceder à posição dum engenheiro [Duarte Pacheco] de grandes obras feitas para ficar, para durar cem anos, como pretendia o próprio presidente do Conselho, e ao modelo italiano, algo cenográfico e mais aberto, da “arte nuova dei nostri tempi”, devia substituir-se o modelo alemão, fechado, duma arquitetura imperial. Aliás, esse caminho já começava a ser percorrido pela arquitetura portuguesa, após dez anos de modernismo, e a Exposição do Mundo Português adotá-lo-ia, sob pretexto histórico e funcional, apenas englobando nele o folclore necessário ao regime e próprio das equipas de António Ferro. Exposição de compromisso, [...] ela encerrou o período ‘modernista’ da arte portuguesa e pretendeu abrir outro.¹⁹⁷

Então, conforme França, para esta “Exposição de compromisso” foi escolhido como arquiteto chefe um homem de compromisso também: Cottinelli Telmo, que assim como Ferro possuía um passado modernista. Homem de múltiplos talentos, Cottinelli Telmo atuou como ilustrador na década de 1920, realizou um filme sobre Lisboa em 1933 (*Canção de Lisboa*), compôs o hino da Mocidade Portuguesa e como jovem arquiteto soube jogar habilmente com estilos da arquitetura tradicional e modernista. Nas palavras de José-Augusto França:

Mais ágil mentalmente que os seus camaradas de geração, pioneiros do racionalismo na arquitetura nacional desde 25, Cristino, Pardal, Montês e mesmo Carlos Ramos, Cottinelli era o homem capaz de idear o espetáculo necessário, conforme o programa fornecido oficialmente à comissão, numa exposição histórica e atual, narrativa e decorativa, didática e divertida, com o “quantum satis” de solenidade e de seriedade possíveis.¹⁹⁸

Em janeiro de 1939, o programa da Exposição foi apresentado ao público por Augusto de Castro, através de uma entrevista. Juntamente com o programa, era divulgado o primeiro projeto geral da Exposição feito por Cottinelli com a distribuição cênica dos pavilhões que seriam construídos. Os números 2 e 3 da *Revista dos Centenários*, referentes aos meses de fevereiro e março de 1939, trazem o projeto de Cottinelli publicado em meio à entrevista de Augusto de Castro.

¹⁹⁷ *Ibidem.* p. 38.

¹⁹⁸ *Ibidem.* p. 38.

Figura 8 – Primeiro Projeto Geral de Cottinelli Telmo da Exposição do Mundo Português¹⁹⁹

- 1- Pavilhões da Seção Histórica; 2 – Lisboa Seiscentista; 3 – Lisboa do Futuro; 4 – Pavilhão de Festas; 5 – Praça do Império; 6 – Portugal-1940 e Brasil; 7 – Pavilhões da Imprensa, Correios, etc.; 8 – Aldeias Portuguesas; 9 – Parque Infantil; 10 – Seção de Etnografia Metropolitana; 11 – Restaurantes; 12 – Teatro; 13 – Espelho de Água; 14 – Infante D. Henrique; 15 – Doca; 16 – Nau Portugal; 17 – Síntese do Mundo Português

Este projeto não difere substancialmente do que foi levado a cabo no palco erguido em Belém. Nele, a disposição geral do certame já estava dada: aos pés dos Jerónimos encontrava-se o centro da Exposição, a grande Praça do Império, limitada, lateralmente, pelo Pavilhão de Festas, a nascente, e pelo Pavilhão Portugal – 1940 e Brasil, a poente. Diante da Praça estava o rio Tejo, que se articulava com o resto do cenário através da Doca e do Espelho d’água. Para se chegar ao Tejo era preciso atravessar a linha férrea e a Avenida da Índia, utilizando passarelas ou passagens subterrâneas das quais se tirava proveito decorativo.

A entrada principal localizava-se na Praça Afonso de Albuquerque e, ultrapassando-a, surgia a primeira seção da Exposição: a Seção Histórica, também dividida pela linha férrea. No outro extremo estava a segunda seção expositiva: a Seção de Etnografia Metropolitana, separada de suas Aldeias Portuguesas e do Parque Infantil pela linha férrea. Neste espaço ainda se encontravam o Teatro e os Restaurantes, que na versão final da Exposição acabaram por dividir o mesmo edifício.

Na margem do rio, entre a Doca e o Espelho d’água, Cottinelli projetava um monumento ao Infante D. Henrique, que se tornaria o “mais sintético” Padrão dos

¹⁹⁹ *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Nacional dos Centenários, n. 2/ 3, fev./ mar. 1939. p. 7.

Descobrimientos. Ao lado, na Doca, a Nau Portugal, desde o início pensada “como atrativo didático”²⁰⁰.

Por último, completavam o espaço a terceira seção da Exposição, a Seção de Etnografia Colonial, a nascente dos Jerônimo, e o Parque de Atrações, instalado a poente do Mosteiro.

Figura 9 – Seção de Etnografia Colonial integrante do Primeiro Projeto Geral de Cottinelli Telmo da Exposição do Mundo Português²⁰¹

1 – Matérias-prima, Caça e Turismo; 2 – Índia; 3 – Macau; 4 – Estufa; 5 – Angola e Moçambique; 6 – Restaurante; 7 – Arte Indígena; 8 – Curadoria; 9 – Missões Católicas; 10 – São Tomé, Cabo Verde e Timor; 11 – Casa de São Tomé; 12 – Guiné; 13, 14, 15 e 16 – Aldeias Indígenas; 17 – Casa do Chá

Se a distribuição geral do espaço expositivo já estava definida neste primeiro projeto de Cottinelli, o mesmo não aconteceu com os pavilhões apresentados. Os quatro pavilhões presentes no projeto (Lisboa Seiscentista, Lisboa do Futuro, Pavilhão de Festas e Portugal – 1940 e Brasil) não tiveram seguimento ou foram modificados total ou parcialmente: Lisboa Seiscentista e Lisboa do Futuro não tiveram seguimento; o grande Pavilhão de Festas passou a ser o de Honra e de Lisboa e atrás dele nasceu a

²⁰⁰ José-Augusto França. 1940: Exposição do Mundo Português. *Colóquio Artes*, Lisboa, v.22, 2ª série, n. 45, jun. 1980. p. 39.

²⁰¹ *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Nacional dos Centenários, n. 2/ 3, fev./ mar. 1939. p. 8.

Casa de Santo Antônio; o Pavilhão de Portugal – 1940 e Brasil tornou-se o dos Portugueses no Mundo e o Brasil ganharia um pavilhão próprio.

Desapareceu também uma Síntese do Mundo Português, monumento que se localizaria na Praça do Império e do qual, segundo França, não consta maquete. Para a Seção Histórica, que não teve os seus pavilhões definidos neste projeto de Cottinelli, além de um novo pavilhão dedicado à Colonização, foram programados quatro pavilhões: o Pavilhão da Fundação, o Pavilhão da Formação e Conquista, o Pavilhão da Independência e o Pavilhão dos Descobrimentos com a sua Esfera dos Descobrimentos.

De acordo com França, a parte da Seção Histórica referente às descobertas e à expansão teve uma estreita relação com o programa do pavilhão português erguido na Exposição Internacional de Nova York, em 1939. Na ocasião, a participação portuguesa foi programada pelo próprio Salazar e comissariada por António Ferro que contou com a sua equipe de artistas modernista do Secretariado da Propaganda Nacional²⁰² para a decoração do pavilhão de autoria do arquiteto Jorge Segurado.

A definição dos pavilhões coube, naturalmente, aos arquitetos escolhidos como seus autores. Cottinelli Telmo, o Arquiteto Chefe da obra, reservou para si o grande Pavilhão dos Portugueses no Mundo e deu para Cristino da Silva o Pavilhão de Honra e de Lisboa – consideração, segundo França, por um dos melhores arquitetos da sua geração que era o pioneiro do modernismo nacional.²⁰³

Quadro 7 – Arquitetos e Artistas da Exposição do Mundo Português

Exposição Histórica do Mundo Português								
Seções	Pavilhões	Arquitetos	Direção	Direção Histórica	Projeto	Projeto Interiores	Decoração	Arquiteto Adjunto
Seção Histórica	Pavilhão da Fundação de Portugal	Raul Rodrigues de Lima	Luiz Pastor de Macedo					
	Pavilhão da Formação e Conquista	Raul Rodrigues de Lima	Luiz Pastor de Macedo					
	Pavilhão da Independência	Raul Rodrigues de Lima	Luiz Pastor de Macedo					
	Pavilhão dos Descobrimentos	Pardal Monteiro	Cottinelli Telmo	Comte. Quirino da Fonseca	Pardal Monteiro		Cottinelli Telmo	
	Pavilhão da Colonização	Carlos Ramos	Júlio Cayola					
	Pavilhão do	Raúl Lino	Augusto de		Raúl Lino	Roberto		Flavio

²⁰² A este respeito veja a nota 194 deste capítulo.

²⁰³ Cf. José-Augusto França. 1940: Exposição do Mundo Português. *Colóquio Artes*, Lisboa, v.22, 2ª série, n. 45, jun. 1980, p. 41.

	Brasil		Lima Júnior			Lacombe		Barbosa
	Pavilhão de Honra e Lisboa	Luiz Cristino da Silva	Norberto de Araujo					
	Pavilhão dos Portugueses no Mundo	Cottinelli Telmo	Afonso Dornelas					
	Casa de Santo Antonio	Vasco de Moraes Palmeiro (Regaleira)			Gustavo de Matos Sequeira			
	Bairro Comercial e Industrial	Vasco de Moraes Palmeiro (Regaleira)	Joaquim Roque da Fonseca		Gustavo de Matos Sequeira			
Seção de Etnografia Metropolitana (Seção da Vida Popular)	Pavilhões da Seção da Vida Popular (Pavilhões do Centro Regional)	Veloso Reis e João Simões	Secretariado da Propaganda Nacional		Veloso Reis e João Simões		Decorações dos Interiores: Fred Kradolfer, Tomás de Melo, Bernardo Marques, Carlos Botelho, Emérico Nunes, José Rocha, Estrela Faria, Paulo Ferreira e Eduardo Anahory	
	Aldeias Portuguesas	Jorge Segurado Colaboradores: Sales Viana e Tomás de Melo	Secretariado da Propaganda Nacional					
Seção de Etnografia Colonial (Seção Colonial)	Pavilhões das Colônias (Angola, Moçambique, Guiné, S. Tomé, Cabo Verde e Timor)	Gonçalo de Mello Breyner, Vasco Palmeiro (Regaleira) e António Lino	Henrique Galvão				Roberto de Araújo	
	Nau Portugal	Construtor: Manuel Maria Bolais Mónica	Leitão de Barros		Comte. Quirino da Fonseca e Martins Barata			
	Padrão dos Descobrimientos	Autoria: Cottinelli Telmo					Parte escultural: Leopoldo Neves de Almeida	
	Jardim dos Poetas	António Lino						
	Parque Infantil	António Lino						

	Espelho de Água	António Lino						
	Parque de Atrações		Estudos Técnicos: Mendes Leal; Estudos Artísticos: Raul do Amaral e António Lino					

A outros dois pioneiros dos anos de 1920 e 1930 foram entregues o Pavilhão da Colonização, que ficou a cargo de Carlos Ramos, e o Pavilhão dos Descobrimentos, levado a cabo por Pardal Monteiro. Veloso Reis e João Simões, da geração seguinte a Ramos e Monteiro, tiveram o encargo dos pavilhões da Seção da Vida Popular (ou de Etnografia Metropolitana), enquanto Jorge Segurado, responsável pelo pavilhão português na Exposição Internacional de Nova York, dirigiu o programa folclórico das Aldeias Portuguesas, situadas na referida seção.

Na Seção Colonial (ou de Etnografia Colonial) trabalharam Gonçalo de Melo Breyner, António Lino e Vasco de Moraes Palmeiro (conhecido como Regaleira), também arquiteto do Bairro Comercial e da Casa de Santo António. De acordo com França, Regaleira deu asas ao seu espírito “antiga-portuguesa” que ia deixando por todo lado uma produção arquitetônica de “mediocre ideologia”.²⁰⁴

Raul Lino, que desistiu de projetar as Aldeias Portuguesas da Exposição, por desentendimento, ficou incumbido da encomenda do Pavilhão do Brasil. Com relação aos três primeiros pavilhões da Seção Histórica (o Pavilhão da Fundação de Portugal, o Pavilhão da Formação e Conquista e o Pavilhão da Independência), eles ficaram sob a responsabilidade de Raul Rodrigues de Lima, que, segundo França, foi o arquiteto do Ministério da Justiça, de tribunais e cadeias, “figura operosa mas secundária do nosso panorama artístico”.²⁰⁵

Keil Amaral, um dos grandes nomes da arquitetura portuguesa e o autor do pavilhão português na Exposição Universal de Paris de 1937, ficou de fora da concepção dos grandes edifícios da Exposição do Mundo Português, restando-lhe apenas alguns “jogos do parque de atrações”.²⁰⁶ Em 1937, em Paris, foi a primeira vez na qual António Ferro assumiu para si o comissariado e o programa da participação

²⁰⁴ José-Augusto França. 1940: Exposição do Mundo Português. *Colóquio Artes*, Lisboa, v.22, 2ª série, n. 45, jun. 1980. p. 41.

²⁰⁵ *Ibidem*. p. 41.

²⁰⁶ *Ibidem*. p. 41.

portuguesa em uma exposição internacional. Fato que exigiu de Keil Amaral um pavilhão moderno, com a finalidade de se por fim “... a tradição de representações ‘vestidas à época’ que sempre tinham ido ao estrangeiro em semelhantes ocasiões”²⁰⁷.

Em Lisboa, em 1939 – 1940, o princípio estético dos pavilhões norteador dos arquitetos era único:

... havia de adaptar estruturas modernas, de linhas simplificadas, a um espírito tradicionalizante que lhe sobrepunha os seus sinais ideológicos. Uma decoração de “pontas de diamante” ou de grillagem manuelina (como fez, com êxito, Cristino), ou de brasões da nobreza em ação ultramarina (como fez Cottinelli), ou de sugestões medievais e heráldicas (cruzes, bandeiras, arcos ogivais, como na série de Rodrigues Lima), são outras tantas situações propostas com variada inteligência e diverso brilho.²⁰⁸

Como já mencionado, as obras nos terrenos da Exposição do Mundo Português tiveram início em 15 de fevereiro de 1939, tendo sido divulgados em janeiro o programa e o primeiro projeto do certame. Somente em junho deste mesmo ano, ficou pronta a maquete da Exposição: um grande retângulo de 7 por 4 metros. Ela já estava bem mais próxima da versão final do espetáculo, em comparação ao primeiro projeto de Cottinelli.

Figura 10 – Maquete da Exposição do Mundo Português: em primeiro plano, Pavilhões de Etnografia Metropolitana. Em segundo plano, as Aldeias Portuguesas e a fonte da Praça do Império. Ao fundo, os Jerônimos e o Parque de Atrações²⁰⁹

Foi o próprio Arquiteto Chefe quem apresentou, em 4 de junho, a maquete em uma entrevista concedida ao periódico *O Século*: “Não estamos diante da realidade, mas

²⁰⁷ *Ibidem*. p. 37.

²⁰⁸ *Ibidem*. p. 41-43.

²⁰⁹ *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, n. 6, jun. 1939. p. 15.

quase, de tal modo é elucidativa e sugestiva essa valiosa peça de estudo, executada por um grupo de habilíssimos modeladores portugueses”²¹⁰.

Figura 11 – Maquete da Exposição do Mundo Português: à esquerda, a torre do Pavilhão de Honra e de Lisboa; mais ao fundo, a Esfera dos Descobrimentos; a Nau Portugal e o Padrão dos Descobrimentos²¹¹

Segundo Cottinelli, de janeiro até a elaboração da maquete, foram feitos: uma grande perspectiva da Exposição para auxiliar na resolução de problemas como a definição de volumes, as questões ligadas ao trânsito, à circulação dos visitantes, etc.; e definidos, por parte dos arquitetos responsáveis, os projetos das edificações da área expositiva, o que tornou possível a elaboração da maquete.

O jornalista que entrevistou Cottinelli lhe pediu uma definição da maquete: “que é...”. Ao que Cottinelli respondeu: “... que não é um brinquedo, nem um capricho, mas uma peça de estudo indispensável, a guia da Execução dos trabalhos. Não a fizemos para a expor ao público nem para mostrar às ‘visitas’, embora nos seja muito grato fazê-lo...”²¹².

²¹⁰ *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, n. 6, jun. 1939. p. 11.

²¹¹ *Ibidem*. p. 14.

²¹² *Ibidem*. p. 11-12.

Figura 12 – Maquete da Exposição do Mundo Português: em primeiro plano, os Pavilhões da Seção Histórica²¹³

Diante da magnitude das proporções da Exposição, trazidas por sua miniatura, o jornalista, impressionado, questionou Cottinelli: “- Mas isto faz-se?”

Cottinelli Telmo sorri serenamente e aponta para o engenheiro Sá e Melo, Comissário adjunto e Engenheiro-chefe.

Este sorri e não diz nada; mas nos olhares trocados entre os membros do Comissariado descubro uma segura tranqüilidade acerca do cumprimento integral da missão que lhes foi confiada superiormente.

- É claro que se faz – ou teríamos já trespassado o nosso encargo a outros! – remata o Arquiteto-chefe.²¹⁴

No final da entrevista o Cottinelli Telmo falou sobre a colaboração dos arquitetos:

- Compreende: isto é uma “grande orquestra” que não dispensa uma “regência” que me coube a mim, como poderia ter cabido a qualquer dos meus distintos colegas. Da parte destes tenho tido as maiores provas de dedicação e a mais completa solidariedade profissional. Se alguns nomes posso pôr em evidência, sem receio de ser injusto, ponho os de António Lino e Paulo Cunha, meus cooperadores de todos os dias, na sua qualidade de Arquitetos-Adjuntos. Este problema da Exposição do Mundo Português está-me “na massa do sangue” e ocupa inteiramente o meu espírito. “Arquitetura efêmera?” De acordo! Mas a arquitetura é sempre arquitetura, mesmo quando os edifícios são para demolir. Vamos fazer uma Exposição *que não é internacional* embora possa ser o “ensaio geral” de uma futura grande Exposição Internacional; vamos fazer uma Exposição Portuguesa e sobretudo uma exposição histórica; tornemo-nos independentes das fórmulas arquitetônicas preconcebidas e tenhamos a coragem

²¹³ *Ibidem.* p. 14.

²¹⁴ *Ibidem.* p. 11.

da sermos indiferentes a uma crítica internacional, que nunca compreenderia nem sentiria as razões sentimentais e estéticas da nossa orientação. Por isso a arquitetura da Exposição é o que é: portuguesa e de 1940!²¹⁵

Tal como muitas das outras idéias de Salazar, expressas em sua “Nota Oficiosa”, as quatro principais exposições previstas por ele (e indicadas anteriormente neste trabalho: a Exposição do Mundo Português, a Exposição de Arte Portuguesa, a Exposição Etnográfica e a Exposição do Estado Novo) viriam a ser realizadas. Sendo três delas integradas numa só: a Grande Exposição do Mundo Português reuniu a Exposição Etnográfica, “de aquém e de além mar”; e a Exposição do Estado Novo, *Portugal 1940*, que ocorreu no corpo sul do pavilhão dos Portugueses no Mundo.

E ainda, além da Exposição de Arte, chamada dos Primitivos Portugueses, no Museu das Janelas Verdes, as festividades contaram com a Exposição de Montras, promovida pelo Secretariado da Propaganda Nacional; a Exposição Bibliográfica e Documental das Cortes do Reino; a Exposição de Cartografia Portuguesa, no Mosteiro dos Jerônimos; a Exposição da Obra de Soares dos Reis; a Exposição de Ourivesaria, em Coimbra; a Exposição Etnográfica do Douro Litoral, no Porto; e a Exposição Bibliográfica da Restauração, na Biblioteca Nacional.

Mas, nenhuma destas se equiparou a Exposição do Mundo Português. À beira do Tejo a Exposição se dividia em quatro grandes seções: a Seção Histórica; a Seção de Etnografia Metropolitana, também chamada de Seção da Vida Popular ou, ainda, de Centro Regional; a Seção de Etnografia Colonial, chamada, às vezes, apenas de Seção Colonial; e a Seção de Diversos, constituída por restaurantes, três centros de informações, duas cabines de som, parques de diversão, Grande Lago, Espelho d’água, Pavilhão das Tele-Comunicações, Pavilhões dos Portos e Caminhos de Ferro, Nau Portugal, etc.

E, pode-se dizer que ela se desenvolveu em dois planos: o primeiro, em terras mais baixas junto ao Tejo, tinha como centro a Praça do Império com a sua fonte luminosa e os pavilhões da Seção Histórica e da Seção de Etnografia Metropolitana; o segundo, em terreno mais alto e arborizado, onde foram construídos o Parque de Atrações e a Seção de Etnografia Colonial. Passagens ligavam as duas partes.

Apesar de toda a certeza demonstrada por Cottinelli Telmo, em sua entrevista para *O Século*, a respeito da concretização do projeto da Exposição, é preciso mencionar que no momento da sua inauguração, em 23 de junho de 1940, alguns de seus pavilhões

²¹⁵ *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, n. 6, jun. 1939. p. 17.

ainda não estavam totalmente prontos, sendo abertos ao público durante o transcorrer das festividades. No quadro a seguir é possível visualizar quais foram estes pavilhões e a data de sua abertura para a visitaço:

Quadro 8 – Datas de inaugurao dos Pavilhões da Exposio do Mundo Português

Pavilhão	Inaugura�o
Pavilhões da Funda�o; da Forma�o e Conquista; e da Independência	25 de junho de 1940
Se�o Colonial	27 de junho de 1940
Pavilhão dos Descobrimentos	28 de junho de 1940
Pavilhão de Lisboa	29 de junho de 1940
Pavilhão da Coloniza�o	1� de julho de 1940
Aldeias Portuguesas	2 de julho de 1940
Pavilhão dos Portugueses no Mundo	8 de julho de 1940
Casa de Santo Ant�nio	13 de julho de 1940
Bairro Comercial	19 de julho de 1940
Pavilhão do Brasil	20 de julho de 1940
Exposi�o Histórica do Brasil	27 de julho de 1940
Pavilhão de Portugal 1940	1� de agosto de 1940
Nau Portugal	7 de setembro de 1940

De acordo com o trabalho de Rosana Andrade Dias do Nascimento²¹⁶, a Exposio tinha horrios determinados para a visitao. As suas principais entradas serviam para definir os limites da rea expositiva e para controlar o acesso. A programao oficial tinha incio s 9 horas da manh e encerrava-se s 24 horas. A exceo era o Parque de Atraes que ficava aberto at as 2 horas e 30 minutos. Em decorrncia das grandes distncias que os visitantes deveriam percorrer no certame, o deslocamento podia ser feito atravs de txi, de comboios-miniatura e de funicular²¹⁷.

Sobre a visitao dos Pavilhões, Rosana Dias do Nascimento menciona o *Regulamento Geral da Exposio Histrica do Mundo Português*, documento no qual foram registrados os seguintes horrios quanto ao funcionamento dos Pavilhões durante a Exposio:

Art. 88 - O horrio dos Pavilhões ser o seguinte:
 Abertura: todos os dias s 15 horas
 Encerramento: s 19 horas
 Reabertura: s 21 horas

²¹⁶ Rosana Andrade Dias do Nascimento. *O “Brasil Colonial” e a Exposio do Mundo Português de 1940*. Salvador, 2008. Tese (Doutorado em Histria), Universidade Federal da Bahia. p. 123.

²¹⁷ Espcie de bondinho.

Encerramento: às 23 ½ horas.²¹⁸

O artigo 89º do Regulamento estabelecia que as sextas-feiras os Pavilhões permaneceriam fechados ao público por questões de limpeza e manutenção dos espaços expositivos.

Para entrar e visitar a “Cidade Histórica” de Portugal, os visitantes pagavam valores que variavam de 1\$50 a 5\$00 escudos, para ingressos unitários, e de 30\$00 a 200\$00 escudos, para pacotes de ingressos. O quadro a seguir lista os valores dos bilhetes, aprovados pela Comissão da Exposição do Mundo Português:

Quadro 9 – Valores dos Ingressos da Exposição do Mundo Português²¹⁹

Bilhetes da Exposição	Valores
Dias populares	1\$50
Entrada Geral	2\$50
Entrada com direito ao Parque de Atrações	3\$50
Dia de inauguração e grandes festas	5\$00
Excursões de 50 a 200 pessoas	2\$00
Excursões com mais de 200 pessoas	1\$50
Cadernetas com 10 entradas	30\$00
Cadernetas com 30 entradas	60\$00
Assinatura de bilhete para toda temporada	200\$00

Os visitantes ao entrarem no certame recebiam gratuitamente o *Guia Oficial da Exposição do Mundo Português*²²⁰. Um folheto desdobrável e ilustrado (composto por Eduardo Anahory) que continha informações úteis sobre a Exposição e limitava-se a situar as suas Seções e os seus Pavilhões, sem fazer nenhuma menção de autoria. Nele, havia um item intitulado “Como se deve ver a Exposição”, através do qual se torna possível conhecer o roteiro proposto oficialmente para que a síntese da História de Portugal fosse apreendida pelos visitantes.

A seguir, com base no roteiro proposto aos visitantes no *Guia Oficial da Exposição do Mundo Português*, será apresentada com mais detalhes os elementos que

²¹⁸ *Apud.* Rosana Andrade Dias do Nascimento. *Op. cit.* p. 124.

²¹⁹ Dados extraídos de: Rosana Andrade Dias do Nascimento. *Idem.* p. 123.

²²⁰ Uma das muitas publicações oficiais das festividades de 1940. A sua composição gráfica foi de Eduardo Anahory, o vencedor do concurso que criou o emblema que figurou nas publicações das Comissões dos Centenários Portugueses.

compuseram a Seção Histórica da Exposição do Mundo Português, na qual foi expressa uma síntese da História de Portugal, em 1940.

2.3. “Como se deve ver a Exposição”: um *tour* pela Seção Histórica da Exposição do Mundo Português

O título *Como se deve ver a Exposição* é bastante significativo ao se tratar de uma exposição de pretensões universais. Haja vista, que, como mencionado anteriormente, as grandes exposições foram, de acordo com Heloisa Barbuy, “fenômenos de visualidade” através dos quais sempre se pretendeu veicular algo para alguém. O que evidencia mais uma das principais características desse tipo de evento que está diretamente ligada a sua função pedagógica e disciplinadora: a sua capacidade de transmitir informações por meio de imagens. Como afirmou Margarida de Souza Neves, a função desses espaços era o de “... divertir e disciplinar a multidão...”, o que se dava através do olhar.²²¹

Em 1940, Oliveira Salazar pretendeu, como idealizador da Exposição do Mundo Português, ensinar aos portugueses (de aquém e de além mar) e aos não-portugueses sobre o Mundo Português. Dessa forma, a Exposição deveria ser, antes de tudo, uma síntese da História portuguesa, possibilitando que o visitante apreendesse de maneira rápida, através do olhar, “o sentido profundo, a verdadeira expressão de Portugal”:

Tão extenso e fragmentado pelo mundo é o território português, tão misterioso e diverso o espírito da grande nação atlântica, que se torna sobremaneira difícil – se não impossível – apreender rapidamente o sentido profundo, a verdadeira expressão de Portugal.

Só uma longa permanência no país, servida por largas viagens através do Império, poderá esclarecer cabalmente quem quiser penetrar o mistério português – tão apaixonante na evocação do seu passado quase milagroso e na projeção do futuro brilhante que o seu presente de claridades anuncia. A existência de um resumo vivo de Portugal, síntese da sua história e da sua etnografia, completo sem ser carregado, simples sem ser incorreto, impunha-se como uma necessidade de documentação, não só do que fomos mas do que hoje valem como povo trabalhador e como grande Império.²²²

²²¹ Margarida de Souza Neves. As “Arenas Pacíficas”. *Gávea: revista de História da Arte e Arquitetura*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, abr. 1988. p. 31.

²²² *Comemorações Centenárias. Programa Oficial 1940. Op. cit. s.p.*

A idéia era proporcionar ao visitante uma viagem breve através de Portugal no tempo e no espaço. No tempo, através de seus oito séculos de História. No espaço, através de seu império colonial espalhado pelo planeta. Assim, de acordo com o *Guia Oficial da Exposição do Mundo Português* a primeira Seção que deveria ser visitada era a Seção Histórica, onde estava o passado glorioso da “mais antiga Nação da Europa”; em seguida, viria a seção de Etnografia Metropolitana retratando a rica cultura portuguesa e o engenho de seu povo; por último ficara reservada a Seção Colonial, que representava as riquezas e a grandiosidade do Império no presente e a esperança de Portugal para um futuro independente e ainda mais glorioso.

Então, em “Como se deve ver a Exposição” a vista à Seção Histórica da Exposição deveria seguir o seguinte roteiro:

A visita deve iniciar-se pela entrada principal, localizada na *Praça Afonso de Albuquerque*.

O visitante encontra na sua frente o *Pavilhão da Fundação* (1). Subirá ao 1º andar deste Pavilhão e seguirá a sua visita, atravessando a ponte da *Porta da Fundação*, no extremo da qual se encontra o *Pavilhão da Formação e Conquista* (2).

A seguir, percorrerá o *Pavilhão da Independência* (3), transpondo a entrada principal, que se encontra ao lado das três grandes Ogivas.

À saída deste Pavilhão, encontrará na sua frente o dos *Descobrimentos* (4) e a seguir a ele a *Grande Esfera* (5).

Terminando este percurso, atravessará de novo a ponte da *Porta da Fundação*, descê-la-á para o lado oposto e prosseguirá a sua digressão pela ordem seguinte: *Pavilhão do Brasil* (6).

Pavilhão da Colonização (7) – (Porta à direita da fachada principal).

Pavilhão de Lisboa (9) – Entrada fronteira à *Estátua de Santo António*.

Continuando, poderá visitar a *Casa de Santo António* (8) e o *Bairro Comercial e Industrial*.

Voltará de novo à *Praça do Império*, em cujo eixo fica a porta principal do *Pavilhão de Honra* (9); percorrerá este e poderá aproveitar a circunstância de se encontrar perto da *Secção Colonial*, para a visitar. No caso de desejar fazê-lo noutra oportunidade, atravessará a *Praça do Império* e visitará:

O mosteiro dos Jerônimos (10), onde poderá analisar a *Exposição de Cartografia* e as *Recordações dos Portugueses em Espanha*.

Dirigir-se-á depois para as três secções do *Pavilhão dos Portugueses no Mundo* (11), que deverão ser vistas pela ordem seguinte:

1º - *Brasil Colonial* (Portado Norte, lado dos Jerônimos) 2º - *Portugueses no Mundo* (entrada central, por detrás da *Estátua da Soberania*) 3º - *Portugal 1940* (Porta ao sul do pavilhão), do lado da *Praça do Império*.

À saída o visitante contornará o *Pavilhão dos Portugueses no Mundo* e encontrará, em frente da sua fachada posterior, o *Pavilhão dos Caminhos de Ferro e Portos* e os das *Telecomunicações* (Correios, Telégrafos e Telefones) (14). ...²²³

²²³ *Guia Oficial da Exposição do Mundo Português*. Lisboa, 1940.

Após completar este percurso, era indicado ao visitante que explorasse a Seção de Etnografia Metropolitana também seguindo uma ordem: primeiro, deveriam ser visitadas as Aldeias Portuguesas; depois, o Parque Infantil e o Jardim dos Poetas. Para o visitante chegar aos Pavilhões do Centro Regional, era necessário atravessar a ponte sobre a Porta da Restauração, cruzando a Avenida da Índia e a estrada de ferro. Aí os Pavilhões deveriam ser visitados obedecendo a mais uma sequência: 1º Prólogo; 2º Ourivesaria; 3º Terra e Mar; 4º Artes e Indústria; e 5º Doçarias.

De acordo com Raquel Varela, nesta Seção, dirigida pelo Secretariado da Propaganda Nacional, se tentou criar uma certa idéia de português, “... rural, ligado à terra, aos costumes tradicionais, à religião católica e à vida familiar”.²²⁴

Após a visita à Seção de Etnografia Metropolitana, deveriam ser visitados o Padrão dos Descobrimentos e a Nau Portugal, à beira do Rio Tejo.

Por último, esperava pelo visitante o atual Império Português: a Seção Colonial. Mesmo que no *Guia Oficial* houvesse a possibilidade de visitá-la, em decorrência da proximidade, após percorrer o Pavilhão de Honra, a Seção Colonial deveria encerrar o *tour*. Situada no Jardim Colonial, essa Seção abrigava os pavilhões das colônias portuguesas e as recriações da vida nas mesmas, com palhoças, habitantes e animais trazidos da África e da Ásia para representarem, em Lisboa, cada um dos territórios pertencentes a Portugal em 1940.

Para o acesso ao Jardim Colonial foi necessária a construção de uma ponte, devido a uma ladeira que existia no terreno. Os elementos que compuseram esta Seção podem ser observados na imagem abaixo:

²²⁴ Raquel Varela. A grande Exposição do Mundo Português. In: PAÇO, António (Org.). *Os Anos de Salazar*. Lisboa: Editora Planeta de Agostini, 2008. (Volume 5, 1940-1942). s.p.

Figura 13 – Planta Geral da Seção Colonial da Exposição do Mundo Português²²⁵

A – Missões Católicas; B – Pavilhão de Angola e Moçambique; C – Casa Colonial – Direção; D – Pavilhão de Caça e Turismo; E – Monumento Esforço Colonial; F – Uma Rua de Macau; G – Pavilhão das Ilhas; H – Museu de Arte Indígena; I – Pavilhão da Guiné; J – Informações; K – Restaurante Colonial; L – Rua da Índia; M – Pavilhão do Chá; N – Pavilhão do Café; O – Pavilhão de Matérias-primas; P – Emissora Imperial

A localização das Seções e dos Pavilhões da Exposição do Mundo Português, bem como o roteiro proposto para a visitação da Seção Histórica, pode ser acompanhada na imagem a seguir. Os números que aparecem no texto “Como se deve ver a Exposição”, citado anteriormente, são correspondentes aos números da imagem:

Figura 14 - Planta Geral da Exposição Histórica do Mundo Português²²⁶

²²⁵ Pavilhão do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português 1940. Lisboa: Oficinas de Neogravura Limitada, 1941. s.p.

1 – Pavilhão da Fundação; 2 – Pavilhão da Formação e Conquista; 3 – Pavilhão da Independência; 4 – Pavilhão dos Descobrimentos; 5 – Esfera dos Descobrimentos; 6 – Pavilhão do Brasil; 7 – Pavilhão da Colonização; 8 – Casa de Santo Antônio; 9 – Pavilhão de Honra e de Lisboa; 10 – Mosteiro dos Jerônimos; 11 – Pavilhão dos Portugueses no Mundo; 12 – Bombeiros, Polícia, Posto Médico e Reclamações; 13 – Pavilhão dos Caminhos de Ferro e Portos; 14 – Telecomunicações e Turismo; 15 – Jardim dos Poetas e Parque Infantil; 16 – Pavilhões da Vida Popular; 17 – Restaurante do Espelho de Água; 18 – Piscina; 19 – Padrão dos Descobrimentos; 20 – Nau Portugal; R – Retretes (Banheiros); S – Instalações de Som; I – Pavilhões de Informações

Quanto às disposições internas das edificações da Exposição do Mundo Português, é preciso mencionar que sobre os interiores de seus pavilhões faltam elementos informativos, haja vista que jamais foram publicados guias ou catálogos sobre as obras e as decorações realizadas nesses ambientes. Em 1956, por ocasião da *Exposição 30 Anos de Cultura Portuguesa*²²⁷, foi publicado o álbum *Mundo Português: Imagens de uma Exposição Histórica 1940*²²⁸, no qual há fotografias da Exposição, inclusive do interior de seus pavilhões. Contudo, não há legendas que localizem as

²²⁶ *Pavilhão do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português 1940*. Lisboa: Oficinas de Neogravura Limitada, 1941. s.p.

²²⁷ Exposição cujo objetivo foi homenagear as personalidades que se distinguiram de 1926 a 1956 no campo do pensamento, das letras, das ciências e das artes, representadas por elementos evocativos da sua atividade em prol da cultura portuguesa. Realizada em Lisboa, sob a responsabilidade do Secretariado Nacional de Informação (SNI).

²²⁸ *MUNDO PORTUGUÊS: Imagens de uma Exposição Histórica 1940*. Lisboa: Edições do Secretariado Nacional da Informação, 1956. Catálogo de exposição. s.p.

imagens em seus respectivos pavilhões, muito menos são citados os nomes das obras ou de seus executores.

Reconstituir as peças desse quebra-cabeça consistiu trabalho minucioso e árduo e se deu principalmente através da leitura e observação atentas de fontes como, a *Revista dos Centenários*, o álbum *Mundo Português: Imagens de uma Exposição Histórica 1940*, o *Guia Oficial da Exposição do Mundo Português*, o *Programa Oficial 1940* e dos textos de José-Augusto França.

Dessa forma, como descrito no *Guia da Exposição do Mundo português*, o *tour* pelo certame tinha início pela entrada principal, localizada na Praça Afonso de Albuquerque. Ao transpô-la entrava-se na Seção Histórica e, a partir daí, tinha início a História de Portugal, “que vai ser contada em documentos, esculturas, pinturas, maquetas”.²²⁹

Ao entrar, o visitante era conduzido no tempo: do presente para o passado de Portugal. E, para que ele pudesse sentir a “energia e a força da Epopéia do Começo”²³⁰, o primeiro pavilhão que deveria visitar era o da Fundação de Portugal.

Pavilhão da Fundação de Portugal

Na Exposição do Mundo Português não se leram documentos; sentiram-se apenas. O testamento de Afonso Henriques, o primeiro pergaminho probatório da sua realeza, a Bula Papal de 1179, em que a coroa lhe é reconhecida, o foral da velhíssima Guimarães, tudo os olhos entenderam só de olhá-los. Estátuas e legendas murais, deram inteligência à letra desenhada dos escribas medievos.²³¹

Traçado pelo arquiteto Raul Rodrigues de Lima, o Pavilhão de traços simples tinha a forma de um castelo medieval, lembrando os paredões do Castelo de Mumadona em Guimarães, cidade berço de Portugal. Sobre a sua entrada principal havia a Cruz de Cristo (o selo do rei fundador, Afonso Henriques) com a palavra “Portugal” decomposta entre seus braços.

²²⁹ *Comemorações Centenárias. Programa Oficial 1940*. Lisboa: Secção de Propaganda e Recepção, 1940. s.p.

²³⁰ *Ibidem*. s.p.

²³¹ MUNDO PORTUGUÊS: Imagens de uma Exposição Histórica 1940. *Op. cit.* s.p.

Figura 15 – Pavilhão da Fundação de Portugal²³²

Seu diretor coordenador foi Luiz Pastor de Macedo e nele trabalharam os pintores modernistas Manuel Lapa, Frederico George e Lino António, bem como os acadêmicos Martins Barata e Joaquim Rebocho.

Em seu interior havia um Átrio, a Sala de D. Afonso Henriques, uma galeria, a Sala de Documentos, a Sala dos Castelos, a Sala das Batalhas e três passagens que ligavam entre si as salas do Pavilhão.

A visita tinha início pelo Átrio no qual estavam expostos, de um lado e de outro, reproduções de petróglifos da época pré-romana e estátuas de guerreiros.

Na Sala de D. Afonso Henriques, ao fundo, destacava-se a estátua do Rei Fundador, representado em postura idêntica aos seus companheiros de cimento moldado que guardavam a Porta da Fundação de Cottinelli Telmo. A sala ainda abrigava a espada atribuída a Afonso Henriques e uma reprodução da pia batismal de São Miguel de Guimarães na qual se acredita que o monarca fora batizado. Nas paredes foram compostas as árvores genealógicas da ascendência e descendência do primeiro rei.

²³² *Ibidem.* s.p.

Figura 16 – Estátua de D. Afonso Henriques na Sala que levava o seu nome²³³

A primeira Passagem expunha um busto de Afonso Henriques, supostamente do século XII e que seria originário de Santarém.

Na Galeria estavam representadas figuras ligadas ao primeiro monarca, como as esculturas do Arcebispo de Braga, D. João Peculiar, e de Gualdim Pais, além do túmulo de seu aio Egas Moniz.

A Sala de Documentos guardava, entre outros objetos, o documento em que, provavelmente pela primeira vez, se deu o título de Rei a Afonso Henriques (março de 1139), a Bula Papal em que a Igreja o reconheceu como rei (de 23 de maio de 1179), o seu testamento e o foral de Guimarães.

Na segunda Passagem foram representadas nas paredes iluminuras da época da fundação.

Em seguida, na Sala dos Castelos fora feita uma miniatura do Castelo de Guimarães (ou de Mumadona).

E, na última Sala, a das Batalhas, estavam expostos: ao centro, uma celada (armadura de ferro protetora da cabeça) do século XII; e, ao fundo, uma representação da morte de Martim Moniz.

A visita ao Pavilhão da Fundação se encerrava na terceira Passagem, que também trazia em suas paredes motivos de iluminuras da época.

²³³ *Ibidem.* s.p.

Para Osvaldo Orico, Representante Cultural da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal, que participou de quase todos os eventos comemorativos em Portugal, no ano de 1940, o Pavilhão da Fundação foi a “estampa” da obra de Damião Peres *Como nasceu Portugal*, publicada em 1938.²³⁴

O próximo passo indicado ao visitante pelo *Guia Oficial da Exposição do Mundo Português* era a visita ao Pavilhão da Formação e Conquista. Para tanto, o visitante deveria, ao sair do Pavilhão da Fundação, atravessar a passarela da Porta da Fundação, por conta da estrada de ferro e da Avenida da Índia, que atravessavam todo o certame.

A Porta da Fundação, uma grande passarela, foi projetada pelo Arquiteto Chefe da Exposição, Cottinelli Telmo, e ligou entre si os dois grupos de Pavilhões da Seção Histórica. Tratava-se de quatro figuras de “guerreiros-colunas”, entre os quais estava escrito “Exposição do Mundo Português” e havia as datas “1140 – 1640 – 1940”. Os guerreiros em cimento moldado eram a representação dos companheiros do rei, Afonso Henriques, e traziam em sua mão direita uma espada e na esquerda um escudo.

Figura 17 – Porta da Fundação²³⁵

Pavilhão da Formação e Conquista

Assim como o Pavilhão da Fundação, o Pavilhão da Formação e Conquista também foi projetado pelo arquiteto Raul Rodrigues de Lima. Tratava-se de uma forma simples com altos paredões. Em seu exterior, na parede mais alta, havia um imenso baixo-relevo que buscava resumir o significado do Pavilhão: ao redor de uma grande

²³⁴ Osvaldo Orico. *À Sombra dos Jerónimos: Diário de Uma Viagem ao Portugal de Oito Séculos*. Lisboa: Imprensa Portugal-Brasil, 1940. p. 24.

²³⁵ MUNDO PORTUGUÊS. IMAGENS DE UMA EXPOSIÇÃO HISTÓRICA 1940. *Op. cit.* s.p.

espada (que fazia referência à conquista contra o Islã) estavam postos 11 castelos que representavam cada um dos territórios conquistados aos mouros (Lisboa, Santarém, Sintra, Torres Novas, Torres Vedras, Palmela, Abrantes, Alcobaça, Évora, Penela e Porto de Mós). A conquista desses territórios através da espada e da cruz teria contribuído para a formação geográfica do reino que nascia:

A conquista do sul firmara a soberania e a configuração geográfica do novo reino sonhado por Afonso Henriques e ganho pela geração impetuosa dos Sanchos e dos Afonsos que lhe sucederam, coroa de soberanos conquistadores e povoadores, que foram o prefácio dinástico da nação.²³⁶

Do lado externo do Pavilhão ainda havia baixos-relevos menores que faziam menção a episódios importantes da História de Portugal nesse período. Neles podiam ser lidos: “1125 D. Afonso Henriques arma-se a si próprio cavaleiro na Catedral de Zamora”; “1128 O encontro de S. Mamede – primeiro passo para a formação de Portugal”; e “1139 D. Afonso Henriques vence os mouros na Batalha de Ourique”²³⁷.

Figura 18 – Pavilhão da Formação e Conquista e arcos ogivais²³⁸

Ao lado do Pavilhão, entre ele e o Pavilhão da Independência, encontrava-se outro elemento artístico da Exposição que aparece descrito em “Como se deve ver a Exposição”: as “três grandes Ogivas”. Três grandes arcos ogivais projetados por

²³⁶ *Ibidem.* s.p.

²³⁷ *Ibidem.* s.p.

²³⁸ *Ibidem.* s.p.

Cottinelli Telmo e que eram uma das principais entradas do certame. Sobre eles G. Matos Sequeira comentou o seguinte:

Os arcos que atalaíam a fachada do Pavilhão [...] com as suas altas ogivas de ponta de lança, tocando-se numa ânsia ascensional, fugindo da realidade para o sonho, são um símbolo do esforço da conquista, visto através de uma idéia de arte.²³⁹

A direção coordenadora do Pavilhão também ficou a cargo de Luiz Pastor de Macedo e sabe-se que nele, entre outros artistas, trabalharam os pintores acadêmicos Martins Barata e Joaquim Rebocho e o modernista Lino António.

Em seu interior o Pavilhão, que segundo Osvaldo Orico “explica a infância e o desenvolvimento do Reino”²⁴⁰, era composto pelo Átrio, pela Sala do Mapa, pela Sala da Formação e Povoamento, pela Sala de D. Diniz, pela sala dos Documentos, pela Sala da Rainha Santa Isabel, por uma Passagem e pela Sala de D. Afonso IV, D. Pedro e D. Fernando.

Pelo Pavilhão o destaque era dado às batalhas que foram fundamentais para a formação do Reino; aos monarcas; à fé; e ao engenho de todo o povo que contribuiu para a formação da nacionalidade, pegando em armas ou não.

Assim, o Átrio homenageava as ordens militares.

Na Sala do Mapa havia um mapa luminoso em relevo que mostrava a formação do território português. Em frente a ele, do outro lado da sala, uma grande espada colocada, como a do baixo-relevo do lado externo do pavilhão, com sua ponta apontando para o chão.

Em uma das salas havia um grande painel representando “As três batalhas decisivas da Fundação”: a Batalha de São Mamede (1128); a de Ourique (1139) e a de Arcos de Valverde (1140). Na Batalha de Ourique fora retratado o milagre no qual no campo de batalha Afonso Henriques teria tido uma visão de Jesus Cristo, o que teria sido fundamental para a vitória dos cristãos na luta contra os mouros.

Estes símbolos de fé e da cristandade dos portugueses apareciam por todo o Pavilhão, sendo mais expressivos na sala e nos elementos dedicados à rainha Santa Isabel e tendo o seu auge em uma sala escura na qual um jogo de luzes iluminava apenas uma grande cruz, sobre a qual estava escrito: “Portugal sempre foi cristão”.

²³⁹ *Ibidem.* s.p.

²⁴⁰ Osvaldo Orico. *À Sombra dos Jerônimos: Diário de Uma Viagem ao Portugal de Oito Séculos.* *Op. cit.* p. 37.

Nas paredes do interior do Pavilhão estava representada a grei, o povo. Foram feitas reproduções em baixos-relevos de iluminuras do *Apocalipse de Lorrão*²⁴¹, nas quais homens e mulheres trabalhavam a terra para o preparo de pão e de vinho:

... e enquanto os homens de armas, em fossados e algaras, iam ganhando a terra, a grei dos campos ia-a lavrando e semeando, trocando por pão e vinho o seu esforço pacífico, outra maneira de conquistar e de enraizar nela o amor pela nação.²⁴²

Na última sala, a de D. Afonso IV, D. Pedro e D. Fernando, a visita se encerrava em um espaço dedicado à aliança luso-britânica, no qual estava escrito: “Depois do tratado comercial celebrado em 1353 Portugal e Inglaterra assinam vinte anos depois um tratado de aliança e amizade”²⁴³, como pode ser observado na imagem abaixo:

Figura 19 – Representação da aliança luso-britânica²⁴⁴

Sobre esta homenagem prestada à aliança luso-britânica, o mais antigo acordo diplomático ainda em vigor, Gustavo Matos Sequeira escreveu em 1956:

²⁴¹ Manuscrito do século XII que, em 1940, pertencia ao acervo do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Cf. MUNDO PORTUGUÊS: Imagens de uma Exposição Histórica 1940. *Op. cit.* s.p.

²⁴² *Ibidem.* s.p.

²⁴³ *Ibidem.* s.p.

²⁴⁴ *Ibidem.* s.p.

A velha amizade inglesa, principiada na conquista de Lisboa, houve que firmar-se por tratados. Em 1353 e 1373, primeiro o de comércio, depois o da aliança política, consolidaram o entendimento total entre as duas nações. Os leopardos e os lises britânicos e os castelos e os escudetes de Portugal, patrocinaram, heraldicamente, os momentos dessa aliança que ainda hoje dura.²⁴⁵

A seguir, o próximo Pavilhão a ser visitado era o da Independência.

Pavilhão da Independência

A luta pela Independência estende-se largamente por toda a História de Portugal e toda a Exposição Histórica do Mundo Português constitui uma exaltação do gênio da Independência Nacional. Mas, ao correr dos séculos, momentos houve em que a nossa existência perigou fortemente e em que se exacerbaram as capacidades de reação dos portugueses.²⁴⁶

O Pavilhão da Independência recorda especialmente esses momentos nos quais a soberania portuguesa esteve em crise: 1383–1385 as lutas com Castela; 1580–1640 a chamada União Ibérica; e 1807-1814 durante a Guerra Peninsular travada contra as invasões napoleônicas, período no qual a corte portuguesa se viu forçada a abandonar Lisboa e estabelecer a sede de seu império na cidade do Rio de Janeiro, na América Portuguesa.

Novamente, o arquiteto responsável por este Pavilhão foi Raul Rodrigues de Lima, que, como visto anteriormente, empregou o seu traço nos dois primeiros Pavilhões: o da Fundação de Portugal e o da Formação e Conquista.

Da mesma maneira que o seu vizinho e antecessor Pavilhão da Formação e Conquista, o Pavilhão da Independência também apresentava traços simples e retos que traziam de novo grandes paredões com um baixo-relevo principal.

²⁴⁵ *Ibidem.* s.p.

²⁴⁶ *Comemorações Centenárias. Programa Oficial 1940. Op. cit.* s.p.

Figura 20 – Pavilhão da Independência²⁴⁷

Em texto de 1980, José-Augusto França, historiador da arte e talvez o maior especialista em modernismo português, faria duras críticas ao traçado simples de Rodrigues de Lima nesse trio de Pavilhões que abria a Seção Histórica da Exposição: “Nos edifícios de Rodrigues de Lima sentia-se, mais do que em quaisquer outros, o provisório e a ‘feira’. Ficados no saldo da Exposição, para ateliers de escultores, [...] acusam bem a indigência das suas estruturas plásticas”²⁴⁸.

No Pavilhão da Independência o destaque em baixo-relevo trazia, de forma estilizada (quadrada), o Brasão de Armas de Portugal já acrescido de algumas modificações. Durante o reinado de Afonso III, no século XIII, se deu a primeira grande alteração das armas portuguesas, nas quais foi incluída uma bordadura²⁴⁹ (borda) carregada de castelos. Mais tarde, no século XVI, sob D. Sebastião fixou-se em 7 o número de castelos no interior da bordadura do Brasão.

Note-se então, que o Brasão adotado para a fachada do Pavilhão já possuía em sua bordadura os 7 castelos fixados durante o reinado de D. Sebastião. Isso, talvez, para fazer referência ao longo período da História de Portugal que seria abordado em suas

²⁴⁷ MUNDO PORTUGUÊS: Imagens de uma Exposição Histórica 1940. *Op. cit.* s.p.

²⁴⁸ José-Augusto França. 1940: Exposição do Mundo Português. *Op. cit.* p. 43.

²⁴⁹ Na heráldica a bordadura é a primeira das peças de honra de segunda ordem e é empregada para diferenciar as armas dos filhos segundos. Afonso III era o segundo filho de Afonso II e sucedeu ao seu irmão, Sancho II, em 1248.

Salas (século XIV ao XIX). No Brasão, além da borda com os 7 castelos, estavam ainda dispostos os cinco escudetes colocados em cruz, cada um contendo cinco besantes colocados em sautor (na forma de uma cruz diagonal – X).

Mais uma vez, a direção coordenadora do Pavilhão coube a Luiz Pastor de Macedo e nele também deixaram as suas marcas os pintores acadêmicos Martins Barata e Joaquim Rebocho e o pintor modernista Lino Antônio.

O seu interior fora organizado da seguinte maneira: um Átrio, a Sala de D. João I, a Sala de Aljubarrota, a Sala do Túmulo, a Sala 1640, a Sala de D. Filipa de Vilhena, a Sala de D. João IV e a Sala da Guerra Peninsular, além de três Passagens que conectavam uma sala a outra.

Nas vitrinas e paredes figuravam documentos, árvores genealógicas e imagens ligadas aos seguintes episódios e personagens: Nuno Álvares Pereira, figura fundamental nos anos de conflito com Castela; D. João I, o Mestre da Ordem de Avis; a Batalha de Aljubarrota, na qual Portugal contou com o apoio inglês na derrota dos castelhanos; D. João IV, coroado após o fim da União das Coroas Ibéricas, em 1640, um dos episódios celebrados pelas Comemorações Centenárias de 1940; e a Guerra Peninsular, episódio das Guerras Napoleônicas que envolveu Portugal, Espanha, Grã-Bretanha e França.

No Átrio, logo na entrada do Pavilhão, expunha-se um baixo-relevo dedicado a Nuno Álvares, “como símbolo do Gênio da Independência”²⁵⁰. Na parede estava o seu brasão de armas e a sala contava ainda com a sua espada.

Na Sala de D. João I, pinturas reproduziam a coroação do Mestre de Avis e o seu casamento com D. Filipa de Lencastre. Havia uma estátua do monarca e foram expostos também a sua espada e o seu elmo. Alegorias das batalhas de Aljubarrota, Atoleiros, Valverde e Trancoso, completavam o cenário.

A Sala dedicada a Aljubarrota, era circundada por um baixo-relevo que representava a batalha e a Sala do Túmulo fora dedicada a reprodução do sepulcro, existente no Mosteiro da Batalha, de D. João I e de D. Filipa de Lencastre.

Na Sala de D. João IV, o destaque era a estátua do soberano. Painéis representavam a sua descendência e os conflitos que levaram a sua aclamação na Europa, na África e no Brasil.

²⁵⁰ *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Nacional dos Centenários, n. 19 e 20, jul./ ago. 1940. p. 20.

Em uma das paredes da última Sala, a da Guerra Peninsular, podia ser lido: “Espontaneamente, num instinto de autonomia e de revolta contra o invasor, o povo português honrou, no século XIX, as tradições ganhas nos séculos XIV e XVII contra o domínio estrangeiro”²⁵¹.

Esse Pavilhão e essa frase desenhada na sala que o encerrava não faziam menção à independência de Portugal e de seus territórios apenas no passado. O presente era preocupante. O mundo estava em guerra e Portugal, embora europeu e dono ainda de um Império colonial significativo, estava temeroso. Será que seu povo e a sua longa História seriam suficientes, agora, em 1940, para manter íntegros a sua soberania e o seu império colonial, frente as disputas imperialistas, principalmente, entre dois grandes monstros: a Grã-Bretanha e a Alemanha? Será que se manter amigo da sempre aliada Inglaterra ajudaria em algo, mesmo o regime sendo mais próximo ideologicamente da Alemanha de Hitler ou da Itália de Mussoline?

O tema da independência, talvez o mais caro a Portugal nesse momento em que comemorava os seus Centenários.

Daí alguns assuntos, não por acaso, terem sido recorrentes ao longo dos Pavilhões apresentados até aqui, dentre os quais se destacam: a participação do povo, da grei, nos momentos decisivos da História portuguesa; e a aliança luso-britânica.

Com relação ao povo, em 1940, por uma questão de legitimidade o Regime necessitava do maior número possível de adeptos. Então, era preciso fazer com que o visitante se identificasse, se reconhecesse, na História de Portugal que a Exposição do Mundo Português se propunha a contar, já que, mais do que tudo, se tratava de um espetáculo para as massas. Assim, por todo o certame, o povo foi sempre representado, ao lado dos grandes homens, como peça fundamental para a formação de um caráter nacional. É importante mencionar que a Exposição contou ainda com a Seção de Etnografia Metropolitana, toda dedicada ao povo português.

Sobre a aliança luso-britânica, esta foi referenciada, principalmente, nesse conjunto de três Pavilhões que abriam a Exposição. Seja por meio de menção direta, como fora feito no Pavilhão da Formação e Conquista, ou indireta, ao retratar episódios da História portuguesa que contaram com a presença ou contribuição britânica como: o auxílio inglês na Batalha de Aljubarrota; o Casamento de D. João I com uma nobre

²⁵¹ MUNDO PORTUGUÊS: Imagens de uma Exposição Histórica 1940. *Op. cit.* s.p.

britânica, D. Filipa de Lencastre; e a união de forças para lutar contra as tropas napoleônicas no século XIX.

Contudo, o ponto alto da aliança luso-britânica durante as festividades portuguesas foi a visita do Duque de Kent que chegou a Portugal em 25 de junho de 1940, como enviado especial do Rei e do governo britânico às Comemorações Centenárias.

Em tempos de Guerra, não foi por acaso que no dia seguinte, 26 de junho, o convidado ilustre tenha sido o próprio Duque, irmão do rei George VI da Inglaterra, em uma cerimônia diplomática no Palácio da Ajuda, na qual as embaixadas extraordinárias e as missões especiais enviadas por vários países apresentaram as suas credenciais às festas centenárias.

Durante a solenidade, o Duque de Kent, trajando um uniforme da RAF (Royal Air Force), e a sua embaixada foram recebidos por Carmona e Salazar, aos sons do *God Save the King* e da *Portuguesa*. O presidente Carmona recebeu das mãos do Duque a carta credencial que o creditava como embaixador extraordinário de Sua Majestade Britânica.

Segundo Raquel Varela, era irônico o fato de Portugal ser “tão servil aos interesses britânicos” bem no momento em que comemorava a “grandeza da sua Nação”:

Afinal, o império impunha-se em África, mas na Europa Portugal continuava a ser dominado pelos grandes, sobretudo pela Inglaterra. Talvez por isso mesmo fosse tão importante evocar Portugal como uma Nação – uma forma interna e externa de conservar as colônias, agora que a guerra ameaçava dividi-las entre a Inglaterra e a Alemanha.²⁵²

No dia 28 de junho Salazar recebeu do Duque a grã-cruz da ordem de São Miguel e São Jorge. No mesmo dia, o Duque visitou a Seção Colonial da Exposição, inaugurada na tarde do dia anterior.

Mas, a Guerra se impunha e Portugal fazia de tudo para que suas colônias saíssem ilesas do conflito. Para Varela, “... valia tudo, incluindo, claro, rezar a Deus para que os países centrais não dividissem as colônias”.²⁵³

²⁵² Raquel Varela. A grande Exposição do Mundo Português. In: PAÇO, António (Org.). *Os Anos de Salazar*. Lisboa: Editora Planeta de Agostini, 2008. (Volume 5, 1940-1942). s.p.

²⁵³ *Ibidem*. s.p.

Então, no dia 27 de junho, Portugal rezou: no Mosteiro dos Jerônimos foi realizada uma missa pontifical na qual o Cardeal Cerejeira glorificou o Império Português, na presença de Carmona, de Salazar, das embaixadas e das missões estrangeiras e de inúmeros convidados militares e civis. Solenidade que o Presidente da Embaixada Especial do Brasil às Comemorações Centenárias de Portugal, Francisco José Pinto, denominou “das mais belas e impressionantes”²⁵⁴.

De volta ao roteiro da Exposição, logo em frente ao Pavilhão da Independência, estava o último, da Seção Histórica, a ser visitado deste lado da linha férrea, o Pavilhão dos Descobrimentos com a sua grande Esfera.

Pavilhão dos Descobrimentos

À beira Tejo ergue-se o Pavilhão dos Descobrimentos, em que se procurou resumir [...] a ação portuguesa nos progressos do conhecimento da Terra e do Mar. Continua-se assim a obra documental dos primeiros Pavilhões: os Descobrimentos não foram sucesso isolado da História portuguesa, mas apenas prolongamento por sobre o mar e para além dele da expansão que trouxe o pequeno núcleo nortenho ao domínio de toda a faixa litoral até ao Algarve.²⁵⁵

O Pavilhão em “L” trazia em sua fachada de linhas retas grandes baixos-relevos com motivos náuticos, entre os quais se destacava uma grande âncora, símbolo das embarcações, que fazia referência aos feitos portugueses pelos mares do mundo. Em uma das extremidades do prédio, continuando-o, a Esfera dos Descobrimentos: um grande domo vestido de esfera armilar que se destacava na paisagem da Exposição.

²⁵⁴ Francisco José Pinto. *Relatório*. Rio de Janeiro: Embaixada do Brasil às Comemorações Centenárias de Portugal, out. 1940. Arquivo Histórico do Itamaraty. p. 19.

²⁵⁵ *Comemorações Centenárias. Programa Oficial 1940. Op. cit. s.p.*

Figura 21 – Detalhe da fachada do Pavilhão dos Descobrimentos²⁵⁶

Projetado por Pardal Monteiro, dirigido e decorado por Cottinelli Telmo o Pavilhão contou ainda com a direção histórica do Comandante Quirino da Fonseca. Em seu interior havia 9 salas, nas quais trabalharam o escultor Canto da Maia e os pintores Manuel Lapa, Frederico George, Lino António, Martins Barata e Joaquim Rebocho.

Para José-Augusto França, Pardal Monteiro não foi muito feliz ao traçar o prédio, “... apenas destacado por um corpo central marcado por uma grande âncora, sem espírito, nunca mereceu reprodução em guias ou álbuns...”²⁵⁷. Ainda segundo o autor, subsistia no Pavilhão “lembranças retilíneas do racionalismo arquitetônico no qual Pardal havia se formado.”²⁵⁸

Na Esfera dos Descobrimentos e nas salas do Pavilhão foram revividos grandes figuras e episódios: o Infante D. Henrique, D. João II, D. João III, Camões, os navegadores, os cronistas, as lendas do Mar Tenebroso e a contribuição das viagens portuguesas que as destruíram. Mapas, rotas, documentos, instrumentos de navegação, sereias e monstros marinhos povoavam as salas, entre as quais vale à pena destacar a que trazia a reprodução de uma nau, elaborada para que o visitante tivesse a sensação de estar a bordo, no convés.

Na sala dedicada a D. João II, uma representação do Tratado de Tordesilhas, da qual saía uma forte luz de um corte feito em um globo por Portugal e Espanha, no alto, na parede, lia-se o seguinte: “Tratado de Tordesilhas meio jurídico e poderosa arma que D. João II legou ao seu sucessor: metade da Terra para os navegadores portugueses a

²⁵⁶ MUNDO PORTUGUÊS: Imagens de uma Exposição Histórica 1940. *Op. cit.* s.p.

²⁵⁷ José-Augusto França. *Op. cit.* p. 43.

²⁵⁸ *Ibidem.* p. 43.

outra metade para os espanhóis”²⁵⁹. Nessa sala havia ainda uma estátua de D. João II, mostrada na figura a seguir, feita pelo escultor Rui Gameiro, falecido em 1935, e considerada uma peça notável da escultura modernista portuguesa da época.

Figura 22 – Estátua de D. João II, “O Príncipe Perfeito”²⁶⁰

Outro conjunto que deve ser destacado é “D. Manuel entre Vasco da Gama e Cabral”, de autoria de Canto da Maia, pioneiro modernista dos anos 1910. Feito para a sala dedicada aos descobrimentos, nele, Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral foram representados oferecendo, simbolicamente, ao rei D. Manuel, os territórios nos quais chegaram, respectivamente, a Índia e o Brasil, como pode ser notado na figura abaixo:

²⁵⁹ MUNDO PORTUGUÊS: Imagens de uma Exposição Histórica 1940. *Op. cit.* s.p.

²⁶⁰ *Ibidem.* s.p.

Figura 23 - “D. Manuel entre Vasco da Gama e Cabral”²⁶¹

A última sala foi dedicada a Camões e ao seu “poema imortal”: “As estrofes dos Lusíadas, completaram e sublimaram os textos dos grandes cronistas”²⁶². Ao redor de uma escultura de Camões e de um grande livro representando a sua obra foram colocados os cientistas, os cartógrafos e os cronistas dos quais falou o escritor em seu épico.

Era da sala de Camões que se saía para visitar a Esfera dos Descobrimentos, uma grande cúpula em cujo interior figurou uma esfera giratória onde foram inscritas as rotas das viagens marítimas dos portugueses. G. Matos Sequeira definiu o que viu no interior da Esfera da seguinte maneira: “... o globo magnífico, em cujo interior iluminado mais pela nossa admiração do que pelo esplendor da luz, se inscreveram as rotas das navegações portuguesas, progenitoras do mundo moderno”²⁶³.

²⁶¹ *Ibidem.* s.p.

²⁶² *Ibidem.* s.p.

²⁶³ *Ibidem.* s.p.

Figura 24 – Esfera dos Descobrimentos²⁶⁴

Fazendo menção ainda a ação dos portugueses no mar, fora construída a *Nau Portugal*. Reconstrução de um galeão português da carreira da Índia, dos séculos XVII e XVIII, a embarcação pesava mil e trezentas toneladas e fora construída com madeiras portuguesas e brasileiras. Ancorada em Belém, no recinto da Exposição, bem em frente à Praça do Império, a *Nau* abrigava em seu interior a Exposição do Ouro, do Banco de Portugal; um restaurante; em seus porões havia adegas de vinhos de diferentes regiões do país; entre outras atrações.

²⁶⁴ *Ibidem.* s.p.

Figura 25 – Nau Portugal²⁶⁵

O visitante deveria visitá-la após passar pelo *Padrão dos Descobrimentos*, também à beira do Tejo, para finalizar a sua visita à Seção de Etnografia Metropolitana. Contudo, o peso da embarcação fez com que ela naufragasse durante as festividades, ali mesmo, ancorada em Belém.

Para dar continuidade à visitação, o visitante deveria, novamente, cruzar a ponte da Porta da Fundação para chegar até os Pavilhões da Seção Histórica que se encontravam do outro lado da Avenida da Índia e da estrada de ferro. A partir daí, a visita recomençaria pelo Pavilhão do Brasil.

Pavilhão do Brasil: a “Casa Brasileira”

O Brasil vem contar-nos, na grandeza das suas revelações, o que fez da nossa herança colonial, a que esplendor e a que opulência elevou o patrimônio que deixamos nas suas mãos. As fundações do Pavilhão Brasileiro sobre as quais vai lançar-se a benção ritual, reveste-se para nós – como todo este conjunto de edifícios – de expressão e de sentido simbólico. Construir é subir. Subiremos unidos, e tão alto, que as duas Nações possam ver distintamente, não apenas o passado de que se orgulham, mas o Futuro glorioso que as espera.²⁶⁶

Estas palavras foram proferidas por Júlio Dantas, Presidente da Comissão Executiva dos Centenários de Portugal, em 16 de novembro de 1939, na solenidade de entrega, às autoridades brasileiras em Lisboa, do terreno onde seria construído o Pavilhão do Brasil na Exposição do Mundo Português.

Na ocasião, Dantas se referiu ao espaço como o local onde seria construída a “Casa Brasileira”: “... o Brasil está junto de nós; a sua alma coletiva palpita de nobre emoção ao nosso lado; vem construir, perto do velho solar dos seus avós que é também o seu, a Casa Brasileira”²⁶⁷.

A cerimônia contou com a execução do hino nacional português pela banda da Legião Portuguesa e com a guarda de honra da Mocidade Portuguesa. Assistiram, ao ato, inúmeros convidados e personalidades: além de Júlio Dantas, estavam presente o Presidente da República, o General Carmona, e esposa; o Embaixador do Brasil em Portugal, Araújo Jorge; Augusto de Lima Júnior, Delegado Executivo do Brasil às

²⁶⁵ *Ibidem.* s.p.

²⁶⁶ *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Nacional dos Centenários, n. 13, jan. 1940. p. 15.

²⁶⁷ *Ibidem.* p. 14.

Comemorações Portuguesas; representantes de países da América do Sul e da Suíça; e o Arcebispo de Mitilene que abençoou o terreno.

O terreno foi entregue a Lima Júnior que a essa altura fora enviado a Portugal, pela Comissão Brasileira dos Centenários, para administrar junto ao governo português a participação do Brasil nos festejos de 1940. Após o discurso de Dantas e da benção do solo pelo Arcebispo, Lima Júnior, em discurso, agradeceu às autoridades portuguesas pela solenidade pública que marcava o início da participação brasileira nas Comemorações Centenárias de Portugal e sobre a participação do Brasil, disse o seguinte:

O Brasil vem, como pessoa da família em visita à casa paterna, dizer à sua Pátria de origem que os seus 50 milhões de cidadãos, guardando a raça, a língua e a religião que receberam de Portugal, serão sempre no continente americano os continuadores do valor português; que a Cruz de Cristo plantada pelas armas de Pedro Álvares Cabral será eternamente o símbolo da sua civilização e o elo poderoso que o ligará aos seus ancestrais, cujas glórias se formaram dilatando a Fé e o Império²⁶⁸.

É interessante lembrar que o Brasil foi o único país convidado a participar da Exposição do Mundo Português e mais do que isso, foi convidado, “como da família”, a ajudar Portugal a “fazer as honras da casa” e a erguer o seu “padrão de História” ao lado do padrão português, no momento em que Portugal comemorava a sua fundação, a sua independência e o seu império. O convite ao Brasil já constava na “Nota Oficiosa” de Salazar, de 27 de março de 1938, documento fundamental e que oficializou a idéia de serem comemoradas, em 1940, duas datas tão importantes da História portuguesa. Assim, vejamos na íntegra o que a “Nota Oficiosa” trazia sobre a participação do Brasil nos festejos:

Ao Brasil é devida referência especial, pois, seja qual for a parte que nas comemorações centenárias queiram amavelmente tomar os outros Estados, não podemos dispensar na gloriosa festa a presença, a participação, o concurso permanente e ativo do Brasil.

A História dos dois povos é comum a ambos, até ao alvorecer do século XIX; e quando os dois reinos se separaram, fizeram-no em termos que não tem precedentes na História. A atitude constante de Portugal para com o Brasil, desde o dia da nossa bifurcação no vasto Mundo, é a de terna e carinhosa solidariedade. Orgulhamo-nos tão naturalmente de quando empreenderam os nossos antepassados, como do que fizeram e tem de fazer os nossos descendentes. A nossa língua é a sua língua e enquanto Portugal continental é

²⁶⁸ *Ibidem.* p. 16.

estreita nesga de terra na Europa onde nunca poderão caber senão escassos milhões de almas, o Brasil é quase um continente, um mundo novo, e dele jorrarão pelos séculos adiante torrentes de humanidade, em cujas mãos estará bem entregue o tesouro das tradições de que hão de ser herdeiros, em sagrada partilha conosco.

Eis algumas razões por que havemos de pedir ao Brasil que venha a Portugal no momento em que festejaremos os nossos 800 anos de idade, ajudar-nos a fazer as honras da casa; que erga o seu padrão de História ao lado do nosso; que não seja apenas nosso hóspede de honra, mas, como da família, a par de nós acolha as homenagens que o Mundo nos deve e nos trará nessa ocasião; que nos mande, no maior número, os mais egrégios dos seus filhos, em romagem patriótica e cívica.

Não nos deteremos a precisar a forma a que aspiramos da colaboração brasileira nos centenários de 1939-1940. Queremos que o encontro dos nossos povos seja então efetivo e intenso como nunca o foi; e que o Mundo seja testemunha do que é o Brasil na História portuguesa – uma das suas páginas mais belas e a sua mais extraordinária realização, e do que é Portugal para o Brasil – a fonte inicial da sua vida, a Pátria da própria Pátria.²⁶⁹

E justamente dessa maneira, descrita na “Nota Oficiosa”, aconteceu: os representantes brasileiros às Festas Centenárias Portuguesas foram recebidos e se portaram como o filho preferido que, por sua postura exemplar, conquista o posto honroso de sempre estar à direita de seu velho pai. Os membros da Embaixada Especial às Comemorações e outros representantes brasileiros, como Gustavo Barroso, membro da Comissão Brasileira dos Centenários, desde o momento em que chegaram a Portugal até o momento de suas despedidas, estiveram lado a lado com as autoridades portuguesas, participando de eventos e recebendo as homenagens prestadas pelos representantes estrangeiros.

Sobre o *status* da Embaixada Especial do Brasil em Portugal, seu Presidente Francisco José Pinto, fazendo menção ao que dizia a “Nota Oficiosa” de Salazar, deixou registrado o seguinte, em outubro de 1940, já de volta ao Brasil:

Todas [as outras] embaixadas e missões pouco se demoraram no país, tendo assistido a um número reduzido de solenidades. À do Brasil, deu-se situação à parte, pois ajudava o Governo português a fazer as “honras da casa”. Chegou muito antes das outras e continuou ainda por muito tempo depois de se haverem elas retirado, tendo tomado parte em cerimônias para as quais não foram convidados representantes de quaisquer outras nacionalidades. Nas solenidades conjuntas, os representantes do Brasil foram sempre colocados com as autoridades portuguesas, como “pessoas da família”.²⁷⁰

²⁶⁹ Antonio de Oliveira Salazar. “Independência de Portugal – Nota Oficiosa da Presidência do Conselho”. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Nacional dos Centenários, n. 1, jan. 1939. p. 3.

²⁷⁰ Francisco José Pinto. *Relatório*. Rio de Janeiro: Embaixada do Brasil às Comemorações Centenárias de Portugal, out. 1940. Arquivo Histórico do Itamaraty. p. 18-19.

Durante os meses de silêncio de Getúlio Vargas, sobre a participação do Brasil nos festejos portugueses de 1940, quebrados por seu pronunciamento de 17 de junho de 1939, no Real Gabinete Português de Leitura. No Ministério das Relações Exteriores, documentos e recortes de jornais sobre as Festas Centenárias iam se acumulando; uma comissão para cuidar da representação brasileira em Portugal foi nomeada; e foram elaborados “As bases” e o “Programa” da participação brasileira em Portugal.

Isso é o que demonstra a documentação encontrada no Arquivo Histórico do Itamaraty, na cidade do Rio de Janeiro. De longe a mais volumosa sobre a participação do Brasil nas Comemorações dos Centenários Portugueses de 1939-1940.

Além do ofício de Carmona a Getúlio Vargas, em 22 de junho de 1938, mencionado no capítulo anterior, no Ministério vinham sendo arquivados recortes de jornais concernentes às Comemorações, principalmente de periódicos portugueses, como por exemplo: as notícias de 3 de fevereiro de 1939, do *Diário de Notícias*, sobre o andamento das obras da Exposição e que trazia as primeiras plantas gerais do certame; ou ainda, uma publicação de *O Século*, em 16 de fevereiro do mesmo ano, na qual foi noticiado o hasteamento da bandeira da Exposição nos terrenos de Belém; e de *A Voz*, de 5 de maio de 1939, fora arquivada a notícia sobre a publicação do Programa Português das festividades.

Com relação à efetiva participação do Brasil nos festejos, o movimento no Ministério das Relações Exteriores começou a se intensificar em março de 1939. Neste período, o Diplomata Caio de Mello Franco (Chefe da Divisão do Cerimonial do Itamaraty) se encontrou, em um almoço no Jockey Club do Rio de Janeiro, com o Embaixador de Portugal no Brasil, Martinho Nobre de Mello. Durante a ocasião seriam discutidos os principais pontos da representação brasileira nas festividades portuguesas de 1940.

De acordo com Caio de Mello Franco, a essa altura o Presidente Getúlio Vargas já havia aceitado o oferecimento, por parte do governo português, de um Pavilhão para o Brasil na Exposição do Mundo Português, o qual seria construído pelos próprios portugueses. Este seria, na verdade o espaço onde figurou a Exposição do Brasil Colonial, no interior do Pavilhão dos Portugueses no Mundo.

Então, a conversa com Martinho Nobre de Mello girou em torno da posição do Brasil quanto à construção de seu próprio Pavilhão na Exposição. Segundo Mello e Franco, Nobre de Mello mostrou-lhe “confidencialmente” as instruções que recebera do

governo português para organizar junto ao governo brasileiro as bases de um programa da representação do Brasil em Portugal.

Em um ofício de 10 de março de 1939, Caio de Mello Franco ao narrar o seu encontro no Jockey Club ao Ministro Interino das Relações Exteriores, Cyro de Freitas Valle, dizia o seguinte:

Mostrou-me o Doutor Nobre de Mello, confidencialmente, as instruções que recebera para organizar com o Governo brasileiro as bases de um programa de representação. Essas instruções contêm uma parte com a qual não concordou o representante de Portugal. Dizia, um dos itens, que o pavilhão do Brasil, conforme a carinhosa sugestão de um ilustre brasileiro de passagem por Portugal, deveria estar incluído na “Expansão do Mundo Português”. Em telegrama retrucou o Senhor Nobre de Mello que tal sugestão, se publicada, provocaria suscetibilidades justas entre os brasileiros. Respondeu, então, a Comissão de Lisboa que deixava ao Embaixador a inteira liberdade de ação nesse ponto, desde, entretanto, que a futura construção fosse incluída no plano geral das obras e arquitetonicamente uma construção na forma portuguesa.²⁷¹

Contudo, sobre a construção brasileira seguir uma “forma portuguesa”, Caio de Mello Franco disse, no referido ofício, ter sugerido a Martinho Nobre de Mello que o Pavilhão do Brasil fosse em estilo barroco, “... visto como o manuelino era sem expressão para nós brasileiros...”²⁷².

Caio de Mello Franco prometeu ao Embaixador português, fornecer-lhe em colaboração com Augusto de Lima Júnior, “alta autoridade na matéria”, elementos detalhados sobre o “... barroco de Vila Rica, considerado, geralmente, como destacada expressão brasileira.”²⁷³

Assim, o Diplomata brasileiro encerrou o seu ofício ao Ministro Interino Cyro de Freitas Valle da seguinte maneira:

Essas bases, estudadas por mim, em combinação com o Doutor Augusto de Lima Júnior, foram consideradas “magníficas” pelo Doutor Nobre de Mello, que me pediu para, reservadamente – e sem caráter algum oficial, antes como sugestão – enviar cópia à Comissão Executiva portuguesa para que, desde já, ficasse aparelhada para atender ao espaço e demais elementos de realização que fossem oportunamente solicitados pelo Brasil, caso as referidas sugestões se apresentassem viáveis.²⁷⁴

²⁷¹ Caio de Mello Franco. Ofício de 10 de março de 1939 ao Ministro Interino das Relações Exteriores, Cyro de Freitas Valle. Arquivo Histórico do Itamaraty. Comemorações e Celebrações: Portugal, Tomo I, Festas Centenárias, 641.7 (88); maço 9884. p. 1-2.

²⁷² *Ibidem*. p. 2.

²⁷³ *Ibidem*. p. 2.

²⁷⁴ *Ibidem*. p. 2.

Ou seja, as futuras “Bases do Programa da Participação Brasileira nas Comemorações Centenárias de Portugal”, que seriam elaboradas em abril de 1939 por Heitor Lyra, foram feitas com base em instruções vindas de Portugal.

Em uma nota do mesmo dia do ofício de Caio de Mello Franco, talvez de autoria do mesmo, também destinada ao Ministro Interino das Relações Exteriores, fora disposto que se impunha ao governo brasileiro:

... um longo trabalho prévio que exige largo período de tempo para a execução de um programa que, embora seja reduzido ao mínimo, mesmo assim fica de grande extensão e dificuldade. Respeitando os limites fundamentais traçados pela nota do Ministro Oliveira Salazar, teríamos que, sem prejuízo de outras iniciativas que possam surgir, cuidar desde já de organizar...²⁷⁵

Então, de acordo com este documento, o “Programa da Participação Brasileira nas Comemorações Centenárias de Portugal” deveria ser elaborado de acordo com o que fora estabelecido na “Nota Oficiosa” de Salazar. Já que através desta, o Brasil não fora convidado apenas a comparecer, mas principalmente, a colaborar na organização dos festejos.

Assim, em 15 de março de 1939, Caio de Mello Franco propunha ao Ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, alguns nomes que formariam a Comissão do Ministério do Exterior, que se reuniria no Itamaraty “... uma vez cada quinze dias ou semanalmente se for necessário.”²⁷⁶ Com representantes do Ministério do Exterior, do Ministério da Guerra, do Ministério da Marinha, do Ministério da Educação, do Ministério do Trabalho, do Ministério da Justiça, do Ministério da Viação, do Ministério da Fazenda, do Ministério da Agricultura, e da Associação Brasileira de Imprensa, o objetivo dessa Comissão seria:

... coordenar o trabalho parcial de cada Ministério, integrando no plano geral a ser submetido ao Senhor Ministro Oswaldo Aranha.
Deverá ainda estimular os trabalhos do preparo de tudo quanto possa contribuir para o brilho da representação brasileira.²⁷⁷

²⁷⁵ Nota de 10 de março de 1939 ao Ministro Interino das Relações Exteriores, Cyro de Freitas Valle. Arquivo Histórico do Itamaraty. Comemorações e Celebrações: Portugal, Tomo I, Festas Centenárias, 641.7 (88); maço 9884. p. 1

²⁷⁶ Caio de Mello Franco. Ofício de 15 de março de 1939 ao Ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha. Arquivo Histórico do Itamaraty. Comemorações e Celebrações: Portugal, Tomo I, Festas Centenárias, 641.7 (88); maço 9884. p. 2.

²⁷⁷ *Ibidem*. p. 2.

Junto à Comissão serviria um secretário com a função de Delegado Executivo, para este cargo Caio de Mello Franco sugeriu o nome de Augusto de Lima Júnior.

Em 29 de março de 1939, Getúlio Vargas nomearia a Comissão do Ministério do Exterior “... sem ônus para o Tesouro Nacional”²⁷⁸. Seu presidente seria, mais uma vez, o General Francisco José Pinto e quase todos os nomes sugeridos por Caio de Mello Franco, no ofício de 15 de março, estavam presentes. Desta maneira, seus membros foram:

Quadro 10 – Membros da Comissão do Ministério das Relações Exteriores

Comissão do Ministério do Exterior	
Membros	Ocupação na Época da Nomeação
Caio de Mello Franco	Ministro Plenipotenciário
Abelardo Bretanha Bueno do Prado	Conselheiro de Embaixada
Heitor Lyra	Conselheiro de Embaixada
Major Francisco Affonso de Carvalho	Oficial de Gabinete do Ministro da Guerra
Capitão de Fragata Didio Yratim Affonso da Costa	Representante do Ministério da Marinha; e Chefe da Seção de História do Estado Maior da Armada
Oswaldo Orico	Escritor
Rodrigo M. F. de Andrade	Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico
Antonio Augusto de Lima Júnior	Secretário Executivo

É importante notar que Oswaldo Orico também seria membro da Comissão Brasileira dos Centenários e Caio de Mello Franco e o Major Francisco Affonso de Carvalho fariam parte da Embaixada Especial do Brasil às Comemorações Centenárias de Portugal, enviada a Lisboa para representar Vargas em 1940.²⁷⁹

Já em 12 de abril de 1939 é possível perceber os feitos desta Comissão. Nesta data, Heitor Lyra submetia ao Ministro Interino das Relações Exteriores, Cyro de Freitas Valle, as “Bases de um programa de participação do Brasil nas Comemorações

²⁷⁸ Getúlio Vargas e Oswaldo Aranha. Decreto de 29 de março de 1939. Arquivo Histórico do Itamaraty. Comemorações e Celebrações: Portugal, Tomo I, Festas Centenárias, 641.7 (88); maço 10971.

²⁷⁹ Sobre a Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal e a Embaixada Especial do Brasil às Comemorações, veja o Capítulo 1 deste trabalho.

Centenárias Portuguesas de 1940”. De autoria do próprio Heitor Lyra, as “Bases” previam o seguinte:

- I – Construção de um Pavilhão na Exposição do Mundo Português;
- II – Organização de uma exposição cultural, contendo tudo quanto puder interessar a História e a Geografia comum aos dois países;
- III – Elaboração de livros, memórias, estudos, etc., que representem a colaboração espiritual do Brasil na história comum dos dois países;
- IV – Assinatura de uma série de atos internacionais, que aproximem e estreitem ainda mais os laços que unem as duas nações irmãs;
- V – Envio de uma delegação, onde figurem as classes representativas da nação;
- VI – Oferta a Portugal, como forma tangível do nosso apreço pela colaboração comum na era colonial, de uma estátua do padre Antonio Vieira;
- VII – Restituição a Portugal dos numerosos pacotes existentes no Ministério das Relações Exteriores, de interesse exclusivo para a história militar portuguesa na Europa.²⁸⁰

Estas “Bases de um programa de participação do Brasil” seriam publicadas, em Portugal, na *Revista dos Centenários* de junho de 1939²⁸¹ e, de acordo com os trabalhos de Luciene Lehmkuhl e de Rosana Andrade Dias do Nascimento, para elaborá-las Heitor Lyra teria solicitado ajuda a Afrânio Peixoto, que rapidamente lhe enviaria algumas sugestões quanto à representação brasileira em Portugal. Sobre este aspecto, Lehmkuhl afirmou que, embora com uma disposição diferente, a proposta de Heitor Lyra bebeu nas sugestões de Afrânio Peixoto.²⁸²

Heitor Lyra, em seu documento, além de apresentar as suas “Bases”, desdobrou cada uma delas. Assim sendo, de acordo com a primeira proposição, sobre a “construção de um Pavilhão na Exposição do Mundo Português”, Lyra deixou claro que conviria, “antes de tudo”, que o Pavilhão do Brasil fosse construído pelo governo brasileiro. Lyra comenta que Augusto de Castro teria dito recentemente que “... o Governo Português convidou o Brasil a construir ou decorar, ele próprio, esse segundo

²⁸⁰ Heitor Lyra. “Bases de um programa de participação do Brasil nas Comemorações Centenárias Portuguesas de 1940”, 12 de abril de 1939. Arquivo Histórico do Itamaraty. Comemorações e Celebrações: Portugal, Tomo I, Festas Centenárias, 641.7 (88); maço 9884. p. 1.

²⁸¹ Cf. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, n. 6, jun. 1939, p. 29.

²⁸² Infelizmente para este trabalho não se teve acesso a documentação referente às sugestões de Afrânio Peixoto. Para maiores esclarecimentos neste sentido confira: Luciene Lehmkuhl. *O Café de Portinari na Exposição do Mundo Português: modernidade e tradição na imagem do Estado Novo brasileiro*. Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 87-90; e Rosana Andrade Dias do Nascimento. *O “Brasil Colonial” e a Exposição do Mundo Português de 1940*. Salvador, 2008. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal da Bahia. p. 87-93.

pavilhão [dedicado apenas ao Brasil]”²⁸³, já que o outro pavilhão relativo ao Brasil e dedicado a sua História, seria um presente do governo português.

É possível perceber, através das palavras de Lyra, que havia uma inquietação por parte das autoridades portuguesas quanto à demora brasileira em definir o programa da sua participação nos festejos de 1940. Lyra escreveu:

Ouvi dizer em Lisboa que o senhor Oliveira Salazar está tão empenhado em que o Brasil tenha um pavilhão seu na Exposição, que se não nos resolvermos a construí-lo, Portugal o faria, oferecendo-nos, depois, o Pavilhão. Parece-me que mais vale, para nosso decoro, que construamos nós mesmos, esse Pavilhão.²⁸⁴

É importante lembrar, que quando Lyra escreveu este documento, em abril de 1939, o Presidente Getúlio Vargas ainda não havia se pronunciado oficialmente quanto ao aceite brasileiro em participar dos Centenários portugueses. Esse fato só ocorreria, como já mencionado, em 17 de junho de 1939.

De acordo com a documentação consultada no Arquivo Histórico do Itamaraty, em nota de 28 de março de 1939 o Embaixador português no Brasil, Martinho Nobre de Mello, reiterava o convite português (expresso primeiramente pela “Nota” de Salazar em março do ano anterior) ao governo brasileiro. Ou seja, as autoridades brasileiras realmente não se manifestavam e Portugal tinha, então, motivos reais para se preocupar com a representação do Brasil em sua grande festa.

A esta nota do Embaixador Martinho Nobre de Mello, o Ministro brasileiro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, responderia da seguinte forma, em 16 de abril de 1939:

O Brasil irá a Portugal, numa romagem cívica e afetiva, afim de ajudá-lo a fazer as honras da casa, no momento em que este festejará os seus oitocentos anos de idade e trezentos de restauração, quando serão prestadas ao grande descobridor de mundos as homenagens que lhe devem os povos civilizados. [...] Aceitando o convite que Vossa Excelência me transmitiu, não é só o governo do Brasil que estará presente em Portugal, mas as expressões mais lídimas da nacionalidade.²⁸⁵

²⁸³ Heitor Lyra. “Bases de um programa de participação do Brasil nas Comemorações Centenárias Portuguesas de 1940”, 12 de abril de 1939. Arquivo Histórico do Itamaraty. Comemorações e Celebrações: Portugal, Tomo I, Festas Centenárias, 641.7 (88); maço 9884. p. 1

²⁸⁴ *Ibidem*. p. 1-2.

²⁸⁵ Oswaldo Aranha. Ofício de 16 de abril de 1939 ao Embaixador Martinho Nobre de Mello. Arquivo Histórico do Itamaraty. Comemorações e Celebrações: Portugal, Tomo I, Festas Centenárias, 641.7 (88); maço 9884. p. 1

Esta foi a primeira manifestação positiva, por parte das autoridades brasileiras, encontrada entre os documentos consultados referentes à participação do Brasil nos Centenários Portugueses. No entanto, ainda não se tratava da resposta oficial do governo brasileiro. Esta viria apenas com Vargas, alguns meses mais tarde.

Em ofício de 25 de maio de 1939, Martinho Nobre de Melo encaminhava à Comissão responsável pela representação brasileira nas festividades, por intermédio do Ministro Oswaldo Aranha, alguns documentos referentes ao Pavilhão do Brasil na Exposição do Mundo Português. Entre estes documentos figurava uma fotografia do projeto deste Pavilhão. Ou seja, o projeto vinha de Portugal.

Neste mesmo ofício Nobre de Mello solicitava que a Comissão do Ministério do Exterior enviasse a Portugal um representante, “... afim do Pavilhão do Brasil ser erigido de comum acordo, acertando-se desde o começo as suas divisões e acomodações em harmonia com os planos da Exposição brasileira”²⁸⁶. Nobre de Mello sugeria que este representante fosse Augusto de Lima Júnior, o secretário da Comissão organizadora.

Finalmente, em 13 de junho de 1939, já sob as responsabilidades da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal, Francisco José Pinto, seu Presidente, apresentava a Oswaldo Aranha o Programa da Participação Brasileira nas Comemorações Centenárias de Portugal.²⁸⁷ Este nada mais era do que um desdobramento das “Bases” elaboradas por Heitor Lyra, como pode ser observado no Capítulo 1, onde o Programa foi transcrito na íntegra.

Augusto de Lima Júnior, assim como solicitara Martinho Nobre de Mello, seria enviado a Portugal apenas em outubro de 1939. Neste momento as obras da Exposição do Mundo Português encontravam-se a todo vapor, haja vista que o trabalho no certame tivera início em fevereiro do referido ano.

Por conta da demora do governo brasileiro em definir a sua participação nos Centenários Portugueses, as obras do Pavilhão do Brasil tiveram pouco mais de seis meses para serem concluídas. Como já mencionado, o terreno para a construção desse Pavilhão foi entregue a Lima Júnior em novembro de 1939 e a sua inauguração na Exposição se daria em 20 de julho de 1940.

²⁸⁶ Martinho Nobre de Mello. Ofício de 25 de maio de 1939 ao Ministro Oswaldo Aranha. Arquivo Histórico do Itamaraty. Comemorações e Celebrações: Portugal, Tomo I, Festas Centenárias, 641.7 (88); maço 9884.

²⁸⁷ Francisco José Pinto. Ofício de 13 de junho de 1939 ao Ministro Oswaldo Aranha. Arquivo Histórico do Itamaraty. Comemorações e Celebrações: Portugal, Tomo I, Festas Centenárias, 641.7 (88); maço 9884.

Através da documentação fica claro que o principal motivo do envio de Lima Júnior a Portugal, na condição de Delegado Executivo do Brasil às Comemorações Portuguesas, foi a construção do Pavilhão do Brasil.

Lima Júnior logo que chegou a Lisboa e submeteu o plano e o orçamento do Pavilhão do Brasil à avaliação da Comissão Executiva dos Centenários de Portugal, presidida por Júlio Dantas, teve que lidar com a desaprovação desse órgão que achou a proposta para o Pavilhão demasiado modesta, “... em relação ao local de honra para ele destinado em frente à porta principal da Exposição”²⁸⁸.

Assim, para que o Pavilhão fosse apresentado de acordo com as condições almejadas pelas autoridades portuguesas, seu plano primitivo teve de ser alterado e a sua construção completa custaria ao governo brasileiro 600 contos de réis.

Como a representação brasileira em Portugal, em 1940, seguiu desde o início instruções portuguesas, já que o Brasil tinha que se fazer representar à altura de uma nação que comemorava os seus oitocentos anos, o arquiteto designado para a elaboração do projeto do Pavilhão do Brasil foi Raul Lino, um português. Dessa forma, os responsáveis portugueses pela Exposição garantiam a boa qualidade da edificação brasileira e asseguravam a harmonia arquitetônica do certame.

Raul Lino possuía experiência com a arquitetura efêmera das grandes exposições. Em 1931, ele foi o responsável pelo conjunto de pavilhões portugueses na Exposição Colonial Internacional de Paris.

Contudo, em Portugal, em 1940, Lino foi assessorado por brasileiros: a Direção Coordenadora do Pavilhão do Brasil coube a Augusto de Lima Júnior; a sua construção foi dirigida pelo arquiteto Flávio Guimarães Barbosa e assistida pelo construtor Eduardo Lopes e Silva; e o responsável pelo projeto de seu interior foi Roberto Lacombe.

O Pavilhão em “L”, com grandes colunas que lembravam troncos de palmeiras, foi erguido no ponto mais nobre da Exposição: aos pés dos Jerônimos e ao lado do grande Pavilhão de Honra e de Lisboa, que ladeava a Praça do Império. De acordo com Martinho Nobre de Mello, o lugar de honra escolhido para o Pavilhão do Brasil no certame se deveu ao fato de que as “duas nações” deveriam encontrar-se em “... posição

²⁸⁸ Augusto de Lima Júnior. Telegrama de 23 de outubro de 1939 a Francisco José Pinto. Arquivo Histórico do Itamaraty. Comemorações e Celebrações: Portugal, Tomo I, Festas Centenárias, 641.7 (88); maço 9884.

simétrica que as irmana em relação ao Presente e ao Passado de que o corpo central [da Exposição] é uma evocação”.²⁸⁹

Figura 26 – Pavilhão do Brasil²⁹⁰

Para o vestíbulo Roberto Lacombe projetara uma grande fonte em motivo marajoara e a cobertura vazada do ambiente, que possibilitava a passagem da luz do Sol, juntamente com as colunas que a sustentavam remetiam o visitante, nas palavras de Luciene Lehmkuhl, “ao espaço da floresta tropical”²⁹¹. Este ambiente pode ser observado a seguir:

²⁸⁹ Martinho Nobre de Mello. Ofício de Ofício de 25 de maio de 1939 ao Ministro Oswaldo Aranha. Arquivo Histórico do Itamaraty. Comemorações e Celebrações: Portugal, Tomo I, Festas Centenárias, 641.7 (88); maço 9884.

²⁹⁰ MUNDO PORTUGUÊS: Imagens de uma Exposição Histórica 1940. *Op. cit.* s.p.

²⁹¹ Luciene Lehmkuhl. *Op. cit.*, p. 100.

Figura 27 – Vestíbulo do Pavilhão do Brasil²⁹²

Como Luciene Lehmkuhl mostrou em seu trabalho, a opção pelo estilo marajoara, inserido em pontos estratégicos da decoração do Pavilhão do Brasil, apontava para a questão central que naquele momento “... perpassava a intelectualidade brasileira concernente à construção da identidade nacional”:

A referência a um passado indígena trazia à tona as discussões travadas no seio do poder decisório das políticas culturais, quando da escolha do projeto para a construção do prédio do Ministério da Educação e Saúde. Episódio no qual o projeto de Arquimedes Memória, decorado em estilo marajoara, apesar de vencedor não foi encampando pelo ministro Capanema, que conseguiu “levar adiante sua idéia de dotar o país de um edifício-símbolo da modernidade *tout-court* e não apenas arquitetônica”.

Para o Pavilhão do Brasil em Lisboa, no entanto, o ministro não pareceu estar interessado em interceder a favor do modernismo/ funcionalismo.²⁹³

Segundo a autora, a adoção do estilo Marajoara em alguns pontos do Pavilhão, que além da fonte de Lacombe seria utilizado na cafeteria, demonstrava a interferência de uma corrente nacionalista que “... insatisfeita com o neocolonial passou a pesquisar fontes puramente decorativas, numa das raras manifestações de arte local, anteriores ao estabelecimento dos portugueses”²⁹⁴.

²⁹² MUNDO PORTUGUÊS: Imagens de uma Exposição Histórica 1940. *Op. cit.* s.p.

²⁹³ Luciene Lehmkuhl. *Op. cit.*, p. 104.

²⁹⁴ *Ibidem.* p. 104.

Para Lehmkuhl, o estilo arquitetônico que caracterizou o Pavilhão do Brasil em Portugal se situou “... num lugar equidistante entre o ‘neocolonial’ e o ‘modernismo’, fazendo uso de traçados apoiados no *Art Déco* de Raul Lino e no marajoara de Roberto Lacombe”²⁹⁵.

A opção, dos organizadores da Exposição, por um arquiteto português para o projeto do Pavilhão brasileiro, numa tentativa de preservar uma homogeneidade arquitetônica para o certame, parece não ter funcionado. José-Augusto França, ao escrever sobre o Pavilhão do Brasil, destacou justamente o fato deste ter sido “estranho ao espírito da Exposição”:

O pavilhão do Brasil, de Raul Lino, foi, de certo modo, estranho ao espírito da Exposição de que o autor, vindo de uma formação nacionalista aristocrática, não podia deixar de desconfiar. Era um edifício fechado sobre si próprio, com as paredes a imitar troncos de palmeiras, num desenho estilizado – como se tratasse de uma qualquer exposição internacional, feita pavilhão a pavilhão, sem integração desejável.²⁹⁶

Como se pode observar, no Programa da Participação Brasileira nas Comemorações Centenárias de Portugal (disposto no Capítulo 1) aparecem dois nomes de Pavilhões: Pavilhão do Mundo Português, no qual teria espaço uma exposição etnográfica, referente ao índio, e uma exposição referente à História comum ao Brasil e a Portugal, ou seja, à História Colonial do Brasil; e Pavilhão do Brasil Independente, onde seriam dispostas uma exposição sobre a História do Brasil Independente – da Inconfidência Mineira à República – e outra sobre o período contemporâneo, na qual seriam expostos dados sobre o saneamento, a saúde pública, os transportes, etc., do Estado Novo de Vargas.

De onde se pôde constatar que em junho de 1939, quando a Comissão Brasileira dos Centenários elaborou o Programa, o nome oficial atribuído pelo governo brasileiro ao Pavilhão do Brasil era Pavilhão do Brasil Independente. A alteração do nome do Pavilhão deve ter se dado durante o primeiro semestre de 1940, já que em novembro de 1939, data em que o Programa do Brasil foi publicado na *Revista dos Centenários*, o nome atribuído ao mesmo ainda era Pavilhão do Brasil Independente.

Contudo, o espaço reservado apenas ao Brasil na Exposição do Mundo Português não mudaria apenas de nome. A exposição a ele reservada sobre a História do

²⁹⁵ *Ibidem*. p. 105.

²⁹⁶ José-Augusto França. *Op. cit.* p. 43.

Brasil Independente seria transferida para o Pavilhão dos Portugueses no Mundo, onde, entre outras mostras, aconteceria a Exposição do Brasil Colonial.

Ao que tudo indica, a exposição etnográfica referente ao índio que ocorreria, de acordo com o Programa, na Exposição do Brasil Colonial, seria transferida para o Pavilhão do Brasil. De acordo com Omar Ribeiro Thomaz, peças de cultura material afro-brasileira e indígenas, pertencentes ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, teriam sido expostas no Pavilhão do Brasil nos primeiros dias após a sua inauguração. Todavia, segundo o autor, as bonecas de orixás seriam recebidas “com horror” por parte da delegação brasileira que ordenaria a sua exclusão da mostra.²⁹⁷

Então, ao Pavilhão do Brasil ficaram reservadas as seguintes exposições, dispostas em estandes: do Livro; da Imprensa; da Educação; da Viação e Geografia, da Saúde e Assistência, de Arte; do Diorama da Cidade do Rio de Janeiro; e Aviação. Além desses espaços o Departamento Nacional do Café providenciou para o Pavilhão uma cafeteria em estilo marajoara, na qual foram servidas e distribuídas diariamente “milhares e milhares de xícaras de café”²⁹⁸.

No alto da galeria térrea do Pavilhão havia um trabalho de fotomontagem de 40 metros de comprimento por 4 metros de altura, “sincronizando todo o crescimento e dinamismo do Brasil moderno”²⁹⁹. Na galeria superior estava o Diorama da Cidade do Rio de Janeiro que, sob os efeitos da iluminação, permitia ao visitante apreciar os aspectos da capital federal do Brasil durante os vários períodos do dia; e uma exposição de fotografias da arquitetura do Brasil, desde o período colonial. Nas paredes da escada e do vestíbulo da sala de projeções foram colocadas vistas fotográficas do país, emolduradas por um mostruário de madeiras brasileiras.

Na entrada do Pavilhão fora disposta a Exposição do Livro, composta por uma biblioteca com mais de três mil volumes, “... que atestam, nos diferentes setores do pensamento, a rápida evolução das nossas letras”³⁰⁰, e por uma sala de leitura. Após o fim da Exposição, os livros da biblioteca do Pavilhão do Brasil foram doados à Sala Brasil da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e à Academia de Ciências de Lisboa. Os livros infantis foram oferecidos ao jardim da infância D. Darcy Vargas, da cidade do Porto.

²⁹⁷ Cf. Omar Ribeiro Thomaz. *Ecossistema do Atlântico Sul*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Fapesp, 2002. p. 260.

²⁹⁸ *Pavilhão do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português 1940*. Lisboa: Oficinas de Neogravura Limitada, 1941. s.p.

²⁹⁹ *Ibidem*.

³⁰⁰ *Ibidem*.

Segundo o prefácio do álbum *Pavilhão do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português 1940*, durante os seis meses da Exposição do Mundo Português o Pavilhão do Brasil distribuiu mais de cem mil volumes “como propaganda e disseminação da cultura brasileira”³⁰¹ e dez mil catálogos com as identificações dos livros, autores e editores do país.

Todas as peças utilizadas no interior do pavilhão, como vitrinas, molduras, mobiliário, etc., foram confeccionadas no Brasil e montadas em Lisboa. De acordo com Luciene Lehmkuhl, “a organização da participação brasileira nos Centenários de Portugal proporcionou a empresas, artistas e artesãos [brasileiros] uma excelente oportunidade de trabalho”³⁰².

O visitante após passar por uma pequena rotunda, na qual foram expostos os bustos dos presidentes Getúlio Vargas e Oscar Carmona, adentrava o Salão de Arte, ou Stand de Arte, no qual figurara uma exposição de arte brasileira contemporânea. Esta sala de honra, além de abrigar a exposição de arte, foi o local destinado aos atos e encontros solenes no Pavilhão do Brasil.

Figura 28 – Salão de Arte no Pavilhão do Brasil³⁰³

³⁰¹ *Ibidem.*

³⁰² Luciene Lehmkuhl. *Op. cit.*, p. 107.

³⁰³ *Pavilhão do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português 1940*. s.p.

A maioria das obras escolhidas para compor este ambiente pertencia ao Museu Nacional de Belas Artes, porém, segundo o álbum *Pavilhão do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português 1940*, a exposição também contou com peças pertencentes a galerias e coleções particulares, além de algumas obras apresentadas por seus próprios autores, convidados especialmente para este fim.

Através das imagens e das descrições dispostas no álbum *Pavilhão do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português 1940* é possível visualizar o interior do Salão de Arte e identificar as obras expostas. Assim, fizeram parte da exposição de arte brasileira contemporânea: *Bailarina*, bronze de H. Leão Veloso; *Nu*, mármore de Humberto Cozzo; *Fonte*, bronze do Prof. J. O. Correia Lima; *Café*, tela de Cândido Portinari; *Paisagem*, tela de Jordão de Oliveira; *Despertar de Ícaro*, tela de Lucílio de Albuquerque; cerâmicas de Itaipava; *Arpoando*, bronze de Celita Vaccani; *Nona Sinfonia* (em bronze), busto do Padre Antônio Vieira (bronze), escultura de Osvaldo Cruz e *Mulher Nua* (gesso), de Samuel Martins Ribeiro; *Retrato de A. Correia de Lima*, de Rodolfo Chambelland; *Cabral*, tela do Prof. Eliseu D'Angelo Visconti; *Retrato da Pintora Silvia Meyer*, de Artur Timóteo; *Pequena Italiana*, tela do Prof. Rodolfo Amoedo; *Sansão e Dalila*, tela do Prof. Oscar Pereira da Silva; vaso marajoara em bronze de Camila Alves de Azevedo; *Primeiras Uniões Luso-Brasileiras*, gesso de Alfredo Olini; *Poesia das Praias*, tela de Pedro Bruno; *Paisagem do Andaraí*, tela de J. B. de Paula Fonseca; *Paisagem de Paraná*, tela de Vicente Leite; *Quietude*, tela de Levino Fanzeres; esboço da *Fuga para o Egito*, do Prof. Almeida Júnior; exposição de medalhas de Leopoldo Campos; pedras gravadas de Lucília Ferreira; *Chegada de Estácio de Sá ao Rio de Janeiro*, de Antonio Parreiras, tela oferecida ao governo português pelo interventor do Estado do Rio de Janeiro, o Comandante Ernani do Amaral Peixoto; *No Espelho*, tela de Marques Júnior; *Feira dos Arcos*, tela de Georgina de Albuquerque; *Catequese*, escultura de J. P. Guerra; baixos-relevos de Dante Croce; *O Rodeio*, tela de Cadmo Fausto; *Paisagem*, tela de Gastão Formenti; *Fim de Romance*, tela de Osvaldo Teixeira, oferecida ao Museu de Arte Contemporânea de Lisboa; *Penacova*, tela de Manoel Faria; vasos em bronze de Maria Francelina e Camila Alves de Azevedo; *Cabeça de Índio*, bronze de Zacco Paraná; estatueta em madeira, de Cassio Boy; estatueta de Bernardelli, de César Doria; *Marinha*, tela de Heitor de Pinho; *Paisagem Carioca*, tela de Dakir Parreiras; *Mangueiras*, tela de Renee Levefre; *Sol de Verão*, tela de Navarro da Costa; e *Baiana*, tela de Leopoldo Gotuzzo.

De acordo com o trabalho de Luciene Lehmkuhl, dedicado ao estudo do Pavilhão do Brasil e especialmente à exposição de arte, no final de março de 1940, o Presidente da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal, o General Francisco José Pinto, convocou um júri com a finalidade de selecionar as obras que figurariam na Exposição de Arte Contemporânea Brasileira nos festejos portugueses. Compuseram o júri: Oswaldo Teixeira, diretor do Museu Nacional de Belas Artes; o escultor e professor Correia Lima; o pintor, gravador e professor Carlos Oswald; o pintor e professor Eliseu Visconti; e Armando Navarro da Costa, membro da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal, o responsável pela representação artística do Brasil.³⁰⁴

Contudo, segundo a autora, as obras que aparecem nas imagens do álbum *Pavilhão do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português 1940* e na imprensa não coincidiram com a relação das obras selecionadas pelo júri e enviadas a Lisboa:

Algumas foram incluídas, outras descartadas; ainda é possível que muitas não apareçam nas fotografias, simplesmente por uma questão de enquadramento. No total, nove das vinte e quatro pinturas selecionadas não aparecem no catálogo, nem mesmo são mencionadas nos documentos. No entanto, outras pinturas que não figuravam na lista das obras liberadas pelo Museu [Nacional de Belas Artes] podem ser identificadas.³⁰⁵

As obras expostas no Salão de Arte no Pavilhão do Brasil seriam embarcadas com destino a Lisboa, de acordo com Lehmkuhl, em 1º de maio de 1940. Junto viajariam Armando Navarro e Gustavo Barroso, além de outros representantes e auxiliares brasileiros.³⁰⁶

Além de evidenciar o curto prazo que o júri teve para a seleção das obras que figurariam na Exposição de Arte (apenas o mês de abril de 1940), essa informação deixa claro outro fato importante para o objeto do presente trabalho, que é a Exposição Colonial do Brasil ocorrida sob a responsabilidade de Gustavo Barroso, no Pavilhão do Mundo Português. O fato de que tanto os objetos expostos no Pavilhão do Brasil, quanto os do Museu Histórico Nacional expostos na Exposição Colonial do Brasil, foram transportados juntos para Lisboa, em 1º de maio de 1940, no navio Almirante Alexandrino. Gustavo Barroso em seus textos, relatórios e documentos sobre a sua participação nas Comemorações Centenárias nada mencionou a este respeito.

³⁰⁴ Cf. Luciene Lehmkuhl. *Op. cit.*, p. 165-166.

³⁰⁵ *Ibidem.* p. 130.

³⁰⁶ Cf. *Ibidem.* p. 166.

Luciene Lehmkuhl, ao estudar o conjunto das obras que compuseram o Stand de Arte, afirmou o seguinte:

... o conjunto estudado é composto por obras que podem ser inseridas numa vertente tradicional/ acadêmica da arte brasileira, envolta em ares modernizantes. Não se trata mais daquela geração da academia preocupada em transpor para o Brasil os cânones das academias francesa e italiana na composição de uma pintura que ajudasse a afirmar a história do Brasil independente e devedor de toda uma tradição artística/ cultural européia, um Brasil que ainda não havia feito sua entrada na modernidade inaugurada no agitado século XIX. O conjunto estudado compreende obras realizadas durante as três primeiras décadas do século XX, contando apenas três exceções, Rodolfo Amoedo, João Batista da Costa e Oscar Pereira da Silva. As obras apresentadas são representações de paisagens, retratos, nus, naturezas-mortas e alegorias, que tentam conjugar a relação entre as tradições acadêmicas e uma visualidade que se entende como moderna, capaz de compor a imagem do Brasil da época.³⁰⁷

Segundo a autora, “somente o *Café* parece destoar”³⁰⁸ desse conjunto. De acordo com José-Augusto França, esta obra de Portinari exposta no Pavilhão do Brasil teria tido um grande efeito sobre o “processo modernista” português, que segundo o autor estava no fim³⁰⁹.

Figura 29 – Detalhe do Salão de Arte: à esquerda, o *Café* de Cândido Portinari³¹⁰

Dando continuidade à visita, o próximo Pavilhão que deveria ser visitado era o Pavilhão da Colonização, localizado ao lado do Pavilhão do Brasil.

³⁰⁷ *Ibidem.* p. 131.

³⁰⁸ *Ibidem.* p. 130.

³⁰⁹ José-Augusto França. *Op. cit.* p. 47.

³¹⁰ *Pavilhão do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português 1940.* s.p.

Pavilhão da Colonização

As grandes viagens portuguesas tiveram sempre como corolário a colonização das regiões descobertas e, se quisermos encontrar o sentido perfeito da palavra “colonização”, teremos de o procurar na História de Portugal. Na Exposição do Mundo Português o Pavilhão da Colonização documenta essa tendência racial. Mapas, quadros, vitrais, tapeçarias, frescos, trabalhos em ferro forjado, biombos de laca, fotomontagens, todos os meios de interpretação plástica de que foi possível lançar mão, contarão a história do nosso Império em África, na América, no Oriente, sem esquecer a nossa vocação missionária e o papel inigualável que Portugal desempenhou na expansão da Fé, levando a todo o Mundo a luz da civilização cristã.³¹¹

Projetado pelo arquiteto Carlos Ramos e dirigido por Júlio Cayola, Agente Geral das Colônias, o Pavilhão em formato de ferradura quadrada possuiu traços simples e retos. A decoração de sua fachada fora muito discreta se comparada às fachadas dos pavilhões descritos anteriormente. Esta, além de baixos-relevos de brasões e textos ligados à colonização portuguesa pelo mundo, teve como destaque os baixos-relevos a *Fé* e o *Império* que encimavam as duas portas do Pavilhão, obras do artista modernista Barata Feio, o escultor mais fecundo da Exposição que trabalhou em cinco pavilhões.

Figura 30 – Pavilhão da Colonização³¹²

³¹¹ *Comemorações Centenárias. Programa Oficial 1940. Op. Cit. s.p.*

³¹² *MUNDO PORTUGUÊS: Imagens de uma Exposição Histórica 1940. Op. cit. s.p.*

Trabalharam também na edificação o escultor modernista Hein Semke, alemão imigrado, e o pintor Almada Negreiros.

Augusto-José França não teceu elogios ao Pavilhão de Carlos Ramos. Para o autor, Ramos não foi feliz, pois o seu projeto “confundia-se em planos mal articulados”³¹³. França afirma que tanto neste Pavilhão de Carlos Ramos, quanto no Pavilhão dos Descobrimentos de Pardal Monteiro, “... subsistiam ainda lembranças retilíneas do racionalismo arquitetônico em que os dois autores se tinham formado”³¹⁴. Sobre os baixos-relevos de Barata Feio, França questionou as suas proporções.

Figura 31 – Os baixos-relevos o *Império* e a *Fé* de Barata Feio³¹⁵

Após os descobrimentos, inclusive o do Brasil, nada mais natural do que narrar a maneira utilizada pelo Império Português para a manutenção das “vastas regiões descobertas e ocupadas”. Porém, no Pavilhão, a História da colonização portuguesa não se limitou aos seus antigos domínios, esta se estendeu até aos domínios de Portugal em 1940. Daí o diretor do Pavilhão ter sido Júlio Cayola, o Agente Geral das Colônias.

³¹³ José-Augusto França. *Op. cit.* p. 43.

³¹⁴ *Ibidem.* p. 43.

³¹⁵ MUNDO PORTUGUÊS: Imagens de uma Exposição Histórica 1940. *Op. cit.* s.p.

Nesse Pavilhão, o destaque foi dado, como indicavam os baixos-relevos de Barata Feio, ao Império e a Fé, ou seja, à manutenção e administração das colônias e à “missão”³¹⁶ de educá-las e cristianizá-las, no passado e no presente.

Assim, em suas dez salas e duas passagens o presente e o passado se encontravam ao falar da colonização na África, na Ásia, na América e na Oceania. Os nomes dados a cada uma das salas são, por si só, bastante elucidativos quanto ao que se tentou transmitir plasticamente através do Pavilhão: Sala dos Antecedentes; Sala da Organização do Estado Colonizador; Sala da África; Sala do Oriente; Política de Limites; seguia-se uma passagem; Política Administrativa; outra passagem; Política Indígena; A Fé e o Império; Panorama Atual da Ação Colonial Portuguesa; e Síntese.

É preciso mencionar que as Comemorações Centenárias Portuguesas se deram dentro do período que Omar Ribeiro Thomaz caracterizou como “o período áureo da idéia de império em Portugal”. Este período foi, segundo o autor, o das primeiras décadas do salazarismo: entre o Ato Colonial de 1930, passando pela institucionalização do Estado Novo em 1933, e os anos subseqüentes à Exposição do Mundo Português em 1940.³¹⁷

Segundo o autor, no período em questão:

... encontraremos uma série de manifestações culturais que procuraram fazer de Portugal um “grande império colonial. Congressos, literatura e exposições tinham como objetivo provar a existência de um “saber colonial português” e, ao mesmo tempo, fazer com que um conjunto de representações cruzasse os muros da academia na criação de uma “mentalidade” que transformasse todos os portugueses em partícipes de um drama que se realizaria plenamente nas terras longínquas do império: o de uma nação que encontrou no império sua tradução e sua razão de ser.³¹⁸

Ao sair deste Pavilhão o visitante deveria seguir à esquerda, passando pelo Pavilhão do Brasil, para chegar ao Pavilhão de Honra e de Lisboa.

Pavilhão de Honra e de Lisboa

A casa de Lisboa foi um dos enlevos da Exposição e uma das visões mais impressionantes que ela ofereceu. A apoteose ao seu patrono, São Vicente, as alegorias que ornavam as paredes, as pinturas dos tetos, as legendas acordadoras de idéias, os baixos-relevos figuradores de velhas arquiteturas, os palcos

³¹⁶ MUNDO PORTUGUÊS: Imagens de uma Exposição Histórica 1940. *Op. cit.* s.p.

³¹⁷ Cf. Omar Ribeiro Thomaz. *Op. cit.* p. 21.

³¹⁸ *Ibidem.* p. 21-22.

iluminados, que mostravam, por imagens, a vida antiga na cidade, reproduzindo velhas estampas, foram uma reviviscência deslumbradora da Lisboa de outros séculos, entrevista ainda em seis dioramas de admirável feitura.³¹⁹

Agora sim, o visitante chegava ao ponto central da Exposição do Mundo Português. O Pavilhão de Honra e de Lisboa, juntamente com o Pavilhão dos Portugueses no Mundo, compunha o corpo central do certame. Entre os dois prédios gigantescos estava a Praça do Império, até os dias de hoje, uma das maiores da Europa.

Figura 32 – A Praça do Império e sua fonte luminosa. Ao fundo o Pavilhão dos Portugueses no Mundo³²⁰

O projeto do Pavilhão de Honra e de Lisboa foi de Luiz Cristino da Silva e a sua Direção coordenadora coube a Norberto de Araújo. Tratou-se de um longo edifício de 150 metros de comprimento (no projeto inicial este Pavilhão deveria ter a mesma extensão do Pavilhão dos Portugueses no Mundo, 164 metros, já que ambos eram paralelos, porém, ele teve de ser encurtado para não tampar a perspectiva do Pavilhão da Colonização), com uma torre voltada para o Tejo de 50 metros de altura, a mesma da torre do Pavilhão dos Portugueses no Mundo, e a sua altura foi de 19 metros, a mesma do Pavilhão paralelo.

³¹⁹ MUNDO PORTUGUÊS: Imagens de uma Exposição Histórica 1940. *Op. cit.* s.p.

³²⁰ *Ibidem.* s.p.

Figura 33 – Pavilhão de Honra e de Lisboa³²¹

De acordo com José-Augusto França, de todas as obras da Exposição essa foi a que se saiu melhor:

De todas elas saiu-se melhor, sem dúvida, Cristino da Silva, professor das Belas Artes e excelente compositor de alçados. O seu pavilhão articulava valores plásticos em bom ritmo discursivo, que incluíam um algo confuso baixo-relevo de Canto da Maia historiando Lisboa, enquanto, nas traseiras e fronteiro à casa pastiche de Santo Antonio, uma vista medieval da cidade se compunha em relevo sem cor a toda a altura da parede, num cenário bem empregado.³²²

Na verdade, o interior do edifício foi dividido em dois espaços: o Pavilhão de Honra e o Pavilhão de Lisboa, ambos com entradas independentes.

O Pavilhão de Honra foi o espaço da Exposição destinado à recepção dos eventos ligados ao certame e às festividades de 1940. Por isso, em seu interior foram construídos vários salões de recepção e um teatro, não menos decorados do que o restante dos Pavilhões.

Já o Pavilhão de Lisboa, foi dedicado à História e à memória da cidade. Nas suas nove salas foram reproduzidos os símbolos da cidade, as principais figuras típicas olissiponenses ao longo dos séculos e diferentes vistas de Lisboa em diferentes épocas, além de terem sido expostos documentos importantes para a História lisboeta.

³²¹ *Ibidem.* s.p.

³²² José-Augusto França. *Op. cit.* p. 43.

O corvo e a caravela os principais símbolos da cidade, que estão inclusive em seu brasão de armas, figuraram por todo o Pavilhão, aja vista que representam o santo padroeiro de Lisboa, São Vicente, ao qual foi dedicada uma sala.

Figura 34 – Corvos e caravelas pintados no teto do Pavilhão de Lisboa³²³

Na Sala de Honra, em um cofre estava o foral da cidade, de 1179, doado por D. Afonso Henriques e havia também em uma das paredes uma reprodução do cerco de Lisboa, em 1384.

Em outra sala fora exposta uma ampliação da planta mais antiga da cidade, de George Braunio, e a mais antiga vista de Lisboa, do século XVI. Pombal e a reconstrução da cidade, após o terremoto de 1755, também foi lembrado através do quadro *O Marquês de Pombal presidindo ao estudo da reedificação de Lisboa*, do artista Miguel Lupi.

Já quase no final do Pavilhão figuraram os dioramas da cidade, através dos quais o visitante pôde observar vistas de Lisboa e do Tejo dos séculos XVI, XVIII e XX.

Na penúltima sala, a Sala do Futuro, fora exposta uma projeção de como Lisboa estaria dentro de alguns anos, com projetos, desenhos e plantas.

No átrio da saída, encerrava a exposição um painel de azulejo com uma vista panorâmica de Lisboa em 1940.

³²³ MUNDO PORTUGUÊS: Imagens de uma Exposição Histórica 1940. *Op. cit.* s.p.

Em seguida, ao sair do Pavilhão de Honra e de Lisboa, o visitante deveria seguir para a Casa de Santo Antônio e depois para o Bairro Comercial e Industrial da Exposição, que não ficavam muito longe dali.

A Casa de Santo Antônio, além de homenagear o Santo, foi uma tentativa de se reproduzir uma casa medieval lisboeta. Daí a feição singela dada à edificação por Gustavo de Matos Sequeira e pelo arquiteto Vasco Morais Palmeiro.

Figura 35 – Casa de Santo Antônio³²⁴

A simplicidade também prevaleceu em seu interior, no qual se buscou conciliar elementos religiosos ao que seria uma moradia medieval. Assim, em meio a um mobiliário parco e rústico foram dispostos cruzeiros, hinos, pinturas e esculturas religiosas. Talvez com a intenção de se forjar uma forte religiosidade do português medieval.

Apesar de os organizadores da Exposição do Mundo Português afirmarem o caráter exclusivamente histórico do certame³²⁵ (o que o diferenciaria de outras exposições cujos objetivos seriam puramente comerciais e industriais), este não deixou de contar com a propaganda do que era produzido e comercializado por Portugal, em 1940. O Bairro Comercial e Industrial, disposto próximo à Casa de Santo Antônio e atrás dos Pavilhões do Brasil e da Colonização, contou com o Pavilhão das Associações Comerciais e Industriais, com o qual colaboraram associações comerciais e industriais

³²⁴ *Ibidem.* s.p.

³²⁵ A este respeito, veja a citação 159, de Augusto de Castro, na p. 68 deste capítulo.

do país, havendo uma sala dedicada à História Econômica de Portugal e salas de recepção e conferências, posto de propaganda e informação.

A visitação da Seção Histórica deveria continuar pelas três seções do Pavilhão dos Portugueses no Mundo, que deveriam ser visitadas pela seguinte ordem: Brasil Colonial; Portugueses no Mundo; e Portugal 1940.

Pavilhão dos Portugueses no Mundo

O Pavilhão dos Portugueses no Mundo, lembrando o que fomos, como nos dispersamos e imiscuímos, criando novas instituições e dando outras sugestões de vida, é o mais belo livro de ensino que se podia escrever, por imagens e alegorias, para agora ser lido. Nele se viram todas as radiações desta predestinada nação atlântica que espalhou o pólen do seu espírito por todas as florações da Terra, na Pérsia, na Índia, na Abissínia, na China, no Japão, em Marrocos e nas duas costas de África, na Oceania, e na América, desde a terra nova à Patagônia, no limite sul do continente, incluindo a maravilhosa terra de Santa Cruz. A tradição portuguesa chegou a toda a parte.³²⁶

Projetado pelo Arquiteto Chefe da Exposição, Cottinelli Telmo, e dirigido e coordenado por Afonso Dornelas, o Pavilhão dos Portugueses no Mundo foi erguido em paralelo ao Pavilhão de Honra e de Lisboa, ao lado da Praça do Império. Este foi o edifício mais extenso construído para o certame, com 164 metros. Da mesma forma que o Pavilhão de Honra e de Lisboa, ele teve 19 metros de altura e contou com uma torre de 50 metros.

³²⁶ MUNDO PORTUGUÊS: Imagens de uma Exposição Histórica 1940. *Op. cit.* s.p.

Figura 36 – O Pavilhão do Portugueses no Mundo visto do alto do Mosteiro dos Jerônimos³²⁷

Contudo, José-Augusto França não definiu tão bem o projeto de Cottinelli, quanto o fez com o Pavilhão paralelo de Cristino da Silva. Para França:

... o pavilhão de Cottinelli era monótono, mal defendido por elementos decorativos sem expressão plástica, e só o compensava uma grande estátua da “Soberania”, guerreira atlética e grave, de capa pelas costas e esfera armilar na mão, apoiada a uma meia coluna onde as partes do mundo se enumeram em letra gótica, numa fita enrolada.³²⁸

Como bem observou Raquel Varela, o Pavilhão dos Portugueses no Mundo confirmava que o centro de toda a Exposição era a “vertente imperial”³²⁹. Já que, após o Pavilhão da Colonização e o Pavilhão do Brasil, o Pavilhão dos Portugueses no Mundo, evocando o destino de Portugal em colonizar e administrar outros territórios, expunha as pegadas deixadas pelos portugueses nos cinco continentes.

Pelas suas proporções, o Pavilhão foi dividido em três seções: Brasil Colonial, com entrada pela porta norte, situada do lado dos Jerônimos; Portugueses no Mundo, entrada central, localizada atrás da estátua da *Soberania*; e Portuga 1940, cuja entrada era pela porta sul do Pavilhão. Todavia, neste capítulo serão tratadas apenas as duas

³²⁷ *Ibidem*. s.p.

³²⁸ José-Augusto França. *Op. cit.* p. 43.

³²⁹ Cf. Raquel Varela. *Op. cit.* s.p.

últimas seções do Pavilhão, haja vista que a dedicada ao Brasil Colonial é o foco central do próximo capítulo.

A seção reservada aos Portugueses no Mundo, a principal seção do Pavilhão, contou com uma decoração impressionante, de proporções monumentais. Logo em sua entrada, uma rotunda, fora disposto em baixo-relevo um mapa do mundo sobre o qual podia-se ler o verso dos *Lusíadas*: “E se mais mundo houvera lá chegara”, frase que buscava resumir o sentido dado ao Pavilhão.

Em frente ao mapa, fora disposta a estátua da *Soberania*, que possuía quase os mesmos 19 metros de altura do Pavilhão. Obra do escultor Leopoldo de Almeida, a estátua, descrita anteriormente através da citação do texto de José-Augusto França, realmente impressiona pela dimensão e pela postura imponente. Nela é como se os portugueses tivessem tomado para si o mundo, representado pela esfera armilar que a figura feminina (representação da soberania) sustentava em sua mão direita. A mão esquerda da *Soberania* repousava sobre uma coluna, na qual foram grafados em letras góticas os nomes dos continentes, de acordo com a ordem em que os portugueses chegaram até eles: Europa, África, Ásia, América e Oceania.

Figura 37 – A estátua da *Soberania* de Leopoldo de Almeida³³⁰

No interior da seção foram dispostas quinze salas e uma galeria. As primeiras quatro salas faziam referência à ação dos portugueses na Europa. Assim, logo na

³³⁰ MUNDO PORTUGUÊS: Imagens de uma Exposição Histórica 1940. *Op. cit.* s.p.

primeira sala, a da Europa Política, uma grande árvore genealógica disposta na parede apresentava ao visitante os chefes das nações católicas da Europa que descendiam de D. Afonso Henriques.

Na Sala da Europa Militar, se procurou representar o auxílio militar dado por Portugal a nações européias, entre os séculos XII e XX.

Em seguida vinham as salas dedicadas ao restante do mundo: Sala de Marrocos; Sala da Fé e dos Sacrifícios dos Portugueses em Marrocos; Costa Mediterrânea de África; Viagem Aérea de Gago Coutinho e Sacadura Cabral ao Brasil; Sala da Abissínia; Sala da Índia; Sala da China; Sala do Japão; Sala da Oceania; Sala das Américas; e Sala Camões.

É importante destacar que nesta seção, dedicada aos Portugueses no Mundo, o alvo expositivo fora o antigo Império Colonial português, e não o Império em 1940, que se encontrava representado na Seção de Etnografia Colonial da Exposição do Mundo Português.

D. Sebastião foi lembrado na Sala da Fé e dos Sacrifícios dos Portugueses em Marrocos.

Na sala Viagem Aérea de Gago Coutinho e Sacadura Cabral ao Brasil, além da turbulenta viagem pelo Atlântico realizada por Coutinho e Cabral, em 1922, havia uma referência ao Padre Bartolomeu de Gusmão, inventor da “Passarola”.

Na Sala da Índia, um baixo-relevo representava um templo hindu, sobre o qual fora colocada uma “Cruz simbólica da Religião de Cristo”³³¹.

³³¹ *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Nacional dos Centenários, n. 19 e 20, jul./ ago. 1940. p. 26.

Figura 38 – Sala da Índia no Pavilhão do Mundo Português³³²

Um dragão simbolizava as atividades lusas na Sala da China.

E na Sala Camões, última desta seção do Pavilhão dos Portugueses no Mundo, coube a “síntese de todo o pavilhão e de toda a exposição: os deuses dos “Lusíadas” porque Camões substituiu, ao jeito da época, o verdadeiro Deus – suportam o teto da sala, o Mundo onde se recorta Portugal”³³³.

Ainda de Cottinelli Telmo e de Leopoldo de Almeida, como a estátua da *Soberania*, foi o *Padrão dos Descobrimentos*. Monumento que até hoje permanece às margens do Tejo. Projetado por Cottinelli e esculpido por Leopoldo o monumento, idealizado para ser o fechamento da Praça do Império sobre o rio, era uma homenagem ao Infante D. Henrique e deveria ser visitado, de acordo com o *Guia Oficial da Exposição*, após a Seção de Etnografia Metropolitana.

Feito com materiais frágeis em 1940, o monumento foi desmontado em 1958 e reconstruído, em 1960, para a comemoração dos 500 anos da morte do Infante.

³³² MUNDO PORTUGUÊS: Imagens de uma Exposição Histórica 1940. *Op. cit.* s.p.

³³³ *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Nacional dos Centenários, n. 19 e 20, jul./ ago. 1940. p. 26.

Figura 39 – O Padrão dos Descobrimentos³³⁴

A última seção do Pavilhão dos Portugueses no Mundo, a Portugal 1940, fora dedicada a Portugal contemporâneo, ou seja, aos feitos do Estado Novo salazarista.

Dessa forma, logo que o visitante adentrava a sala ele se deparava, no vestíbulo, com as estátuas de Oscar Carmona e de Oliveira Salazar (de autoria do escultor modernista Francisco Franco, a estátua de Salazar togado já havia sido exposta na Exposição Universal de Paris, em 1937).

Passado o vestíbulo, em uma das paredes da sala, dioramas mostravam “... as grandes realizações do Estado Novo, nos setores do: exército e marinha; comunicações; hidráulica; assistência; estradas; ensino; crédito agrícola; movimento dos portos; riquezas (vinho, cortiça, azeite, trigo, etc.)”³³⁵.

³³⁴ MUNDO PORTUGUÊS: Imagens de uma Exposição Histórica 1940. *Op. cit.* s.p.

³³⁵ *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Nacional dos Centenários, n. 19 e 20, jul./ ago. 1940. p. 26.

Figura 40 – Exposição Portugal 1940³³⁶

Foram expostos ainda, entre outros elementos: bandeiras dos grêmios e sindicatos nacionais; painéis representativos da constituição política do Estado Novo; um gráfico da situação financeira do país, no qual figurara “... o equilíbrio financeiro e o sistema bancário português – base da obra de ressurgimento Nacional levado a efeito pelo Estado Novo – e a política de Salazar.”³³⁷

À saída da sala, encontravam-se as instalações do Secretariado da Propaganda Nacional na Exposição do Mundo Português.

Assim, tinha fim a visita à Seção Histórica da Exposição, cujos pavilhões foram dispostos ao redor da Praça do Império, mostrando que, em 1940, como colocou Omar Ribeiro Thomaz, o Império era a tradução e a razão de ser de Portugal.³³⁸

José-Augusto França, ao fazer um balanço dos artistas que colaboraram na decoração do certame, afirmou que no domínio da pintura não houve “nenhuma obra de grande valor”:

... tratava-se de encher espaços e paredes com uma arte alusiva ou ilustrativa de feitos e heróis, arte publicitária e de cartaz, com a dependência iconográfica obrigatória, e em estilos que só raramente podiam pessoalizar-se (Almada, Barradas – ou Martins Barata) por obras anteriores, ou que ali se adaptavam em excelente ofício (Kradolfer e a equipa do S.P.N.) ou que assim a propósito se

³³⁶ MUNDO PORTUGUÊS: Imagens de uma Exposição Histórica 1940. *Op. cit.* s.p.

³³⁷ *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Nacional dos Centenários, n. 19 e 20, jul./ ago. 1940. p. 27.

³³⁸ Cf. Omar Ribeiro Thomaz. *Op. cit.* p. 22.

definiam (Lapa e Frederico) – neste “estilo português de 1940” que Ferro tanto desejava ver criar.³³⁹

Segundo o autor, “melhor o terão feito os escultores” e, sobretudo, Canto da Maia. “O seu grupo de ‘D. Manuel entre Vasco da Gama e Álvares Cabral’, no pavilhão dos ‘Descobrimentos’ é provavelmente a obra-prima da escultura nacional dessa veia oficiosa que perdurará, numa ‘idade de ouro’ [...] de mais uns vinte anos de estatuária pública.”³⁴⁰

Para França, a Exposição do Mundo Português foi a “apoteose” e a “imagem embelezadora” do regime e marcou mais com a “proposta ideográfica da sua arquitetura”, do que com a sua decoração “acessória”, o fim do processo modernista em Portugal:

O modernismo acabava, na verdade, com a Exposição de 1940, realização dum regime que dele se distanciava de propósito. Mas, no seu próprio flanco, qual cavalo de Tróia, essa exposição transportava o inimigo oculto, germe dum novo modernismo ideológico. Era o célebre quadro “O Café”, de Portinari, que Getúlio Vargas, o ditador brasileiro, inocentemente mandou em amostra ao seu colega português. De Portinari, como dos Mexicanos revolucionários, já se falava em Portugal – mas agora, pela primeira vez, uma obra de tal espírito “podia admirar-se na Exposição”...³⁴¹

³³⁹ José-Augusto França. *Op. cit.* p. 44.

³⁴⁰ *Ibidem.* p. 44.

³⁴¹ *Ibidem.* p. 47.

3. Gustavo Barroso e a Exposição Histórica do Brasil na Exposição do Mundo Português

3.1 Precedentes da Exposição Histórica do Brasil

O “Almirante Alexandrino” navegava em mar calmo aquém das Canárias, quando foi aprisionado pelo aviso de guerra francês “Bougainville”. Na véspera, havia passado à vista de Santa Cruz de Tenerife e devia estar ao amanhecer de domingo, 19 de maio de 1940, em Lisboa. Chegaria, assim, um dia antes da Embaixada Especial às Festas Centenárias chefiada pelo general Francisco José Pinto.

O pequeno vaso de guerra surgiu no horizonte claro como um ponto negro. Rapidamente cresceu. Passeava no convés, quando o distingi e tive o pressentimento do que aí acontecer. Se ele se limitasse a uma simples revista em alto mar, dar-me-ia por feliz. Seria um atraso de algumas horas somente. Ansiava chegar a Lisboa para adiantar meu serviço na Exposição dos Centenários. [...]

Cautelosamente, o “Bougainville” se aproximou do “Almirante Alexandrino” e deu-lhe volta, içando sinais de bandeiras. Era a ordem para irmos até Casablanca, porto de controle militar e naval no Marrocos francês. O navio brasileiro mudou de rumo, escoltado pelo aviso de guerra. [...]

Viajamos o resto da sexta-feira e quase todo o sábado, 18 de maio, rumo à África. Na tarde de sábado, o litoral baixo, arenoso e fulvo do Império Marroquino brotou do mar azul sob um céu de porcelana e a luz vibrante do sol. [...] Depois de oito horas da noite, nos primeiros véus crepusculares, o farol de Casablanca piscapiscou na nossa frente e, logo, de bordo e de terra, luzes que se apagavam e acendiam conversaram instantes. Diziam que só seríamos recebidos no dia seguinte e que nos afastássemos seis milhas devido ao perigo das minas. [...] Fundeamos no porto exterior de Casablanca pela manhã, entre vapores mercantes italianos, suecos, noruegueses, finlandeses, holandeses e gregos sujeitos ao controle francês. Perto, estava ancorado o “Raul Soares”, apresado havia quatro dias. [...]

Um movimento marítimo desusado. Comboios de paquetes indo e vindo. Flotilhas de submarinos que saíam. Porta-aviões escoltados por torpedeiros entrando. Contínuo vai-vem de embarcações miúdas. Os passageiros ansiosos pelo destino dos navios brasileiros. Quanto tempo duraria a detenção? Que pretendiam fazer as autoridades militares francesas?

Um oficial de marinha, louro e jovem, sobe a bordo acompanhado de soldados e marinheiros. Sela-se a cabina da radiotelegrafia. Confiscam-se as máquinas fotográficas. Examinam-se os manifestos da carga. Ouço-o dizer ao comandante do “Almirante Alexandrino” que ficaremos retidos pelo menos dois dias. Os dois navios brasileiros levam material para a Exposição dos Centenários. Contava chegar a Lisboa antes de nossa Embaixada Especial. Esses planos caem ao chão. É a dura lei da guerra.

Converso com o oficial que me atende gentilmente. Explico-lhe a situação dos passageiros brasileiros e ele promete-me trabalhar para que consigamos ao menos permissão para ir à terra. Com efeito, no dia seguinte, temos licença de desembarcar [...]. Permanecemos ali quatro dias. Os franceses retiram do navio a correspondência destinada à Alemanha e examinam a carga dos porões. Enquanto isso, como turistas forçados, visitamos a cidade.³⁴²

³⁴² Gustavo Barroso. *Quinas e Castelos*. São Paulo: Companhia Editora Panorama, [s.d.], p. 13-15.

Este trecho faz parte da obra de Gustavo Barroso *Quinas e Castelos*, da qual não se sabe a data de sua primeira edição. Contudo, pelo fato dela ainda trazer elementos da participação de Barroso nos eventos ocorridos em Portugal em 1940, acredita-se que a sua publicação tenha se dado no início da década de 1940.

Como apontado anteriormente, Gustavo Barroso partiu do Rio de Janeiro, em 1º de maio de 1940, juntamente com Armando Navarro da Costa, o membro da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal encarregado da representação artística do Brasil nas festas centenárias; com seus auxiliares técnicos, Nair de Moraes Carvalho e Luiz Marques Poliano; e com outros representantes e auxiliares. No pacote seguiam tanto o material que figuraria no Pavilhão do Brasil, quanto o pertencente ao Museu Histórico Nacional, selecionado por Barroso, que seria exposto na seção reservada ao Brasil no Pavilhão dos Portugueses no Mundo.

Como se sabe, a embarcação, pelo motivo descrito no texto citado acima, só chegaria a Lisboa no dia 24 de maio do referido ano. Em seu texto, Barroso fornece uma informação preciosa quanto ao transporte do material brasileiro que seria exposto na Exposição do Mundo Português, sobre a qual não se encontrou outra referência: em Casablanca encontrava-se retida, quando da chegada do paquete *Almirante Alexandrino*, outra embarcação brasileira, de nome *Raul Soares*, também incumbida do transporte de material para Portugal. Tornando evidente que o material não fora transportado apenas pelo *Almirante Alexandrino*.

De acordo com o que foi apontado no Capítulo 1, o Programa da Participação Brasileira nas Comemorações Centenárias de Portugal, elaborado em junho de 1939, já previa para os festejos portugueses: “Exposição do Museu Histórico [Nacional], do Museu do Ipiranga e do Instituto Histórico, sobre assuntos coloniais”.³⁴³ E já fora discutida a influência dos organizadores portugueses dos festejos sobre a elaboração deste Programa.

Também se deu em meados de 1939 a criação da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal, pelo Presidente Getúlio Vargas. Esta foi responsável, entre muitas outras coisas, pela elaboração e execução do referido Programa e teve entre seus membros Gustavo Barroso, como representante histórico.

³⁴³ Cf. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, n. 11, nov. 1939, p. 30.

Sabe-se que o primeiro contato entre o General Francisco José Pinto, Presidente da Comissão Brasileira, e Barroso ocorreu em setembro de 1939, e que a partir daí o Diretor do Museu Histórico Nacional empenhou esta instituição na seleção e no acondicionamento do material histórico que seria levado a Portugal.

Já foi mencionada também a relutância de Barroso em contatar as outras instituições mencionadas no Programa brasileiro, o Museu do Ipiranga e o Instituto Histórico. E sabe-se que no Pavilhão do Mundo Português, diferentemente do que dizia o Programa da Participação Brasileira, foram dispostas a Exposição do Brasil Colonial e a Exposição do Brasil Independente, que Barroso chamaria em seus relatórios e outros textos de Exposição Histórica do Brasil, já que não se tratou apenas de uma exposição da História Colonial do Brasil. Por este motivo, se optou, no presente capítulo, pela adoção do nome Exposição Histórica do Brasil no que se refere ao espaço dedicado à História do Brasil no Pavilhão do Mundo Português em Lisboa, em 1940.

De acordo com Gustavo Barroso, o material do Museu Histórico Nacional já estava pronto para embarcar em janeiro de 1940, o que mostra a rapidez com que Barroso e a sua equipe do Museu trabalharam para selecionar e preparar o material que figuraria em Portugal.

Para tanto, Barroso contou com cinquenta contos de reis que a Comissão Brasileira dos Centenários lhe forneceu entre os meses de setembro e novembro de 1939, em duas parcelas de vinte e cinco contos.³⁴⁴

Barroso selecionou e organizou os objetos do acervo do Museu Histórico Nacional, de acordo com os itens do Programa da Participação Brasileira nas Comemorações Centenárias de Portugal e preparou, enquanto ainda estava no Brasil, o catálogo descritivo e comentado *Pavilhão do Mundo Português e Pavilhão do Brasil Independente. Exposição do Museu Histórico Nacional: catálogo descritivo e comentado*,³⁴⁵ no qual foram arroladas as 632 peças do Museu levadas a Portugal.

Quando Barroso partiu rumo a Lisboa, em 1º de maio, o catálogo, mandado editar pela Comissão Brasileira dos Centenários, ainda estava na impressão. O que demonstra que a decisão de mudar a exposição referente à História do Brasil Independente do Pavilhão do Brasil para o Pavilhão dos Portugueses no Mundo, foi

³⁴⁴ Quando a estas informações: Cf. *Relatório do MHN referente ao ano de 1941. Apresentado ao Sr. Ministro da Educação e Saúde pelo diretor do MHN Dr. Gustavo Barroso*. Arquivo Institucional do MHN.

³⁴⁵ Gustavo Barroso (Org.). *Pavilhão do Mundo Português e Pavilhão do Brasil Independente. Exposição do Museu Histórico Nacional: catálogo descritivo e comentado*. Rio de Janeiro: Comissão Brasileira dos Centenários, 1940.

tomada bem tardiamente, haja vista o título dado por Barroso ao catálogo, onde fica claro que, inicialmente, os objetos históricos seriam distribuídos pelos dois Pavilhões.

Essa é a única afirmação que se pode fazer quanto à mudança de lugar da exposição de História do Brasil Independente, já que não se sabe precisamente quando a decisão foi tomada e nem quem foram os responsáveis por ela, portugueses e/ou brasileiros.

Compunham a lista do material do Museu Histórico Nacional selecionado por Gustavo Barroso, os seguintes grupos de objetos³⁴⁶:

Quadro 11 – Grupos de objetos do Museu Histórico Nacional levados a Portugal em 1940

Objetos do Museu Histórico Nacional levados a Portugal em 1940³⁴⁷	
Grupos de Objetos	Quantidade
A) Armas usadas no Brasil-Colonial: armas brancas e de fogo, armaduras e armas defensivas do Brasil Colônia, do Século XVI ao Século XVIII.	46
B) Mapas e vistas das primeiras fortificações do Brasil: gravuras, plantas e mapas devidamente enquadrados.	9
C) Canhões Históricos: 4 canhões de bronze de várias épocas e 5 ampliações fotográficas de canhões históricos.	9
D) Coleção Figueira de Melo, de aquarelas de uniformes coloniais: quadros devidamente emoldurados.	77
E) O Bandeirismo Paulista e o recuo do Meridiano: armas, instrumentos de mineração e mapas.	10
F) Cidades e monumentos coloniais. Mobiliário antigo. Fachadas e retábulos de igrejas. Obras dos artistas coloniais: desenhos e aquarelas de Alfredo Norfini, devidamente emoldurados.	125
G) Figuras ilustres do período colonial: quadros a óleo e gravuras.	11

³⁴⁶ A relação completa dos objetos do Museu Histórico Nacional levados a Portugal, encontra-se arrolada no ANEXO, no final deste trabalho.

³⁴⁷ Estas informações foram coletadas através do *Relatório do MHN referente ao ano de 1941. Apresentado ao Sr. Ministro da Educação e Saúde pelo diretor do MHN Dr. Gustavo Barroso*. Arquivo Institucional do MHN. p. 2-3. E do catálogo organizado por Gustavo Barroso *Pavilhão do Mundo Português e Pavilhão do Brasil Independente. Exposição do Museu Histórico Nacional: catálogo descritivo e comentado. Op. cit.*

H) A Inconfidência Mineira: autógrafos, quadros a óleo e desenhos.	6
I) D. João e sua época: objetos, gravuras e quadros a óleo.	5
J) Painéis decorativos dos principais fatos militares da colônia: quadros a óleo.	10
K) Coleção de moedas do Brasil Colônia: peças numismáticas de cobre, prata e ouro.	239
L) D. Pedro I e a Independência: retratos, quadros, gravuras, armas e objetos históricos.	14
M) O Segundo Reinado: quadros a óleo e objetos históricos.	13
N) A Abolição e a República: quadros a óleo, gravuras, autógrafos e objetos históricos.	9
O) Aspetos do Museu Histórico Nacional: quadros com fotografias.	9
P) Mobiliário dos séculos XVII e XVIII: peças variadas.	40
Total:	632

E, de acordo com Barroso, todo o material levado por ele para Lisboa foi unicamente fornecido pelo Museu Histórico Nacional.³⁴⁸

Contudo, sabe-se que no pacote no qual Barroso embarcou com o material do Museu Histórico Nacional para Portugal, havia também material que figuraria no Pavilhão do Brasil. E, como o próprio Barroso mencionou em seu texto sobre a viagem do *Almirante Alexandrino* até Lisboa, no Marrocos estava retida a embarcação *Raul Soares* que também transportava material para a Exposição dos Centenários. Porém, esses fatos não excluem a possibilidade de Gustavo Barroso ter se responsabilizado apenas pelo material do Museu Histórico Nacional.

E ajudam a explicar o porquê de Barroso não mencionar as telas do Museu do Ipiranga que foram expostas na Exposição Histórica do Brasil que foi orientada e executada sob a sua direção.

Barroso hesitou quando o General Francisco José Pinto lhe pediu para entrar em contato com as direções do Museu Paulista e do IHGB, quanto ao empréstimo de objetos que poderiam figurar em Portugal. Depois de extensa pesquisa, verificou-se que

³⁴⁸ Cf. *Ibidem*. p. 2.

Barroso não entrou em contato com estas instituições. Até onde se sabe o IHGB não enviou objetos de seu acervo a Portugal, toda via, o Museu do Ipiranga (Paulista) sim. Mas, quem foi delegado pelo Presidente da Comissão Brasileira dos Centenários, o General Francisco José Pinto, para contatar a diretoria do Museu Paulista foi Armando Navarro da Costa.

Desde o início, o interesse da Comissão Brasileira dos Centenários pelo acervo do Museu Paulista esteve direcionado para a pinacoteca da instituição, o que explica a designação de Armando Navarro, já que este fora o representante artístico da Comissão Brasileira.

De acordo com o trabalho de Luciene Lehmkuhl, e como já mostrado no Capítulo 2 deste trabalho, Armando Navarro da Costa estaria, no final de março de 1940, entre os jurados encarregados pela seleção das obras que figurariam no Salão de Arte do Pavilhão do Brasil na Exposição do Mundo Português.³⁴⁹

Então, no início de novembro de 1939, enquanto Gustavo Barroso selecionava e acondicionava os objetos do Museu Histórico Nacional, Armando Navarro da Costa fora para São Paulo, visitar o Museu Paulista.

Em 9 de novembro de 1939 Affonso d'Escragnolle Taunay, então diretor do Museu Paulista, escrevia a Edgard Baptista Pereira, Secretário do Governo do Estado de São Paulo, para comunicar-lhe que Armando Navarro da Costa, Encarregado do Patrimônio Artístico dos Palácios Presidenciais e Secretário da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal, esteve no Museu a pedido do General Francisco José Pinto “... para estudar a colaboração do Museu Paulista nas exposições a se realizar em Portugal comemorativas dos centenários naquele País em 1940”³⁵⁰.

Segundo Taunay, Navarro da Costa, que chegara até ele por indicação de Edgard Baptista Pereira, na mencionada data esteve “longamente” no Museu e percorreu, em sua companhia, “detidamente” as galerias da instituição “... apontando os quadros históricos que a seu ver podem aparecer com vantagem no certame português do ano vindouro, mais ou menos uma vintena de telas, cuja relação tenho em meu poder”³⁵¹.

No mesmo dia, Affonso Taunay escrevia ao General Francisco José Pinto informando-lhe a respeito da visita de seu enviado, Navarro da Costa, com quem teve o prazer de combinar “longamente” a colaboração do Museu Paulista nas exposições

³⁴⁹ Cf. Luciene Lehmkuhl. *Op. cit.*, p. 165-166.

³⁵⁰ Affonso Taunay. Ofício de 9 de novembro de 1939 a Edgard Baptista Pereira. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

³⁵¹ *Ibidem*.

comemorativas dos centenários de Portugal: “Mais ou menos uma vintena de telas maiores e menores, foram apontadas pelo Snr. Navarro da Costa, entre maiores e menores, fixando aspetos evocativos e preciosos visando sobretudo a natureza das exposições portuguesas”³⁵².

Taunay ainda não havia enviado a relação com os títulos das telas selecionadas a Navarro da Costa e, por esse motivo, finaliza o ofício ao General informando-lhe que oportunamente a lista das telas lhe seria apresentada por Navarro.

As obras selecionadas por Armando Navarro, de acordo com a documentação encontrada no Museu Paulista, foram as seguintes:

Quadro 12 – Telas relacionadas por Taunay em 14 de março de 1940

Título³⁵³	Autor
<i>Desembarque de Cabral</i>	Oscar Pereira da Silva
<i>Índios em Visita a Capitania de Cabral</i>	Oscar Pereira da Silva
<i>Panorama da Serra de Cubatão</i>	Oscar Pereira da Silva
<i>Combate de Índios e Bandeirantes</i>	Oscar Pereira da Silva
<i>Ida às Minas</i>	Oscar Pereira da Silva
<i>Cargas de Canoas de Monção</i>	Oscar Pereira da Silva
<i>Partida de Porto Feliz</i>	Oscar Pereira da Silva
<i>Apertando o Lombrilho</i>	Almeida Júnior
<i>Fuga da Sacra Família para o Egito</i>	Almeida Júnior
<i>Retrato de Domingos Jorge Velho</i>	Benedito Calixto de Jesus
<i>Retrato de Anchieta</i>	Benedito Calixto de Jesus
<i>R. 15 de Novembro em S. Paulo em 1858</i>	José Wasth Rodrigues
<i>Cathedral de S. Paulo – 1860</i>	José Wasth Rodrigues
<i>Pateo do Colegio em S. Paulo – 1858</i>	José Wasth Rodrigues
<i>Paço Municipal de S. Paulo 1628</i>	José Wasth Rodrigues
<i>Benção das Canoas de Monção</i>	Aurélio Zimmermann

³⁵² Affonso Taunay. Ofício de 9 de novembro de 1939 ao General Francisco José Pinto. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

³⁵³ Aqui, foram mantidos os títulos atribuídos e relacionados por Taunay em ofício, de 14 de março de 1940, enviado a Mário Guimarães de Barros Lins, Secretário da Educação e Saúde Pública do Estado de São Paulo.

<i>Pouso no Sertão</i>	Aurélio Zimmermann
<i>Fazenda da Barra (1836) Campinas</i>	Alfredo Norfini
<i>Pouso de Tropeiros Paulistas 1826</i>	Franta Richter
<i>Grande Fazenda de Café 1830</i>	Anônimo

Logo, em ofício de 16 de dezembro, Taunay perguntava a Armando Navarro se já poderia pedir ao Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo o orçamento referente ao acondicionamento das telas que iriam para Portugal. Na visão de Taunay o Liceu era a única instituição, em São Paulo, “... capaz de executar com garantias de segurança uma boa embalagem”³⁵⁴.

Neste mesmo ofício Taunay também perguntava quando deveria enviar os quadros e dizia a Navarro que, como lhe prometera, lhe enviaria exemplares dos mapas das Bandeiras, “uns cinco chegarão não?”, bem como Guias do Museu Paulista, “penso que uns dez bastarão”³⁵⁵. Taunay informava ainda estar providenciando, como Navarro lhe pedira, uma coleção de fotografias das salas do Museu.

No início de janeiro de 1940, Taunay já havia enviado ao General Francisco José Pinto e a Armando Navarro o valor do orçamento feito pelo Liceu quanto ao acondicionamento das telas. De acordo com Luiz Scattolini, diretor do Liceu, o valor total seria de 1:850\$000 reis. Dos quais 1:550\$000 se destinariam ao acondicionamento das 19 telas menores em três caixões e 300\$000 se referiam à proteção da grande tela *Desembarque de Cabral* que precisaria ser desmontada.³⁵⁶

Taunay pediu outra solução ao diretor do Liceu, pois temia a operação de desprendimento da tela de seu chassi. Ele propôs a Scattolini que fosse construído um “caixão especial esguio”³⁵⁷ para a tela com o chassi, sendo enviada em outro caixão a moldura. Porém, segundo Taunay, Scattolini e a sua equipe do Liceu entendiam ser indispensável o desmonte do *Desembarque de Cabral*: moldura, chassi e tela que deveria ser enrolada.

³⁵⁴ Affonso Taunay. Ofício de 16 de dezembro de 1939 a Armando Navarro da Costa. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

³⁵⁵ *Ibidem*.

³⁵⁶ Cf. Affonso Taunay. Ofício de 9 de janeiro de 1940 a Luiz Scattolini. E, Affonso Taunay. Ofício de 9 de janeiro de 1940 a Armando Navarro da Costa. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

³⁵⁷ Affonso Taunay. Ofício de 9 de janeiro de 1940 a Luiz Scattolini. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

Enquanto o diretor do Museu Paulista aguardava a aprovação do valor do orçamento do acondicionamento dos quadros pelo General Francisco José Pinto, ele comunicava a Armando Navarro sobre o seu receio quanto à necessidade de desmontagem da grande tela:

O diretor do Liceu homem de grande competência no assunto diz-me que se torna indispensável o desmonte do grande quadro “Desembarque de Cabral” precisando a tela ser enrolada, pois que mesmo sem a moldura o caixão que a levasse seria muito grande e sujeito a alguma torção capaz de danificar a pintura.³⁵⁸

Armando Navarro informou ao General Francisco José Pinto sobre a especificidade do quadro *Desembarque de Cabral*. A partir daí, através da documentação, foi possível perceber que o próprio General trocou soluções com Taunay quanto à melhor forma de proteção da pintura para o transporte.

Assim, em 7 de fevereiro de 1940, Armando Navarro, em nome do General Francisco José Pinto, autorizava a contratação do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo para o serviço de encaixotamento dos quadros do Museu Paulista que iriam para Portugal. E noticiava a Taunay que ele e o General acharam melhor “... que não vá o quadro grande de Oscar P. da Silva á vista da necessidade de ser desmontado e os perigos decorrentes de tal necessidade”³⁵⁹.

³⁵⁸ Affonso Taunay. Ofício de 19 de janeiro de 1940 a Armando Navarro da Costa. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

³⁵⁹ Affonso Taunay. Ofício de 7 de fevereiro de 1940 a Luiz Scattolini. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

Figura 41 – Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro – Oscar Pereira da Silva

Sem o *Desembarque de Cabral* o serviço do Liceu para o acondicionamento das outras 19 telas ficou no valor de 1:550\$000 réis. Quantia que Taunay pediu para Navarro da Costa colocar “diretamente á disposição do Liceu”, haja vista que “infelizmente” o Museu Paulista não poderia dar sinal nenhum ao Liceu: “... imagine o Snr. que a verba do Museu em virtude dos rigorosos cortes para o equilíbrio orçamentário foi reduzida de 96 contos para 16 (dezesseis contos de reis), só posso gastar um conto trezentos e trinta e três mil reis por mês!”³⁶⁰

Como se pode notar, a verba mensal do Museu Paulista para o ano de 1940 (1:333\$000) era menor do que o custo cobrado pelo Liceu para o encaixotamento das obras que seriam expostas em Portugal (1:550\$000). Por isso, Taunay em seus ofícios a Navarro da Costa e ao General Francisco José Pinto sempre se remetia à condição financeira do Museu, a fim de lembrá-los da verba destinada ao Liceu. E, faria o mesmo com os custos adicionais demandados, por exemplo, com o transporte dos quadros:

Esqueci-me de incluir no orçamento as despesas de frete de S. Paulo ao Rio. Infelizmente cortada a verba do Museu como foi reduzida a 1:300\$000 mensais vejo-me impossibilitado de atender a esta despesa. Assim pediria o obsequio ao prezado amigo de mandar pagar pela sua verba esta despesa que oportunamente lhe será comunicada, desde que o Liceu tenha terminado o serviço de encaixotamento.³⁶¹

Em 14 de março, Taunay escrevia a Mario Guimarães de Barros Lins, Secretário da Educação e Saúde Pública do estado de São Paulo, solicitando a confirmação da licença para a saída do Museu Paulista do material que logo seguiria até a cidade do Rio de Janeiro, onde seria entregue aos cuidados da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal.

De acordo com Taunay, em 18 de março, ele recebeu, por via postal, a quantia de 1:550\$000 emitida por ordem do General Francisco José Pinto destinada ao pagamento do serviço de embalagem dos quadros que o Liceu vinha realizando. O

³⁶⁰ Affonso Taunay. Ofício de 19 de janeiro de 1940 a Armando Navarro da Costa. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

³⁶¹ Affonso Taunay. Ofício de 7 de fevereiro de 1940 a Armando Navarro da Costa. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

pagamento logo seria efetuado, pois em 3 de abril de 1940 o Liceu finalizou os trabalhos de acondicionamento.

No mesmo dia, Taunay avisou o General sobre o término dos trabalhos, e se prontificou a orçar as despesas com o transporte dos três caixões de São Paulo para o Rio de Janeiro. Desta maneira, no dia seguinte, 4 de abril, Taunay pedia para Luiz Scattolini providenciar o orçamento do despacho dos quadros do Museu:

... para que eu peça ao meu turno ao Snr. General Pinto que me envie a importância relativa a este despacho. Aliás já avisei ao General que o encaixotamento está pronto e que dele tive a melhor impressão. Conviria também penso, fazer um seguro relativo a esta remessa calculado em cem contos o valor dos quadros, que é essa a importância da avaliação em nosso inventário.³⁶²

Aos 8 de abril Taunay apresentava as suas congratulações ao General Francisco José Pinto que acabara de ser nomeado chefe da Embaixada Brasileira nos Centenários de Portugal. “Não podia ser mais feliz a escolha do Exmo. Snr. Presidente da República e como brasileiro me congratulo com V. Ex. por tão bem inspirada designação”³⁶³.

Os custos com o transporte e o seguro dos quadros do Museu, de acordo com a diretoria do Liceu, seria de 506\$000. Dos quais 406\$000 corresponderiam ao frete dos caixões que seguiriam por estrada de rodagem; e 100\$000 diziam respeito ao seguro que Taunay mandou fazer do material: “se o fiz foi receando algum acidente possível”³⁶⁴.

O diretor do Museu Paulista notificou Armando Navarro sobre o valor das despesas, em 10 de abril, e lhe pediu que o informasse ao General. Novamente Taunay perguntava a Navarro para onde, na cidade do Rio de Janeiro, deveria ser endereçado o material do Museu.

Após uma troca de ofícios com a diretoria do Liceu e com Armando Navarro, Taunay achou melhor deixar aos cuidados de uma empresa especializada o transporte dos quadros para o Rio, já que esta se dispunha a receber o pagamento pelas despesas na capital federal.

³⁶² Affonso Taunay. Ofício de 4 de abril de 1940 a Luiz Scattolini. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

³⁶³ Affonso Taunay. Ofício de 8 de abril de 1940 ao General Francisco José Pinto. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

³⁶⁴ Affonso Taunay. Ofício de 10 de abril de 1940 a Armando Navarro da Costa. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

Desta forma, em 15 de abril de 1940, Taunay autorizou o Liceu a despachar os quadros por intermédio da empresa Transporte Luso Brasileiro, com a qual o Liceu trabalhava havia anos:

Assim, pois, peço-lhe que remeta os quadros diretamente para o Pavilhão de Minas Gerais Feira de Amostras do Distrito Federal, devendo a conta ser apresentada ao sr. Armando Navarro da Costa secretario da Comissão dos Centenários a que preside o sr. General Francisco José Pinto, embaixador enviado para representar o Brasil nos grandes festejos portugueses do fim deste ano.

Não deixe de fazer o seguro que se me afigura indispensável.³⁶⁵

Os caixões nos quais estavam os 19 quadros pertencentes ao Museu chegaram ao Distrito Federal entre os dias 16 e 18 de abril. No dia 19, Taunay era comunicado pelo Liceu a respeito da entrega que fora realizada “perfeitamente em ordem”, informação que remeteu prontamente a Mario Guimarães de Barros Lins, Secretário da Educação e Saúde Pública do estado de São Paulo:

Tenho a honra de comunicar a V. Ex. que acabo de saber por intermédio do Liceu de Artes e Ofícios que a Empresa Luso Brasileira de Transportes, pelo Liceu incumbida de tal serviço, fez entrega á Comissão dos Centenários de Portugal, no Pavilhão Minas Gerais da Feira de Amostras, no Rio de Janeiro, dos volumes em que foram os quadros pertencentes ao Museu Paulista e destinados a figurar na Exposição em Lisboa em fins de 1940, de acordo com a permissão de V. Ex..

Avisa-me o Liceu que os quadros chegaram ao Rio de Janeiro perfeitamente em ordem.³⁶⁶

Em 11 de maio, Affonso Taunay escrevia a Armando Navarro da Costa dizendo estar em dúvida se a carta chegaria as suas mãos. De acordo com Taunay, a essa altura, era possível que Armando Navarro já houvesse embarcado para Portugal na companhia do General Francisco José Pinto, que partira do Rio de Janeiro em 9 de maio acompanhado pelos membros da embaixada extraordinária designada para representar o presidente Getúlio Vargas nos festejos portugueses.

Na carta, Taunay dizia ter lido nos jornais sobre a existência de uma sala consagrada a Bartholomeu de Gusmão e a Santos Dumont no Pavilhão do Brasil em Lisboa, e que, por este motivo, havia remetido ao General Francisco José Pinto

³⁶⁵ Affonso Taunay. Ofício de 15 de abril de 1940 a Luiz Scattolini. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

³⁶⁶ Affonso Taunay. Ofício de 19 de abril de 1940 a Mário Guimarães de Barros Lins. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

cinquenta exemplares de suas obras sobre Gusmão “... para que S. Ex. as distribua entre pessoas gradas de Portugal”³⁶⁷.

O objetivo de Taunay era deixar Navarro da Costa ciente de sua remessa ao General, talvez com a esperança de Navarro contribuir para a distribuição dos exemplares. Taunay escrevia que, caso fosse preciso, teria o maior prazer em enviar mais exemplares porque estava “... certo de assim prestar algum serviço a gloria até agora tão maltratada do nosso imortal compatriota”³⁶⁸.

Não se sabe se a carta chegou ou não até Navarro, mas, de qualquer maneira, Taunay a encerrava afirmando que em alguns dias lhe enviaria, diretamente em Portugal, dez exemplares dos mapas das Bandeiras, também com a finalidade de serem distribuídos. Quanto aos Guias do Museu Paulista que Taunay prometera lhe enviar juntamente com os mapas das Bandeiras, em dezembro de 1939, não há nenhuma referência.

Na documentação consultada no Museu Paulista é possível acompanhar a trajetória dos quadros do Museu apenas até a entrega destes no Pavilhão Minas Gerais na Feira de Amostras, na cidade do Rio de Janeiro. A partir daí, nada se sabe sobre o destino dos quadros antes de seu embarque para Portugal, se permaneceram no Pavilhão ou se foram transferidos para outro lugar.

Como em 19 de abril as telas já se encontravam no Rio de Janeiro, elas podem muito bem ter partido, em 1º de maio, no pacote que transportou Gustavo Barroso e Armando Navarro da Costa até Lisboa, ou, ainda, na embarcação *Raul Soares*.

Porém, não há indícios a este respeito. O que se sabe é que as telas do Museu Paulista figuraram, em sua maior parte, na Exposição Histórica do Brasil no Pavilhão dos Portugueses no Mundo e também no Pavilhão do Brasil. Em seu trabalho sobre a Exposição Histórica do Brasil, Rosana Dias do Nascimento não conseguiu identificar o acervo do Museu Paulista.³⁶⁹

Dessa forma, sem o *Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro*, foram levadas a Portugal 19 telas do acervo do Museu Paulista. É preciso mencionar que na lista apresentada anteriormente, Taunay não se preocupou com a nomenclatura

³⁶⁷ Affonso Taunay. Ofício de 11 de maio de 1940 a Armando Navarro da Costa. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

³⁶⁸ Affonso Taunay. Ofício de 11 de maio de 1940 a Armando Navarro da Costa. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

³⁶⁹ Cf. Rosana Andrade Dias do Nascimento. *O “Brasil Colonial” e a Exposição do Mundo Português de 1940*. Salvador, 2008. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal da Bahia.

oficial das telas, o que dificultou a identificação das mesmas³⁷⁰. Portanto, a seguir as telas estão dispostas na mesma sequência apresentada por Taunay em sua lista, porém com os devidos títulos:

Figura 42 – *Nau Capitania de Cabral, Índios a Bordo da Capitania de Cabral* – Oscar Pereira da Silva

Figura 43 – *Ponte Coberta de Cubatão, 1850* – Oscar Pereira da Silva

³⁷⁰ Sobre a identificação das telas do Museu Paulista, é feito um agradecimento especial a Profa. Dra. Miyoko Makino, docente do Museu e sem a qual as obras não teriam sido identificadas.

Figura 44 – *Combate de Botocudos em Mogi das Cruzes* – Oscar Pereira da Silva

Figura 45 – *Bandeirantes à Caminho das Minas* – Oscar Pereira da Silva

Figura 46 – *Carga de Canoas* – Oscar Pereira da Silva

Figura 47 – *Partida de Porto Feliz* – Oscar Pereira Silva

Figura 48 – *Apertando o Lombo* – Almeida Júnior

Figura 49 – *Fuga para o Egito (estudo)* – Almeida Júnior

**Figura 50 – *Domingos Jorge Velho e o Loco-Tenente Antônio F. de Abreu* –
Benedito Calixto de Jesus**

Figura 51 – *Retrato do Padre José de Anchieta* – Benedito Calixto de Jesus

Figura 52 – *Rua do Rosário* – José Wasth Rodrigues

Figura 53 – *Pateo e Igreja da Sé e São Pedro* – José Wasth Rodrigues

Figura 54 – *Pateo do Colégio em 1858* – José Wasth Rodrigues

Figura 55 – *Paço Municipal em 1658* – José Wasth Rodrigues

Figura 56 – *Benção dos Canoões* – Aurélio Zimmermann

Figura 57 – *Pouso no Sertão 1826* – Aurélio Zimmermann

Figura 58 – *Fazenda da Barra – Campinas, 1840* – Alfredo Norfini

Figura 59 – *Pouso de Tropeiros – Cubatão, 1826* – Franta Richter

Figura 60 – *Grande Fazenda de Café 1830* – Benedito Calixto de Jesus

É importante mencionar que a tela *Grande Fazenda de Café 1830* aparece na lista de Taunay como sendo de autor anônimo, no entanto, na pesquisa realizada no

Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista verificou-se que a mesma foi produzida por Benedito Calixto.

Com exceção das obras de Almeida Júnior, *Apertando o Lombilho e Fuga para o Egito*, todas as outras apresentadas aqui, incluindo o *Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro*, ainda fazem parte do acervo do Museu Paulista. *Apertando o Lombilho e Fuga para o Egito*, pertenceram ao Museu até 1947, quando foram transferidas para o acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, onde se encontram até hoje.

As obras do Museu Paulista estariam de volta às margens do Ipiranga em 2 de maio de 1941. Nesta data, Taunay escrevia ao General Francisco José Pinto:

Tenho a honra de a V. Excia. acusar o recebimento dos quadros do Museu Paulista que, deste estabelecimento haviam sido entregues à Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal por intermédio de V. Excia. seu digno presidente.

Nada tem V. Excia. que me agradeça apenas cumpri um dever procurando coadjuvar a patriótica atuação de V. Excia.

Fico sobremodo satisfeito ao saber que a contribuição do Museu Paulista como V. Excia. diz foi um dos motivos do magnífico sucesso obtido pela Secção Colonial do Pavilhão do Brasil na Exposição do Mundo Português.³⁷¹

Então, Gustavo Barroso não mencionou as telas emprestadas pelo Museu Paulista em seus relatórios e no seu catálogo *Pavilhão do Mundo Português e Pavilhão do Brasil Independente. Exposição do Museu Histórico Nacional: catálogo descritivo e comentado*, pois ele não foi o responsável pela seleção das mesmas, haja vista que todo o arranjo do material selecionado para figurar em Portugal foi feito em muito pouco tempo. O próprio catálogo de Barroso ainda estava sendo impresso quando este partiu para Lisboa.

Toda via, é importante notar que, diferentemente do que ocorreu com as obras de arte que figuraram no Pavilhão do Brasil, as obras do Museu Paulista não foram submetidas à seleção de um júri. Estas foram escolhidas por Armando Navarro da Costa, que provavelmente, como se pôde observar pela temática das telas, seguiu as diretrizes do Programa da Participação Brasileira nas Comemorações Centenárias de Portugal. Contudo, como será mostrado um pouco mais à frente, acredita-se que ao

³⁷¹ Affonso Taunay. Ofício de 2 de maio de 1941 ao General Francisco José Pinto. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

selecionar as obras, Navarro da Costa não estava pensando apenas na *Exposição Histórica do Brasil*, que ocorreria no Pavilhão dos Portugueses no Mundo.

3.2 Gustavo Barroso e a arrumação da Exposição Histórica do Brasil

Como mostrado no capítulo anterior, a *Exposição Histórica do Brasil* se deu no corpo norte do Pavilhão dos Portugueses no Mundo, o lado do Pavilhão mais próximo ao Mosteiro dos Jerônimos. Este espaço dedicado à História do Brasil foi oferecido ao governo brasileiro pelas autoridades portuguesas, diferentemente do Pavilhão do Brasil que foi construído as expensas dos cofres brasileiros.

Sobre o Pavilhão dos Portugueses no Mundo e a *Exposição Histórica do Brasil*, Gustavo Barroso escreveu o seguinte:

Completavam o Pavilhão dos Portugueses no Mundo, que foi o mais belo e significativo, em verdade, de toda a Exposição, um corpo ao sul destinado a Portugal-1940, isto é, às grandes realizações do Estado Novo português, e um corpo ao norte, onde se achava a Exposição Histórica do Brasil. Essa parte foi orientada e executada sob a minha direção, como um dos delegados do Brasil à Exposição do Mundo Português e como Diretor do Museu Histórico Nacional.³⁷²

Na grande porta que dava acesso à Exposição brasileira fora disposto um baixo-relevo de um anjo que, segundo Barroso, “representava o Gênio da Civilização Cristã, de que promanam Portugal e o Brasil”.³⁷³ Sobre ele, o dístico: *Brasil – 1500*.

³⁷² Gustavo Barroso. *Portugal Semente de Impérios*. Rio de Janeiro: Getulio Costa, 1943. p. 30.

³⁷³ Gustavo Barroso. A Exposição Histórica do Brasil em Portugal e seu Catálogo. *Anais do Museu Histórico Nacional*. (vol. 1, 1940). Rio de Janeiro: MHN; Imprensa Nacional, 1942. p. 235-246, 1942. p. 235.

Figura 61 – Fachada e porta de entrada da *Exposição Histórica do Brasil* no Pavilhão dos Portugueses no Mundo³⁷⁴

De acordo com Gustavo Barroso, a ele não coube apenas a arrumação da *Exposição Histórica do Brasil*. Toda a decoração interna do recinto também ficou sob a sua responsabilidade: “Toda a decoração interna, planejada por mim e executada sob a minha fiscalização [...], obedecia à ordem geral da Exposição do Mundo Português”.³⁷⁵

O espaço cedido ao Brasil no interior do Pavilhão dos Portugueses no Mundo era composto por um vestíbulo, uma sala e um grande salão (de 22 metros de comprimento em cada face e um pé direito de 14 metros), fora as dependências de serviço. O vestíbulo foi decorado; a sala foi dedicada à Exposição do Brasil Independente, englobando os dois Reinados e a República; e o grande salão reservado à Época

³⁷⁴ As figuras de número 61 a 75 foram extraídas de: *Pavilhão do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português 1940*. Lisboa: Oficinas de Neogravura Limitada, 1941. s.p.

³⁷⁵ Gustavo Barroso. *Portugal Semente de Impérios*. Op. cit. p. 30.

Colonial, foi dividido em seis salas por paredes de pouca altura, em estuque, com sancas iluminadas.

Ao entrar na *Exposição Histórica do Brasil* o visitante tinha acesso ao amplo vestíbulo poligonal, o qual fora forrado em cada um de seus lados pelas bandeiras do Brasil e de Portugal. No centro, nas paredes, em relevo, em cores e com iluminação para a noite, os brasões do Reino, do Império e da República do Brasil, logo abaixo deste a frase que, de acordo com Barroso, “liga o Brasil a Portugal”³⁷⁶, extraída do poema *Caramuru*, de Santa Rita Durão:

Não somos nós os netos de Albuquerque,
Raça de lusos?

Ao centro, sobre um pedestal de sucupira, o grupo em bronze *Anchieta evangelizando o indígena*, de Eduardo de Sá, “... cópia do que se encontra no monumento de Floriano Peixoto, fundido pela própria maquete em gesso do artista...”³⁷⁷, cedida pelo Museu Nacional de Belas Artes. De acordo com Barroso, o grupo em bronze seria uma representação “... da Catequese, do Evangelho nas Selvas, cantado por Fagundes Varela.”³⁷⁸

³⁷⁶ Gustavo Barroso. A Exposição Histórica do Brasil em Portugal e seu Catálogo. *Op. cit.* p. 236.

³⁷⁷ *Ibidem.* p. 236.

³⁷⁸ *Ibidem.* p. 236.

Figura 62 – Vestíbulo da Exposição Histórica do Brasil: no centro o grupo em bronze *Anchieta evangelizando o indígena*, de Eduardo de Sá. Nas paredes os brasões heráldicos do Reino, do Império e da República do Brasil

Em frente, do outro lado do vestíbulo, sobre dois pedestais, os bronzes *Caramuru* e *I-Juca Pirama*, ambos também de Eduardo de Sá e obtidos da mesma maneira. Segundo Barroso, o bronze *Caramuru* significava “... o contato do homem branco com a virgem terra brasileira...” e *I-Juca Pirama*, “... o indígena do país descoberto pelos portugueses. Ambos relembrando os dois poemas clássicos de Santa Rita Durão e de Gonçalves Dias”.³⁷⁹

³⁷⁹ *Ibidem.* p. 236.

Figura 63 – No vestíbulo: os grupos em bronze de Eduardo de Sá. À esquerda, *Caramuru* e à direita, *I-Juca Pirama*

À direita do vestíbulo, uma passagem larga conduzia o visitante à Exposição Colonial do Brasil, disposta no grande salão com uma rotunda na parte do fundo. Essa exposição, dedicada à História Colonial do Brasil, foi dividida em seis salas por meio de paredes de pouca altura com cimbalhas, sob as quais a iluminação ficava escondida. Segundo Barroso, esse recurso de iluminação fazia com que a luz se projetasse para baixo, o que permitia “... a clara visão dos quadros e mostruários”.³⁸⁰

No alto, nas paredes de todo o salão, foram dispostos em relevo, coloridos e iluminados os brasões de todos os vice-reis do Brasil. Na rotunda, também em relevo e iluminada, elevava-se a Árvore Simbólica da formação do Brasil, que sintetizava a História brasileira enquanto ligada à portuguesa. Barroso explicou a composição da Árvore da seguinte forma:

Raízes fincadas na gleba lusitana. No tronco, as armas heráldicas de Portugal. Nos primeiros ramos, A *Grei*, a *Lei* e os *Reis* que “dilataram a Fé e o Império”. Nos segundos, o *Mar*, os *Descobridores* que devassaram os “mares nunca dantes navegados”, os *Missionários* que espalharam nos mundos novos as sementes da Religião Cristã, e os *Bandeirantes* que recuaram o Meridiano. Nos terceiros, os *Donatários* que fundaram as capitanias, os *Senados das Câmaras*, significando a constituição dos primeiros municípios, e as *Províncias*, resultado das velhas capitanias. Depois, o *Reino* fundamentado sobre esse

³⁸⁰ *Ibidem*. p. 236.

desenvolvimento e o *Império*, nascido do reino. Por fim, os *Estados*, surgindo das províncias e dos municípios. E, coroando tudo, numa intensa floração de flores e de luzes – a *República*, o Brasil Contemporâneo.³⁸¹

De cada um dos lados da grande Árvore foram dispostos os nomes de todos os governadores gerais do Brasil.

Figura 64 – Sala Portugal-Brasil: na rotunda a grande Árvore Simbólica que ligava a História de Portugal à do Brasil; nas laterais os nomes dos Governadores Gerais do Brasil

De acordo com Barroso, a disposição das seis salas da Exposição Colonial do Brasil foi elaborada de maneira a permitir uma circulação horizontal dos visitantes, ou seja, as salas ocuparam apenas um plano, sem andares. Para Barroso, essa disposição permitiria que a “grande massa de visitantes” circulasse pelo recinto “sem atropelos”³⁸². É importante mencionar que toda a *Exposição Histórica do Brasil* foi realizada em um só plano.

³⁸¹ *Ibidem*. p. 236.

³⁸² *Pavilhão do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português 1940. Op. cit. s.p.*

Assim, a primeira das seis salas da Exposição Colonial do Brasil (que ficava à direita do vestíbulo) foi a Sala dos Canhões Históricos, na qual foram dispostos quatro canhões de bronze que marcavam, de acordo com sua procedência, os quatro pontos extremos que a expansão portuguesa atingiu na América: Forte do Príncipe da Beira; Caiena; Colônia do Sacramento; e Forte de Coimbra. Figuraram ainda, segundo Barroso, armas do século XV e armaduras da Guerra Holandesa.

Nas paredes, como pode ser observado nas imagens abaixo, foram expostas, em molduras menores, aquarelas de uniformes coloniais, procedentes da Coleção Figueira de Melo, do Museu Histórico Nacional. As telas maiores eram do Museu Paulista, respectivamente da esquerda para a direita: *Combate de Botocudos em Mogi das Cruzes*, de Oscar Pereira da Silva; *Paço Municipal em 1658*, de José Wasth Rodrigues; *Retrato do Padre José de Anchieta*, de Benedito Calixto de Jesus; e *Pátio do Colégio em 1858*, de Wasth Rodrigues.

Figura 65 – Sala dos Canhões Históricos

Na figura abaixo, outro ângulo da Sala dos Canhões Históricos, ainda é possível identificar mais uma tela do Museu Paulista, a primeira da esquerda para a direita:

Pateo e Igreja da Sé e São Pedro, também de José Wasth Rodrigues. Com elas, nesta sala, Barroso pretendeu mostrar aspectos de São Paulo antigo e lutas dos bandeirantes.³⁸³

Figura 66 – Sala dos Canhões Históricos

As imagens da Exposição Histórica do Brasil usadas aqui foram extraídas do álbum *Pavilhão do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português 1940*. Neste, apesar do nome, também foram dispostas imagens da Exposição Histórica, embora a grande maioria de suas páginas tenha sido dedicada ao Pavilhão do Brasil. O álbum não tem autoria, porém, ao longo da pesquisa percebeu-se que o responsável por sua organização foi Gustavo Barroso. Aja vista que, entre muitos outros indícios, ele é o único registro encontrado da Exposição do Mundo Português no qual figuram imagens da *Exposição Histórica do Brasil*.

Na segunda sala da Exposição, a Sala das Milícias, Gustavo Barroso expôs nas vitrinas: armas do Brasil Colonial. Quais especificamente não são possíveis determinar, contudo, todas as armas levadas por Barroso para Portugal encontram-se arroladas no item “A” do anexo disposto no final deste trabalho.

³⁸³ Cf. *Ibidem*.

Figura 67 – Sala das Milícias

Nas paredes, como é possível observar na figura acima, mais aquarelas de uniformes coloniais da Coleção Figueira de Melo, do Museu Histórico Nacional, e que podem ser consultadas em seu conjunto no item “D” do anexo. Novamente, as telas maiores pertenciam ao Museu Paulista, da esquerda para a direita: *Bênção dos Canoões*, de Aurélio Zimmermann; e *Rua do Rosário*, de Wasth Rodrigues. Com as telas, Barroso pretendeu mostrar aspectos do “Brasil de antanho”³⁸⁴.

Na terceira sala, a Sala do Século XVII, figuraram móveis do referido período com “tremidos, torcidos, bolachas e espaldares de couro lavrado”³⁸⁵. Nas paredes, no lugar de honra a tela do Museu Paulista *Domingos Jorge Velho e o Loco-Tenente Antônio F. de Abreu*, de Benedito Calixto de Jesus, que em sua descrição desta sala, no álbum *Pavilhão do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português 1940*, Barroso chamou erroneamente de Raposo Tavares.

³⁸⁴ Gustavo Barroso. A Exposição Histórica do Brasil em Portugal e seu Catálogo. *Op. cit.* p. 237.

³⁸⁵ *Ibidem.* p. 237.

Figura 68 – Sala do Século XVII

Na moldura maior à esquerda, a pintura a óleo *Os Bandeirantes Baianos*, de Presciliano Silva, do Museu Histórico Nacional. Com estas duas telas, Gustavo Barroso teve a intenção de expor “figuras de bandeirantes famosos, paulistas e baianos”³⁸⁶

As molduras menores traziam vistas de edificações coloniais, aquarelas de Alfredo Norfini pertencentes ao acervo do Museu Histórico Nacional (a série de aquarelas de A. Norfini levadas a Portugal podem ser consultadas no item “F” do anexo).

A quarta sala fora dedicada ao século XVIII e por isso intitulada, Sala do Século XVIII. Nela foram expostos móveis em jacarandá, no estilo D. João V, e documentos arquiteturais do Barroco brasileiro. Todas as telas selecionadas, por Barroso, para este ambiente pertenciam ao Museu Histórico Nacional. Dessa maneira, da esquerda para a direita foram dispostas: *Retrato de D. Maria Iª*, óleo de José Leandro; *Retrato de D. Luís de Vasconcelos*, óleo de Leandro Joaquim; *Retrato do Padre Antonio Vieira*, cópia

³⁸⁶ *Ibidem*. p. 237.

da “Vera Efigie” de autor desconhecido, existente na Bahia, por Agostinho de Jesus, em 1860; e *Chegada do Príncipe Regente ao Rio de Janeiro*, óleo de autor desconhecido.

Figura 69 – Sala do Século XVIII

Nesta imagem, ao fundo e à esquerda, é possível observar alguns dos brasões dos vice-reis do Brasil que ajudaram a compor a decoração da Exposição Histórica. Do lado oposto, pode-se ver a parte superior da Árvore Simbólica da formação do Brasil.

Na quinta sala, a Sala das Moedas, Barroso expôs em vitrinas apropriadas de sucupira, com forro de veludo, uma coleção de moedas e medalhas coloniais, cujo conjunto levado a Portugal está arrolado no item “K” do anexo. Segundo Barroso, nesta sala também figuraram armas dos séculos XVII e XVIII e “painéis a óleo rememorando os feitos militares do período colonial no Maranhão, em Pernambuco, no Rio de Janeiro e no Extremo Sul”³⁸⁷.

³⁸⁷ *Ibidem*. p. 237.

Figura 70 – Sala das Moedas

Das quatro telas maiores que aparecem na figura, foi possível identificar apenas a primeira da direita para a esquerda: *Expulsão dos Franceses do Rio de Janeiro*, óleo de Armando Martins Viana, pertencente ao Museu Histórico Nacional.

A sexta sala da Exposição Colonial do Brasil foi a Sala Portugal-Brasil, a mesma na qual fora disposta a Árvore Simbólica. Do outro lado do recinto, fazendo face à Árvore, em um oratório de jacarandá fora disposta uma cópia da Cruz Processional de ferro levada por frei Henrique de Coimbra no Descobrimento do Brasil, a original se encontrava em Braga.

Figura 71 – Sala Portugal-Brasil

Nas paredes, nas molduras menores, novamente as aquarelas de Alfredo Norfini retratando edificações coloniais. Nas molduras maiores, seis telas do Museu Paulista, a saber, da esquerda para a direita: *Pouso de Tropeiros – Cubatão, 1826*, de Franta Richter; *Fazenda da Barra – Campinas, 1840*, Alfredo Norfini; *Partida de Porto Feliz*, de Oscar Pereira da Silva; *Carga de Canoas*, de Oscar Pereira da Silva; *Ponte Coberta de Cubatão, 1850*, de Oscar Pereira da Silva; e *Pouso no Sertão 1826*, de Aurélio Zimmermann.

Com as aquarelas de Norfini e com as telas do Museu Paulista, Barroso quis expor a arquitetura e a vida “... do Brasil antigo, sobretudo paisagens do nosso interior”.³⁸⁸

Na parte superior da imagem é possível visualizar melhor alguns dos brasões dos vice-reis do Brasil.

Se a Exposição Colonial do Brasil estava disposta à direita do vestíbulo da Exposição Histórica do Brasil, à esquerda, uma passagem idêntica à do lado direito,

³⁸⁸ *Ibidem.* p. 237.

conduzia à Exposição Histórica do Brasil Independente. Situada em uma sala menor do que a Exposição Colonial, Gustavo Barroso decorou cada uma de suas paredes com timbres heráldicos, cores, relevos e luzes, que se destinaram a representar as três épocas da História do Brasil após a Independência: 1º Reinado; 2º Reinado; e República.

No centro da sala, denominada de Sala do Brasil Independente, Barroso expôs em uma vitrina especial a “... espada que trazia D. Pedro I no Ipiranga, quando soltou o grito de ‘Independência ou Morte’”.³⁸⁹ Como pode ser observado na figura abaixo.

Figura 72 – Sala do Brasil Independente

Este lado da sala ficou destinado, como chamou Barroso, “às relíquias do 1º Reinado”³⁹⁰, como pode ser observado sobre o brasão na parede. Os manequins foram vestidos com os uniformes da Escola Naval, da Escola Militar, do Batalhão de Guardas e dos Dragões da Independência. Na parede, da esquerda para a direita, os retratos pertencentes ao Museu Histórico Nacional: *D. Pedro I em Trajes da Coroação*, gravura

³⁸⁹ *Ibidem.* p. 237.

³⁹⁰ *Pavilhão do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português 1940. Op. cit. s.p.*

de Urbain Massard; *Retrato da Imperatriz Leopoldina*, óleo de autor desconhecido; *Retrato da Imperatriz D. Amélia*, crayon de Grevedon, 1830; *Retrato de José Bonifácio*, óleo de Décio Vilares; *Retrato de D. Pedro I*, óleo de Armando Martins Viana; e *Retrato de Francisco Manuel*, cópia a óleo do retrato feito pelo pintor brasileiro José Correia de Lima.

Do outro lado da sala, na parede oposta, as “relíquias do 2º Reinado”³⁹¹.

Figura 73 – Sala do Brasil Independente

Na parede, da esquerda para a direita e de cima para baixo, as obras pertencentes ao Museu Histórico Nacional: *Retrato do Conde d’Eu*, óleo de Rovello, de 1872; *Retrato de D. Pedro II*, óleo de Vicente Pereira Mallio, de 1884; *Retrato de D. Pedro II, na Maioridade*, óleo de autor desconhecido; *Retrato da Princesa Isabel*, óleo de Rovello, de 1872; *Retrato da Imperatriz Tereza Cristina*, óleo de Vicente Pereira Mallio, de 1884; *Retrato do Duque de Caxias*, óleo de Rocha Ferreira, cópia de Pedro Américo; e *Batalha de Tuiutí*, de José Wasth Rodrigues.

³⁹¹ *Ibidem.* s.p.

As últimas quatro telas não foram identificadas, contudo, segundo Barroso, elas retratavam conflitos no Prata. De acordo com esta informação e com base no catálogo organizado por Barroso³⁹², as telas só podem ter sido: *Batalha Naval do Riachuelo*, óleo de Cadmo Fausto; *Passagem de Humaitá*, óleo de Cadmo Fausto; *Batalha de Monte Caseros*, óleo de José Wasth Rodrigues; e *Batalha de Lomas Valentinas*, óleo de Wasth Rodrigues.

Na vitrina da parede, entre outras “reliquias”, fora exposta a caneta de ouro, esmeraldas e brilhantes com que a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea.

Por último, na Sala do Brasil Independente, Barroso organizou as “reliquias do Período Republicano”³⁹³.

Figura 74 – Sala do Brasil Independente

Na vitrina ao fundo, a espada com a qual o Marechal Deodoro da Fonseca proclamou a República. Na parede, da esquerda para a direita: *Proclamação da*

³⁹² Gustavo Barroso (Org.). *Pavilhão do Mundo Português e Pavilhão do Brasil Independente. Exposição do Museu Histórico Nacional: catálogo descritivo e comentado. Op. cit. p. 124-126.*

³⁹³ *Pavilhão do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português 1940. Op. cit. s.p.*

República, cópia do quadro de Henrique Bernardelli; *Retrato do Marechal Deodoro da Fonseca*, óleo de Armando Martins Viana; *O Marechal Deodoro e seu Estado Maior*, ampliação fotográfica; *Retrato do Presidente Getúlio Vargas*, óleo de Armando Martins Viana; e *Retrato do Marechal Floriano Peixoto*, óleo de Canizares.

O material exposto na Sala do Brasil Independente proveio inteiramente do Museu Histórico Nacional. Contudo, é importante mencionar que a maioria desses objetos, atualmente não pertence ao acervo desta instituição. Com a fundação do Museu Imperial, em 1940, e a do Museu da República, em 1960, partes dos acervos do Museu Histórico Nacional foram destinadas a estes dois Museus, nos quais se encontram boa parte dos objetos que figuraram na Sala do Brasil Independente, em 1940.

Ainda no espaço reservado à *Exposição Histórica do Brasil* havia o Gabinete da Administração, onde além do mobiliário, Barroso expôs nas paredes fotografias do Museu Histórico Nacional, tanto do exterior, quanto do interior do prédio. Como pode ser observado abaixo:

Figura 75 – Gabinete da Administração

De acordo com Gustavo Barroso:

O que a direção do Museu Histórico, em cumprimento das determinações que lhe foram dadas pelo Exmo. General Francisco José Pinto, procurou fazer nos múltiplos aspectos dessa Exposição preparada no curto espaço de três meses – decoração do ambiente com legendas e heráldica, mostruário de relíquias não muito numerosa, porém sobremaneira significativas, documentos históricos, artísticos e numismáticos – foi resumir os quatro séculos e meio da História do Brasil, desde o século do Descobrimento, sintetizado na Cruz Processional, num broquel e num gládio daquele tempo até o momento atual, expresso no grande retrato a óleo do fundador do Estado Novo, Sua Excelência o Presidente Getúlio Vargas.³⁹⁴

Gustavo Barroso, em toda a documentação encontrada sobre a sua participação nas Comemorações dos Centenários de Portugal, fez apenas uma menção sobre as telas emprestadas pelo Museu Paulista. Em seu artigo para o primeiro volume dos *Anais do Museu Histórico Nacional*, intitulado “A Exposição Histórica do Brasil em Portugal e seu Catálogo”, publicado em 1942, Barroso após descrever as seis salas da Exposição Colonial do Brasil, escreveu o seguinte: “Para essa exposição, o Museu do Ipiranga cedeu generosamente alguns dos seus melhores documentos iconográficos”.³⁹⁵

Barroso, como já mencionado, não foi o responsável pela seleção das telas emprestadas pelo Museu Paulista, porém, foi ele quem determinou quais figurariam na *Exposição Histórica do Brasil* e o local que cada uma ocuparia na Exposição. Como pôde ser observado, as telas do Museu foram expostas apenas na seção que tratou da História colonial do Brasil na Exposição Histórica.

Da mesma maneira como ocorreu com as obras de arte levadas para serem expostas no Salão de Arte do Pavilhão do Brasil, nem todo o material selecionado para a *Exposição Histórica do Brasil* foi exposto.

A começar pelas obras do Museu Paulista. Das 19 telas levadas para Portugal, 14 foram expostas na *Exposição Histórica do Brasil*. Duas figuraram no Pavilhão do Brasil: *Apertando o Lombrilho*, de Almeida Júnior, foi exposta no escritório desse Pavilhão; e *Fuga Para o Egito (estudo)*, do mesmo autor, figurou em uma vitrine no Salão de Arte. O que deixou claro que Armando Navarro da Costa ao selecionar as obras do Museu Paulista, não estava pensando apenas na representação histórica do Brasil em Portugal. Ele tinha em mente também a exposição de arte que ocorreria no Pavilhão do Brasil.

³⁹⁴ Gustavo Barroso. A Exposição Histórica do Brasil em Portugal e seu Catálogo. *Op. cit.* p. 238.

³⁹⁵ *Ibidem.* p. 237.

Então, das 19 telas do Museu Paulista, 16 foram expostas em Portugal, ficando de fora: *Nau Capitania de Cabral*, *Índios a Bordo da Capitania de Cabral*, de Oscar Pereira da Silva; *Bandeirantes à Caminho das Minas*, também de Oscar Pereira da Silva; e *Grande Fazenda de Café 1830*, de Benedito Calixto de Jesus. É importante salientar que estas telas não foram identificadas nas imagens disponíveis do Pavilhão do Brasil e da *Exposição Histórica do Brasil*. Contudo, é possível que as mesmas tenham sido expostas, mas, por uma questão de enquadramento, não ficaram registradas.

Houve então, um trânsito, mesmo que pequeno, entre os objetos levados pela Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal para figurarem nos espaços destinados ao Brasil na Exposição do Mundo Português. Haja vista, que além das obras do Museu Paulista que figuraram no Pavilhão do Brasil, no vestíbulo da *Exposição Histórica do Brasil* foram expostos grupos de bronze do Museu Nacional de Belas Artes, que, provavelmente, seriam expostos inicialmente no Salão de Arte do Pavilhão do Brasil.

Com relação as 632 peças do Museu Histórico Nacional levadas por Gustavo Barroso, como foi possível observar através das imagens da *Exposição Histórica do Brasil*, apenas uma pequena parte foi exposta. Barroso fez bastante uso, pelas salas da Exposição Colonial do Brasil, das aquarelas de Alfredo Norfini que retratavam cidades e monumentos coloniais e também da Coleção Figueira de Melo, de aquarelas de uniformes coloniais. Porém, cada um desses grupos de objetos contou respectivamente com 125 e 77 obras, que com certeza não foram expostos integralmente.

Em toda a Exposição Histórica, com exceção dos dois grupos de objetos mencionados acima, foram expostas 31 obras iconográficas (retratos, pinturas, gravuras, ampliações fotográficas, etc.) de dimensões significativas quanto à visualidade das salas, pertencentes ao Museu Histórico Nacional. Todavia, Gustavo Barroso levou consigo para Lisboa 54 obras dessa natureza, de acordo com o catálogo organizado por ele. (Todas as 632 peças do Museu Histórico Nacional encontram-se arroladas em anexo no final deste trabalho).

Em sua obra, de 1946, *Introdução à técnica de museus*,³⁹⁶ Barroso mencionou, em vários momentos, a Exposição Histórica do Brasil, para exemplificar o uso de técnicas adotadas em museus pelo mundo, no Museu Histórico Nacional, ou na própria Exposição. Na obra, fica clara a importância da Exposição em Portugal para o autor: tratou-se de um espaço destinado especificamente para a montagem de uma exposição,

³⁹⁶ Gustavo Barroso. *Introdução à Técnica de Museus*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, vol. 1, 1946.

no qual, além de colocar em prática técnicas já utilizadas no Museu Histórico Nacional, Barroso pôde, principalmente, experimentar novas técnicas que não se adequavam as salas da instituição que comandava, haja vista que o prédio que abrigou o Museu não fora construído para este fim, diferentemente do espaço destinado a ele em Lisboa.

Dessa maneira, *Introdução à técnica de museus* é bastante elucidativa quanto à compreensão da arrumação que Barroso deu à Exposição Histórica do Brasil.

A começar pelo fato da disposição da Exposição ter sido horizontal, evitando-se andares com escadas e/ ou elevadores. De acordo com Barroso e as técnicas apresentadas por ele em sua obra, a disposição horizontal das salas de um museu ou de uma exposição, propicia uma melhor circulação pelo recinto, evitando-se rodeios que alonguem o percurso.

Na entrada da Exposição, seguindo o padrão do restante dos Pavilhões da Exposição do Mundo Português, havia o vestíbulo, a partir do qual o visitante já era direcionado à área expositiva: à direita a Exposição Colonial do Brasil e à esquerda a Exposição do Brasil Independente. As salas do recinto, com exceção da Sala do Brasil Independente, foram construídas com paredes de baixa altura, o que de acordo com Barroso facilitava a exposição de quadros; não muito profundas; e ligadas entre si. Exatamente o que Barroso apontaria ao escrever sobre o problema da circulação:

A entrada dum museu é uma componente de grande importância no problema da circulação. Deve ser acolhedora e convidativa, levando diretamente à parte principal destinada ao público, bem como às salas especiais das exposições temporárias e comemorativas. Quando as principais salas de exposição se ligam entre si, dão ao museu certo caráter de continuidade que o valoriza. As salas devem ser de preferência pouco profundas e poligonais.³⁹⁷

Outra questão quanto à disposição do ambiente no qual se deu a Exposição, se refere à iluminação. As paredes baixas da Exposição Colonial do Brasil permitiram que Barroso fizesse uso de iluminação artificial por meio de sancas, assim, a luz incidia diretamente sobre os quadros expostos, valorizando-os e eliminando os reflexos. Como pode ser observado na imagem abaixo:

³⁹⁷ *Ibidem.* p. 52.

Figura 76 – Iluminação artificial por meio de sancas da Exposição Colonial do Brasil³⁹⁸

Segundo Gustavo Barroso, este sistema de iluminação foi idealizado e executado por ele na *Exposição Histórica do Brasil* em Portugal, já que no Museu Histórico Nacional não se utilizava esse tipo de recurso.

Para a iluminação da Sala do Brasil Independente, Barroso se utilizou de uma clarabóia no teto, o que segundo ele também proporcionou a ausência de reflexo sobre os quadros.

Quanto aos objetos expostos, foi possível perceber que não houve acúmulos dos mesmos pelas salas da Exposição, apesar da quantidade de material levada por Barroso para Portugal. Em *Introdução à técnica de museus*, Barroso escreveu: “É opinião assentada pela maioria deles [dos técnicos] que somente convém expor o essencial, substituindo-se o antigo critério da acumulação pelo critério moderno da seleção”.³⁹⁹

De acordo com o diretor do Museu Histórico Nacional, uma boa exposição de objetos deveria seguir os seguintes princípios:

- 1) Efeito estético dos próprios objetos.
- 2) Efeito estético de sua colocação.
- 3) Facilidade de visão e exame pelo público.
- 4) Boa e clara etiquetagem.

³⁹⁸ *Ibidem.* p. 77.

³⁹⁹ *Ibidem.* p. 31.

- 5) Proteção dos objetos contra as intempéries.
- 6) Defesa dos mesmos contra descuidos de visitantes e roubos
- 7) Preferência dos melhoramentos graduais sobre as reformas subversivas.⁴⁰⁰

O efeito estético dos próprios objetos, para Barroso, dependia da natureza destes, do sentimento de arte ou evocação que traziam e da expressão de beleza ou de glória que representavam. Segundo Barroso:

Um belo móvel, um lindo quadro, uma jóia delicada, causam melhor impressão ao visitante do que um fragmento de cerâmica antiga, uma arma danificada, um entulho arqueológico, embora quase sempre o valor científico, histórico e estimativo destes seja incomparavelmente maior. [...] Valorizam-se os objetos expostos de duas formas: pelo isolamento e pela harmonia do conjunto. O arrumador é o único juiz do que for mais propício.⁴⁰¹

Na Exposição Histórica, na Sala do Brasil Independente, por exemplo, Barroso valorizou a espada de D. Pedro I ao expô-la em uma vitrina isolada no centro do recinto.

O efeito estético da colocação dos objetos dependia muito, de acordo com Barroso, “da maneira como sua natureza permitia colocá-los”⁴⁰²: em pedestais; mostruários e vitrinas; pendurados nas paredes.

Em Portugal, Barroso, além de colocar alguns objetos na parte central de algumas salas, como canhões e peças de mobiliário, utilizou algumas vitrinas e pendurou muito material nas paredes.

Com relação às vitrinas, estas deveriam ser adequadas à natureza dos objetos nelas expostos e estar sempre de acordo entre si e com as salas de exposição. Elas ainda poderiam ser classificadas em: isoladas; encostadas e embutidas. Na Exposição Histórica não houve nenhuma vitrina embutida, figuraram apenas as encostadas e as isoladas. Todas de acordo entre si e com todo o conjunto da Exposição. Novas, feitas para a ocasião, após o término da Exposição foram incorporadas às salas do Museu Histórico Nacional.

Em Lisboa, Barroso utilizou para a exposição de moedas e medalhas, na Sala das Moedas, vitrinas de tampos duplos especiais para a exposição deste tipo de material, cujo modelo já era usado há bastante tempo no Museu. Como pode ser observado na imagem abaixo, da Seção de Numismática desta instituição:

⁴⁰⁰ *Ibidem.* p. 32.

⁴⁰¹ *Ibidem.* p. 32 e 37.

⁴⁰² *Ibidem.* p. 37.

Figura 77 – Museu Histórico Nacional: Seção de Numismática⁴⁰³

Para expor objetos na Exposição Colonial do Brasil, Barroso mandou fazer vitrinas baseadas em um modelo utilizado pelo Museu de Arte e História de Viena. Seria a primeira vez que ele fazia uso deste modelo, que depois foi aproveitado nas exposições do Museu Histórico Nacional. As imagens das vitrinas estão expostas a seguir:

⁴⁰³ *Ibidem.* p. 33.

Figura 78 – À esquerda: Vitrina usada na sala dedicada a Maria Teresa no Museu de Arte e História de Viena; à direita: vitrina usada na Exposição Colonial do Brasil em Lisboa⁴⁰⁴

Com relação ao material exposto nas paredes, primeiramente, estas deveriam ter sempre um tom neutro e os objetos colocados à altura dos olhos. Paredes não muito altas facilitavam a exposição de quadros, de acordo com Barroso, por não deixarem sobrar muito espaço vazio em sua parte superior.

A natureza das paredes também seria fator determinante para o efeito estético dos objetos nelas expostos, especialmente quadros. Segundo Barroso, elas são “... fundos de importância capital para uma boa exposição. Formam um ambiente que deve ser agradável ao olhar dos visitantes”.⁴⁰⁵ Na *Exposição Histórica do Brasil* as paredes brancas em estuque, material usado em toda a Exposição do Mundo Português, fizeram necessários modos mais delicados para a fixação dos objetos, de modo a não serem danificadas.

Segundo Barroso, “o estuque liso e claro dá um aspecto de simplicidade e nobreza”⁴⁰⁶, sendo ótimo para expor quadros a óleo menores de molduras douradas, retratos femininos claros e vitrinas com objetos delicados.

Todos estes preceitos técnicos seguidos por Barroso visavam facilitar a visão e o exame do público. Facilidade que era completada através de uma boa e clara etiquetagem: “cartões claros, letras nítidas, redação precisa farão com que o visitante não careça de guias nem de explicadores”.⁴⁰⁷ Nas imagens da Exposição de Barroso em Lisboa é possível observar as pequenas etiquetas claras, principalmente, nos objetos expostos nas paredes.

As vitrinas e a forma pela qual os quadros foram presos as paredes, não deixaram de ser também dispositivos que protegeram os objetos contra as intempéries, os descuidos dos visitantes e os roubos.

Na *Exposição Histórica do Brasil* Barroso seguiu o mesmo padrão de arrumação dos objetos que era feito por ele no Museu Histórico Nacional. O Diretor primava pela disposição simétrica dos objetos, o que é fácil perceber através das imagens da Exposição, principalmente entre os objetos expostos nas paredes. Contudo, para

⁴⁰⁴ *Ibidem.* p. 48-49.

⁴⁰⁵ *Ibidem.* p. 38.

⁴⁰⁶ *Ibidem.* p. 44.

⁴⁰⁷ *Ibidem.* p. 46

Barroso, a simetria tinha de ser aplicada com cuidado, “... conseguida sem esforço, naturalmente, com o senso da medida”.⁴⁰⁸

E em toda sala arrumada por Barroso no Museu e na Exposição, além da simetria, havia algo que se destacava, um objeto principal, como um móvel ou uma grande tela. A esse respeito Barroso escreveu: “... os fundos das salas devem sempre ser rematados com figuras ou coisas que completem e realcem o conjunto da exposição: grandes quadros, grandes espelhos, belos móveis”.⁴⁰⁹

Assim foi em toda a Exposição em Portugal: na Sala dos Canhões Históricos, rematava a arrumação a tela *Retrato do Padre José de Anchieta*; na Sala do Século XVII, o destaque era a tela de Benedito Calixto, *Domingos Jorge Velho e o Loco-Tenente Antônio F. de Abreu*, que Barroso chamou erroneamente de Raposo Tavares; na Sala Portugal-Brasil, fazendo frente à Árvore Simbólica, Barroso expôs um oratório com uma cópia da cruz usada na primeira missa realizada na América Portuguesa; na Sala do Brasil Independente, foram destacados os retratos de D. Pedro I, de D. Pedro II, do Marechal Deodoro da Fonseca e do Presidente Vargas, todavia, o grande destaque fora a espada de D. Pedro I, exposta na vitrina isolada no centro da sala.

Nas imagens a seguir, de salas do Museu Histórico Nacional, é possível perceber a disposição simétrica da arrumação e objetos em destaque no fundo das salas:

⁴⁰⁸ *Ibidem.* p. 51.

⁴⁰⁹ *Ibidem.* p. 51.

Figura 79 – Museu Histórico Nacional: Sala D. João VI⁴¹⁰

Gustavo Barroso descreveu esta sala da seguinte maneira: “Efeito do fundo obtido com uma grande tela. Iluminação natural por meio de janelas abertas dum único lado. Paredes cor de camurça com filete escuro separando a parte superior branca e ligada ao teto, como na Galeria Sabauda de Turim”.⁴¹¹

Figura 80 – Museu Histórico Nacional: Coleção Miguel Calmon⁴¹²

Segundo Barroso nesta sala foram usados os seguintes artifícios:

Iluminação natural por meio de janela dum lado só. Paredes ligeiramente acinzentadas. Vitrinas com grandes superfícies de vidro. Note-se o belo efeito que produz, para a perspectiva da sala do primeiro plano, a disposição simétrica dos objetos chineses de bronze sobre um móvel, na moldura da porta envidraçada, em arco, que abre para a sala do segundo plano. Harpa e cadeirinha valorizadas por pequenos estrados. Arrumação tecnicamente bem realizada.⁴¹³

⁴¹⁰ *Ibidem.* p. 11.

⁴¹¹ *Ibidem.* p. 11.

⁴¹² *Ibidem.* p. 23.

⁴¹³ *Ibidem.* p. 23.

Uma diferença com relação às salas da Exposição Histórica em Portugal e as do Museu Histórico Nacional, foi que em Portugal, talvez pelo maior fluxo de visitantes, Barroso explorou mais as paredes, deixando mais espaço livre no interior das salas. Já no Museu, Barroso explorava mais o ambiente, arrumando um número maior de objetos tanto no chão, como nas paredes, fazendo uso de espaços entre portas, janelas, aproveitando a arquitetura dos recintos e batentes de portas e passagens para o arranjo dos objetos.

Através de *Introdução à técnica de museus* é possível perceber que Gustavo Barroso tentou arrumar em Lisboa uma Exposição tecnicamente perfeita.

A Exposição Histórica do Brasil foi inaugurada oficialmente no dia 27 de julho de 1940, com a presença de altas autoridades do Estado português e da sociedade de Lisboa. O ato se deu na Sala Portugal-Brasil, perante a grande Árvore Simbólica e discursaram Gustavo Barroso e o Comissário Geral da Exposição do Mundo Português, Augusto de Castro. Em seu discurso, além de dizer a que o Brasil veio a Portugal, Barroso sintetizou o que buscou mostrar com a decoração e a arrumação da Exposição:

Foi com o pensamento de mostrar quanto o Brasil está ligado a Portugal que idealizei esta *Árvore Simbólica*, executada artisticamente por Antonio Cristino nesta ampla rotunda, dominando toda a Exposição Brasileira, em que vereis as pegadas de Portugal nos quatro séculos da História do Brasil. Vê-las-eis nos nomes dos Governadores Gerais, na heráldica faulhante dos Vice-Reis, no bronze dos canhões, nas plantas das antigas fortificações, nas armas com que foi defendido o território cobiçado pelos hereges, nos móveis estilizados com os nomes de vossos soberanos, nos painéis dos episódios militares, nas aquarelas dos uniformes das antigas milícias e ordenanças, no documentário das arquiteturas, nos mostruários numismáticos e ainda nas tradições que conservamos através de mais de um centenário de vida independente. E tudo isso com um sabor americano que mais graça dá ao que vós herdamos sem alterar a substância, do mesmo modo que os exotismos orientais brotando ali perto, no meio da floração de pedra dos Jerônimos, lhe aumentam a originalidade e o encanta, sem que deixe de ser português.

Esta Árvore, resumo espiritual desta Exposição, é o cartão de visita do Brasil, filho de Portugal, filho que se orgulha de seu pai.

Conta-se que um famoso bandeirante, depois de haver palmilhado os sertões brasileiros e descoberto riquíssimos veios de ouro, se apresentara à Corte, em Lisboa, anunciando que trazia uma oferta de frutos do seu longínquo país. Os cortesãos acolheram-no com ceticismo e mofa. Mas, quando o bandeirante exibiu seus frutos, verificaram com espanto que eram fundidos com o ouro do Brasil. Maravilhado como os seu fidalgos, o Rei perguntou-lhe:

- Que desejas? Que me vens pedir?

O bandeirante retrucou:

- Nada desejo e nada preciso. Nada venho pedir. Venho dar.

Nós brasileiros, descendentes dos audazes bandeirantes de antanho, aqui viemos também dar a Portugal os frutos de ouro da nossa gratidão pela civilização cristã que nos legou, pela unidade indestrutível que dele herdamos: os frutos de ouro

do nosso testemunho de sua grandeza histórica e de sua missão Imperial; os frutos de ouro de nossa afeição filial e de nossa solidariedade nesta comunhão ecumênica da Raça.
Nada viemos pedir. Viemos dar a Portugal o nosso coração!⁴¹⁴

De acordo com Gustavo Barroso, a Exposição Histórica contou com uma média de mil visitantes por dia. Frequentando-a também “muitos” intelectuais e estudiosos, que “... colhiam informações e dados sobre o que estava exposto.”⁴¹⁵

Oliveira Salazar não esteve presente na inauguração da Exposição Histórica, porém, numa tarde em Sintra, após um almoço, Barroso foi rapidamente apresentado a ele, por um amigo:

Logo ao primeiro diálogo, compreendi que Salazar só ouve o que quer e só diz o que quer. Mais ainda: que rapidamente observa e compreende que espécie de locutor tem diante de si. Medido. Harmonioso. Sereno como um lago. Sabe de onde vem. Sabe para onde vai. Um grande pensamento o enche e o guia. Nem um passo em falso. Timoneiro seguro de seu povo, não tira os olhos da bússola senão para espreitar o horizonte e contemplar de relance o céu. Somente pelo respeito profundo que a sua pessoa e a sua obra me causam, eu seria incapaz de solicitar-lhe o martírio de uma entrevista barata e de importuná-lo com o pedido trivial dum retrato e dum autógrafo.⁴¹⁶

Barroso disse a Salazar que lamentava o fato dele não ter podido comparecer à inauguração da Exposição que estava sob seus cuidados. Ao que Salazar lhe respondeu que esteve presente na inauguração do Pavilhão do Brasil. Barroso explicou-lhe que se tratavam de exposições diferentes:

- Expomos quadros, retratos, armas, moedas, relíquias, documentos arquitetônicos e militares do período colonial. Ao lado, uma sala com objetos do Brasil Império e República. No “hall” de entrada, a representação, simbólica dos diversos períodos da história brasileira sob o dístico do visconde de Araguaia que liga o Brasil a Portugal: “Não somos nós os netos de Albuquerque, Raça de Lusos?”⁴¹⁷

A esta explanação Salazar respondeu bastante interessado que gostaria muito de visitar a Exposição de Barroso, completando com: “meu tempo é muito escasso, mas qualquer dia irei lá”.⁴¹⁸

⁴¹⁴ Gustavo Barroso. *Portugal Semente de Impérios*. Op. cit. p. 217-219.

⁴¹⁵ *Relatório do MHN referente ao ano de 1941. Apresentado ao Sr. Ministro da Educação e Saúde pelo diretor do MHN Dr. Gustavo Barroso*. Arquivo Institucional do MHN. p. 4-5.

⁴¹⁶ Gustavo Barroso. *Portugal Semente de Impérios*. Op. cit. p. 54.

⁴¹⁷ *Ibidem*. p. 55.

⁴¹⁸ *Ibidem*. p. 56.

Figura 81 – Oliveira Salazar e o General Francisco José Pinto. Ao fundo, à esquerda, Gustavo Barroso⁴¹⁹

Passados muitos dias, numa noite, quando Barroso chegava à *Exposição Histórica do Brasil*, um funcionário disse a ele “bastante emocionado” que Salazar acabara de sair do recinto, apontando-lhe um carro escuro que partia da Praça do Império. Barroso pediu ao funcionário que lhe relatasse como foi a visita de Salazar:

... Sua Excelência, em companhia somente dum cavalheiro que não conheço, saltou do carro aqui à porta, deu singularmente as boas-noites ao porteiro e aos guardas, e entrou. Examinou as estátuas do vestíbulo. Visitou a sala do Brasil Independente. Demorou-se seguramente uma hora a percorrer devagar a Exposição Colonial, lendo os nomes dos Governadores Gerais e dos Vice-Reis, nas paredes, sob os brasões luminosos. E, elogiou ao companheiro a concepção da Árvore Simbólica da Sala Grande, em que o tronco de que sai o Brasil mergulha as raízes em Portugal.⁴²⁰

O funcionário ainda disse a Barroso que entregou um catálogo dos objetos do Museu Histórico Nacional a Salazar e outro ao cavaleiro que o acompanhava, emendando: “Foi pena o senhor não ter chegado mais cedo!”. Ao que Barroso rematou: “- Foi pena!”⁴²¹

⁴¹⁹ Fotografia colhida junto ao Arquivo Histórico do Museu Histórico Nacional.

⁴²⁰ Gustavo Barroso. *Portugal Semente de Impérios*. Op. cit. p. 56-57.

⁴²¹ *Ibidem*. p. 57.

Durante a Exposição e depois de seu encerramento, a convite de autoridades portuguesas e brasileiras, Gustavo Barroso representou o Brasil em uma série de eventos: no Congresso do Mundo Português; no Congresso das Ciências da População no Porto; no Congresso Luso-Brasileiro de História; fez o discurso oficial da oferta do monumento de Pedro Álvares Cabral; realizou conferências sobre a História do Brasil no Instituto de Coimbra, na Academia das Ciências de Lisboa, na Sociedade de Geografia de Lisboa e na Câmara Municipal da vila de Alenquer; e, por determinação do Presidente Getúlio Vargas, em 12 de outubro de 1940, Barroso representou o Brasil na Festa da América, no Instituto Ibero-Americano de Berlim.

Gustavo Barroso, juntamente com seus auxiliares, partiu de Lisboa rumo ao Brasil em 5 de fevereiro de 1941, a bordo do paquete *Santarém*. Chegando ao Rio de Janeiro no dia 21 do mesmo mês, trazendo o material que lhe fora confiado e reintegrando-o ao acervo do Museu Histórico Nacional. Segundo Barroso, eles poderiam ter partido em janeiro, porém, não o fizeram por falta de embarcações.⁴²²

⁴²² Cf. *Relatório do MHN referente ao ano de 1941. Apresentado ao Sr. Ministro da Educação e Saúde pelo diretor do MHN Dr. Gustavo Barroso*. Arquivo Institucional do MHN, p. 6.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma das muitas inaugurações e solenidades ocorridas em Portugal, em 1940, um alto membro da Comissão Executiva dos Centenários apresentou um pequeno filme produzido para a ocasião, no qual eram mencionados os grandes feitos dos oito séculos de História do país. Em um determinado momento da obra, ao som de um samba, a narração em inglês, pensada para atingir um maior número de espectadores, dizia o seguinte: “Dividimos o mundo ao meio, com a Espanha e ficamos com a melhor parte: o Brasil”. Ao mesmo tempo, surgia na tela uma grande bandeira brasileira.

Esse fato bem que poderia ter ocorrido em 1940, num ato comandado por Júlio Dantas ou por Augusto de Castro. Entretanto, ele aconteceu recentemente, em maio de 2011, numa tentativa da Câmara de Cascais de convencer a Finlândia a aprovar um auxílio financeiro da União Européia a Portugal.

Intitulado “O que os finlandeses devem saber sobre Portugal”, o vídeo, uma autopromoção, realmente enaltece os feitos e as invenções portuguesas: a cruz azul da bandeira da Finlândia já estava na bandeira portuguesa de 1143; Portugal é uma das nações mais antigas da Europa; os portugueses foram indulgentes com os templários; Portugal inventou a vela latina; o bacalhau; o pastel de nata; o cartão pré-pago para celular; descobriu o Brasil; salvou mais judeus durante a Segunda Guerra Mundial do que Oskar Schindler; entre muitas outras realizações.

No final do vídeo, uma referência a grande mobilização dos portugueses em 1940, quando toneladas de roupas e alimentos foram arrecadadas pelo país, para ajudar outro Estado “periférico, pobre e faminto”, a Finlândia, devastada pela Guerra.

Passados mais de 70 anos desde as Comemorações do Duplo Centenário e os discursos parecem se repetir: como a Finlândia ousa recusar algo tão pequeno a um país que sempre fez tanto pela Europa e pelo mundo? Como ousa fazer esta desfeita a uma das nações mais antigas do continente?

E, após todos estes anos, o Brasil, a grande ex-colônia, ainda aparece como motivo de orgulho para o pequeno Portugal, que presenteou o mundo com o Brasil. Esta é a impressão que o vídeo transmite.

Em 1940, como apontado neste trabalho, o Brasil se deixou representar como o “filho” mais ilustre de Portugal no momento em que Oliveira Salazar decidiu celebrar os oito séculos de História do país e os quatro séculos da reafirmação de sua independência. O Brasil era o exemplo maior que Portugal poderia fornecer as suas

colônias de então, como Estado independente e civilizado nascido de sementes lusas. Guardião da “raça”, da “língua” e da “religião” recebidas de Portugal, como proferiu Lima Júnior em seu discurso, ao receber das autoridades portuguesas o terreno onde seria erguido o Pavilhão do Brasil.⁴²³

Parte dessa representação, a referente à História do Brasil, ficou a cargo de Gustavo Barroso, Diretor do Museu Histórico Nacional e o responsável pela Exposição Histórica do Brasil na Exposição do Mundo Português.

Mas, por que Barroso em meio a tantos intelectuais e estudiosos da História do Brasil? Como, por exemplo, Afrânio Peixoto que auxiliou Heitor Lyra na elaboração das “Bases de um programa de participação do Brasil nas Comemorações Centenárias Portuguesas de 1940”, ou então, o próprio Heitor Lyra, designado pelo Ministério das Relações Exteriores para a redação das mesmas.

A questão residia no fato de os representantes do Ministério das Relações Exteriores não serem os mais indicados para colocar em prática o que pedia o programa português para o Brasil. Os membros da Comissão desse Ministério, referidos no Capítulo 2, só puderam atuar até um determinado ponto, até a elaboração das “Bases” do Programa brasileiro. A partir deste momento, a representação brasileira em Portugal necessitava de pessoal com conhecimento mais especializado. Daí a criação da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal com os seus membros especialistas em: História e técnica de museus; cultura; arte; cinema; e finanças, como pode ser observado no Quadro 4 do Capítulo 1.

Barroso era o Diretor da instituição federal criada em 1922, para ser o local adequado “... para preservar os documentos e os objetos capazes de evocar o passado nacional.”⁴²⁴ E, de acordo com Regina Abreu, ele foi o principal ideólogo do Museu. Posto que, esteve em seu comando de 1922 a 1959, período no qual se configuraram a formação do acervo e a consolidação da instituição.

Durante este período, Barroso esteve à frente da Inspetoria de Monumentos Nacionais, entre os anos de 1934 a 1937, a primeira instituição pública federal voltada para a proteção do patrimônio nacional brasileiro, sediada no Museu Histórico Nacional. Em 1939-1940, o Museu também era um espaço de formação de profissionais

⁴²³ A este respeito, veja a citação referente à nota 268 no Capítulo 2 deste trabalho.

⁴²⁴ Regina Abreu. *A fabricação do imortal. Memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. p. 161.

especializados para o trabalho em museus, haja vista que Barroso criou, em 1932, o Curso de Museus, do qual ele foi professor da cadeira de História Militar.

Segundo Regina Abreu, o principal foco da História do Brasil proferido por Barroso no Museu, seria a “ênfase atribuída à relação de continuidade do Brasil enquanto nação com o Estado patrimonialista português.”⁴²⁵ Para ele, a nação brasileira teria sido forjada pelo Estado Imperial que seria o responsável pela unificação dos brasileiros e pela demarcação das principais fronteiras. Por este motivo, o Museu Histórico Nacional, no período Barroso, adquiriu, principalmente, objetos associados ao Império.⁴²⁶

O que ajuda a explicar a necessidade do empréstimo das telas do Museu Paulista pela Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal. O Museu Histórico Nacional era carente em telas que representassem vistas, paisagens e personagens do período colonial.

Gustavo Barroso seguiu as diretrizes do Programa da Participação Brasileira nas Comemorações Centenárias de Portugal, para compor a Exposição Histórica do Brasil. Mas, nem por isso deixou de imprimir na Exposição as suas convicções sobre a História e sobre a História do Brasil. Para ele, a História Militar tinha uma importância muito grande, a ponto de afirmar que não havia História “sem feitos militares”.⁴²⁷

Basta observar a natureza da maioria dos objetos selecionados por ele para serem expostos em Portugal: armas; mapas e vistas de fortificações; canhões; aquarelas de uniformes militares; e telas retratando batalhas. Segundo Barroso:

A armaria representa papel preponderante na história de todos os povos. A Ciência das Armas permite identificá-las de maneira a torná-las verdadeiros documentos concretos duma época, dum acontecimento, dum episódio ou duma personalidade. Sua representação em quadros, gravuras e esculturas auxilia a classificá-los. Não há história sem feitos militares. Não há feitos militares sem armas.⁴²⁸

Segundo Regina Abreu, Barroso buscou a origem da nação brasileira no “modelo centralizado e hierárquico do Estado Imperial português”. Assim, de acordo com a autora, a sua perspectiva “caminhou no sentido de enfatizar as continuidades com

⁴²⁵ *Ibidem.* p. 183.

⁴²⁶ Cf. *Ibidem.* p. 184.

⁴²⁷ Gustavo Barroso. *Introdução à Técnica de Museus*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, vol. 1, 1946. p. 17.

⁴²⁸ *Ibidem.* p. 16-17.

esse modelo matricial, fixado no tempo no momento exato da elevação do Brasil à categoria de Reino Unido de Portugal e Algarves”.⁴²⁹

Essa perspectiva da continuidade do Brasil enquanto nação com o Estado patrimonialista português, como mencionou Abreu, foi expressa muito bem por Barroso através da Árvore Simbólica idealizada por ele na Exposição Histórica do Brasil. Nela, a História do Brasil apareceu enraizada à História de Portugal. Talvez, nesse sentido, a opção do governo brasileiro por Barroso não poderia ter sido melhor para os organizadores da Exposição do Mundo Português, que no espaço destinado ao Brasil no Pavilhão do Mundo Português queriam, justamente, enfatizar a História comum aos dois países, daí o destaque dado à História colonial do Brasil.

⁴²⁹ Regina Abreu. *Op. cit.* p. 199-200.

DOCUMENTAÇÃO

RIO DE JANEIRO

Academia Brasileira de Letras (ABL)

Arquivo dos Acadêmicos

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Atas das Sessões de 28/07/1938; 06/10/1938; 27/04/1939; 06/07/1939; 30/11/1939; 17/10/1940; 21/11/1940. Arquivo dos Acadêmicos.

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)

Arquivo e Biblioteca

Academia Paranaense de Letras. *Comemorações Centenárias de Portugal: 1139-1640*. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1940. Referência: 200, 7, 8 n° 20.

LOUREIRO, Pizarro. *Getúlio Vargas e a Política Luso-Brasileira*. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1941. Referência: 178.4.12.

Plano Geral. Programas de estudos do Congresso do Mundo Português. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, 1940. Referência: lata 569; pasta 34.

Portugal: Oito Séculos de História. Lisboa: Secção de Propaganda e Recepção da Comissão Executiva dos Centenários/ Sociedade Industrial de Tipografia Ltda, 1940. Referência: 206, 10, 5 n° 6.

Correspondência:

DANTAS, Júlio. Ofício de 19 de setembro de 1938. A Manoel Cícero Peregrino da Silva, Presidente do IHGB, referente aos preparativos para o Congresso Luso-Brasileiro de História. Arquivo do IHGB, Coleção do Instituto Histórico, lata 569; pasta 34.

SILVA, Manoel Cícero Peregrino da. Ofício de 7 de outubro de 1938. A Júlio Dantas referente aos preparativos para o Congresso Luso-Brasileiro de História. Arquivo do IHGB, Coleção do Instituto Histórico, lata 569; pasta 34.

DANTAS, Júlio. Ofício de 9 de novembro de 1938. A Manoel Cícero Peregrino da Silva, Presidente do IHGB, referente aos preparativos para o Congresso Luso-Brasileiro de História. Arquivo do IHGB, Coleção do Instituto Histórico, lata 569; pasta 34.

SILVA, Manoel Cícero Peregrino da. Ofício de 1º de dezembro de 1938. A Júlio Dantas referente aos preparativos para o Congresso Luso-Brasileiro de História. Arquivo do IHGB, Coleção do Instituto Histórico, lata 569; pasta 34.

DANTAS, Júlio. Ofício de 21 de dezembro de 1938. A Manoel Cícero Peregrino da Silva, Presidente do IHGB, referente aos preparativos para o Congresso Luso-Brasileiro de História. Arquivo do IHGB, Coleção do Instituto Histórico, lata 569; pasta 34.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Ofício de 25 de abril de 1939. A Basílio de Magalhães referente aos preparativos para o Congresso Luso-Brasileiro de História. Arquivo do IHGB, Coleção do Instituto Histórico, lata 569; pasta 34.

ORICO, Osvaldo. Ofício de 1939. A Max Fleuiss, Secretário Perpétuo do IHGB, referente aos preparativos para o Congresso Luso-Brasileiro de História. Arquivo do IHGB, Coleção do Instituto Histórico, lata 569; pasta 34.

FLEUISS, Max. Ofício de 22 de junho de 1939. A Osvaldo Orico referente aos preparativos para o Congresso Luso-Brasileiro de História. Arquivo do IHGB, Coleção do Instituto Histórico, lata 569; pasta 34.

DANTAS, Júlio. Ofício de 22 de dezembro de 1939. A Lourival Fontes, Diretor Geral do Departamento de Imprensa e Propaganda, referente aos preparativos para o Congresso Luso-Brasileiro de História. Arquivo do IHGB, Coleção do Instituto Histórico, lata 569; pasta 34.

_____. Circular de janeiro de 1940. Ao Embaixador José Carlos de Macedo Soares, Presidente do IHGB, referente aos preparativos para o Congresso Luso-Brasileiro de História. Arquivo do IHGB, Coleção do Instituto Histórico, lata 569; pasta 34.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA. Ofício de 9 de fevereiro de 1940. Ao Embaixador José Carlos de Macedo Soares, Presidente do IHGB, referente aos preparativos para o Congresso Luso-Brasileiro de História. Arquivo do IHGB, Coleção do Instituto Histórico, lata 569; pasta 34.

COMISSÃO NACIONAL DOS CENTENÁRIOS. Circular de 10 de fevereiro de 1940. Ao Embaixador José Carlos de Macedo Soares, Presidente do IHGB, referente aos preparativos para o Congresso Luso-Brasileiro de História. Arquivo do IHGB, Coleção do Instituto Histórico, lata 569; pasta 34.

PINTO, Francisco José. Ofício de 15 de março de 1940. A Max Fleiuss, Secretário Perpétuo do IHGB, referente aos preparativos para o Congresso Luso-Brasileiro de História. Arquivo do IHGB, Coleção do Instituto Histórico, lata 569; pasta 34.

FLEIUSS, Max. Ofício de 4 de maio de 1940. Ao Embaixador português Martinho Nobre de Mello referente aos preparativos para o Congresso Luso-Brasileiro de História. Arquivo do IHGB, Coleção do Instituto Histórico, lata 569; pasta 34.

_____. Ofício de 4 de maio de 1940. A Júlio Dantas referente aos preparativos para o Congresso Luso-Brasileiro de História. Arquivo do IHGB, Coleção do Instituto Histórico, lata 569; pasta 34.

_____. Ofício de 4 de maio de 1940. Ao Ministro Caio de Mello Franco referente aos preparativos para o Congresso Luso-Brasileiro de História. Arquivo do IHGB, Coleção do Instituto Histórico, lata 569; pasta 34.

_____. Ofício de 4 de maio de 1940. A Júlio Dantas referente aos preparativos para o Congresso Luso-Brasileiro de História. Arquivo do IHGB, Coleção do Instituto Histórico, lata 569; pasta 34.

_____. Ofício de 4 de maio de 1940. Ao General Francisco José Pinto referente aos preparativos para o Congresso Luso-Brasileiro de História. Arquivo do IHGB, Coleção do Instituto Histórico, lata 569; pasta 34.

_____. Ofício de 4 de maio de 1940. A Júlio Dantas referente aos preparativos para o Congresso Luso-Brasileiro de História. Arquivo do IHGB, Coleção do Instituto Histórico, lata 569; pasta 34.

Ofício de 6 de maio de 1940. A Max Fleiuss referente aos preparativos para o Congresso Luso-Brasileiro de História. Arquivo do IHGB, Coleção do Instituto Histórico, lata 569; pasta 34.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. Ofício de 31 de maio de 1940. Ao Embaixador José Carlos de Macedo Soares, Presidente do IHGB, referente aos preparativos para o Congresso Luso-Brasileiro de História. Arquivo do IHGB, Coleção do Instituto Histórico, lata 569; pasta 34.

Ministério das Relações Exteriores

Arquivo Histórico do Itamaraty

ARANHA, Oswaldo. Ofício de 16 de abril de 1939 ao Embaixador Martinho Nobre de Mello. Arquivo Histórico do Itamaraty. Comemorações e Celebrações: Portugal, Tomo I, Festas Centenárias, 641.7 (88); maço 9884.

CARMONA, Oscar. Ofício de 22 de junho de 1938 a Getúlio Vargas. Arquivo Histórico do Itamaraty. Comemorações e Celebrações: Portugal, Tomo I, Festas Centenárias, 641.7 (88); maço 9884.

FRANCO, Caio de Mello. Ofício de 10 de março de 1939 ao Ministro Interino das Relações Exteriores, Cyro de Freitas Valle. Arquivo Histórico do Itamaraty. Comemorações e Celebrações: Portugal, Tomo I, Festas Centenárias, 641.7 (88); maço 9884.

_____. Ofício de 15 de março de 1939 ao Ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha. Arquivo Histórico do Itamaraty. Comemorações e Celebrações: Portugal, Tomo I, Festas Centenárias, 641.7 (88); maço 9884.

Getúlio Vargas e Oswaldo Aranha. Decreto de 29 de março de 1939. Arquivo Histórico do Itamaraty. Comemorações e Celebrações: Portugal, Tomo I, Festas Centenárias, 641.7 (88); maço 10971.

JÚNIOR, Augusto de Lima. Telegrama de 23 de outubro de 1939 a Francisco José Pinto. Arquivo Histórico do Itamaraty. Comemorações e Celebrações: Portugal, Tomo I, Festas Centenárias, 641.7 (88); maço 9884.

LYRA, Heitor. “Bases de um programa de participação do Brasil nas Comemorações Centenárias Portuguesas de 1940”, 12 de abril de 1939. Arquivo Histórico do Itamaraty. Comemorações e Celebrações: Portugal, Tomo I, Festas Centenárias, 641.7 (88); maço 9884.

MELLO, Martinho Nobre de. Ofício de 25 de maio de 1939 ao Ministro Oswaldo Aranha. Arquivo Histórico do Itamaraty. Comemorações e Celebrações: Portugal, Tomo I, Festas Centenárias, 641.7 (88); maço 9884.

Nota de 10 de março de 1939 ao Ministro Interino das Relações Exteriores, Cyro de Freitas Valle. Arquivo Histórico do Itamaraty. Comemorações e Celebrações: Portugal, Tomo I, Festas Centenárias, 641.7 (88); maço 9884.

PINTO, Francisco José. *Relatório*. Rio de Janeiro: Embaixada do Brasil às Comemorações Centenárias de Portugal, out. 1940. Arquivo Histórico do Itamaraty.

_____. Ofício de 13 de junho de 1939 ao Ministro Oswaldo Aranha. Arquivo Histórico do Itamaraty. Comemorações e Celebrações: Portugal, Tomo I, Festas Centenárias, 641.7 (88); maço 9884.

Museu Histórico Nacional (MHN)

Arquivo Histórico

BARROSO, Gustavo. Carta de 15 de dezembro de 1942. A Rubens Costa, diretor da Imprensa Nacional, sobre a publicação de *Portugal Semente de Impérios*. Arquivo Histórico do MHN, Coleção Gustavo Barroso, Correspondência Ativa, GBcra02.

_____. Carta de 6 de julho de 1943. A António Ferro e ao amigo Boaventura, sobre a publicação de *Portugal Semente de Impérios* e *Salazar o Chefe Cristão*. Arquivo Histórico do MHN, Coleção Gustavo Barroso, Correspondência Ativa, GBcra04.

Arquivo Institucional

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Relatórios do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, 1939-1941. Relatórios.

Correspondência:

PINTO, Francisco José. Ofício de 19 de setembro de 1939. Designando Gustavo Barroso para a organização da parte histórica do programa brasileiro dos Centenários Portugueses de 1940. Arquivo Institucional do MHN.

BARROSO, Gustavo. Ofício de 28 de setembro de 1939. Agradecendo ao General Francisco José Pinto, que o designou para organizar a parte histórica do programa brasileiro dos Centenários Portugueses de 1940. Arquivo Institucional do MHN.

_____. Ofício de 1939. Ao General Francisco José Pinto sobre o material selecionado para figurar na Exposição Histórica do Brasil em Portugal. Arquivo Institucional do MHN.

_____. Ofício de 4 de dezembro de 1939. Ao Ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, prestando contas sobre a quantia que recebeu deste ministério para as despesas com a representação do Brasil nas Comemorações Portuguesas de 1940. Arquivo Institucional do MHN.

CALAZA, Orlando Gomes. Ofício de 12 de abril de 1940. A Gustavo Barroso comunicando o seu desligamento do MHN para que ele pudesse embarcar para Portugal. Arquivo Institucional do MHN.

_____. Ofício de 15 de abril de 1940. A Gustavo Barroso comunicando que os conservadores do MHN, Luiz Marques Poliano e Nair de Moraes Carvalho, estavam à disposição da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal. Arquivo Institucional do MHN.

PINTO, Francisco José. Ofício de 25 de abril de 1940. Ao Ministro Gustavo Capanema solicitando o embarque de Luiz Marques Poliano e Nair de Moraes Carvalho, conservadores do MHN, para Portugal. Arquivo Institucional do MHN.

MINISTÉRIO DA FAZENDA. Ofício de 12 de maio de 1941. A Gustavo Barroso sobre o seu retorno à diretoria do MHN, após estadia em Portugal como delegado adjunto à Comissão Brasileira dos Centenários. Arquivo Institucional do MHN.

TRIBUNAL DE CONTAS. Ofício de 17 de março de 1941. A Gustavo Barroso sobre o seu retorno à diretoria do MHN, após estadia em Portugal como delegado adjunto à Comissão Brasileira dos Centenários. Arquivo Institucional do MHN.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. Ofício de 18 de março de 1941. A Gustavo Barroso sobre o fato de ele ter reassumido a diretoria do MHN. Arquivo Institucional do MHN.

Biblioteca

Pavilhão do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português 1940. Lisboa: Oficinas de Neogravura Limitada, 1941.

SÃO PAULO

Biblioteca da Faculdade de Direito da USP

Comemorações Centenárias. Programa Oficial 1940. Lisboa: Secção de Propaganda e Recepção, 1940.

Biblioteca da FFLCH da USP

CASTRO, Augusto de. A exposição do Mundo Português 1940. *Colóquio Artes*: “Dossier” dos Anos 40 em Portugal. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Número 48, 2ª Série, 23º Ano, p. 10-13, mar. 1981.

MUNDO PORTUGUÊS: Imagens de uma Exposição Histórica 1940. Lisboa: Edições do Secretariado Nacional da Informação, 1956. Catálogo de exposição.

REVISTA DOS CENTENÁRIOS. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, 1939-1940. Mensal.

Casa de Portugal

Biblioteca

BARROSO, Gustavo. *Portugal Semente de Impérios*. Rio de Janeiro: Getulio Costa, 1943.

SILVA, Cavalcante e. *Portugal Através de Oito Séculos*. Rio de Janeiro: Tipografia Glória Pinho e Manes Ltda, 1942.

Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP)

Biblioteca

Revista de Imigração e Colonização. Rio de Janeiro: Conselho de Imigração e Colonização, ano I, n. 1, jan. 1940.

Museu Paulista (MP-USP)

Biblioteca

BARROSO, Gustavo. A Exposição Histórica do Brasil em Portugal e seu Catálogo. *Anais do Museu Histórico Nacional*. (vol. 1, 1940). Rio de Janeiro: MHN; Imprensa Nacional. p. 235-246, 1942.

_____. *Introdução à Técnica de Museus*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, vol. 1 e 2, 1946.

_____ (Org.). *Pavilhão do Mundo Português e Pavilhão do Brasil Independente. Exposição do Museu Histórico Nacional: catálogo descritivo e comentado*. Rio de Janeiro: Comissão Brasileira dos Centenários, 1940.

Serviço de Documentação Textual e Iconografia (SVDHICO)

Correspondência:

FERRO, António. Ofício, de 1º de novembro de 1939. Sobre a publicação de um texto de Affonso Taunay na *Revista dos Centenários*. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

TAUNAY, Affonso. Ofício, de 9 de novembro de 1939. Comunicando ao Secretário do Governo, Edgard Baptista Pereira, sobre a visita ao Museu de Armando Navarro da Costa, enviado pelo General Francisco José Pinto para selecionar telas que figurariam na Exposição Histórica do Brasil em Portugal. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

_____. Ofício, de 9 de novembro de 1939. Comunicando ao General Francisco José Pinto sobre a visita de Armando Navarro da Costa ao Museu para a seleção de telas que figurariam na Exposição Histórica do Brasil em Portugal. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

_____. Ofício de 16 de dezembro de 1939. A Armando Navarro da Costa. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

_____. Ofício de 9 de janeiro de 1940. A Luiz Scattolini. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

_____. Ofício de 9 de janeiro de 1940. A Armando Navarro da Costa. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

_____. Ofício de 19 de janeiro de 1940. A Armando Navarro da Costa. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

_____. Ofício de 29 de janeiro de 1940. A Armando Navarro da Costa. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

_____. Ofício de 7 de fevereiro de 1940. A Luiz Scattolini. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

_____. Ofício de 7 de fevereiro de 1940. A Armando Navarro da Costa. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

_____. Ofício de 14 de março de 1940. A Mário Guimarães de Barros Lins. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

_____. Ofício de 18 de março de 1940. Ao General Francisco José Pinto. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

_____. Ofício de 3 de abril de 1940. Ao General Francisco José Pinto. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

_____. Ofício de 4 de abril de 1940. A Luiz Scattolini. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

_____. Ofício de 8 de abril de 1940. Ao General Francisco José Pinto. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

_____. Ofício de 10 de abril de 1940. A Armando Navarro da Costa. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

_____. Ofício de 15 de abril de 1940. A Armando Navarro da Costa. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

_____. Ofício de 15 de abril de 1940. A Luiz Scattolini. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

_____. Ofício de 19 de abril de 1940. A Mário Guimarães de Barros Lins. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

_____. Ofício de 11 de maio de 1940. A Armando Navarro da Costa. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

_____. Ofício de 2 de maio de 1941. Ao General Francisco José Pinto. Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista.

Outros

AVANTE! *Orgão Central do Partido Comunista Português*. [S.l.: s.n], 1938-1941. Disponível em: <http://www.pcp.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=31346&Itemid=195>. Acesso em: 26 de abril de 2009.

Brasil. Decreto-lei nº 1410, de 11 de julho de 1939. *Coleção das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil* de 1939, volume VI, julho-setembro de 1940. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/internet/InfDoc/novoconteudo/legislacao/republica/Leis1939vVI.550p/pdf01.pdf>>. Acesso em 15 de dezembro de 2008.

BARROSO, Gustavo. *Quinas e Castelos*. São Paulo: Companhia Editora Panorama, [s.d.].

ORICO, Osvaldo. *À Sombra dos Jerônimos: Diário de Uma Viagem ao Portugal de Oito Séculos*. Lisboa: Imprensa Portugal-Brasil, 1940.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Regina. *A fabricação do imortal. Memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ARRUDA, J. J.; TENGARRINHA, J. M. *Historiografia luso-brasileira contemporânea*. Bauru: EDUSC, 1999.
- BARBUY, Heloisa. Curadoria e curadores. In: *I Semana dos Museus da Universidade de São Paulo. 1999. São Paulo/ Anais da I Semana dos Museus da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo, 1997.
- _____. *A Exposição Universal de 1889 em Paris: visão e representação na sociedade industrial*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BLOTTA, Celine Gomes da Silva. *A presença brasileira nas Comemorações Centenárias de Portugal*. Rio de Janeiro, 2009. Dissertação (História Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BREFE, Ana Cláudia Fonseca. *O Museu Paulista. Affonso de Taunay e a memória nacional 1947-1945*. São Paulo: Editora da UNESP; Museu Paulista/ USP, 2005.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Org.). *Livros proibidos, idéias malditas: o DEOPS e as minorias silenciadas*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- CATROGA, Fernando; TORGAL, Luís R.; MENDES, José Amado. *História da História em Portugal. Séculos XIX – XX*. Lisboa: Temas e Debates, 1998, vols. I e II.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Ed. UNESP; Estação Liberdade, 2001.
- CHUVA, Márcia Regina Romeiro. *Os Arquitetos da Memória. Sociogênese das Práticas de Preservação do Patrimônio Cultural no Brasil (anos 1930 – 1940)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- _____. *Como explorar um museu histórico*. São Paulo: Museu Paulista/ USP, 1992.
- FEBVRE, Lucien. *Combates por la Historia*. Trad. Francisco J. Fernández Buey e Enrique Argullol. Barcelona: Ediciones Ariel, 1970.

- FELGUEIRAS, Inês. 1940 a Exposição do Mundo Português. *Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, nº 6 (abril), p. 38-44, 1991.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. *O Patrimônio em processo. Trajetória da política federal de preservação no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC – Iphan, 2005.
- FRANÇA, José-Augusto. *A Arte e a Sociedade Portuguesa no Século XX*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.
- _____. 1940: Exposição do Mundo Português. *Colóquio Artes*, Lisboa, v.22, 2ª série, n. 45, p. 35-47, jun. 1980.
- GONÇALVES, Rui Mário. *Pintura e Escultura em Portugal -1940/1980*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Ministério da Educação, 1980. (Biblioteca Breve/ Volume 44).
- GUIMARÃES, Lúcia Maria P.. Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial. O IHGB (1838-1889). *Revista do IHGB*. 156 (388), 1995.
- _____. Relações culturais luso-brasileiras: encontros e desencontros. *XII Encontro Regional de História – Usos do passado*. ANPUH-RJ, 2006.
- _____. *Da Escola Palatina ao Silogeu: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1938)*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2007. (Coleção Memória Social, 1).
- _____. À Sombra das Chancelarias: A Preparação do Congresso Luso-Brasileiro de História (Lisboa, 1940). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: IHGB, a. 168, n.437, p. 49-66, out./dez. 2007.
- HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2005.
- HARDMAN, Francisco F. *Trem fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- HARTOG, François. A arte da narrativa histórica. In: Jean Boutier e Dominique Julia (Org.). *Passados Recompuestos. Campos e canteiros da história*, Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora FGV, 1998.
- HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1984.
- _____. *A era dos impérios, 1875-1914*. São Paulo, Paz e Terra, 1989.
- _____. *A Era dos Extremos: o Breve Século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Sobre História. Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

- _____. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- JOÃO, Maria Isabel. *Memória e Império. Comemorações em Portugal (1880-1960)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2002.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora da PUC – RJ, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1992.
- LEHMKUHL, Luciene. *O Café de Portinari na Exposição do Mundo Português: modernidade e tradição na imagem do Estado Novo brasileiro*. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- _____. *Entre a Tradição e a Modernidade: O Café e a Imagem do Brasil na Exposição do Mundo Português*. Florianópolis, 2002. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Santa Catarina.
- LOBO, Eulália M. L. *Imigração portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. Lisboa: Dom Quixote, 1982.
- MACHADO, Aquilino de Oliveira Ribeiro. *Os Espaços Públicos da Exposição do Mundo Português e da Expo'98*. Lisboa, 2006. Dissertação (Geografia Humana) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- MAGALHÃES, Aline Montenegro. *Culto da saudade na casa do Brasil. Gustavo Barroso e o Museu Histórico Nacional*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará: 2006. (Coleção Outras Histórias).
- MÁRIO NOVAIS. EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS 1940. Lisboa: Arquivo de Arte do Serviço de Belas Artes; Fundação Calouste Gulbenkian, 1998. Catálogo de exposição.
- MAXWELL, Kenneth. *O Império Derrotado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MEDINA, João. Deus, pátria, família: ideologia e mentalidade do Salazarismo. In: *História de Portugal*. Amadora: Ediclube, v. 13, 1993.
- MENDES, José Amado. As Exposições como “Festas da Civilização”: Portugal nas Exposições Internacionais (Sécs. XIX-XX). *Gestão e Desenvolvimento*, Viseu: Universidade Católica Portuguesa, n. 7, p. 249-271, 1998.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A História Cativa da Memória? *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, 34: 9-24, 1992.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOTA, Lourenço Dantas (Org.). *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*. São Paulo: Editora SENAC, 1999.

NASCIMENTO, Rosana Andrade Dias do. *O “Brasil Colonial” e a Exposição do Mundo Português de 1940*. Salvador, 2008. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal da Bahia.

NEVES, Margarida de Souza. As “Arenas Pacíficas”. *Gávea: revista de História da Arte e Arquitetura*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, p. 28-41, abr. 1988.

NORA, Pierre. Entre Memória e História. A problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Cecília Helena L. de Salles (Org.). *Museu Paulista: novas leituras*. São Paulo: Museu Paulista – USP, 1995.

_____. *O “Espetáculo do Ypiranga”: mediações entre história e memória*. São Paulo, 1999. Tese (Livre Docência) – USP, São Paulo, 1999.

_____. Como escrever a História? *Estudos Avançados*, São Paulo: v. 21, n. 61, p. 309-312, set./ dez. 2007.

ORSENNA, Erik. *A Exposição Colonial*. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

PAULO, Heloisa. *Estado Novo e propaganda em Portugal e no Brasil: o SPN/ SNI e o DIP*. Coimbra: Minerva, 1994.

PÉCAUT, Daniel. Os intelectuais e a política no Brasil. Entre o povo e a nação. Trad. Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Editora Ática, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições Universais: espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.

PORTELA, Artur. *Salazarismo e Artes Plásticas*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Ministério da Educação, 1982. (Biblioteca Breve/ Volume 68).

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto. O museu no ensino de História*. Chapecó: Argos, 2004.

REGO, Antonio S. *Relações luso-brasileiras (1822-1953)*. Lisboa: Edições Panorama, 1965.

ROSAS, F. A Crise do Liberalismo e as Origens do Autoritarismo Moderno e do Estado Novo em Portugal. *Penélope*: Lisboa, n.2, p. 97-128, fev. 1989.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *Cartas do Pequeno Príncipe*. Trad. Magda Soares Guimarães. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1969.

- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *A escrita do passado em museus históricos*. Rio de Janeiro: Garamond; MinC; Iphan, DEMU, 2006.
- SCHWARCZ, Lílían K. M. O nascimento dos museus brasileiros 1870 - 1910. In: MICELI, Sérgio (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice, p. 20-71, 1989.
- SECCO, Lincoln. *A Revolução dos Cravos*. São Paulo: Alameda, 2004.
- SUANO, Marlene. *O que é museu*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- TENGARRINHA, José (Org.). *História de Portugal*. Bauru: Editora da EDUSC; Editora da UNESP, 2001.
- THOMAZ, Omar Ribeiro. *Ecos do Atlântico Sul*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Fapesp, 2002.
- TORGAL, Luís Reis. *História e ideologia*. Coimbra: Livraria Minerva, 1989.
- VARELA, Raquel. A grande Exposição do Mundo Português. In: PAÇO, António (Org.). *Os Anos de Salazar*. Lisboa: Editora Planeta de Agostini, 2008. (Volume 5, 1940-1942).

ANEXO – Relação dos objetos do Museu Histórico Nacional levados a Portugal por Gustavo Barroso⁴³⁰

Exposição do Mundo Português – Lisboa – 1940		
Pavilhão dos Portugueses no Mundo		
Exposição Histórica do Brasil		
Lista de Objetos do Museu Histórico Nacional		
I - Exposição do Brasil Colonial		
Grupo de Objetos	A) Armas Usadas no Brasil Colônia	
	Objeto	Data
	Esmerilhão de Pederneira – Para Trincheira e Amurada de Barco – Cano Octogonal	Modelo de 1822
	Bacamarte de Pederneira – Tower - Inglaterra	Modelo de 1777
	Trabuco para Trincheira e Amurada de Barco – Pederneira – Cano de Bronze – Lacy - Londres	Modelo Anterior a 1822
	Espingarda de Caça – Pederneira	-----
	Espingarda de Granadeiros – Pederneira	Brasil Reino
	Carabina de Caçadores - Pederneira	Brasil Reino e Brasil Império
	Clavina de Cavalaria - Pederneira	Anterior a 1822
	Bacamarte de Tropeiro – Pederneira – Ancion - Liege	Começo do Século XIX
	Clavina dos Dragões dos Vice-Reis - Pederneira	Fins do Século XVIII
	Acha de Armas – Guerra Holandesa	Século XVII
	Arcabuz de Roda ou de Rodete	Século XVII
	Pistola de Pederneira	1792
	Pistolas de Arção - Pederneira	Século XVIII
	Pistola dos Dragões das Minas - Pederneira	Século XVIII
	Sabre de Cavalaria	Brasil Reino 1818
	Sabre de Cavalaria	Brasil Reino 1812
	Sabre de Oficial	Brasil Reino
	Sabre de Cavalaria	Brasil Reino
	Espada Portuguesa	Século XVII
	Espada Portuguesa de Milícias	Século XVIII
	Espada Portuguesa	1703
	Sabre de Oficial da Infantaria Portuguesa no Brasil	Época de D. Maria I
	Estramação – Guerra Holandesa	Século XVII
	Espada-Colubrina – Guerra Holandesa	Século XVII
	Espada Flamengo – Guerra Holandesa	Século XVII
	Gladío e Broquel	Século XVI
	Espada Esclavônia – Guerra Holandesa	Século XVII
	Morrião – Guerra Holandesa	Século XVII
	Celada – Guerra Holandesa	Século XVII
	Testeira Rostrada – Guerra Holandesa	Século XVII
	Armadura – Guerra Holandesa	Século XVII

⁴³⁰ Esta relação foi feita com base na obra: Gustavo Barroso (Org.). *Pavilhão do Mundo Português e Pavilhão do Brasil Independente. Exposição do Museu Histórico Nacional: catálogo descritivo e comentado*. Rio de Janeiro: Comissão Brasileira dos Centenários, 1940.

Bacinete – Guerra Holandesa	Século XVII
Adaga – Guerra Holandesa	Século XVII
Qutó	Século XVIII
Espadim de Cerimônia para Oficial de Cavalaria	Época de D. João VI
Chilfarote	1816
Sabre de Oficial Superior de Milícias	1770
Pique de Infantaria – Guerra Holandesa	Século XVII
Alabarda de Infantaria – Guerra Holandesa	Século XVII
Alabarda de Archeiro do Paço	Época de D. João VI
Mosquete de Caça	Século XVII
Espingarda de Caça – Pederneira – Potsdam	-----
Espada de Oficial de Ordenanças	Brasil Colônia
Sabre de Cavalaria das Milícias	Século XVIII
Espada Portuguesa	Século XVIII
Armadura – Guerra Holandesa	Século XVII
Grupo de Objetos	B) Mapas e Vistas das Primeiras Fortificações
Vista de Serinhaem sob o Domínio Holandês – Gravura	Século XVII
Planta da Capitania da Paraíba em 1635 – Gravura	Século XVII
Vista do Ceará sob o Domínio Holandês – Gravura	Século XVII
Plano da Povoação de Porto-Calvo, em Alagoas, no Ano de 1637	Século XVII
Mapa Corográfico da Ilha da Trindade – Desenho Original de Antônio Rodriguez Montezuma	1785
Derrota da Guarda da Costa da Fragata da S. M. “Princesa do Brasil” – Cópia	1785
Plano para Servir de Demonstração dos Lugares Fortificados do Porto do Rio Grande de São Pedro – Cópia	1786
Plano para Servir de Demonstração dos Lugares Fortificados da Ilha de Santa Catarina – Cópia	1786
Mapa da Costa do Brasil da Jericoacoara até a Ilha de São João – Cópia	1798
Grupo de Objetos	C) Canhões Históricos
Canhão Morteiro das Baterias do Forte do Príncipe da Beira	Época de D. José I
Falconete de Marinha Fundido por Josephus Barnola	1741
Falconete de Marinha Fundido por Bento Afonso	1751
Peça Francesa – Troféu da Conquista de Caiena	1809
Canhão Francês de Duclerc – Ampliação Fotográfica	-----
Canhão Holandês – Ampliação Fotográfica	1631
Canhão Espanhol – Carlos IV - Ampliação Fotográfica	1789
Canhão Português – Ampliação Fotográfica	Época Pombalina
Canhão Português – Ampliação Fotográfica	D. João V
Grupo de Objetos	D) Coleção Figueira de Melo de Aquarelas de Uniformes Coloniais
Guarda dos Vice-Reis – Oficiais e Soldados	1777
Regimento de Artilharia do Rio de Janeiro – Oficial,	1777

Soldado e Tambor	
1º Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro – Oficial, Soldado e Tambor	1777
2º Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro – Oficial, Soldado e Tambor	1777
Regimento de Infantaria de Macapá – Oficial, Soldado e Tambor	1777
Regimento de Infantaria de São Paulo – Oficial, Soldado e Tambor	1777
Regimento de Infantaria dos Voluntários Reais de São Paulo – Oficial, Soldado e Tambor	1777
Regimento de Cavalaria dos Voluntários Reais de São Paulo – Oficiais e Soldados	1777
Regimento de Infantaria de Santa Catarina – Oficial, Soldado e Tambor	1777
Legião do Rio Grande de São Pedro – Oficial e Soldados	1777
Regimento de Infantaria da Nova Colônia do Sacramento – Oficial, Soldado e Tambor	1777
Companhias do Rio Grande de São Pedro – Oficial, Soldado e Tambor	1777
Regimento de Artilharia da Bahia – Oficial, Soldado e Tambor	1777
1º Regimento de Infantaria da Bahia – Oficial, Soldado e Tambor	1777
2º Regimento de Infantaria da Bahia – Oficial, Soldado e Tambor	1777
Regimento de Artilharia de Pernambuco – Oficial, Soldado e Tambor	1777
Regimento de Infantaria do Recife – Oficial, Soldado e Tambor	1777
Regimento de Infantaria de Olinda – Oficial, Soldado e Tambor	1777
Regimento de Artilharia do Maranhão – Oficial, Soldado e Tambor	1777
Regimento de Infantaria do Maranhão – Oficial, Soldado e Tambor	-----
Regimento de Cavalaria do Piauí – Oficial, Soldado e Clarim	1777
Regimento de Infantaria do Pará – Oficial, Soldado e Tambor	1777
Regimento de Infantaria de Bragança – Oficial, Granadeiro, Caçador e Tambor	1774
Guarda dos Vice-Reis e Regimento de Artilharia do Rio de Janeiro	1771
Regimento da Praça da Colônia – Oficial, Soldado e Tambor	1771
Regimento de Dragões do Rio Grande – Oficial, Soldado e Tambor	1777

Regimento da Colônia do Sacramento – Oficial e Soldado	1771
Regimento de Infantaria de Olinda – Oficial, Soldado e Tambor	1777
Regimento de Artilharia da Colônia do Sacramento – Oficial, Soldado e Tambor	1771
Companhias de Artilharia do Rio Grande de São Pedro - Oficial, Soldado e Tambor	1771
2º Regimento do Rio de Janeiro – Oficial em Pequeno Uniforme	1774
Cavalaria Ligeira do Rio Grande – Oficial	1786
Dragões do Rio Grande – Oficial e Soldado	1786
Ordenanças da Laguna – Oficial	1786
2º Regimento do Rio de Janeiro – Oficial, Sargento, Soldado e Tambor	1774
Regimento da Ilha de Santa Catarina – Oficial em Pequeno Uniforme	1774
Cavalaria dos Voluntários Reais de São Paulo – Oficial e Soldado	1774
Cavalaria Auxiliar do Rio Grande – Oficial	1786
Ordenanças do Rio Grande – Oficial	1786
Oficial de Milícias – Minas	1784 – 1787
Companhia de Henriques de Goiás – Oficial e Soldado	1780
Infantaria de Pardos – Oficial e Soldado	1785
Infantaria de Pretos – Oficial e Soldado	1786
Infantaria de Pardos – Oficial e Soldado	1784
Infantaria de Pardos – Oficial e Soldado	1784
Pardos de Sabará – Oficial e Soldado	1784
Infantaria Auxiliar – Oficial e Soldado	1785
Infantaria Auxiliar de São João D’el Rei – Oficial e Soldado	1784
Infantaria Auxiliar de Guarapiranga – Oficial e Soldado	1786
Infantaria de Pardos de Guarapiranga – Oficial e Soldado	1786
Infantaria de Pardos do Tijuco – Oficial e Soldado	1786
Infantaria de Pretos de Vila Rica – Oficial e Soldado	1784
Cavalaria de Milícias – Minas – Oficial	1784 – 1787
Infantaria de Pretos – Minas – Oficial e Soldado	1786
Infantaria de Pardos – São José – Oficial e Soldado	1784
Infantaria de Pardos – Inficionado, Minas – Oficial e Soldado	1786
Regimento de Cavalaria Paga de Vila Rica – Oficial e Soldado	1778
Milícias – São Paulo – Oficiais, Soldados, Pífanos e Tambores de Caçadores e Fuzileiros	Século XVIII
Ordenanças – Minas – Oficial	1799
Infantaria de Milícias – Oficiais, Soldados, Pífanos e Tambores de Caçadores e Fuzileiros	1806
Cavalaria de São Paulo – Oficiais, Soldados e	1806

Trombetas		
Milícias – São Paulo – Oficiais, Soldados e Tambores de Caçadores e Fuzileiros		Século XVIII
Regimento de Úteis – Oficiais, Pífanos, Tambores e Soldados das Companhias de Caçadores e Fuzileiros		1806
Infantaria de Moura – Oficial, Sargento, Soldado e Tambor		1774
Artilharia de Pernambuco – Soldado e Tambor		1773
Infantaria do Pará – Soldado		1772 – 1804
Infantaria do Pará		1772 – 1804
Infantaria do Pará		1772 – 1804
Milícias Sertanejas de São Paulo – Oficial, Soldado e Tambor		1806
Regimento da Vila do Cunha – Oficiais, Soldados, Pífano e Tambor		1806
Milícias de Santos – Oficiais, Tambores e Soldados		1806
Regimento do Maranhão – Oficiais e Soldados		1807
Cavalaria de Milícias – Oficiais, Soldados e Trombetas		1806
Regimento de Curitiba – Oficiais, Soldados e Clarins		1806
Voluntários Reais de São Paulo – Oficiais, Soldados, Pífanos, Trombetas e Tambores das Três Armas		1806
Voluntários Reais de São Paulo – Oficiais, Soldados, Tambores e Clarim		Século XVIII
Frontispício dos Mapas de Todos os Corpos de Auxiliares e Ordenanças - Cópia		1787
Grupo de Objetos	E) O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano	
Rapeira da Época dos Bandeirantes		-----
Espada da Época dos Bandeirantes		Fins do Século XVII
Tacape do Chefe Índio Tibiriça		Século XVI
Desenho Representando o Trabalho da Mineração de Diamantes no Brasil – Cópia de um Original do Século XVIII		-----
Desenho Representando o Trabalho da Mineração de Diamantes no Brasil – Cópia de um Original do Século XVIII		-----
Mapa de Estradas		1758
Os Bandeirantes Baianos – Óleo de Presciliano Silva		1927
O Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira – Cópia de um Retrato a Óleo, de 1733, Existente em Portugal		-----
Bateia de Mineração		Século XVII
Forma de Ferro da Fundição do Ouro		Século XVIII
Grupo de Objetos	F) Cidades e Monumentos Coloniais. Mobiliário Antigo. Fachadas e Retábulos de Igrejas. Obras dos Artistas Coloniais	
Claustro do Convento de São Francisco de Assis – Olinda – Aquarela de A. Norfini		-----
Sacristia do Convento de São Bento – Olinda – Aquarela de A. Norfini		-----
Vista do Convento de São Francisco – Olinda –		-----

Aquarela de A. Norfini	
Porta da Igreja de São Pedro dos Clericos – Recife – Aquarela de A. Norfini	-----
Convento de São Francisco – Vitória – Aquarela de A. Norfini	-----
Convento de São Francisco – Vitória – Aquarela de A. Norfini	-----
Claustro do Convento de São Bento – Santos – Aquarela de A. Norfini	-----
Solar de Megaípe – Pernambuco – Aquarela de A. Norfini	-----
Igreja Colonial de Jurujuba – Niterói – Aquarela de A. Norfini	-----
Portal Posterior de Sé – Bahia – Aquarela de A. Norfini	-----
Casa do Contratador João Fernandes – Diamantina – Aquarela de A. Norfini	-----
Rua da Quitanda – Diamantina – Aquarela de A. Norfini	-----
Aldrabas dos Portões do Quintal da Casa do Contratador João Fernandes – Diamantina – Desenho de A. Norfini	-----
Casa Colonial – Diamantina – Desenho de A. Norfini	-----
Castiçal de Prata – Congonhas do Campo – Desenho de A. Norfini	-----
Cama Colonial – Congonhas do Campo – Desenho de A. Norfini	-----
Porta do Seminário – Congonhas do Campo – Desenho de A. Norfini	-----
Targa do Santuário – Congonhas do Campo – Desenho de A. Norfini	-----
Santuário – Congonhas do Campo – Desenho de A. Norfini	-----
Matriz do Bonfim – Santa Luzia – Desenho de A. Norfini	-----
Casa do Vigário Pires (Frente) – Serro – Desenho de A. Norfini	-----
Casa do Vigário Pires (Lado) – Serro – Desenho de A. Norfini	-----
Cama Colonial – Minas Gerais – Desenho de A. Norfini	-----
Tronco de Escravos, Grilhão e Cadeira do Século XVII – Desenho de A. Norfini	-----
Fogão Colonial: Queluz; Escada Colonial: Tiradentes; Patamar: Diamantina; Aldraba: Sabará; Passo de Santo Antônio: Sabará; Canto de Telhado: Sabará; Fazenda Colonial: São João do Morro Grande – Desenhos de A. Norfini	-----
Solar Antigo – Santa Bárbara – Desenho de A. Norfini	-----
Casa do Padre Lucindo e Matriz de Santo Antônio – Santa Bárbara – Desenho de A. Norfini	-----

Lâmpada de Prata – Santa Bárbara – Desenho de A. Norfini	-----
Cama, Aldraba, Espelho de Fechadura e Canto de Telhado – Santa Bárbara – Desenho de A. Norfini	-----
Capela do Padre Faria – Ouro Preto – Desenho de A. Norfini	-----
Interior da Matriz – Santa Bárbara – Aquarela de A. Norfini	-----
Cozinha Colonial – São João do Morro Grande – Desenho de A. Norfini	-----
Casa Paroquial – São João do Morro Grande – Desenho de A. Norfini	-----
Lâmpadas de Prata: Santa Bárbara; Pia Batismal: Caeté; Pormenores de Telhados e Oratório de Esquina: Caeté – Desenhos de A. Norfini	-----
Matriz de São João – São João do Morro Grande – Aquarela de A. Norfini	-----
Igreja de São Francisco de Assis – Caeté – Aquarela de A. Norfini	-----
Lavabo de Pedra – Caeté – Aquarela de A. Norfini	-----
Vistas de Caeté e São José D’el Rei – Aquarelas de A. Norfini	-----
Matriz de Caeté – Aquarela de A. Norfini	-----
Mobiliário Colonial – Caeté – Desenho de A. Norfini	-----
Óculo da Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso – Caeté – Desenho de A. Norfini	-----
Pia Batismal – Caeté – Aquarela de A. Norfini	-----
Lavabo de Pedra – Caeté – Desenho de A. Norfini	-----
Ruínas de 1700 – Caeté – Aquarela de A. Norfini	-----
Oratório de Esquina – Caeté – Aquarela de A. Norfini	-----
Vestíbulo de Solar – Sabará – Desenho de A. Norfini	-----
Vista do Rio das Velhas – Sabará – Aquarela de A. Norfini	-----
Casa Colonial – Sabará – Desenho de A. Norfini	-----
Chafariz do Rosário – Sabará – Desenho de A. Norfini	-----
Chafariz do Kaquende – Sabará – Aquarela de A. Norfini	-----
Igreja de São Francisco de Assis – Sabará – Desenho de A. Norfini	-----
Sobrado Antigo – Sabará – Desenho de A. Norfini	-----
Igreja de Santa Rita – Sabará – Desenho de A. Norfini	-----
Igreja de Nossa Senhora do Ó – Sabará – Aquarela de A. Norfini	-----
Igreja do Rosário – Sabará – Desenho de A. Norfini	-----
Chafariz do Kaquende – Sabará – Desenho de A. Norfini	-----
Igreja de Nossa Senhora do Ó – Sabará – Desenho de A. Norfini	-----
Pia Batismal – Mariana – Desenho de A. Norfini	-----

Chafariz do Largo da Independência – Mariana – Desenho de A. Norfini	-----
O Aljube – Mariana – Desenho de A. Norfini	-----
Liteira do Arcebispo – Mariana – Desenho de A. Norfini	-----
Mobiliário Colonial – Mariana – Desenho de A. Norfini	-----
Mobiliário Colonial – Mariana – Desenho de A. Norfini	-----
Colégio das Freiras – Mariana – Desenho de A. Norfini	-----
Vestíbulo da Casa dos Contos – Ouro Preto – Desenho de A. Norfini	-----
Igreja do Rosário – Ouro Preto – Aquarela de A. Norfini	-----
Banco da Casa dos Contos – Ouro Preto – Desenho de A. Norfini	-----
Casa com Oratório de Esquina – Ouro Preto – Desenho de A. Norfini	-----
Ponte de Antônio Dias – Ouro Preto – Desenho de A. Norfini	-----
Púlpito da Igreja de São Francisco de Assis – Ouro Preto – Desenho de A. Norfini	-----
Ponte da Rua do Pilar – Ouro Preto – Desenho de A. Norfini	-----
Igreja de São Francisco de Assis – Ouro Preto – Desenho de A. Norfini	-----
Costumes Coloniais: O Padeiro – Ouro Preto – Desenho de A. Norfini	-----
Casa do Tiradentes – Ouro Preto – Aquarela de A. Norfini	-----
Vista de Ouro Preto – Aquarela de A. Norfini	-----
Igreja do Rosário – Ouro Preto – Desenho de A. Norfini	-----
Pormenores Arquiteturais – Ouro Preto – Desenho de A. Norfini	-----
Capela do Paço dos Governadores – Ouro Preto	-----
Chafariz dos Contos – Ouro Preto – Desenho de A. Norfini	-----
Mobiliário Colonial – Ouro Preto – Desenho de A. Norfini	-----
Casa dos Contos – Ouro Preto – Desenho de A. Norfini	-----
Pedra Pequena do Itacolomi – Ouro Preto – Desenho de A. Norfini	-----
Chafariz de Antônio Dias – Ouro Preto – Aquarela de A. Norfini	-----
Chafariz do Largo de Dirceu – Ouro Preto – Aquarela de A. Norfini	-----
Lavabo de Pedra – Ouro Preto – Aquarela de A. Norfini	-----
Vista de Ouro Preto – Aquarela de A. Norfini	-----
Cama Colonial – Ouro Preto – Desenho de A. Norfini	-----
Chafariz – São José Del Rei – Desenho de A. Norfini	-----
Casa dos Contos – São José Del Rei – Aquarela de A.	-----

Norfini	
Casa da Inconfidência – São José Del Rei – Aquarela de A. Norfini	-----
Cama Colonial – São José Del Rei – Desenho de A. Norfini	-----
Igreja do Rosário – São José Del Rei – Aquarela de A. Norfini	-----
Vista de São José Del Rei – Aquarela de A. Norfini	-----
Cama Colonial – São José Del Rei – Desenho de A. Norfini	-----
Lampadário e Balaustres – São José Del Rei – Desenho de A. Norfini	-----
Chafariz – São José Del Rei – Aquarela de A. Norfini	-----
Casa da Inconfidência – São José Del Rei – Desenho de A. Norfini	-----
Igreja do Bonfim – São João Del Rei – Desenho de A. Norfini	-----
Igreja de São Francisco – São João Del Rei – Aquarela de A. Norfini	-----
Pelourinho – São João Del Rei – Aquarela de A. Norfini	-----
Vista de São João Del Rei – Aquarela de A. Norfini	-----
Ponte da Cadeia – São João Del Rei – Desenho de A. Norfini	-----
Igreja do Carmo – São João Del Rei – Aquarela de A. Norfini	-----
Vista de São João Del Rei – Aquarela de A. Norfini	-----
Igreja de São Francisco de Assis – São João Del Rei – Aquarela de A. Norfini	-----
Vistas Parciais de São João Del Rei – Aquarela de A. Norfini	-----
Igreja do Carmo – Sabará – Aquarela de A. Norfini	-----
Porta, Marco e Interior Colonial – Sabará – Desenho de A. Norfini	-----
Balaustres, Fechadura e Aldraba – Sabará – Desenho de A. Norfini	-----
Balaustres – Sabará – Desenho de A. Norfini	-----
Mesa de Pedra – Sabará – Desenho de A. Norfini	-----
Igreja de São Francisco de Assis – Caeté – Desenho de A. Norfini	-----
Mesa e Porta Coloniais – Desenho de A. Norfini	-----
Espelho de Fechadura – Diamantina – Desenho de A. Norfini	-----
Cadeira Colonial – Santa Luzia – Desenho de A. Norfini	-----
Balaustres – Mariana – Desenho de A. Norfini	-----
Púlpito e Janela com Poiais – Mariana – Desenho de A. Norfini	-----
Vara de Rede – Mariana – Desenho de A. Norfini	-----
Casa em Ruína – Mariana – Desenho de A. Norfini	-----

Cadeirinha – Mariana – Desenho de A. Norfini	-----
Porta Lateral da Igreja de São Francisco de Assis – Mariana – Desenho de A. Norfini	-----
Brasão de Madeira da Família Fraga – Mariana – Desenho de A. Norfini	-----
Gargalheira e Tronco para Escravos – Mariana – Desenho de A. Norfini	-----
Espelho de Fechadura – Ouro Preto – Desenho de A. Norfini	-----
Espelho de Fechadura – Ouro Preto – Desenho de A. Norfini	-----
Grupo de Objetos	G) Figuras Ilustres do Período Colonial
Retrato de D. Maria I – Óleo de José Leandro de Carvalho	-----
Retrato de D. João VI – Óleo de José Leandro de Carvalho	-----
Retratos de D. João e D. Carlota Joaquina – Óleo de Manuel Dias de Oliveira	-----
Retrato de D. Luís de Vasconcelos – Óleo de Leandro Joaquim	-----
Retrato do Padre Antônio Vieira – Cópia da “Vera Efigie” de Autor Desconhecido, Existente na Bahia, por Agostinho de Jesus Maria, em 1860	-----
A Visão de Paraguaçu – Óleo de Ângelo Romão	-----
Retrato de Maurício de Nassau – Gravura a Buril de I. Sinderhoff	-----
Chegada do Príncipe Regente ao Rio de Janeiro. 1808 – Óleo de Autor Desconhecido	-----
Retrato do Conde de Rezende – Óleo de Autor Desconhecido	-----
Retrato de D. Francisco Xavier de Távora – Óleo de Autor Desconhecido	-----
Retrato do Conde de Bobadela – Óleo de J. Wasth Rodrigues	-----
Grupo de Objetos	H) A Inconfidência Mineira
Retrato de Tiradentes – Crayon de J. Batista	-----
Casa de Marília. Ouro Preto – Óleo de Nobauer	-----
Casa de Cláudio Manuel da Costa. Ouro Preto – Óleo de Fonseca	-----
Recibo Passado pelo Alferes José Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes, em 1787	-----
Autógrafo de Joaquim Silvério dos Reis, em 1818	-----
O Tiradentes – Óleo de J. Wasth Rodrigues	-----
Grupo de Objetos	I) D. João e sua Época
Retrato de D. João VI – Óleo de Debret	-----
Retrato do Conde da Barca – Gravura Colorida de	-----

Hubert		
Retrato do Visconde de Cairú – Óleo de Armando Martins Viana		-----
Retrato do Almirante José Maria de Almeida – Óleo de Autor Desconhecido		-----
Concha Batismal de Prata da Casa de Bragança		-----
Grupo de Objetos	J) Painéis Decorativos dos Principais Fatos Militares da Colônia	
Expulsão dos Franceses do Rio de Janeiro – Óleo de Armando Martins Viana		-----
Expulsão dos Franceses do Maranhão – Óleo de Armando Martins Viana		-----
O Bispo da Bahia Lutando Contra os Holandeses – Óleo de Cadmo Fausto		-----
Retirada de Matias de Albuquerque – Óleo de Cadmo Fausto		-----
Batalha Naval dos Abrolhos – Óleo de Cadmo Fausto		-----
Batalha dos Guararapes – Óleo de Cadmo Fausto		-----
Derrota dos Franceses e Prisão de Duclerc – Óleo de Armando Martins Viana		-----
Expedição de Antônio de Albuquerque em Socorro do Rio de Janeiro – Óleo de J. Wasth Rodrigues		-----
Retomada do Rio Grande em 1777 – Óleo de Cadmo Fausto		-----
Retirada de D. Pedro de Zaballos da Vila da Laguna – Óleo de Cadmo Fausto		-----
Grupo de Objetos	K) Coleção de Moedas do Brasil Colônia	
Governo de Pedro II: 1683 – 1706		
Local		Data
Bahia – Sede do Governo		1695 – 1698
Casa da Moeda do Rio de Janeiro		1699 – 1700
Casa da Moeda de Pernambuco		1700 – 1702
Casa da Moeda do Porto		1693 – 1699
Governo de D. João V: 1706 – 1750		
Casa Monetária do Rio de Janeiro		1706 – 1750
Casa Monetária de Lisboa		1715 – 1730
Casa Monetária da Bahia		1729 – 1732
Casa Monetária de Lisboa		1735 – 1746
Casa Monetária da Bahia		1747 – 1748
Casa da Moeda de Lisboa		1722
Casa Monetária de Lisboa		1749
Governo de D. José I: 1750 – 1777		
Casa da Moeda de Lisboa, Rio e Bahia		1751 – 1752
Casa da Moeda do Rio de Janeiro		1751 – 1755
Casa da Moeda do Rio de Janeiro		1751 – 1755
Casa da Moeda da Bahia		1757 – 1758
Casa da Moeda da Bahia		1761 – 1777
Casa da Moeda de Lisboa		1752 – 1776

Casa da Moeda da Bahia	1752 – 1768	04
Casa da Moeda do Rio de Janeiro	1754 – 1774	07
Reinado de D. Maria I e D. Pedro III: 1777 – 1786		
Casa da Moeda de Lisboa	1777 – 1786	11
Governo de D. Maria I (Viúva): 1786 - 1799		
Casa da Moeda de Lisboa	1787 – 1786	11
Casa da Moeda de Lisboa	1799	04
Casa da Moeda do Rio de Janeiro	1691 – 1800	02
Casa da Moeda da Bahia	1800 – 1805	02
Governo do Príncipe D. João (Regente): 1799 – 1818		
Casa da Moeda de Lisboa	1802 – 1805	03
Casa da Moeda do Rio de Janeiro	1808 – 1818	14
Casa da Moeda da Bahia	1805 – 1816	08
Casa da Fundição do Ouro – Minas	1810 -1816	03
Moedas Locais (Rio para Goiás e Mato Grosso)	1818	03
Contramarcas Locais	-----	03
Reinado de D. João VI: 1818 – 1822		
Casa da Moeda do Rio de Janeiro	1818 – 1822	10
Casa da Moeda da Bahia	1820 – 1822	09
Minas Gerais	1818	02
Moedas Locais Lavradas nas Intendências do Ouro de Vila Rica e São João D’El Rei	1819	02
Rio para Goiás e Mato Grosso	1820	02
Contramarca Local – Cuiabá	-----	01
K1)Espécimes Monetários Lavrados no Brasil para a Circulação na Metrópole		
Reinado de D. Pedro II: 1683 – 1706		
Rio (Sistema Nacional)	1703 e 1705	02
Reinado de D. João V: 1706 – 1750		
Casa da Moeda do Rio de Janeiro (Sistema Nacional)	1722 – 1750	04
Casa da Moeda da Bahia (Sistema Nacional)	1714 – 1716	03
Casa da Moeda de Minas (Série de Dobrões)	1725	03
Rio (Série de Escudos)	1734	02
Casa da Moeda da Bahia (Série de Escudos)	1727 – 1750	02
Casa da Moeda de Minas (Série de Escudos)	1727 – 1734	03
Reinado de D. José I: 1750 – 1777		
Rio de Janeiro (Série de Escudos)	1751 – 1763	04
Bahia (Série de Escudos)	1753 – 1766	04
Reinado de D. Maria I e Pedro III: 1777 – 1786		
Rio de Janeiro (Série de Escudos)	1778	01
Bahia (Série de Escudos)	1778 – 1783	04
Reinado de D. Maria I (Viúva): 1786 – 1805		
Rio de Janeiro (Série de Escudos)	1789 e 1805	02
Bahia (Série de Escudos)	1788 – 1801	02
Governo do Príncipe D. João (Regente): 1799 – 1818		
Rio de Janeiro (Série de Escudos)	1810	01
Reinado de D. João VI: 1818 – 1822		
Rio de Janeiro (Série de Escudos)	1818	01

K2) Medalhas		
Brasil Colonial – Ocupação Holandesa	-----	11
Domínio Português	-----	05
Medalhas de Campanha	-----	02
II – Exposição do Brasil Independente		
Grupo de Objetos	L) D. Pedro I e a Independência	
	Objeto	Data
	Miniatura de D. Maria II	-----
	Retrato de José Bonifácio – Óleo de Décio Vilares	-----
	Retrato da Imperatriz Leopoldina – Óleo de Autor Desconhecido	-----
	Retrato de Francisco Manuel	-----
	Retrato da Imperatriz D. Amélia – Crayon de Grevedon – Litografia de Bichebois	1830
	Retrato de D. Pedro I – Óleo de Armando Martins Viana	-----
	D. Pedro I em Trajes da Coroação – Gravura de Urbain Massard	-----
	Espada do Ipiranga	-----
	Sabre do Conde das Duas Barras	-----
	Caixinha Contendo Cabelos de D. Pedro I	-----
	Medalha Estojo Contendo a Constituição do Império do Brasil	-----
	Capacete da Imperial Guarda de Honra de D. Pedro I	-----
	Clarim de Prata dos Arqueiros do Paço	-----
	Escudo Real-Imperial de Prata	-----
O Segundo Reinado		
	Retrato de D. Pedro II, na Maioridade – Óleo de Autor Desconhecido	-----
	Retrato de D. Pedro II – Óleo de Vicente Pereira Mallio	1884
	Retrato da Imperatriz Tereza Cristina – Óleo de Vicente Pereira Mallio	1884
	Retrato do Conde D’Eu – Óleo de Rovello	1872
	Retrato da Princesa Isabel – Óleo de Rovello	1872
	Retrato do Duque de Caxias – Óleo de Rocha Ferreira (Cópia de Pedro Américo)	-----
	Batalha Naval do Riachuelo – Óleo de Cadmo Fausto	-----
	Passagem de Humaitá – Óleo de Cadmo Fausto	-----
	Batalha de Tuiuti – Óleo de J. Wasth Rodrigues	-----
	Batalha de Monte Caseros – Óleo de J. Wasth Rodrigues	-----
	Batalha de Lomas Valentinas – Óleo de J. Wasth Rodrigues	-----
	Espada de Uso de D. Pedro II	-----
	Molde em Bronze da Mão Direita de D. Pedro II	-----
Abolição e República		
	Alegoria a José do Patrocínio – Litografia da <i>Vida Paulista</i>	-----

Caneta Com que Foi Assinada a Lei da Abolição da Escravatura	-----
Retrato do Marechal Floriano Peixoto – Óleo de Canizares	-----
Retrato do Marechal Deodoro da Fonseca – Óleo de Armando Martins Viana	-----
Espada da Proclamação da República	-----
Carta do Presidente de Portugal, Dr. Antônio José de Almeida, ao Presidente do Brasil, Dr. Epitácio Pessoa, no Centenário da Independência	-----
Proclamação da República – Cópia do Quadro de Henrique Bernadelli	-----
O Marechal Deodoro e seu Estado Maior – Ampliação Fotográfica	-----
Retrato do Presidente Getúlio Vargas – Óleo de Armando Martins Viana	-----
Aspectos do Museu Histórico Nacional	
Vista do Edifício do Museu Histórico e do seu Pátio – Sala Smith de Vasconcelos (Fotografias)	-----
Entrada do Museu – Salas dos Ottoni e Guilhermina Guinle (Fotografias)	-----
Salas Conde de Porto Alegre e General Osório (Fotografias)	-----
Salas D. Pedro I e Almirante Barroso (Fotografias)	-----
Salas D. Pedro II e Duque de Caxias (Fotografias)	-----
Salas Duque de Caxias e D. João VI (Fotografias)	-----
Salas Marechal Deodoro e da República (Fotografias)	-----
Salas Guilherme Guinle, Zeferino de Oliveira e Sotto Mayor (Fotografias)	-----
Salas Coelho Neto e Miguel Calmon (Fotografias)	-----